

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ESTUDOS DA LINGUAGEM/ESPECIALIDADE: LINGUÍSTICA APLICADA

SIMONE DAISE SCHNEIDER

CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA DE CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE  
DO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA INFÂNCIA

PORTO ALEGRE

2012

Simone Daise Schneider

CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA DE CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE  
DO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA INFÂNCIA

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte de sua avaliação para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Professora orientadora: Dr<sup>a</sup> Luciene Juliano Simões

Porto Alegre

2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, sempre, e neste momento, em especial, pela satisfação de me permitir concluir esta etapa e por ter me presenteado com a presença de pessoas tão queridas, especiais em seu jeito de me oferecerem apoio, carinho e companhia nestes anos de Doutorado.

Agradeço, de forma especial,

Aos meus **pais**, que não mais estão fisicamente comigo, mas que foram a base da minha existência e moram no meu coração;

À minha amada **família**: ao meu marido **Paulo**, à minha filha **Bruna** e ao meu filho **Gabriel**, que literalmente fazem parte de mim. Além de todo o apoio, carinho e amor que sempre me deram, a simples presença deles no meu mundo, ao meu lado, foi de fundamental importância para o andamento e a conclusão deste estudo;

À minha amada filha **Bruna**, que me ajudou dia a dia na realização das inúmeras tarefas trabalhosas desta pesquisa....não tenho palavras... um beijo;

À professora **Luciene**, pelas orientações firmes e seguras, pelo incentivo, pelo apoio constante, pela tranquilidade que sempre me transmitiu, pela disposição diante das minhas limitações e também pela compreensão e amizade;

Ao professor **Luis Amaral**, pela disponibilidade e valiosa contribuição com as rodadas estatísticas.

Faço um agradecimento muito especial, também, a algumas pessoas que fizeram a diferença na minha vida e que, certamente, guardam um lugar privilegiado no meu coração.

Aos meus irmãos **Arlete** e **Silvio**, que sempre me apoiaram nessa caminhada ousada e diferente;

Às minhas colegas da UFRGS, **Simone Soares** e **Bibiana**, pelo companheirismo e amizade desde o momento de pensar a pesquisa;

À minha amiga **Rosane**, que hoje está na Alemanha, mas nas conversas diárias, discutiu comigo muitas questões do trabalho, bem como disponibilizou tempo para realizar várias leituras do texto que escrevia;

À dona e diretora da Maternal Unidunitê, **Isabela**, por ter aberto as portas de sua escola, durante anos, para que eu pudesse realizar as interações com as crianças;

Aos **pais das crianças pesquisadas**, que disponibilizaram um tempo para contribuir com este estudo;

Aos meus **colegas de trabalho**, companheiros e amigos de todas as horas;

A **Alessandra**, amiga de todas as horas, que se dispôs prontamente a fazer o *abstract* do trabalho;

À minha amiga **Rosemari** que, mesmo à distância, destinou seu tempo para me ajudar na realização das rodadas;

À minha amiga **Samara**, que destinou muitas horas para ouvir as gravações e transcrevê-las, para a realização deste estudo;

Ao **Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS**, pela oportunidade de realizar um curso qualificado e a **CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior** – pela bolsa concedida.

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo (Ludwig Wittgenstein).

## RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é descrever o desenvolvimento da concordância nominal de número na produção oral de crianças monolíngues adquirindo o português falado no Brasil. A investigação parte de um *corpus* obtido por meio da gravação audiovisual da fala de 30 crianças, em uma amostra estratificada por gênero – meninos e meninas – e faixa etária – 3 a 4 anos de idade; 4 a 5 anos de idade; e 5 a 6 anos de idade. As sessões para geração de dados foram, em média, três por criança participante, de tal forma que fosse possível obter dados variados em termos de condição de interação entre o participante e o pesquisador. Por meio de um conjunto de brinquedos especialmente confeccionado para tanto e de um livro selecionado para manuseio e suporte para a produção de uma narrativa, foram gravadas as seguintes condições de interação: narrativa pessoal e narrativa tradicional, solicitadas à criança dentro de uma da sessões envolvendo os materiais, fazendinha, lojinha, zoológico e reconto da história ilustrada *Amigos*. Em todos os casos, buscou-se oferecer um conjunto de brinquedos e uma proposta de brincadeira que proporcionasse o emprego de nominais descritivos plurais. Além disso, as três situações de narrativa tinham como objetivo comparar condições de interação ligadas ao letramento com condições não ligadas à oralidade letrada. Esta é uma pesquisa Sociolinguística, considerando que esta subárea da Linguística estuda a língua em uso nas comunidades de fala, com a atenção voltada para os aspectos linguísticos e sociais capazes de influenciar as alternâncias de uso. Além disso, integra os estudos da Aquisição da Linguagem, pois descreve o desenvolvimento morfossintático inicial da criança. O trabalho analítico foi desenvolvido a partir dos métodos da sociolinguística variacionista, a fim de descrever e compreender as realizações variáveis de concordância nominal de número, na produção falada de crianças. Todas as crianças são residentes da cidade de Novo Hamburgo, escolarizadas mas não alfabetizadas (ou seja, frequentam a educação infantil), oriundas de famílias de escolaridade média e, principalmente, superior, de classe social média-alta. Para investigar a variação linguística, no conjunto de variáveis internas, encontram-se descritos e analisados os fatores de natureza morfossintática, no conjunto de variáveis externas à língua, associados aos fatores propriamente sociais, como idade e gênero, bem como à variável estilística interação. A metodologia de análise teve como base o Programa GOLDVARB. Com a análise estatística, constatamos que a concordância nominal de número no sintagma nominal é uma regra variável na produção oral registrada por meio da coleta de dados realizada nesta pesquisa. Além disso, constatamos que, ainda que se demonstre como regra variável, os índices de marcação padrão são consideravelmente altos. Podemos afirmar que existe variação linguística em idade inicial, já aos três anos de idade, influenciada pelos fatores já descritos como operantes na fala adulta e que essa variação ligada a fatores sociais convive, no uso da língua pelas crianças, com processos variáveis ligados à aprendizagem.

**Palavras-chave:** Concordância nominal. Aquisição da Linguagem. Letramento.

## ABSTRACT

The aim of this research is to describe the noun number agreement in the oral production of monolingual children acquiring Brazilian Portuguese. The research goes from a corpus obtained by audiovisual recording of the speech of 30 children in a sample stratified by gender – boys and girls – and age – 3 to 4, 4 to 5 and 5 to 6. The sessions for data generation were held on an average of 3 per participating child in such a way that it was possible to obtain varied data in terms of condition and interaction between the subject and the author. Through a set of toys specially made for that purpose and a book selected for handling and supporting narrative production, we recorded the following interaction conditions: personal and traditional narrative requested to the child within one of the sessions using the materials farm, zoo, shop and retelling of the illustrated story “Amigos”. In all cases we sought to provide a set of toys and a proposal of a fun activity that would provide the use of descriptive plural nouns. In addition, the three narrative situations were designed to compare the interaction conditions linked to literacy with conditions not related to oral literacy. This is a sociolinguistic research, taking into consideration that this linguistics subfield studies the language in use in speech communities, focusing on the linguistic and social aspects which are able to influence the alternations of use. It also integrates the studies of Language Acquisition as it describes the child’s initial morphosyntactic development. The analytical work was developed using the methods of variational sociolinguistics in order to describe and understand the production of variable noun agreements of number in children’s oral speech. All children live in Novo Hamburgo, educated but not literate (i.e., attending kindergarten), from upper-middle class families with an average or higher school background. In order to investigate the linguistic variation in the scope of internal variables, the morphosyntactic factors are described and analysed, as in the scope of external variables associated with mainly social factors such as age and gender, as well as the stylistic interaction variable. The analysis methodology was based on the program GOLDVARB. With the analytical analysis we found out that the noun number agreement in noun phrases is a variable rule on oral production recorded through data collection conducted in this research. In addition, we found that although it is seen as a variable rule, the standard marking indexes are considerably high. We can state that there is linguistic variation at young age – at the age of three – influenced by the factors already described as operating in adult speech, and this variation, linked to social factors, coexists in the language used by children, with variable processes related to learning.

**Key words:** Noun Agreement. Language Acquisition. Literacy.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Informantes do Banco de dados a partir das dimensões sociais: gênero e faixa etária.....	97
<b>Tabela 2</b> - Renda familiar por classe, segundo CCEB.....	104
<b>Tabela 3</b> - Processos morfofonológicos de formação do plural.....	138
<b>Tabela 4</b> - Cruzamento das variáveis Processos morfofonológicos de formação do plural e faixa etária.....	139
<b>Tabela 5</b> - Tonicidade dos itens.....	144
<b>Tabela 6</b> - Cruzamento das variáveis Processos morfofonológicos de formação do plural e tonicidade.....	145
<b>Tabela 7</b> - Posição linear dos elementos no sintagma nominal.....	147
<b>Tabela 8</b> - Classe gramatical dos elementos.....	150
<b>Tabela 9</b> - Cruzamento das variáveis Classe gramatical e Posição linear dos elementos no sintagma nominal.....	152
<b>Tabela 10</b> - Contexto fonológico seguinte.....	154
<b>Tabela 11</b> - Grau dos itens lexicais.....	156
<b>Tabela 12</b> - Posição do elemento em relação ao núcleo.....	159
<b>Tabela 13</b> - Faixa etária.....	160
<b>Tabela 14</b> – Gênero.....	162
<b>Tabela 15</b> - Cruzamento das variáveis Gênero e Faixa etária.....	163
<b>Tabela 16</b> - Resultados de informantes por faixas de aplicação da marca de número.....	165
<b>Tabela 17</b> - Tabela resumitiva das variáveis analisadas de acordo com a faixa de informantes.....	169
<b>Tabela 18</b> – Interação.....	171
<b>Tabela 19</b> – Entrevistador.....	174
<b>Tabela 20</b> - Tabela resumitiva da análise atomística.....	175
<b>Tabela 21</b> - Gênero na análise não-atomística.....	178
<b>Tabela 22</b> - Nominais com concordância padrão nos dados de meninos e meninas em fase de letramento da pesquisa desenvolvida por Simões (2005).....	178
<b>Tabela 23</b> - Faixa etária na análise não-atomística.....	179
<b>Tabela 24</b> - Interação na análise não-atomística.....	181



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - A escolaridade dos pais das crianças.....	101
<b>Gráfico 2</b> - Tipo de ocupação dos pais das crianças.....	103
<b>Gráfico 3</b> - Frequência geral de aplicação da regra de concordância nominal de número em Novo Hamburgo (RS) – análise atomística.....	135
<b>Gráfico 4</b> - Resultado do cruzamento do fator plural metafônico e da variável faixa etária.....	140
<b>Gráfico 5</b> - Aplicação da concordância nominal de número de acordo com a faixa etária.....	161
<b>Gráfico 6</b> - Resultado da aplicação de concordância nominal de número de acordo com gênero e faixa etária.....	164
<b>Gráfico 7</b> - Percentuais atribuídos a cada uma das idades, com as crianças participantes da pesquisa, divididas por gênero.....	167
<b>Gráfico 8</b> - Representação gráfica do resultado da análise não-atomística.....	176

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Sinopse de estudos variacionistas sobre concordância nominal de número no português falado no Brasil.....	60
<b>Quadro 2</b> - Crescimento lexical nos dois primeiros anos.....	71
<b>Quadro 3</b> - Desenvolvimento sintático nos três primeiros anos.....	72
<b>Quadro 4</b> - Quadro inicial para seleção dos informantes.....	94
<b>Quadro 5</b> - Resumo da proposta de Chambers (1995): ocupação X classe social.....	102
<b>Quadro 6</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 01.....	105
<b>Quadro 7</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 02.....	106
<b>Quadro 8</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 03.....	107
<b>Quadro 9</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 04.....	108
<b>Quadro 10</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 05.....	110
<b>Quadro 11</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 06.....	111
<b>Quadro 12</b> - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 07.....	113
<b>Quadro 13</b> - Concordância padrão e o perfil dos pais.....	183

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Mapa da cidade de Novo Hamburgo, com a delimitação dos bairros próximos ao centro, onde residem as crianças da pesquisa..... 99
- Figura 2** - *Layout* da Organização do Banco de Dados de Fala Infantil..... 118

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 NOVO HAMBURGO: UMA HISTÓRIA DE CONTRASTES.....	16
1.2 A ESTRUTURA DO TRABALHO.....	24
<b>2 A SOCIOLINGUÍSTICA E A CONCORDÂNCIA NOMINAL</b> .....	26
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	26
2.2 CONCORDÂNCIA VARIÁVEL.....	42
2.2.1 A relação de concordância.....	42
2.2.2 Descrição sociolinguística da concordância nominal no português do Brasil....	47
<b>3 SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NA INFÂNCIA</b> .....	66
3.1 A APRENDIZAGEM DO PLURAL E DE SUA MARCAÇÃO MORFOSSINTÁTICA.....	71
3.2 A APRENDIZAGEM DE REGRAS VARIÁVEIS.....	79
<b>4 QUESTÕES DE MÉTODO</b> .....	89
4.1 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PROPÓSITOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A GERAÇÃO DE DADOS.....	89
4.2 O MÉTODO NA INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA: PROPÓSITOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A OBTENÇÃO DE DADOS.....	90
4.3 OS DADOS.....	93
4.3.1 Perfil dos participantes.....	96
4.3.2 A geração dos dados.....	114
4.3.3 O banco de dados.....	117
4.4 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO.....	123
4.4.1 Processos morfofonológicos de formação do plural.....	124
4.4.2 Tonicidade dos itens lexicais.....	125
4.4.3 Posição linear dos elementos no SN.....	125
4.4.4 Classe gramatical.....	126
4.4.5 Contexto fonológico/fonético seguinte.....	127
4.4.6 Grau dos substantivos e adjetivos.....	127
4.4.7 Posição do elemento em relação ao núcleo do SN.....	128
4.4.8 Gênero.....	128
4.4.10 Faixa etária.....	129
4.4.11 Informantes.....	129

<b>4.4.12 Interação.....</b>	<b>130</b>
<b>4.4.13 Entrevistador.....</b>	<b>131</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>134</b>
5.1 ANÁLISE ATOMÍSTICA.....	134
<b>5.1.1 Análise das variáveis linguísticas.....</b>	<b>136</b>
<b>5.1.2 Análise das variáveis sociais.....</b>	<b>159</b>
<b>5.1.3 Variáveis estilísticas.....</b>	<b>171</b>
5.2 ANÁLISE NÃO-ATOMÍSTICA.....	176
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>196</b>
Apêndice A - Quadro Informativo sobre a criança e sua família.....	197
Apêndice B – Questionário Social.....	201

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa dedica-se a uma investigação do desenvolvimento da concordância nominal de número como regra variável na produção oral de crianças monolíngues, de classe média-alta, do município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, adquirindo o português falado no Brasil. Acreditamos, pois, que a língua que a criança adquire, aquela falada na comunidade da qual faz parte e considerada instrumento de interação social, é orientada por certo conjunto de regras variáveis que regem o comportamento verbal dos falantes. Logo, foi feita uma análise tanto dos aspectos linguísticos quanto dos sociais relacionados ao fenômeno em estudo.

Assim sendo, esta é uma pesquisa Sociolinguística, considerando que é subárea da Linguística e estuda a língua em uso nas comunidades de fala, com a atenção voltada para os aspectos linguísticos e sociais capazes de influenciar as alternâncias de uso, formas essas que dão à variação seu objeto de estudo. Além disso, integra os estudos da Aquisição da Linguagem, pois descreve o desenvolvimento sintático da criança. Consta, pois, de uma interlocução entre duas áreas, a Sociolinguística e a Aquisição da Linguagem.

A escolha deste tema nasceu, em primeiro lugar, pelo profundo interesse por estudos voltados ao desenvolvimento sintático infantil. Em segundo lugar, por acreditar que inúmeros fatores extralinguísticos estão diretamente relacionados a esse desenvolvimento. Nesse sentido, a focalização deste estudo na concordância nominal de número foi considerada produtiva, pois permite compreender como se dá a interação de fatores de desenvolvimento linguístico com fatores ligados à socialização inicial da criança: a concordância nominal de número no português brasileiro é um subsistema indicativo, muitas vezes, de cultura e de prestígio, e diversos estudos da fala de adultos brasileiros vêm descrevendo seu uso variável e a relação que este tem com identidades sociais diversas.

Nesse contexto, destacamos a relevância deste estudo, realizado com crianças de 3 a 6 anos de idade, uma vez que a pesquisa sociolinguística quantitativa brasileira ainda não se debruçou consistentemente sobre dados de crianças, especialmente as bem jovens, sobretudo pelas dificuldades envolvidas na constituição das amostras. As coletas de dados com crianças apresentam dificuldades, bem como a realização de coletas em classes sociais desfavorecidas. Por exemplo, para obter informações de cunho socioeconômico é necessário envolver um adulto, membro da família, ampliando o campo de informantes para o trabalho. Além disso,

as interações entre o entrevistador e o entrevistado precisam ser planejadas em quantidade e qualidade suficientes para elicitar dados de plural.

Assim, as pesquisas sobre concordância nominal são antigas, porém com dados de fala de falantes adultos, as quais nos dão aqui, sustentação à análise linguística. O que pouco se sabe é sobre o uso dessa regra variável por diferentes grupos de crianças: embora enunciados que a implicam estejam presentes na produção oral infantil desde o início de seu desenvolvimento linguístico, sua relação com o processo social em que a criança está imersa é pouco conhecida.

Este é um estudo complementar ao desenvolvido por Luciene Juliano Simões e por pesquisadores por ela orientados. Sua pesquisa investiga as realizações tanto de concordância verbal quanto de concordância nominal tal como se fazem presentes na fala de crianças vistas como socialmente integradas a uma comunidade.

Dentre os objetivos, queremos descrever, analisar e, em especial, explicar as realizações da concordância nominal – na produção falada de crianças, de três a seis anos, pertencentes à classe socioeconômica média-alta de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Com isso, pretendemos contribuir para se traçar um perfil do desenvolvimento linguístico infantil brasileiro.

O nosso propósito é, também, de modo mais específico investigar, segundo a pesquisa variacionista, como ocorre a construção da concordância nominal de número na fala de crianças de uma maternal privada, localizada no município de Novo Hamburgo. Para tanto, foi preciso obter uma quantidade consistente de dados de fala de crianças que incluíssem sintagmas nominais plurais, a serem submetidos à análise quantitativa; descrever as realizações da concordância nominal de número na produção falada de crianças, de três a seis anos, de classes socioeconômica média-alta, da cidade de Novo Hamburgo, em fase inicial do seu desenvolvimento sintático; determinar em que medida a criança emprega formas consideradas padrão e não-padrão de concordância, e discutir fatores linguísticos e não-linguísticos que interferem nesse uso; identificar a relação de fatores sociais e estilísticos com o uso da regra da concordância nominal na fala inicial de crianças, observadas em coletas do tipo transversal. O propósito de um estudo assim realizado foi, a partir dos fenômenos de concordância, fazer avançar a reflexão a respeito do desenvolvimento da identidade social dos indivíduos em relação à língua falada em uma determinada comunidade; proceder a uma coleta de dados de fala de crianças hamburguenses, montando uma amostra estratificada por gênero e faixa etária e, dessa forma, contribuir com a elaboração de um banco de dados

sociolinguísticos controlado, possibilitando a continuidade dos estudos da fala infantil; e fazer avançar a reflexão acerca da relação entre os fenômenos de concordância, a classe social e a faixa etária a que o indivíduo pertence e os processos de letramento de que participa.

Nosso estudo foi desenvolvido acreditando que a construção da identidade social, que acontece também através da linguagem, afeta o desenvolvimento gramatical da criança e que dados do desenvolvimento de regras variáveis, socialmente constrangidas, lançam luz sobre os fundamentos teóricos de uma visão social da linguagem. Para tal investigação, realizamos esta pesquisa sobre concordância nominal de número, com a hipótese de que esta regra seja variável na fala de crianças, esteja associada à situação socioeconômica dos informantes de Novo Hamburgo, à idade dos falantes, ao gênero do informante e ao tipo de interação de que a criança participa.

Olhamos também as formas variáveis da concordância nominal de número como linguisticamente motivadas, crendo que há influência dos diferentes graus de saliência fônica (processos morfofonológicos de formação do singular/plural e a tonicidade) sobre a concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal. Investigamos, ainda, as classes gramaticais, pois estudos já realizados encontraram que o substantivo e adjetivo **tendem a reter** menos marcas que os determinantes; a flexão de número coloca-se, em geral, nos elementos que ocupam as primeiras posições, o que também é objeto de investigação, entre outros fatores linguísticos de caráter funcional a serem examinados. Para realizar esta pesquisa, buscamos uma maternal privada de Novo Hamburgo, localizada em um bairro nobre da cidade. Inicialmente, foram selecionadas trinta crianças, cuja participação garantiu que obtivéssemos uma amostra suficiente de dados de fala para análise. Organizamos a amostra, sendo que temos 30 crianças da classe social média-alta; 15 meninos e 15 meninas; 10 crianças de 3 a 4 anos, 10 crianças de 4,1 a 5 anos, 10 crianças de 5,1 a 6 anos.

Realizamos, na própria maternal, durante aproximadamente dois anos, as interações com as crianças, individualmente. Cada criança participou de seis interações, das quais se geraram os registros audiovisuais e as transcrições que constituem os dados com os quais organizamos o Banco de Dados de Fala Infantil. A exposição de todos os passos da pesquisa, desde a leitura da literatura na área à coleta dos dados e sua análise está exposta neste trabalho, conforme segue.

Para iniciar, apresentaremos um pouco da história do município de Novo Hamburgo e seus contrastes. O propósito é permitir que o leitor, ao realizar a leitura desta pesquisa, compreenda o contexto social e geográfico em que vivem as crianças dela participantes. Além



disso, que ele conheça os principais aspectos da história da cidade, desde sua colonização aos dias atuais. As informações sobre o município certamente contribuem para a compreensão do contexto, tanto histórico quanto familiar, das crianças pesquisadas.

### 1.1 NOVO HAMBURGO: UMA HISTÓRIA DE CONTRASTES

Um trecho publicado no Jornal 05 de abril sobre a recém-emancipada cidade de Novo Hamburgo caracteriza o município em 1929.

Quem chega a esta Villa sente a inflexão da riqueza e do conforto, tamanha é a sympathia do ambiente e notável a benemerência do exemplo! Todos laboram pela grandeza econômica do município, cada qual como uma molécula desse grande organismo que se agita e se desenvolve em busca de um ideal esplêndido! Os estabelecimentos fabris assemelham-se a enormes colméias, onde milhares de inteligência se empenham no trabalho que felicita e redime o homem, reivindicando-o do mal e da perdição, produzindo o pão do corpo e a hóstia do espírito (05 de abril, 5 junho, 1929, p. 1).

A citação acima evidencia que, em 1929, discursos públicos circulantes representavam o povo de Novo Hamburgo, enfatizando sua simpatia e sua bondade, além de sugerirem que o trabalho coletivo e a busca da riqueza eram valores centrais, que contribuiriam para a construção da riqueza econômica do lugar. Enfim, podemos notar a identificação do trabalho coletivo com um ideal esplêndido, ligado à avaliação dos habitantes como homens de bem, corretos e capazes de dar continuidade ao progresso. Faremos aqui uma retomada desses discursos históricos, procurando entender melhor a dinâmica social de formação da cidade, bem como a dinâmica de atitudes e avaliações dessa comunidade de fala, buscando compreender seus valores.

O município de Novo Hamburgo está situado na região Sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião de Porto Alegre, mais precisamente, está localizado no Vale dos Sinos. Novo Hamburgo está a 45 km de distância de Porto Alegre, sendo que apenas 30% da área total é considerada urbana. Seus limites são: ao Norte, Dois Irmãos e Ivoti; ao Noroeste, Estância Velha; ao Sudoeste, São Leopoldo e Sapucaia; ao Sudeste, Gravataí; ao Leste, Taquara, Sapiranga e Campo Bom. Tem uma população de aproximadamente 257.285 habitantes.

A história do município de Novo Hamburgo, segundo Petry (1959, p. 60), pode ser dividida em quatro períodos: a) desde a sua fundação até o início do tráfego ferroviário, entre Novo Hamburgo e Porto Alegre (1824-1876); b) do início do tráfego ferroviário até o começo

da industrialização (1876-1900); c) do começo da industrialização até a emancipação (1900 – 1927); d) da emancipação até a presente data.

A origem do nome Novo Hamburgo é bastante discutida. Conforme Petry (1959, p. 9), nos documentos mais antigos sobre a colonização alemã, a zona em que surgiu a cidade de Novo Hamburgo figura com o nome Campo Ocidental e Costa da Serra, ao passo que o agrupamento de casas que formaram o núcleo primitivo de Hamburgo Velho, desde sua fundação, era conhecido pelo nome de Hamburger Berg.

Petry (1959), em seu estudo sobre o município, descreve a origem e a evolução do nome Novo Hamburgo. O primeiro negociante estabelecido nessa zona foi Luiz Kersting, mais conhecido por Major Kersting. Ele era natural da cidade de Hamburgo, na Alemanha, e costumava frisar sempre essa sua origem hanseática. Ao se despedir de seus fregueses, não deixava de recomendar-lhes: “Não se esqueçam de voltar à casa do velho hamburguês”. O segundo e o terceiro comerciantes, no novo núcleo, Carlos Zimmermann e João Pedro Schmitt, aqui chegados com a terceira leva de imigrantes alemães, também eram da mesma cidade.

Os moradores dos arredores, quando falavam desse núcleo, denominavam os aí residentes de “hamburgueses”, nome esse que se tornou popular. Surgiu, assim, acidentalmente, o nome de Hamburger Berg. Ressaltamos que os colonos daquele tempo não pretendiam, com esse nome, homenagear os dois comerciantes, muito menos a cidade de sua origem.

Em 1919, o Sr. Mansueto Bernardi, sucessor do Sr. Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna, intendente municipal de São Leopoldo, estabeleceu o nome de Novo Hamburgo e mudou para Hamburgo Velho o de Hamburger Berg. Em 5 de abril de 1927, no Decreto nº 3818 – 2º distrito de Novo Hamburgo, Borges de Medeiros assinou oficialmente a elevação do distrito à categoria de município, emancipando Novo Hamburgo.

Seguindo o estudo de Petry (1959), a palavra Hamburgo não é alemã. Compõe-se das palavras “Ham” e “Burgo”. A primeira dessas palavras não é alemã, pois é encontrada em vários idiomas, por exemplo, no inglês em Hamsphire, Ham-gate, etc. Quanto à palavra “burgo”, é tanto portuguesa quanto alemã. Novo Hamburgo é um nome brasileiro, aceito em toda a parte, como o de um grande centro industrial brasileiro.

Esse nome foi dado à cidade pelos ingleses. A companhia inglesa concessionária da estrada de ferro de Porto Alegre chegou à cidade. Esse ramal deveria ser construído até Hamburgo Velho. No entanto, em 1876, os trabalhos chegaram até as imediações do centro.

Por falta de numerário para a continuação das obras, a construção parou e o ponto terminal denominou-se New Hamburg, hoje, Novo Hamburgo.

Ainda conforme Petry (1959), os primeiros moradores de Novo Hamburgo não foram os alemães. Os primeiros moradores do município foram os bugres, pertencentes às tribos dos Charruas e Minuanos. Com a chegada do homem branco, os indígenas foram se retirando para o interior da selva. Ressaltamos, também, que algumas poucas famílias italianas estabeleceram-se em Novo Hamburgo. Petry acrescenta a esses grupos algumas famílias descendentes de escravos. A maioria desses grupos de cor negra residia em ranchos no Bairro Guarani, antigamente conhecido pelo nome de “África”, sendo os homens, geralmente, procurados como bons trabalhadores em serviços pesados, e as mulheres auxiliavam as donas de casa nos afazeres domésticos.

A colonização, pelos alemães, da zona onde hoje se encontra a cidade de Novo Hamburgo, foi iniciada em fins de 1824. Muitos alemães se instalaram em Novo Hamburgo, construindo os troncos de famílias ainda hoje existentes. Destacamos que Petry, na época em que desenvolveu seu estudo, fez uma relação (não completa, segundo ele) de todos os primeiros moradores, encontrando 33 famílias com o sobrenome de Muller; 24, com o de Schmitt e Schmitt; 21 com o de Schneider; 20 com o de Becker e 19 com o de Meyer e Mayer. Assim, quando os alemães aqui chegaram, considerando-se que estavam isolados de outros núcleos populacionais, mantiveram o alemão como língua.

Na segunda Guerra Mundial, a cidade de origem germânica sofreu, uma vez que a Alemanha era o inimigo maior. Devido a isso, o idioma alemão, até então usado pelas famílias de imigrantes, passou a ser proibido. Aqueles que falassem em público eram presos. A situação foi difícil, pois muitas pessoas, em especial os idosos, não sabiam falar o português.

Em 1832, os alemães fundaram sua comunidade de culto evangélico, construída pela família de Libório Mentz, que servia, também, de escola. Os católicos de Hamburgo Velho, somente em 1950 iniciaram a construção de uma igreja. Já a igreja católica de Novo Hamburgo foi construída em 1924.

Desde suas origens, o povo hamburguense trabalha com a produção de calçados.

No Vale do Rio dos Sinos não existiam ainda sapatarias, antes da chegada dos colonos, nas duas lidas das roças, se gastava em pouco tempo, surgiu desde logo a indústria do couro para atender a essas necessidades (PETRY, 1963, p.13).

Essa característica do povo teve sua origem por volta de 1850, quando surgiram os primeiros curtumes, as selarias e as oficinas dos sapateiros que abasteciam a província gaúcha com seus produtos artesanais. Ao que consta, foi Nicolau Becker, imigrante de origem alemã, chegado ao Brasil no final do século XVIII, o primeiro a trabalhar com curtume e selaria. Em 1857, existiam no Vale dos Sinos trinta e duas manufaturas de couro e selaria. Assim, do curtimento do couro e da manufatura voltada à selaria adveio a fabricação de calçados. O garrão e o couro das virilhas do boi não serviam aos artigos de montaria, tal material foi utilizado para a confecção de chinelos, solas e saltos. Associado a isso, os alemães eram acostumados a calçar algo para proteger os pés no rigoroso inverno europeu. Chegados ao Brasil, não perderam o hábito, pois a lida nas picadas proporcionava o encontro com animais venenosos que se escondiam sob a mata virgem.

Conforme Selbach (2006), na primeira década do século XX, destacou-se, no município, o industrialista Pedro Adams Filho, que introduziu modernas técnicas de fabricação do calçado. Outro destaque coube a Paulo Triebse, fabricante de sandálias, artigo mais leve, barato e cômodo, que logo substituiu o chinelo e teve grande aceitação no mercado. A partir daí, Novo Hamburgo desenvolveu-se rapidamente, assumindo importância econômico-comercial ao receber e enviar mercadorias para todo o Estado. Assim, a indústria, em especial a de couros, deu o impulso inicial à ascensão rápida da produção no município.

Na visão de Ercílio Rosa, cronista, uma manhã de dia útil iniciava cedo.

Ele diria que “no começo do dia rasgam silenciosos rastejantes de nossa cidade sons surdos e metálicos... São milhares de maquinários que, em harmoniosa melodia, iniciam-se no trabalho cotidiano”. Pouco passaria das sete horas e poderia se ver a “manhã ainda envolta nas brumas da madrugada” e “o sol, ainda respingando sereno” levantando-se heroicamente no começo de mais um dia comum. “Enquanto a aragem dorme, como é de costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade”, completa (SELBACH, 2006, p.182).

A poderosa indústria do couro e do calçado, com seus inúmeros estabelecimentos deles derivados, empregaram milhares de operários e fizeram da outrora vila um município rico e visto por muitos como progressista. Vale destacar um paradoxo evidenciado por visitante à cidade em 1955, exposto em Selbach (2006, p. 183). “Para ele, embora a maioria dos trabalhadores tivesse como função diária confeccionar calçados ininterruptamente para que Novo Hamburgo pudesse ser chamada de Cidade Industrial, muitos não tinham um par decente para calçar”.

Tal visão progressista justificava-se na capacidade trabalhadora de seu povo, pois, sem dúvida, em “Novo Hamburgo, as pessoas trabalhavam muito e a preguiça não encontrava espaço” (SOMMER, 2003, p. 77). Além disso, conforme Leopoldo Petry (1963), o capricho da fabricação, a qualidade do material empregado, o acabamento aprimorado e a honestidade dos industrialistas contribuíram para o avanço da indústria calçadista hamburguesa.

Ainda em relação à situação econômica do município até os anos 60, em que praticamente não havia lugar na cidade para embates e discordâncias entre empregados e patrões, Selbach (1988) afirma que o conceito de trabalhadores estava muito mais próximo ao do francês Pierre Bourdieu, cuja teoria destaca o aspecto econômico como um dentre os demais. Divididos em campos, cada um tem a sua propriedade específica, mas também suas propriedades comuns ou gerais, válidas a todos os outros. Neles, cada indivíduo tem um capital simbólico, um conhecimento adquirido, em um conjunto de saberes próprios, um *savoir-faire* acumulado (conceito de *habitus*). Dominantes e dominados estão, assim, ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, “sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas”.

Na década de 70, Novo Hamburgo se deparou com a produção em massa do calçado. Nesse contexto, a cidade passa a ter um crescimento vertiginoso, decorrente das indústrias voltarem a sua produção de calçados para a exportação, especialmente para os Estados Unidos. Nessa época, havia milhares de empregos, o que tornou a cidade o sonho de migrantes expulsos do campo. O trabalhador vindo do campo fez com que a cidade sofresse um inchaço populacional a “olhos vistos”. Considerando que a mão de obra era barata, os industrialistas investiram pouco em suas indústrias e muito na construção civil e na aquisição de imóveis.

A cidade, segundo Selbach (2006, p. 124), viu chegar os anos 80 completamente renovada, e o *boom* da exportação calçadista trouxe os recursos para a modernização física. A cidade chegou ao progresso tão esperado antes do previsto e do imaginado.

Na mesma década, no entanto, podemos apontar os contrastes de uma situação econômica causada pela nova condição de centro exportador. Novo Hamburgo passou a ser refém da política econômica dos Estados Unidos. Com isso, “logo podiam ser vistos anúncios de primeira página anunciando a venda do patrimônio de massas falidas” [...] “Ora cresciam exacerbadamente por conta de mecanismos governamentais, tais como a maxidesvalorização da moeda que fez sumir o pão da mesa, mas incentivou as exportações, ora quebravam”

(SELBACH, 1999, p. 96). Com a falência das indústrias de calçado e de muitas outras que compunham o setor coureiro-calçadista, o desemprego tornou-se cena cotidiana.

Em 1984, a cidade consolidou-se pela fama de cidade rica, com empregos abundantes nas fábricas e em um novo setor, em franca expansão: a prestação de serviços para exportação. Como exemplo dessa expansão, em 1981, o setor coureiro-calçadista era composto por 750 indústrias, empregando 23.000 pessoas.

Destacamos, também, a visão da historiadora Maria Stela Bresciani sobre o fluxo migratório, revelando mais um contraste da população hamburguense.

O discurso de cidade de trabalhadores ordeiros e pacíficos cedeu lugar ao do êxodo que trouxe consigo a miséria. A concentração urbana revela-se num paradoxo: a divisão do trabalho e o aumento na produção versus ameaça potencial à sociedade civilizada (classes laborieuses e classes dangereuses). Os imigrantes vindos do interior do Estado fizeram Novo Hamburgo sustentar a sua mentalidade racista. Diferente dos primeiros imigrantes alemães, que se auxiliavam mutuamente, eles passaram a carregar a culpa da miserabilidade local e do conseqüente aumento da violência, quando, na verdade, foram os responsáveis pela riqueza do município, mas continuaram pobres, pois não tiveram a devida compensação por causa da exploração fabril (SELBACH, 2006, p. 192).

Ainda, em complemento à visão da historiadora, importa ressaltar o que Selbach (2006, p. 228) expõe em seu estudo: em uma NH que cresceu a olhos vistos, tanto na economia proporcionada pela exportação calçadista como na explosão demográfica pelos emigrantes de toda parte, a dicotomia entre pobreza e riqueza também aumentou. Na área central, os sinais de modernização eram claros. Em contrapartida, na periferia a discrepância desse progresso ocupou o espaço, com famílias miseráveis com filhos de barriga inchada, morando em casebres de lata ou tábuas de 2ª mão, iluminação precária ou inexistente, botequins perigosos e pontos de venda de drogas. A década de 90 trouxe um cenário oposto ao anterior.

Os anos 90 chegaram e Novo Hamburgo foi perdendo seu prestígio econômico. Nos anos noventa a produção calçadista começou a ameaçar a indústria nacional. Um levantamento feito em 1993 apontava que a cidade escorregava lentamente de sua posição de terra abastada e empobrecia dia a dia. A cidade perdia suas fábricas e ganhava casas de comércio requintadas. A cidade industrial viu seu reinado mudar de mãos para cidade comercial.

Muitas empresas locais, no entanto, não perderam tempo e buscaram alternativas na produção. Levaram suas indústrias para regiões mais carentes e, depois, para terras do Nordeste brasileiro, onde a mão de obra e os incentivos fiscais eram mais atraentes.

Conforme caderno especial “Novo Hamburgo 80 anos”, publicado em 5 de abril de 2007 pelo Jornal NH, hoje Novo Hamburgo está migrando da indústria para a prestação de serviços. A cidade conta com 2.878 indústrias, 8.349 casas comerciais e 12.690 prestadores de serviços, em especial, pela qualidade dos serviços que oferece na área de educação e saúde. Consideramos que o conhecimento adquirido, especialmente na área calçadista, contribuiu para essa mudança.

Nos diferentes estudos sobre Novo Hamburgo, quanto à cidade, há menção de que a emancipação foi o marco inicial da estruturação, da remodelação e da renovação urbana, com o olhar de passado, presente e futuro. Ao longo dos anos, a cidade procurou fazer com que de velhas ruas surgissem novos calçamentos, atapetando o chão da “Cidade Industrial”.

Nos anos 40, Novo Hamburgo era uma cidade pequena, onde todos se conheciam e tinham noção da procedência familiar. No andar na rua, a saudação era atitude indispensável. Já nas décadas de 50 e 60, a multidão passou a tomar conta das ruas, trazendo consigo o anonimato urbano. A multidão se comprimiu.

Nos estudos de Selbach (1999, p. 43), encontramos que até meados da década de 60, o crescimento urbano de Novo Hamburgo caracterizou-se, principalmente, em sentido horizontal. Os poucos prédios de quatro andares restringiam-se à parte central. O crescimento horizontal ocorreu devido aos loteamentos que surgiram sucessivamente ao redor da urbe. Nos arredores da cidade, concentram-se as pessoas da eterna luta campo versus cidade, que migraram para a região do sapateiro e ali se fixaram. Na década de 90, a cidade perdeu sua feição germânica e ganhou uma população de cabelos negros e pele morena que assumiu o comando social.

Salientamos que os indivíduos de “cor”, aqui identificados como os brasileiros, ou seja, aqueles que não são de origem alemã, foram responsabilizados pela miséria nos limites urbanos. No entanto, os que vieram para a cidade foram responsáveis pela riqueza do município, mas continuaram pobres, porque, posteriormente, foram explorados por seus patrões, que foram investindo em seus bens próprios e não em qualificar a produção de suas empresas. Isso, mais tarde, no agravamento da situação econômica gerou o desemprego e, conseqüentemente, para os de pele escura, a miséria.

Mesmo com essa realidade, para muitos, a identidade social reafirma-se nos atributos da população da cidade: “[...] senso decidido, ordeiro, pacífico, forte e empreendedor”. (SCHUTZ, 1992, p. 97). Além disso, Novo Hamburgo não conhecia a preguiça, pois “[...] é,

por princípio, uma cidade de trabalhadores que lutam pelo seu bem e, conseqüentemente, pelo bem geral de todos” (Jornal 05 de abril, 11 fev, 1949, p. 29).

Essa valoração é destaque até hoje: as campanhas e o espírito comunitário. A tradição de campanhas, desenvolvidas pelo Jornal NH, constitui-se pelo seu discurso identitário, inserido no objeto comunidade. “O discurso hegemônico que enunciava os vínculos identitários dos habitantes de Novo Hamburgo, objetivando os sujeitos hamburguenses, é reorganizado pelo Jornal nos discursos das campanhas que instituem o objeto comunidade” (SOMMER, 2003, p. 100).

Para Schwarz (*apud* HALL, 1997b, p. 53), comunidade parece consistir em uma matriz de sentidos, uma entidade simbólica, um conceito síntese, utilizado pelo Jornal, para “gerar um sentimento de identidade e lealdade” nos habitantes da cidade. No tempo da pequena comunidade, todos se uniam contra as forças externas e importava mais o geral do que o individual, patrões trabalhavam lado a lado com os empregados. Assim, a noção de comunidade faz parte do desenvolvimento das campanhas ocorridas em Novo Hamburgo, contando, sempre, com a participação do Jornal NH.

As profundas transformações urbanas, as diferenças culturais e de classe que caracterizam a população da cidade, têm sido invisibilizadas pela mídia e pela administração pública. E, quando não se pôde mais ignorar os efeitos de um cinturão de pobreza produzido nos anos de ouro da exportação de calçados, basicamente por indivíduos oriundos do êxodo rural, o sentimento de comunidade atua, através de personalidades públicas, sugerindo a construção de pórticos com guaritas para a triagem de não hamburguenses, de forma a impedir seu estabelecimento nos limites do município (SOMMER, 2003, p. 104).

Esses contrastes e essa ideia de comunidade, de modo geral, são conseqüências do desenvolvimento econômico do município, conhecido como Industrial, Manchester Brasileira, ou simplesmente, a Capital Nacional do Calçado. O espírito comunitário encontra-se, pois, mais fortalecido em uma união dos municípios para manter as empresas e os empregos. As indústrias ganham incentivos fiscais para deixar o município. A região do Vale do Rio dos Sinos, em um trabalho conjunto, procura manter as indústrias na região e, conseqüentemente, o emprego de milhares de pessoas. Além disso, busca o desenvolvimento de outros setores da economia, almejando a diversidade econômica.

Novo Hamburgo almejou ser moderna, mas essa modernidade, segundo Selbach (1999, p.76), causou a insegurança devido à ocorrência de assaltos e roubos e pela falta de policiamento, pela fuga nas bebidas alcoólicas e nos entorpecentes, pela prostituição pública e privada, pela exteriorização da miséria de homens, mulheres e crianças abandonadas nas ruas. Enfim, um peso indispensável para aqueles que desejavam crescer e progredir.



O que tentamos apontar é que, desde o início da história de Novo Hamburgo, constata-se uma história de contrastes e ao mesmo tempo de união. Contrastes na sua estrutura, na sua organização, no seu povo, na sua cultura, nos seus problemas gerados pela situação econômica decorrentes do desejo de progresso. União no trabalho, nas conquistas, nas buscas de soluções para os problemas advindos do desejo e da ambição de manter o desenvolvimento.

Ressaltamos, ainda, a reportagem publicada no Jornal NH, de 11 de outubro de 2008. Nessa edição, foram publicados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que colocam o município de Novo Hamburgo (refere-se a São Leopoldo também) como Capital Regional. Os dois municípios juntos tiveram um dos desenvolvimentos mais expressivos do país. Essa classificação se deve ao fato de Novo Hamburgo se relacionar diretamente com as metrópoles. Isso significa que o município passou a estruturar uma rede maior de território e centralizar outros municípios. Na prática, quer dizer que a oferta de bens e serviços ultrapassa os limites de próprio município, passando a ser referência para a população regional.

As palavras de Selbach (1999, p. 11) retratam os objetivos iniciais de Novo Hamburgo enquanto cidade: fazer-se conhecida como Manchester Brasileira; ser símbolo de desenvolvimento; acertar o passo do progresso com sua própria história; gerar um olhar de fora, das grandes capitais ou metrópoles... enfim, era tudo o que a cidade almejava em termos de modernidade:

Tal medida acentua sob o prisma da ambiguidade, a ótica que permite coexistirem num mundo moderno, forças, atitudes e vivências opostas; um ambiente que comporta o sonho, o espetáculo, o deslumbre, a embriaguez dos gozos materiais, mas também a dor, o sofrimento, o desespero, o despertar atônito... situações que concorrem juntas e fazem parte da experiência humana neste final de milênio.

Resumo, desse modo, a marcante história inicial de Novo Hamburgo com contrastes evidentes.

## 1.2 A ESTRUTURA DO TRABALHO

Neste trabalho, optamos por organizar a explanação do estudo conforme segue, a fim de facilitar a leitura. No primeiro capítulo, está caracterizado o contexto da pesquisa, quanto aos seus aspectos históricos, econômicos e sociais, para, então, apresentar e justificar a organização e a estruturação da tese.

O segundo capítulo é dedicado à Sociolinguística Laboviana. Nele estão apresentados os principais fundamentos da área da Sociolinguística, a concepção de que a língua é objeto heterogêneo que norteia essa área, bem como a questão da influência das categorias sociais sobre a variação no uso da língua. Em outras palavras, o capítulo é composto pela discussão da heterogeneidade da língua, com a percepção do seu caráter social, para definir o estudo da diversidade linguística. Dando sequência ao capítulo, vários trabalhos são apresentados, em cujo embasamento teórico se encontra a Teoria da Variação, e que focalizam a concordância nominal de número.

No terceiro capítulo nos ocupamos em registrar a exploração de como ocorre a construção da linguagem na criança e qual a relação desse processo com o espaço social em que ela está inserida. Para tanto, a busca é no sentido de relacionar trabalhos que mostram a relevância das práticas sociais que cercam a criança para os usos que ela faz da língua. Assim, será abordada a socialização da linguagem e outras práticas sociais que evidenciam na infância as identidades de gênero, o papel da criança no grupo social, a escolarização e o letramento. Na sequência, de modo mais específico, será abordada a aprendizagem do plural e de sua marcação morfossintática, finalizando com a contribuição de estudos diversos sobre a aprendizagem de regras variáveis.

O quarto capítulo está reservado para descrever os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados. Tratamos dos dados que compõem a amostra, da caracterização dos informantes, das coletas e do modo como foi montado o *corpus*. Apresentamos, ainda, a organização do Banco de Dados, o *Goldvarb Varbrul* e o pacote de variação.

O quinto capítulo destina-se à apresentação, à análise, à interpretação e à discussão dos resultados obtidos, considerando os moldes de Scherre: análise atomística e não-atomística.

Nas considerações finais, são retomados os objetivos e as hipóteses de trabalho. Além disso, são destacados tanto os fatores relevantes para a análise quanto os que não foram relevantes e levantadas as contribuições deste estudo para as futuras pesquisas tão bem quanto para a prática educacional.

## 2 A SOCIOLINGUÍSTICA E A CONCORDÂNCIA NOMINAL

Neste capítulo, estão destacados alguns pressupostos fundamentais centrais à área da sociolinguística variacionista, área em cuja metodologia a pesquisa aqui relatada se alicerça. Nele estão apresentados os princípios da sociolinguística e discutidas as principais concepções linguísticas da área, como sua visão de língua e o pressuposto de que sua compreensão exige que se entendam as relações estruturais entre a língua e o funcionamento social.

Para tanto, nos valem, nesta pesquisa, de estudos de Labov (1966, 1972, 1990, 2006, 2007, 2008) e Eckert (1997b, 1989, 2000, 2005, 2008). Além destes estudos, importantes autores brasileiros têm contribuído com a pesquisa em variação linguística, como Scherre (1988), Amaral (2003), Capellari (2004), Simões (2005), , entre outros estudiosos. Tais trabalhos são também revisados neste capítulo, a fim de traçar um quadro geral do conhecimento sobre a variação sociolinguística no português falado no Brasil, especialmente no que concerne à concordância nominal de número.

Vale destacar que, em virtude da amostra em estudo ser composta de crianças de 3 a 6 anos de idade, de classe social média-alta, escolarizadas, são destacados estudos que tratam da idade como fator de condicionamento externo de variação, uma vez que a classificação etária pode estar envolvida mais para algumas variáveis do que para outras. Esta exploração é realizada, considerando que há poucas pesquisas envolvendo crianças pequenas, mas vários estudos com destaque maior para a faixa etária dos adolescentes. Acreditamos, pois, que os estudos comentados servirão de suporte teórico para comparar com os dados aqui obtidos e discutir os resultados encontrados.

### 2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O interesse nesta pesquisa centraliza-se nos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Laboviana. Para a Sociolinguística, a linguagem existe no contexto social, dependendo do falante que a está usando, de onde está sendo usada e por que motivo. Além disso, a história pessoal e a identidade estão marcadas nas conversas dos falantes. Logo, as conversas são obviamente fenômenos sociais e não individuais.

A Sociolinguística é uma área de estudos em que se busca desenvolver o entendimento da natureza da linguagem e de sua relação com a sociedade. Em outras palavras, estuda a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala (LABOV, 2008). Conforme define Tagliamonte (2006), a Sociolinguística é o estudo de vários caminhos em que a estrutura social e a estrutura linguística vêm juntos, incluindo aspectos pessoais, estilísticos, sociais, socioculturais e sociológicos. Já o objeto de estudo da Sociolinguística é, de acordo com Labov (2007), “a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto-alvo do trabalho em variação linguística”.

A Sociolinguística tem como essência a noção de heterogeneidade, uma vez que a linguagem muda constantemente e expressa mais que simplesmente o significado das palavras. Como afirma Labov (2008, p. 238), “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais”. Assim, a língua, conforme o autor, é sistemática, mas não homogênea. Fatores relacionados ao contexto linguístico em que determinado uso ocorre e fatores ligados ao contexto social afetarão o modo como se organiza a língua como sistema. Em outras palavras, é possível identificar o sexo de uma pessoa por fragmentos de sua conversa; além disso, nem todas as regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas são regras categóricas: tanto do ponto de vista da específica construção em que ocorrem como do ponto de vista do contexto social em que o uso do vernáculo se verifica, pode haver variação.

Esta pesquisa da variação na infância parte, então, desse pressuposto: é possível, nas conversas com as crianças perceber que a variação e a aquisição de uma língua não ocorrem em um vácuo, de tal forma que as regras variáveis de determinada língua serão aprendidas de tal modo a demonstrarem-se variáveis e sistemáticas desde as primeiras etapas do processo de construção da linguagem. Assim, também nos dados de fala de crianças será possível identificar aspectos da estrutura social que estão relacionados com aspectos da estrutura linguística.

Nesse sentido, a base da teoria está na concepção de língua. Para Labov (2008, p. 215), a língua é uma forma de comportamento social; a língua é usada por seres humanos em um contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções aos outros. O autor defende que dada pessoa ou grupo usa a língua X, em um contexto ou domínio social Y. Logo, a comunidade é conceptual e analiticamente prioridade para o indivíduo. Assim, em uma análise linguística, o comportamento de um indivíduo pode ser entendido somente

através de estudos de grupos sociais dos quais ele é membro. Conforme entrevista concedida pelo autor,

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística (LABOV, 2007, p.1).

No âmbito do gerativismo, a questão da variação linguística é habitualmente contornada mediante recurso aos juízos intuitivos do falante-ouvinte sobre a gramaticalidade das construções. Conforme Camacho (2010), para Labov nem a teoria estruturalista nem a gerativista dão conta de uma questão metodológica central, mais especificamente da relação teoria e dado.

A partir dessa análise, ainda conforme a discussão de Camacho (2010), Labov defende que é através do estudo da linguagem, em seu contexto social, que a quantidade de dados se expande enormemente, assim oferecendo meios de decidir que análise é a correta entre as alternativas possíveis, uma vez que os dados empíricos confirmam a existência de variação e de estrutura heterogênea nas comunidades linguísticas investigadas. Daí, Labov adota o conceito de variação e o insere nos estudos linguísticos como uma propriedade inerente, constitutiva da linguagem, como se encontra em Labov (1972, p. 203), “os dados empíricos confirmam plenamente a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas investigadas”.

Assim, de acordo com Camacho (2010), o sistema linguístico, inerentemente variável, é constituído pelo conjunto de formas manifestadas na situação social por falantes em processo real de comunicação. Nessa perspectiva, a análise da língua, assim concebida, envolve a adoção de um conjunto de fatores não apenas linguísticos, mas também, extralinguísticos como os de natureza social e estilística. Como foi exposto anteriormente, tanto aspectos de natureza interna quanto externa participam ativamente da aplicação de uma regra, favorecendo-a ou desfavorecendo-a. Esses aspectos são as variáveis linguísticas.

Neste estudo, para aprofundar o entendimento do conceito de regra variável, é fundamental o conceito de variável linguística proposto por Eckert (2000), para quem a regra variável passa a constituir o espaço privilegiado da construção do significado social da linguagem. Com base nessa nova proposta de variável linguística, Eckert (2005) reconstrói a

trajetória da pesquisa sociolinguística nos últimos 40 anos, distinguindo três ciclos de prática analítica, que devem ser vistos como partes do todo.

O primeiro ciclo foi lançado pelo estudo de Labov sobre a cidade de Nova York , em 1966, que serviu de base para o estudo da variação mediante o estabelecimento de correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade, entre outras.

O segundo ciclo caracterizou-se pelos estudos etnográficos. Esses estudos enfocam comunidades menores por períodos de tempo relativamente longos, com o objetivo de descobrir as categorias sociais localmente mais salientes.

O terceiro ciclo centra o foco na variação. Essa variação não é vista como o reflexo do lugar social em um ponto da escala, mas como um recurso para a construção do significado social, concepção essa aprofundada posteriormente. Ressaltamos que, sob o ponto de vista de Eckert (2005), esse ciclo é o mais consistente, considerando que a linguagem é um sistema adaptativo.

Vale trazer um exemplo citado por Eckert (2005) de que os ciclos formam um todo. Segundo ela, a primeira via etnográfica, quantitativamente orientada da variação, aberta por Labov no estudo de Martha's Vineyard, foi depois trilhada por outras pesquisas realizadas na Europa. No enfoque etnográfico de Belfast, Milroy (1980) avançou-o mais ao focar comunidades de classe operária e examinar a relação entre o engajamento local e o uso do vernáculo, correlacionando o uso de variáveis vernaculares locais com a densidade e a multiplicidade da rede de relações sociais do falante.

Um estudo de variação linguística envolve, pois, associá-lo a aspectos sociais do indivíduo ou do contexto (fatores externos), como classe social, sexo, estilo, geografia, escolaridade e idade. Essa identidade social do falante, a situação/contexto social de interação verbal e as atitudes linguísticas são consideradas fundamentais para a compreensão do comportamento de uma comunidade. Labov (2008) afirma que um passo para a análise quantitativa de uma variável linguística é a divisão da população (falantes/expressões) em grupos salientes: homem X mulher, classe média X classe baixa, pré-consonantal final X pré-vocálica, entre outros.

Nesta pesquisa, é possível identificar esse esforço por estabelecer correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais. A coleta foi longa, identificando os fatores sociais mais salientes e a variação identificada, que é um recurso para a construção do significado social. Em outras palavras, o enfoque recaiu sobre comunidade de classe média-alta,

examinando a relação do social (classe, idade, gênero, escolaridade...) com o uso da concordância nominal de número, bem como o significado social dessa variação. Sobretudo, para a construção da amostra desta pesquisa, têm importância os fatores: classe social, escolaridade, gênero e, fundamentalmente, idade, pois queremos, a partir de análises sincrônicas, examinar interações entre a socialização da criança e os caminhos que trilha ao desenvolver-se e aprender a falar sua língua. Vale destacar que foi acrescentado neste estudo, ao lado das variáveis sociais, uma investigação em termos de variação estilística, o que também será explorado neste capítulo teórico e, mais adiante, na discussão de questões de método.

Quanto à questão dos efeitos da estratificação em classes sociais no uso da linguagem pelos membros de uma comunidade de fala, é importante ter em mente que, quanto à classe social, os indivíduos são colocados em uma escala hierárquica social. Nessa escala, há inúmeras variáveis independentes que contribuem para determinar em que patamar o indivíduo se encontra, ou melhor, a que classe o indivíduo pertence. Assim, quem se encontra no topo superior dessa escala tem *status*, poder, dinheiro, casa boa, conforto, bom emprego, boas escolas. Quem se encontra na parte inferior da escala nada disso tem. Logo, a categoria classe social é descoberta em virtude de seu lugar nas práticas sociais locais. Assim, para Labov (2009), o construto de classe social pode ser visto das seguintes maneiras: como propriedade estável do falante (em termos, por exemplo, de sua ocupação ou residência) ou como uma questão de *status*, um fator cultural não vinculado a algum atributo concreto. No segundo caso, a posição do falante é interpretada a partir de uma relação entre atributos concretos e a estrutura social da comunidade de fala a que este pertence.

Chambers (1995), cuja base para discussão sobre classe social concentra-se em princípios profissionais e ocupacionais, fornece um índice de classe social, instrumento usado em muitos estudos de classe social para “medir” a que grupo social um determinado indivíduo pertence. Chambers considera, pois, ocupação um fator fundamental no estabelecimento de classes sociais, uma vez que essa categoria revela, indiretamente, escolaridade e renda.

Para ilustrar a importância da categoria classe social entre outras categorias nos estudos sociolinguísticos, podemos mencionar as pesquisas pioneiras desenvolvidas por Labov sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York e seu estudo sobre a frequência e a distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ na Ilha de Martha’s Vineyard.

O estudo sociolinguístico realizado por Labov em Nova York, base concreta para o estudo da variação, é considerado o primeiro trabalho a comparar a fala dos indivíduos em contextos diferentes. A pesquisa foi realizada em lojas de departamento, consideradas representativas de situações sociais distintas e investigou a presença ou a ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica como em *car, card, four, fourth*.

Quanto aos resultados, ele constatou coerente estratificação do (r) nas três lojas. Assim, 62% dos empregados da Saks, loja de alto luxo, usaram (r) total ou parcial; 51% da Macy's, loja de prestígio médio, empregou (r) total ou parcial; 21% da Klein, loja de preços baixos, usaram o (r) total ou parcial. Em suma, a pronúncia de maior prestígio, com a preservação do (r) retroflexo se dá nas lojas de alto nível, nos contextos de maior prestígio. Isso ocorre mesmo classificando os empregados das três lojas como pertencentes à mesma classe social.

De igual modo, o autor estudou a frequência e a distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ na comunidade de Martha's Vineyard, nas diversas regiões desta ilha, estratificando os participantes por faixas etárias, grupos profissionais e étnicos; olhando, enfim, para dentro da ilha. Para ele, era necessário olhar para a vida social daquela comunidade a fim de compreender a dinâmica da variação de pronúncia dos ditongos estudados.

Como resultados, Labov encontrou tendências em função dos grupos profissionais: pescadores no topo e agricultores na base. Há tendências geográficas da centralização: áreas da ilha alta favorecendo mais a centralização do que as áreas dos vilarejos da ilha baixa, atingindo o máximo em Chilmark. A centralização atinge o ápice na faixa etária dos 30 a 45 anos e a centralização de (aw) alcança ou mesmo ultrapassa (ay) nesse ponto. As investigações mostraram que o som da vogal de palavras como *house, mouth, loud* têm dois diferentes tipos de pronúncia da ilha, o que também ocorre na pronúncia de palavras como *ride* e *right*. Assim, a centralização dos ditongos está relacionada ao fato do falante reforçar sua identidade de morador da ilha ou expressar orientações sociais mais ligadas às comunidades urbanas americanas de fora da ilha.

Em suma, os resultados obtidos por Labov permitiram concluir que a invasão de veranistas provocou mudanças sociais na ilha. Essa invasão gerou o uso de uma variável que passou a constituir a identidade dos usuários do local. Logo, a evolução social com a invasão dos turistas no verão interage com a estrutura linguística.



Acrescido a esses, há um estudo de Labov com Ash, Nagy entre outros (2006), sobre a forma como os membros de uma comunidade percebem a variação na produção. O objetivo do estudo é determinar se os ouvintes podem discriminar e avaliar os níveis de variação. Em outras palavras, queremos o entendimento de como as variáveis sociolinguísticas estáveis são adquiridas e operadas para afetar a categorização social em cada dia da vida. Um dos estudos é de Labov, que analisou a estratificação social e estilística de (*ing*) em NYC. Constatou diferenças significativas entre os níveis sociais e os estilísticos. Logo, quanto mais formalidade e *status* social (classe média-alta), maior regularidade no uso da variante de prestígio (*ing*). Ele evidenciou, também, que a alteração de /in/ e /ing/ está associado à informalidade.

Labov, em seus estudos, evidencia a presença da variação. Para tanto, comprova a correlação que há entre as categorias sociais e os aspectos linguísticos, buscando explicar de que modo se produz significado social e, conseqüentemente, se constrói a identidade local dos membros de diferentes comunidades de fala.

Assim, ao produzir um estudo sociolinguístico, fica evidente que diferentes indicadores são percebidos como importantes para diferentes investigadores e que a sua relativa importância pode variar. Por esse motivo, este estudo está comprometido em buscar uma amostra estratificada, considerando fatores diversos que podem afetar os usos da língua portuguesa pelas crianças observadas: ocupação dos pais, profissão, local de residência e escolaridade, em especial, para que possa ser definida e caracterizada a classe social a que as famílias das crianças participantes da pesquisa pertencem.

Outra categoria social significativa em estudos variacionistas é a de gênero. Eckert (1997b) chama atenção para alguns pontos importantes em se tratando dessa categoria social. Segundo ela, a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino é um modo de organização da sociedade ou um dispositivo que organiza os membros sociais de tal modo que, ao contrário do que acontece com outras formas de pertencimento a categorias sociais, se instaura a competição entre os membros da mesma categoria e a solidariedade com os membros de outra categoria.

A autora acrescenta a isso, a discussão de que as mulheres constituem *status* sendo hierárquicas e, com isso, obtêm mobilidade social. Além disso, as mulheres reivindicam *status* através de meios simbólicos. Dessa forma, elas conquistam sua participação efetiva nas comunidades de que participam por meio do estabelecimento de demarcações simbólicas ligadas a traços de maior *status*. Logo, a conquista de espaço como membro de uma

comunidade é de autoridade e não de poder. Essa posição é contrária a dos homens, cujo *status* é definido não por meios preponderantemente simbólicos, mas por meio de realização e de posses, ou seja, pela ocupação de posições de poder.

O primeiro estudo quantitativo de sociolinguística a tratar de gênero foi o de Fischer (1958), no uso do (*ing*). O seu interesse estava em calcular a diferença no uso da variante /in/ por meninos e meninas. Ele descobriu que os meninos usam mais a variante que as meninas. Segundo Labov (1990), essa descoberta passou a ser geral, pois meninos mostram um alto uso de comportamento das variantes estigmatizadas, maior do que as meninas.

Eckert (2000) realizou um estudo em que os efeitos de gênero interagem com outras categorias sociais na organização de um sistema de variação linguística. Seu estudo foi com adolescentes que frequentavam uma escola no subúrbio de Detroit, por meio do qual explorou as práticas sociais que subjazem às diferenças de categorias sociais entre esses adolescentes. Eckert mostra no estudo que, nas práticas sociais escolares segregadas de que esses adolescentes participam, sua classe social, tal como estabelecida na base da ocupação e renda dos pais, é relevante, mas não determinante, interagindo com categorias simbólicas próprias dos adolescentes para a constituição de identidades sociais e de usos da língua inglesa.

O foco, em especial, nesse estudo de Eckert, é o de gênero, considerado fundamental em sistemas de categorias sociais. Gênero e classe social não são, pois, simplesmente categorias que se entrecortam, mas interagem de modo amplo.

Ela evidencia, nesse estudo, que a esfera extracurricular dos estudantes que frequentavam a escola constituiu-se em um sistema social organizadamente amarrado, altamente competitivo e hierarquizado, onde estudantes cooperavam e competiam para desenvolver carreiras corporativas individuais. Nesse contexto, encontravam-se os *jocks* e os *burnouts*. As categorias sociais dos *jocks* e *burnouts* estão fundamentadas na classe social dos adultos e na ordem social dos adolescentes. Elas provêm, de modo, geral, do contínuo socioeconômico alto e médio baixo.

As moças *jocks* eram chefes de torcida, com estilo de roupa e cabelo próprio, maquiadas. Viam as *burnouts* como rudes. Já as moças *burnouts* não se preocupavam com a imagem e viam as *jocks* como falsas. Os rapazes *jocks*, por sua vez, eram atletas escolares, apresentando masculinidade física e técnica. Já os rapazes *burnouts* demonstravam dureza, eram violentos, faziam barulho e se recusavam a participar nos esportes, prejudicando os times da escola. Dessa forma, fica evidente que havia competição entre homem *jock* e *burnout*, diferentemente da relação entre mulheres *jock* e *burnout*, que tinham um importante

elemento de distinção, o qual não se constituía na interação. Isso, também, aponta para o fato de que a diferença entre homens e mulheres dependia crucialmente da diferenciação das mulheres entre si e dos homens entre si.

Toda essa caracterização aponta para o que foi dito anteriormente quanto ao gênero feminino e ao masculino, pois as meninas adolescentes da escola constituem *status* e o reivindicam por meios simbólicos, conquistando o seu espaço como membro de uma comunidade com autoridade. Já os homens conquistam o seu *status* por meio de realização e posses. Emerge daí que gênero e categorias sociais organizam possibilidades, interesses, atividades e formas de participação na comunidade, ou seja, nas próprias práticas sociais. Logo, o estilo e as variações linguísticas são parte do estabelecimento mais amplo e profundo de um modo de ser, repleto de significado.

Eckert (2000, p. 164) sugere, pois, que essas relações emergem porque ocupação é

uma indicação da forma atual adulta de participação no mercado linguístico padrão, uma vez que educação é primariamente uma preparação para essa participação. Ela, de modo geral, evidencia que as mulheres, mais que os homens, sentem-se motivadas, socialmente, para explorar recursos oferecidos pela variação da linguagem, afirmando suas categorias sociais – no caso, gênero e classe social – interação de forma produtiva nas pesquisas sociolinguísticas.

Escolaridade é igualmente uma categoria social significativa nos estudos variacionistas. Em geral, observamos uma relação direta entre escolarização e o uso de formas de prestígio. Conforme Votre (1994, p. 77), o fenômeno da concordância no sintagma nominal em português está sujeito a graus distintos de estigmatização e “é exercitado em todos os níveis do ensino, com graus crescentes de exigência, à medida que os alunos avançam na escolaridade. É natural, portanto, que o efeito da escolarização se revele pronunciado, regular e constante”. Nesse sentido, as escolhas linguísticas do falante evidenciam maior ou menor grau de escolarização.

A escolaridade tem se mostrado importante em inúmeros estudos, com destaque para este, em que são citados os trabalhos de Scherre (1988), Amaral (2003) e Capelari (2004). Scherre, em sua tese de doutorado, em 1988, reanalisa a concordância nominal de número. Uma das variáveis sociais consideradas foi anos de escolarização (1 a 4 – antigo Primário; 5 a 9 – antigo Ginásial; 9 a 11 – antigo Colegial). Scherre concluiu que as variáveis sexo e grau de escolarização desempenham papéis importantes no fenômeno estudado. As mulheres e as pessoas mais expostas à escola se aproximam mais das formas de prestígio.

Um segundo estudo a ser explorado foi realizado por Amaral (2003), na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ele analisou a variação da aplicação de concordância verbal da segunda pessoa do singular, para tentar entender de que maneira esse tipo de concordância se correlaciona às estruturas sociais da cidade.

O autor elaborou um Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – VarX. O banco foi organizado com uma divisão equilibrada de informantes: gênero, faixa etária e classe social. Para a construção do *corpus* foi necessário estudar com profundidade aspectos referentes a classes sociais (ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade) e suas implicações linguísticas.

Ressaltamos um fator importante na pesquisa de Amaral (2003), a escolaridade. A sua coleta inicial consistiu de uma pesquisa por telefone, a fim de identificar o perfil de escolaridade por classe social da população pelotense. Após a constituição do *corpus*, foi aplicado um questionário social com cada informante. Esse questionário consistia de 36 perguntas de caráter sociolinguístico, com perguntas organizadas em sete conjuntos: dados pessoais, profissão, escolaridade, situação socioeconômica, orientação, atitudes e papel social.

Quanto aos resultados referentes às variáveis sociais, o principal deles é que a concordância verbal de segunda pessoa do singular está em fase de mudança socialmente motivada na comunidade de Pelotas. Em relação à faixa etária, os resultados demonstraram que as pessoas mais velhas aplicam maior taxa de concordância de segunda pessoa do singular. Em relação à classe social, os resultados indicam que os fatores que representam os mais favorecidos socialmente (os que têm maior renda e patrimônio, maior escolaridade e ocupação intelectual) aplicam mais a concordância.

Destacamos que essa pesquisa foi fundamental para a realização deste estudo. A escolaridade e a ocupação (associada à atuação profissional) dos pais das crianças com as quais esta pesquisa sobre concordância nominal de número foi realizada, foram fundamentais para caracterizar a classe social dos informantes.

Assim, vários estudos demonstram que a gradação de aplicação de concordância em português no Brasil respeita a tendência observada pela hierarquia social, isto é, quanto mais baixa a classe social, menor a taxa de concordância. Logo, os mais favorecidos socialmente retêm mais marcas de concordância. Esses achados são pano de fundo para o estudo da fala infantil a ser realizado aqui.

É fundamental trazer, ainda, o trabalho realizado por Capellari (2004), sobre a concordância nominal de número na fala infantil, pois uma de suas variáveis sociais é a escolarização. Destacamos que ela dividiu as crianças pesquisadas em crianças em idade pré-escolar e em idade escolar, pois acreditava que o ingresso no ensino formal, logo o acesso à língua escrita, exercesse efeito sobre a produção da concordância de número, o que não se confirmou em seus dados. Como resultados, Capellari (2004) encontrou na análise não-atômica percentuais iguais para os dois grupos, ou seja, tanto as crianças em idade pré-escolar quanto as em idade escolar obtiveram um percentual de 16% de aplicação da marca. De igual modo, os resultados da análise atômica foram diferentes da expectativa inicial, pois se obteve na pré-escolar 51% e na escolar 49%.

Para obter resultados mais concisos, submeteu seus dados à variável tipo de escola: pública ou particular. A diferença encontrada sinaliza para um maior índice de concordância padrão entre os alunos de instituições privadas, sugerindo um uso mais acentuado da forma padrão prestigiada entre as crianças de maior poder econômico.

Evidenciamos a importância das informações acima para a presente pesquisa. Isso porque as crianças pesquisadas frequentam, na sua maioria desde bebês, uma escola maternal privada, - situada em uma das regiões mais ricas do município. Os pais dessas crianças, na sua grande maioria, têm mais de treze anos de estudo e, como ocupação, realizam trabalhos classificados como técnicos, com a predominância dos trabalhos classificados como intelectuais (médicos, dentistas, enfermeiros, advogados, arquitetos, entre outras), conforme Chambers (1995).

Quanto à variável idade, é importante ressaltar que nos trabalhos quantitativos de tradição laboviana, a faixa etária sempre foi considerada fator importante, especialmente para o julgamento da relação entre variação e mudança, além de indicar associações importantes para a interpretação do valor social da variação. Assim, a oposição entre variação estável e variação ligada à mudança linguística foi, muitas vezes, associada a correlações significativamente distintas no uso de certas variáveis por faixas etárias mais jovens e mais velhas, dentro de faixas vistas como relevantes em um espectro que abrangia desde a adolescência à velhice. Também, em casos da avaliação social das variantes como prestigiadas e estigmatizadas, a faixa etária mostrou-se fator social relevante, uma vez que o uso de formas de prestígio pode estar ligado à ocupação ou profissão dos falantes, o que torna a faixa etária intermediária, já vinculada ao mercado de trabalho, especialmente sensível a

essas correlações. Ambas questões relativas à faixa etária estão presentes na pesquisa sociolinguística, desde as discussões de Labov (cf. LABOV, 1972).

Com relação a esse fator ou variável social, Eckert (1989; 1997b) oferece uma discussão densa e reveladora no que toca aos objetivos desta pesquisa. A autora define faixa etária como “o lugar da pessoa em um dado tempo em relação à ordem social: um estágio, uma condição, um lugar na história”. Acrescenta que, ao produzir um estudo variacionista de idade em relação à linguagem, estabelece-se uma conexão entre estágio da vida, história e identidade. Em outras palavras, um falante individual ou um grupo de falantes por idade, em um determinado momento, representa, ao mesmo tempo, um lugar na história e um estágio da vida.

Segundo Eckert (1997b), o estudo da idade como uma variante social exige que o foco esteja no *status* natural e social da idade. Ela salienta que a pesquisa quantitativa em variação nos primeiros anos da infância é relativamente recente. Para tanto, sugere o trabalho desenvolvido por Roberts (1993), que tem mostrado que a linguagem das crianças nesse estágio de desenvolvimento é inerentemente variável. Para Eckert, somente a idade é vista como engajada no uso maduro como “fazendo” linguagem melhor que “aprendendo”.

Andersen (1990), por sua vez, fornece ampla evidência de que crianças de idades muito iniciais se envolvem em complexa variação de registro e são perspicazmente cientes da relação entre papéis sociais e variação linguística.

Sealey (2000) apresentou uma abordagem inovadora na linguagem infantil. Ele analisou a linguagem usada para representar e construir crianças na cultura contemporânea britânica, explorando como o *status* social de ser uma criança é representado na linguagem usada por e para crianças.

No que se refere aos estudos de variação linguística na infância, evidencia-se que, além de serem relativamente novos, de modo geral, são realizados com crianças maiores, em idade escolar. Um dos primeiros estudos que incluem crianças como participantes é o de Fischer (1958). Ele constatou variação sociolinguística na fala de crianças - de 3 a 10 anos e variação estilística na fala de um menino de 10 anos. No entanto, ele não separou as crianças por idade, o que impossibilitou comparar os resultados com outros estudos.

Também o estudo de Romaine (1978) foi pioneiro na pesquisa sociolinguística dos dados de crianças. A autora investigou a variação estilística e social nos usos do inglês escocês por crianças de 6, 8 e 10 anos, ao olhar a produção de palavras com /r/ final. Em sua pesquisa, considerou gênero, idade e variação de estilo. As conclusões obtidas por Romaine

são dignas de menção, pois documentam a aquisição de variação social em falantes jovens, indicando serem esses falantes participantes da mudança linguística. Mais especificamente, conforme os resultados, as meninas estão tomando parte em mudança acima do nível de consciência, o que favorece uma variante de prestígio. Os meninos, por sua vez, estão tomando parte em mudança abaixo do nível de consciência, favorecendo a variante com menos, ou talvez, sem prestígio.

Labov (1989) estudou a variação linguística e estilística do apagamento do (-t/d) e (*ing*) em uma amostra pequena de crianças e seus pais na Filadélfia. Esse estudo é de grande relevância para discussão feita nesta tese, uma vez que revela uma mudança de direção no trabalho do autor, inicialmente interessado na investigação da variação linguística apenas a partir da faixa etária dos adolescentes. As descobertas relatadas pelo autor são as seguintes: meninos de sete anos reproduziram os padrões de seus pais de variação linguística e estilística no apagamento do (-t/d), com exceção de tratar verbos semifracos de forma idêntica às palavras monomorfêmicas. Essas crianças dominaram tanto a variação linguística quanto a estilística de alteração de (*ing*); as de seis anos dominaram somente a variação estilística, e as de quatro não demonstraram sinal de aquisição das restrições em alteração de (*ing*) como um todo.

Há vários estudos brasileiros, já citados, entre outros, que precisam ser retomados aqui, pois consideram o fator idade como variável, com o objetivo de verificar um comportamento linguístico diferenciado entre as faixas etárias consideradas nas diferentes pesquisas. Destacamos que os estudos realizados no Brasil, com adultos, de modo geral, têm evidenciado a faixa etária dos 25 aos 49 anos de idade, sendo que as mulheres são as que mais empregam a variante prestigiada.

Com relação à concordância nominal, Scherre (1988, p. 427-8) diz que: “o ápice das formas de prestígio é encontrado nas faixas etárias intermediárias devido às pressões do mercado de trabalho”, isso em situações de variação estável. Caso o fenômeno linguístico esteja passando por um processo de mudança, então os resultados com relação à faixa etária mostram uma distribuição inclinada, com as formas inovadoras predominando entre os mais jovens e as formas conservadoras predominando entre os mais velhos, enquanto que os indivíduos da faixa etária intermediária podem demonstrar um comportamento linguístico mais ou menos neutro, ou seja, usam ambas as formas, tanto as conservadoras como as inovadoras.

Simões (2005), em sua pesquisa, examinou o desenvolvimento da concordância nominal de número e da concordância verbal de primeira pessoa na produção oral de crianças monolíngues, adquirindo o português falado no Brasil. A pesquisadora encontrou resultados, na concordância nominal, em relação à idade, que apontam para a atuação cruzada entre faixa etária e processos de alfabetização e letramento. Os percentuais obtidos mostram um maior índice de aplicação de concordância padrão nas faixas etárias pós-alfabetização do que nas faixas pré-alfabetização. Para Simões, possivelmente, o ingresso da criança no ensino formal, por volta dos sete anos de idade, exerce efeito, ampliando o índice de aplicação da marca padrão de plural.

Capellari (2004), por exemplo, realizou sua pesquisa com crianças de 4 a 8 anos de idade, por meio da qual investigou a existência de diferenciação entre as faixas etárias em relação ao uso da regra variável, o que não foi evidenciado em seus dados: não existe uma diferença significativa entre os grupos etários. Não observou, também, uma relação entre concordância padrão e faixa etária, no sentido de estipular uma diferenciação quanto à produção de concordância padrão entre crianças mais novas e mais velhas. Os resultados obtidos por ela sugerem que o comportamento verbal das crianças, pelo menos dos 4 aos 8 anos, é igual. Ela, no entanto, evidencia que na amostra longitudinal tal diferença é percebida, o que, segundo ela, pode estar relacionado ao ingresso formal na escola e, conseqüentemente, ao acesso à língua escrita.

Assim, as descobertas e os resultados expostos nesses trabalhos evidenciam a participação ativa de crianças muito jovens na sua comunidade de fala. Essas descobertas justificam o interesse dos variacionistas por essa idade, tanto em razão de a variação na infância mostrar-se sensível a fatores sociais como pelo fato de terem os dados de crianças interesse para a compreensão de fenômenos de mudança. Acrescenta-se a isso a importância do cruzamento de variáveis internas com a variável faixa etária, o que permitirá identificar um processo diacrônico de construção da linguagem, em especial, neste estudo, da concordância nominal de número e suas formas variantes. Ressaltamos que, sendo a variação na infância o tópico de interesse desta pesquisa, na seqüência, prioriza-se um capítulo exclusivamente sobre variação.

Por fim, conforme comprovam diversos estudos de variação sociolinguística, ao lado de variáveis sociais observa-se, com semelhante importância, a variável estilística. Nesse sentido, em se tratando da compreensão dos fatores que constituem a área da sociolinguística,



no que toca às relações entre funcionamento linguístico e contexto social, lançamos um olhar, a um só tempo, aos fatores sociais e à diferenciação estilística.

É fundamental, ao tratar da questão estilística, trazer a contribuição de Labov (2008). Labov acredita que as variantes estilísticas são colocadas de lado, pois elas não têm sido tratadas por técnicas acuradas para medir a extensão da regularidade existente. O autor declara, sobre sua pesquisa na cidade de Nova York, que “além de um amplo espectro de variação social, também se relatou uma extensa variação estilística, dando a impressão geral de que qualquer um pode dizer qualquer coisa” (LABOV, 2008, p.91). Para ele, “a abordagem do sistema de Nova York requer dados muito mais ricos, por meio de entrevistas com indivíduos cuja posição social e história geográfica sejam conhecidas: aqui o problema da variação estilística se torna proeminente” (LABOV, 2008, p. 91).

Para garantir a produção de um espectro de diferentes estilos nas entrevistas realizadas em suas pesquisas, o autor formulou um protocolo de entrevista sociolinguística largamente aceito como eficaz na área, e chamado entrevista "laboviana". Nela, além de ser estimulado a falar sobre sua vida cotidiana, sobre suas histórias de vida, seu grupo social e sua comunidade, solicita-se ao entrevistado que narre uma situação em que o tópico garanta o envolvimento do falante com o tema de sua fala, baixando seu monitoramento linguístico e fazendo aflorar sua fala casual; um dos tópicos tradicionalmente propostos para tanto é a narração de episódio(s) em que o informante tenha passado por risco de vida.

Além desse espectro de estilos, Labov propõe ainda que sejam lidos textos pelos informantes, inclusive listas em que haja pares mínimos envolvendo a variável sob estudo. Assim, na própria estrutura da entrevista destinada à coleta de dados, há possibilidade de constatar não somente características da variante falada pelo informante, em termos de pertencimento a certo perfil histórico, étnico, social e geográfico, mas também seu espectro de variação estilística, partindo do estilo mais casual (fala não monitorada, ligada a temas envolventes) até o mais monitorado (leitura de lista de pares mínimos).

Vale destacar, também, a definição de Eckert (2005, p. 17) para estilo:

O indivíduo, portanto, não é um cavaleiro solitário livre, na matriz social, mas está amarrado na matriz social através de formas estruturadas. O indivíduo constrói uma identidade - um senso de lugar no mundo social- na participação equilibrada em uma variedade de comunidades de prática, bem como nas formas de participação em cada uma dessas comunidades. E a chave para todo este processo é a construção de práticas estilísticas.

Nesse sentido, Eckert (2008) afirma que o estilo caracteriza o indivíduo. Ela considera estilo, por um lado, como um ajuste situacional do falante no uso de variáveis individuais. Por outro lado, estilo é o modo como os falantes combinam variáveis para criar meios distintos de falar. Esses meios de falar são a chave para a produção de personalidade e, por sua vez, são tipos sociais peculiares localizados claramente na ordem social.

Para a autora, o significado da variação linguística reside no seu papel na construção de estilos. Estudar o papel da variação estilística em práticas sociais diversas envolve entender seu lugar como parte integrante da construção do significado social (ECKERT, 2005, p. 24). Logo, estilo (como a linguagem) é uma prática, uma atividade em que as pessoas criam significado social. Nas práticas sociais, nesse caso, nas práticas das crianças, elas moldam o seu jeito de falar, o que está também associado a sua identidade, à identidade local, da classe e da família, construindo o seu próprio estilo. Para tanto, elas movem seus estilos dessa ou daquela maneira, como movem sua personalidade através de situações de momento a momento, de dia a dia.

Assim, neste trabalho, está sendo observada a língua como um fenômeno social, partindo do princípio de que por meio do estudo de regras específicas é possível observar sistematicidade linguística em dados nos quais se demonstram variáveis, e não homogêneos. Além disso, parte-se dos seguintes pressupostos: as regras variáveis são regidas por fatores internos ao funcionamento da língua, e não se apresentam da mesma forma em diferentes contextos linguísticos; as regras variáveis são sensíveis a fatores sociais, de tal forma que o pertencimento a diferentes categorias sociais leva a diferentes usos dos recursos da língua; as regras variáveis são sensíveis à situação de uso da língua, pois fatores de estilo afetam os usos da língua. Este conjunto de pressupostos levou-nos à seleção da concordância nominal de número como subsistema de estudo do português, que viabiliza a discussão da aprendizagem da língua a partir deste mesmo conjunto de pressupostos.

Para melhor compreensão desta seleção de tópico de estudos e das decisões metodológicas que tomamos na pesquisa realizada, dedicamos a sessão seguinte à revisão da literatura pertinente à compreensão do funcionamento da marcação de concordância nominal de número no português falado no Brasil.

## 2.2 CONCORDÂNCIA VARIÁVEL

Os aspectos morfológicos relacionados aos dados que estão sendo examinados nesta pesquisa fazem parte da abordagem nesta seção, ou seja, os nomes e suas características, no que toca à flexão, e às combinações entre palavras que integram. Como referência, para esta etapa de estudos, temos Câmara (1978), Souza (1989), Perini (2000) e Liberato (2001), entre outros autores. O objetivo desses autores foi o de procurar definir uma estrutura para o Sintagma Nominal (SN) – estrutura complexa, formado em torno de um núcleo nominal, que pode exercer funções nominais em uma oração em português, tal como se apresenta na sintaxe portuguesa de variedade brasileira. Será analisada a estrutura frasal dos enunciados, a relação morfológica entre os elementos constituintes da frase, com ênfase no SN, devido ao estudo específico que aqui desenvolvemos, sobre concordância nominal.

### 2.2.1 A relação de concordância

Considerando as estruturas frasais da Língua Portuguesa, podemos entender e analisar seus elementos com base na relação entre eles. Para isso, é necessário conhecer as partes constituintes. Cada constituinte possui uma estrutura própria e pode ter comportamento sintático diferente (LOBATO, 2000).

Com base no exposto por Lobato (2000), pode-se classificar as palavras que compõem a sentença *A moça assustou o rapaz*, respectivamente, em artigo, nome, verbo, artigo e nome. No caso do agrupamento formado pelo artigo e pelo nome *a moça* e *o rapaz*, tem-se um Sintagma Nominal (SN), o que nos interessa, em especial, neste estudo.

Para Maria Cecília de Souza (1989), o SN consiste em um conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm relações de dependência e de ordem. Os sintagmas organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo. No caso do SN, o núcleo pode ser um nome (N) ou um determinante (PRO), como por exemplo, *As/essas/minhas crianças*, de forma simples. Em uma forma complexa, o determinante é formado por pré-determinante (quantificador), determinante de base (artigo e demonstrativo) e pós-determinante (numerais e possessivos) acrescidos do nome (N).

De forma complementar, para Azeredo (2000), o SN comporta um núcleo que, sendo um substantivo comum, poderá vir precedido de determinantes e precedido ou seguido de modificador. Para exemplificar, no SN *A grande quantidade de prata* classifica-se os constituintes da seguinte forma: determinante (A), modificador (grande), nome (quantidade), modificador (de prata).

Perini (2000), por sua vez, abandona a definição inicial de SN, considerada por ele, muito simples. Segundo o mesmo autor, o sintagma pode ser sujeito de alguma oração, para considerar a estrutura interna do SN. Exemplifica, dizendo que, em um SN, como em *Aqueles seus livros de psicologia*, é necessário analisar cada um dos adjuntos adnominais, pois apresentam comportamentos sintáticos diferentes. Portanto, desempenham uma função diferente da dos demais constituintes. Logo, Perini (2000) considera suficiente analisar os termos do SN, quanto às posições, a fim de revelar os grandes traços da estrutura. Assim, ele divide o SN em duas estruturas: uma estrutura que está à esquerda, composta dos elementos que precedem o núcleo; outra estrutura que está à direita, composta do núcleo e dos elementos que seguem o núcleo.

Uma vez exposta e compreendida a estrutura do SN, é possível aprofundar o conhecimento sobre concordância nominal, em especial, de número, que se dá no SN. Para tanto, vamos conhecer a concepção de concordância para alguns teóricos.

De acordo com Câmara (1978), o sistema de flexão nominal de número no léxico português caracteriza-se como um mecanismo simples e uniforme, que consiste de um contraste entre uma forma singular, sem marca própria que a distingue, de outra plural, caracterizada pela adição do sufixo *-s*. Assim, as complexidades estão restritas às mudanças morfofonêmicas, pelas quais passam certos itens lexicais ao serem pluralizados. Podem ser citados os casos de itens terminados em *-r*, *-l*, *-z* e do ditongo nasal *-ão*. Os vocábulos que terminam com as consoantes acima mencionadas, ao serem pluralizados, aumentam o material fônico com o acréscimo dos alomorfes *-es* e *-is*. Os de estruturas terminadas pelo ditongo nasal *-ão* compreendem três realizações: *-ãos*, *-ões*, *-ães*.

Perini (2000) define concordância como, tradicionalmente, uma espécie de exigência de harmonização de flexões entre os diversos constituintes de uma construção. Dito de outra forma, os elementos que se harmonizam flexionalmente guardam entre si um acordo formal em que um aparece como determinante e outro como determinado.

Há dois tipos principais de concordância: a concordância entre o sujeito e os elementos verbais de uma oração e a concordância entre diversos elementos nominais, tradicionalmente classificados como substantivos, adjetivos, artigos, numerais e pronomes. Cabe destacar que o nosso estudo focaliza a concordância entre os diversos elementos nominais.

Perini (2000) afirma que para haver concordância, a exigência é de que certos traços sejam idênticos em vários constituintes. Como exemplo, na frase *Minhas sobrinhas ganharam um cavalo*, os traços de terceira pessoa e de plural, considerados como presentes no SN *minhas sobrinhas*, de certa forma, reproduzem-se no verbo que preenche os elementos verbais *ganharam* e não *ganhou*. Outro exemplo está no SN *minhas sobrinhas*, onde *sobrinhas* é marcado no léxico como feminino; conseqüentemente, o vocábulo *minhas* também fica no feminino, não sendo possível empregar a forma *meus*.

Pode-se dizer, então, que, em sua maioria, as palavras variam em gênero e pessoa, e variam, ainda, em número. Em geral, todas as palavras que possuam traços de número podem estar no singular ou no plural (*meu/meus*). Em outras palavras, a maioria dos itens, sejam eles substantivos ou adjetivos, apresenta sistematicamente uma forma de singular e uma forma de plural.

Esta noção inicial faz-se necessária para que se compreenda a concordância nominal dentro do SN. Essa concordância corresponde ao processo que harmoniza a flexão de certos componentes do SN a traços do núcleo. Como exemplo, podemos dizer *Essa mesa nova, esses livros novos*, mas não *essa livro novas*. Nestes exemplos, os traços de número em *mesa* e *livros* fazem com que os outros termos do SN, como *esse* e *novo* assumam determinadas formas que concordam com esses traços. Esta análise implica em conferir *status* especial ao núcleo do SN; os demais elementos precisariam adaptar sua flexão de gênero e de número para harmonizar-se com a cabeça do sintagma.

Vale acrescentar a este estudo o artigo de Cintra (2004) sobre a abordagem de Câmara (1978) para a flexão nominal em português. No referido artigo, ele analisa tanto gênero quanto número; no entanto, nos interessa aprofundar o conhecimento sobre número.

Segundo Cintra (2004), o tratamento de Câmara (1978) para a flexão nominal difere em natureza da abordagem tradicional por ser uma análise sincrônica formal, baseada na apreensão de formas únicas associadas à característica da estrutura. Ressalta-se que Câmara (1978) tem por base a língua em uso.

Ainda em relação à abordagem tradicional, segundo Câmara (1978), o singular, sem marca característica, opõe-se a um plural marcado pelos sufixos *-s* e *-es*. Ele trata também o número como oposição privativa, em que o membro marcado, o plural, se opõe a um membro não marcado, o singular, representado por um morfema zero.

O suposto plural em *-es* decorre da recuperação da vogal temática *-e* da maioria das palavras terminadas em consoante no singular, adicionando-se a ela o morfema de plural com eventual operação de processos morfofonológicos. Tais processos envolvidos enfatizam a regularidade de formação do plural, sempre com o sufixo *-s*, exceto no caso de paroxítonas terminadas em *-is* átono ou de certos monossílabos em *-s* em que ocorre um alomorfe zero do morfema de plural. Câmara (1978), para a análise desses casos, parte de formas teóricas, em grande parte, dedutíveis sincronicamente. Apenas no caso das palavras em *-ão*, recorre a uma análise mais complexa, que parte da consideração das formas plurais.

Essa análise difere, portanto, significativamente da análise tradicional por postular um único sufixo. Assim, demonstra a unicidade do processo de flexão de número. Nesse sentido, Cintra (2004) destaca o progresso da análise de Mattoso Câmara (1978) em relação à análise tradicional, por considerar a expressão oral, por incorporar fatores antes não considerados e também por introduzir considerável simplicidade ao desenvolvimento do processo.

Para Corbett (*apud* CINTRA, 2000) o conceito de número pode indicar que a referência é a um único elemento, como na presença de um numeral, como em *Esperei por uma hora*, de um artigo (definido ou indefinido), como em *Li o livro*, *Li um livro* ou, ainda, um pronome demonstrativo, como *Este livro é caro*, ou indefinido, como em *Qualquer pessoa sabe disso*. Depreende-se, pois, que, conforme o autor, o chamado singular seria mais adequadamente conceituado como referência ao número, enquanto que a marca de plural indica referência a um número indefinido, o “mais de um” da definição tradicional.

Essa característica dos nomes substantivos é que vai determinar a concordância (aqui discutida apenas do ponto de vista do número), a qual se manifesta pela seleção da forma adequada dos modificadores do substantivo (artigo, pronomes demonstrativos e indefinidos, adjetivos), esses sim dotados de flexão. O exposto é reforçado por Rosa (2000, p. 126), no exemplo *Eu não tenho amigos*, *eu tenho um amigo*. Nesse caso, ela diz que não é a natureza da frase, a estrutura da oração que determina o emprego da forma singular ou plural do substantivo. É a situação.

Logo, a proposta de Câmara (1978) faz com que seja reinterpretado o sistema tradicional de quatro morfemas em dois aditivos, denominados especificador [ESP] e numeral [NUM], que se podem acrescentar ao substantivo, não sujeito à flexão. Apresentarão flexão, pois, apenas os modificadores do substantivo.

Cintra (2004) conclui acrescentando a observação de que a aplicação das regras de concordância no português é de âmbito variável, em função do nível de linguagem considerado. Na variedade socialmente privilegiada, denominada norma culta ou língua padrão, todos os modificadores do substantivo devem concordar com ele quanto à especificidade e quanto à referência. Já em outras variedades, o funcionamento do sistema é diverso.

Como vimos afirmando, a presente pesquisa trata da concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal do ponto de vista da sociolinguística variacionista. Nesse sentido, a observação de Cintra (2004), acima destacada, é de fundamental importância para a análise a ser realizada aqui: no português falado no Brasil, opera a regra de concordância entre elementos do sintagma nominal no que toca às marcas que indicam a oposição semântico-pragmática “singular *versus* plural”; essa harmonização formal, entretanto, apresenta-se variável, no uso da língua falada.

Parte-se, então, do princípio de que cada elemento de um sintagma nominal constitui um dado de análise, cuja marca formal de plural pode ser caracterizada pelo acréscimo do morfema plural /s/. Pensando assim, cada elemento do SN constitui um dado relevante em nossa análise e, por esse motivo, codificaremos nossos dados considerando a presença em oposição à ausência do morfema de número. Nesse sentido, o sintagma deve conter pelo menos uma marca formal de plural, para que seja considerado um segmento sob análise. Assim, os sintagmas nominais abaixo exemplificados em (1), (2), (3) e (4), embora realizem variavelmente a harmonização de marcas de plural entre os itens do sintagma nominal, são todos sintagmas nominais plurais de ocorrência verificável nas variedades brasileiras do português. Estes são os tipos de ocorrência sob investigação aqui, em seu uso por crianças entre três e seis anos de idade, falantes de uma comunidade de fala do sul do Brasil.

- (1) os bichos
- (2) os quatro bicho
- (3) o meus brinquedo
- (4) as quatro flores vermelhas

Na sequência, apresentaremos alguns trabalhos cujo embasamento teórico é a Teoria da Variação e que focalizam a concordância nominal de número. Veremos que, para alcançar uma compreensão abrangente dos usos que fazem os falantes brasileiros de estruturas como as exemplificadas em (1) a (4), em conformidade com os princípios da sociolinguística acima discutidos, tais trabalhos levam em considerações fatores sociais e linguísticos, de modo a caracterizar a sistematicidade do funcionamento da regra variável de concordância nominal nesta língua.

### 2.2.2 Descrição sociolinguística da concordância nominal no português do Brasil

Para Zilles (2005), a variação de concordância nominal é uma das características gerais e típicas do português popular do Brasil. Em outras palavras, há muitas ocasiões em que as pessoas produzem sintagmas nominais plurais nos quais falta, em algumas palavras, o morfema de plural, como nos exemplos (2) e (3) acima. Para caracterizar a presença e o funcionamento desse fenômeno na fala do português do Brasil, traremos vários estudos sobre concordância de número desenvolvidos no Brasil.

A primeira pesquisa sobre concordância nominal de número no sintagma nominal, com base na Teoria da Variação Laboviana, foi realizada por Braga e Scherre, em 1976. A pesquisa foi desenvolvida com sete falantes residentes no Rio de Janeiro, de três classes sociais. Como variáveis linguísticas, as autoras investigaram: posição linear do elemento (no exemplo (4) acima, temos *as* em primeira posição; *quatro* em segunda posição; *flores* em terceira posição e *vermelhas* em quarta), grau de saliência fônica na oposição singular/plural (por exemplo, *bichos* e *flores*, exemplificados em (1) e (4) acima, que se contrastam por diferença de acréscimo de material fônico às palavras singulares *bicho* e *flor*, respectivamente), natureza fonológica do contexto seguinte (se a palavra em questão é seguida por vogal, consoante ou pausa), categoria morfológica do primeiro elemento do SN (em termos das classes gramaticais tradicionalmente estabelecidas, como artigo, possessivo, numeral, etc.) e grau de formalismo (em termos de contrastes estilísticos entre uma elocução mais formal e monitorada e outra menos formal ou distensa).

Como resultados, encontraram: o primeiro elemento do SN é o mais marcado, sendo que as demais posições influenciaram o cancelamento da marca de plural nas três classes. Quanto à variável grau da saliência fônica na oposição singular/plural, nas classes média-alta e média, os fatores alteração da sílaba final e plural duplo (palavras nas quais há alternância



de vogal no interior da palavra, além do acréscimo de /s/ na forma plural; por exemplo, *porco/porcos*, em que as formas singular e plural são pronunciadas com contraste na abertura da vogal /o/) exerceram influência sobre a aplicação da concordância nominal de número; na classe baixa, nenhum fator exerceu influência; nas três classes, os itens lexicais no singular terminados em /s/ desfavoreceram o emprego da concordância nominal. Quanto à variável natureza morfológica do contexto seguinte, na classe média e baixa, a presença da vogal ou da consoante na palavra seguinte parece não exercer influência sobre a aplicação da regra, já na classe média alta, o contexto seguinte constituído de vogal tende a favorecer a concordância. A variável categoria morfológica do primeiro elemento do SN mostrou-se irrelevante quanto à aplicação da concordância nominal. Quanto ao grau de formalismo, os falantes de classe média e baixa, em situações tensas, aplicam mais a concordância que em situação distensa.

No ano seguinte, 1977, Braga, em sua dissertação de Mestrado, analisou os dados de sete informantes, entre 15 e 20 anos, de classe média e baixa, nascidos e criados no Triângulo Mineiro. Para a distribuição dos informantes por classes, foram considerados critérios como grau de instrução (Primeiro Grau e não Primeiro Grau), local de estudo (escola pública e escola particular), ocupação (trabalho e estudo simultâneos ou simplesmente estudo) e local de moradia (mora com a família ou com o empregador).

Ela analisou os dados por ela obtidos nessa investigação a partir das mesmas hipóteses linguísticas anteriormente examinadas, a fim de verificar semelhanças e diferenças de seus dados em comparação aos padrões do Rio de Janeiro. As principais variáveis linguísticas analisadas por Braga (1977) foram: contexto fonológico seguinte, distância dos elementos do SN (por exemplo, entre (1) e (2) acima, há contraste em termos da distância entre o artigo *os* e o substantivo *bicho(s)*), grau de saliência fônica na oposição singular/plural, grau de formalismo e categoria morfológica do primeiro elemento do SN.

Quanto aos resultados, Braga (1977) encontrou que, quanto à presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, os informantes de classe média tendem a apresentar uma porcentagem mais elevada de aplicação da regra de concordância nominal em relação à classe baixa. Em se tratando do grau de saliência fônica, na oposição singular/plural, na classe média, o padrão é sempre menor na situação distensa; já na classe baixa, foi observada uma diferença de padrão nas situações tensa e distensa. Quanto ao grau de formalismo, os informantes de classe média aplicam mais a regra de concordância em situação tensa; a classe baixa não apresenta um padrão regular. Com respeito à classe social do falante, a autora percebeu que, como se esperava, os falantes de classe média

apresentaram tendência a aplicar mais vezes a regra de concordância nominal que os de classe baixa (BRAGA, 1977, p. 32)<sup>1</sup>.

Ponte, em 1979, também em sua dissertação de Mestrado, analisou os dados de vinte informantes, dez homens e dez mulheres, entre 30 e 45 anos, semiescolarizados, de classe baixa, moradores da Vila Santa Rosa, subúrbio pobre de Porto Alegre. Os dados obtidos foram comparados com os de Minas Gerais, estudados por Braga (1977) e os do Rio de Janeiro, estudados por Scherre (1978). Como variáveis, Ponte explorou: posição superficial dos elementos no SN, natureza flexional do segmento precedido, processos morfofonológicos de formação do plural, sexo dos informantes e diferenças de atuação entre eles.

Quanto aos resultados, de modo geral, ela encontrou: o primeiro elemento do SN favorece enormemente a aplicação da regra, e as demais posições a inibem; segmentos precedentes não flexionados e sem marca semântica de plural na posição zero favorecem a aplicação da regra; segmentos precedentes flexionados ou com a marca semântica de plural em quaisquer posições inibem a aplicação da regra; quanto à variável processos morfofonológicos de formação do plural, com exceção de plural metafônico, os demais fatores inibem a regra de concordância; as mulheres aplicam a regra com um pouco mais de frequência que os homens. Vale ressaltar que Ponte (1979) analisou a atuação dos informantes, os quais condicionaram fortemente a regra de concordância nominal; ou seja, houve variação no uso da concordância de um indivíduo a outro na amostra obtida.

A concordância nominal e verbal foi analisada por Carvalho Nina, em 1980, em sua dissertação de Mestrado. Em seu estudo, analisou dados de vinte informantes adultos analfabetos, de classe baixa, entre 20 e 65 anos de idade, de dez municípios da área rural da microrregião bragantina, nordeste do estado do Pará. Quanto às variáveis sociais, analisou sexo e idade, organizando a amostra em três categorias – adultos novos, adultos médios e adultos velhos. Quanto às variáveis linguísticas, analisou grau de saliência fônica na oposição singular/plural, distância dos elementos no SN e natureza flexionável do elemento precedente no SN.

Quanto aos resultados, Nina (1980) encontrou: a primeira e a segunda posições favorecem a aplicação da marca; o plural duplo atua positivamente na inserção da marca; segmentos precedentes não-flexionados e na posição zero provocam a flexão de plural de um ou outro elemento do sintagma, favorecendo a ideia de que a pluralidade deve estar contida na informação morfológica. Destaca-se que a influência do segmento precedente flexionável, em

---

<sup>1</sup> O mesmo tipo de estudo foi realizado no mestrado de Scherre (1978), pesquisando falantes do MOBREAL.

posição zero, com marca formal de plural e carga semântica de plural foi relevante na concordância de número. O condicionamento dos fatores extralinguísticos sexo e idade, na concordância nominal, foram relevantes, mas relativamente fracos, em termos estatísticos, em comparação aos fatores linguísticos.

Guy, em 1981, realizou um importante estudo sobre a concordância nominal de número, com base em amostra obtida no Rio de Janeiro. Ele analisou os dados de alunos do MOBREAL, semianalfabetos, pertencentes ao *corpus* da pesquisa Competências Básicas do Português. Guy (1981) trabalhou com as probabilidades de apagamento da marca de plural em 20 entrevistas de falantes entre 15 e 54 anos. As variáveis analisadas por Guy (1981) foram: contexto fonológico seguinte, posição do elemento no SN, morfologia de transformação do item singular/plural – formação do plural regular, estilo de fala. Quanto a variáveis sociais, considerou idade e sexo.

Destacamos os principais resultados encontrados por Guy (1981): os sons consonantais atuam em favor do apagamento, enquanto que, com os sons vocálicos, o processo é inverso; as consoantes mais sonoras favorecem o apagamento, já a pausa favorece a presença da marca; a primeira posição evidenciou maior porcentagem de aplicação da marca (95%); o plural metafônico e o plural dos itens terminados por /-r/, /-l/, /-z/ favorecem a aplicação da regra; o estilo casual favorece a elisão da marca de plural, enquanto que a fala formal atua de modo inverso; adultos jovens apagam mais o /-s/ que os adultos velhos e os jovens; as mulheres preocupam-se com a concordância, usando mais marcas.

Scherre (1988) retoma o tema de sua dissertação de Mestrado e reanalisa a concordância nominal de número em sua tese de Doutorado, à luz da teoria funcionalista. Nesse estudo, a autora parte de uma amostra mais controlada e composta por maior número de informantes. Vale destacar desde já que, em virtude da influência que teve este trabalho para pesquisas posteriores realizadas acerca do problema sob investigação aqui, Scherre (1988) servirá de base para muitas das decisões metodológicas que tomamos em nossa investigação. Destacamos, em especial, aquelas relacionadas aos fatores linguísticos levados em consideração no dito envelope de variação e à divisão da análise em atomística e não-atomística, conforme detalharemos no capítulo relacionado ao nosso método de investigação, a seguir.

Conforme mencionado acima, a autora realizou seu estudo sob duas perspectivas: uma atomística, analisando cada elemento do SN isoladamente, e a outra, não-atomística, analisando a configuração global do sintagma. O *corpus* de sua amostra é formado por 64

entrevistas de falantes radicados na cidade do Rio de Janeiro, sendo que 48 deles são adultos e 16 são crianças. Os 48 falantes eram de 15 a 71 anos; os 16 falantes eram de 7 a 14 anos.

As variáveis sociais consideradas para a análise e a composição da amostra de 48 entrevistas foram: anos de escolarização (1 a 4 – antigo Primário; 5 a 9 – antigo Ginásial; 9 a 11 – antigo Colegial), sexo (homens e mulheres) e faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; mais de 50 anos). As variáveis linguísticas consideradas foram: processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade dos itens lexicais singulares, número de sílabas dos itens lexicais singulares, posição linear do elemento no SN, classe gramatical do elemento nominal, marcas precedentes do elemento nominal analisado (por exemplo, em *os bichos*, o elemento *bichos* é precedido por marca; já em *os quatro bicho*, o elemento *bicho* não é precedido por marca), contexto fonético/fonológico seguinte, função sintática do SN, animacidade dos substantivos e grau dos substantivos e adjetivos. Em sua análise atomística, a pesquisadora extraiu 13.229 dados de 7.193 SNs.

Para sua análise, ela lança mão de princípios de gramática funcionalista para explicar os fatores que atuam no favorecimento da marca de plural. Conforme a interpretação de Scherre (1988) para seus resultados estatísticos, o estudo revelou a atuação funcional do Princípio de Processamento Paralelo. Esse princípio corresponde a uma tendência ao agrupamento de formas semelhantes, em virtude dos processos mentais associativos presentes no desenvolvimento linguístico. Logo, constatou que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, indicando harmonia formal tanto interna à estrutura sintagmática como entre diferentes sintagmas de determinado contexto, no que diz respeito à aplicação da regra de concordância nominal.

Ela evidenciou, também, que a variável saliência fônica evidencia que um item lexical não regular para a formação de plural tem mais chances de ser marcado, o que se explica com base no Princípio da Saliência, também encarado como um princípio gramatical de natureza funcional. Esse princípio diz que formas mais salientes são mais perceptíveis; portanto, mais marcadas. A pesquisa constatou, ainda, que os substantivos com traços [+humanos] tendem a ser mais marcados do que os que apresentam traços [- humanos].

O Princípio da Topicalidade ajuda a explicar que os sintagmas à esquerda da oração são frequentemente mais marcados que os que se apresentam à direita. Scherre (1988) recorreu ao Princípio da Iconicidade, frequente em análises gramaticais de inspiração funcional, para explicar a relação dos elementos não-nucleares, em função do núcleo e a

posição dos elementos nucleares no SN, em nível atomístico. Os resultados apontam para o favorecimento de marcas (87%) em itens antepostos ao núcleo.

Já o Princípio da Economia não teve tanta importância para a análise, contrariando suas previsões. Conforme a discussão da autora em suas hipóteses, uma vez marcada a pluralidade do sintagma no primeiro elemento, seriam desnecessárias marcações nos demais constituintes, mas isso não ocorre em muitos casos, desconfirmado a atuação do dito Princípio da Economia.

Após a análise tanto atomística quanto não-atomística da concordância nominal de número, Scherre (1988, p. 515) concluiu:

Em verdade, o fenômeno da concordância nominal transcende o limite dos subsistemas linguísticos tradicionais e se configura também como um fenômeno discursivo, no sentido de que faz referência a relações que se estabelecem além das fronteiras oracionais, do tipo a pluralidade do contexto ao redor das estruturas nominais analisadas.

Ainda em Scherre (1988, p. 519):

Dentre os princípios arrolados para explicar o fenômeno em questão, o Princípio do Processamento Paralelo tem especial relevância neste trabalho, no sentido de que ele é capaz, não apenas de explicar a atuação da variável marcas precedentes e posição, a nível atomístico, e a pluralidade do contexto, a nível global, mas, também, porque ele se mostra eficaz para explicar o funcionamento de um expressivo conjunto de fenômenos do português do Brasil, bem como o funcionamento de fenômenos de um número nada desprezível de línguas naturais.

Quanto às demais variáveis linguísticas, Scherre (1988) concluiu que os processos de formação de plural e a tonicidade dos itens lexicais singulares influenciam a concordância de número entre os elementos do SN; o número de sílabas dos itens lexicais singulares não exerce influência sobre a concordância de número entre os elementos do SN; o plural duplo favorece mais a aplicação da regra, já o plural regular a inibe; oxítonos e monossílabos tônicos influenciam a concordância nominal. Logo, quanto mais diferença fônica mais concordância.

Scherre (1988) também encontrou como resultado: a primeira posição é a mais marcada, sendo que não há resultado inferior a 0,70; qualquer classe gramatical em primeira posição tende a ser mais marcada que em outras posições; ausência de marca fora do SN e zero na primeira posição favorece a concordância e a presença de pelo menos uma marca antes do elemento analisado a desfavorece relativamente. Vale ressaltar que numerais favorecem relativamente a concordância e o sintagma preposicionado a desfavorece. Scherre (1988), em sua tese, transformou essas três variáveis em duas: marcas precedentes em função

da posição e relação entre elementos nucleares e não- nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN.

A pesquisa ainda encontrou que a presença de uma consoante seguinte favorece sensivelmente a inserção de marca formal de plural, enquanto a presença de uma vogal a desfavorece. A variável função sintática do SN mostrou-se irrelevante. Quanto aos traços mórficos, semânticos e estilísticos do substantivo e/ou do adjetivo, Scherre (1988) concluiu que o número de marcas formais de plural no SN é também condicionado por traços estilísticos (formalidade), semânticos (animacidade) e mórficos (grau normal/diminutivo/aumentativo) dos substantivos e adjetivos.

Quanto às variáveis sociais, Scherre (1988) concluiu que as variáveis sexo e grau de escolarização desempenham papéis importantes no fenômeno estudado. As mulheres e as pessoas mais expostas à escola se aproximam mais das formas de prestígio. A faixa etária foi a variável social convencional que revelou ter menos influência. Assim, o comportamento das três variáveis convencionais indicou que a concordância de número no SN refletia um estágio de variação sociolinguística estável, uma vez que a evidência de diferenças entre faixas etárias é considerada, em sociolinguística, reveladora de mudança em curso.

Scherre (1988) realizou, ainda, uma análise não-atomística, somente com os falantes adultos. Considerou como variáveis: configuração sintagmática do SN, pluralidade do contexto, função textual do SN, local do SN em relação ao verbo ou à ação, *status* informacional do SN, grau de formalidade do SN, pluralidade do SN, animacidade do SN e saliência fônica na dimensão processos.

Como resultado geral, Scherre (1988) constatou que as variáveis saliência fônica, relação entre os elementos do SN/configuração sintagmática do SN, marcas precedentes e posição/pluralidade do contexto e formalidade léxica/formalidade do SN atuam sobre os elementos do SN e sobre o SN como um todo, evidenciando-se as tendências sistemáticas da variação.

Para finalizar esta revisão dos resultados de Scherre (1988), chamamos atenção para o fato de que a autora não reuniu dados sobre crianças menores de sete anos e que seus resultados gerais evidenciam as seguintes médias percentuais: na análise atomística 72% de elementos marcados nos dados dos falantes adultos e 65% nos dados das crianças; na não-atomística, 51% de elementos marcados, apenas dos dados de falantes adultos.

Fernandes, em 1996, em sua dissertação de Mestrado, analisou o comportamento da concordância nominal de número plural no português do Brasil, em especial, a variação linguística urbana da região Sul. O trabalho foi desenvolvido com 47 informantes do projeto VARSUL, dos três estados da região Sul, em situação informal, e a fala de 19 informantes de diferentes procedências regionais, coletadas durante a defesa de dissertação de Mestrado, a fim de constituir a amostra de situação formal. O trabalho desenvolvido por Fernandes (1996) também serviu de base para a nossa análise, porque tem a sua amostra realizada nos estados que compõem a região Sul.

Como já dissemos, os dados que constituem a situação informal foram retirados do banco de dados do Projeto VARSUL. Foram trinta minutos de fala de 48 informantes, divididos nas seguintes categorias: 12 informantes de etnia açoriana (Florianópolis – SC), 12 informantes de etnia italiana (Chapecó- SC), 12 informantes de etnia alemã (Panambi – RS) e 11 informantes de etnia eslava (Irati – PR), levando em consideração idade (25 a 49 anos e mais de 50), sexo (masculino e feminino) e escolarização (primário, ginásial e colegial). Obteve 5.424 dados. Os dados que constituíram a situação formal foram obtidos nos programas esportivos de televisão, entrevistadores de televisão, além das já citadas defesas de dissertação de Mestrado.

Fernandes (1996) considerou as seguintes variáveis linguísticas: relação do item analisado com o núcleo, posição linear do elemento no SN, marcas precedentes, saliência fônica, processos morfofonológico de formação de plural, classes gramaticais, contexto seguinte e animacidade dos substantivos e dos adjetivos. As variáveis sociais foram as seguintes: idade, nível de escolarização, sexo, etnia e formalidade da situação de fala.

Quanto às variáveis linguísticas, Fernandes (1996) concluiu que a aplicação ou não de uma regra de concordância é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo desse sintagma; a classe gramatical dos elementos não é muito significativa nos estudos de concordância em si; a variável “marcas precedentes” é muito significativa nos estudos da concordância. Ela constatou também que as formas mais salientes são mais perceptíveis, logo mais marcadas, o que indica, em seus dados, a necessidade de combinar os fatores processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade do item lexical; animacidade não interfere na aplicação ou não da regra de concordância.

Quanto às variáveis sociais, os resultados evidenciaram que escolaridade é o fator social que mais influenciou a aplicação da regra de concordância; as mulheres de 25 a 49 anos

aplicam mais a regra de concordância; os eslavos e os alemães aplicam mais a regra do que os açorianos e os italianos; quanto mais formal a situação, maior aplicação da regra.

Elza Sabino da Silva Bueno (2002) estudou a influência de variáveis relacionadas à concordância de número no português do Brasil. Para tanto, coletou dados sobre concordância gramatical de número entre os elementos constituintes do SN, em 144 informantes homens e mulheres, com pouca ou nenhuma escolaridade, distribuídos por três faixas etárias e moradores em seis localidades distintas no Estado de São Paulo. Todos eram trabalhadores rurais, cortadores de cana de açúcar, ativos ou inativos. Realizou a análise das variáveis extralinguísticas faixa etária, sexo, escolaridade e localidade em que reside o falante.

Ficou evidente, em seu estudo, que o fenômeno da concordância de número no português falado no Brasil é fortemente influenciado por variáveis sociais. Entre suas principais conclusões constam as seguintes: informantes entre 15 e 29 anos empregam a forma padrão (como justificativa, acredita-se que a preocupação dos jovens seja com o futuro incerto da profissão); as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio; a escolarização interage com o sexo, uma vez que a escolarização atua mais sobre o componente linguístico das mulheres; por fim, falantes alfabetizados usam mais a marca de concordância.

Em 2003, Koelling, em sua dissertação de Mestrado, analisou a concordância nominal de número em 24 entrevistas do projeto VARSUL, realizadas em Porto Alegre. Os dados foram confrontados com os de Scherre (1988) e Guy (1981). A pesquisadora apoiou-se em princípios funcionalistas para a explicação dos resultados, em termos de condições de distintividade, segundo as quais a informação semanticamente relevante tende a ser preservada. Acrescido a isso, as condições de nivelamento, segundo as quais a alomorfa, em paradigmas, tende a ser eliminada. Assim, ela acredita que a regra de concordância nominal esteja sendo condicionada por esses dois conjuntos de fatores linguísticos.

Koelling (2003) constituiu a amostra de 24 entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL, coletados em diferentes bairros de Porto Alegre, abordando a vida do habitante da cidade. Como critério para coleta, considerou: sexo, idade e escolaridade. A amostra ficou constituída de duas células para sexo (masculino e feminino), duas para idade (abaixo de 50 anos e acima de 50 anos) e três células para escolaridade (primário, ginásial e segundo grau). A pesquisadora optou, em seu estudo, por realizar apenas a análise atomística, analisando as seguintes variáveis linguísticas: processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade, posição linear do elemento no SN, posição do elemento em relação ao núcleo do



SN, contexto fonológico seguinte, traço dos substantivos, marcas precedentes ao elemento analisado.

Como resultados principais, Koelling (2003) encontrou: 76% de concordância nominal na análise dos dados; a primeira posição marcada de forma categórica; a variação da concordância nominal fortemente marcada nas posições que sucedem as formas com diferenciação de material fônico quanto à singular/plural e são mais marcadas do que itens com pouca distinção. A análise mostrou, ainda, que a presença de duas ou mais marcas de plural anteriores ao elemento em estudo favorecem mais a regra do que elementos precedidos por ausência de marcas, fato esse que, conforme a autora, pode ser explicado pelo Princípio do Processamento Paralelo, já proposto por Scherre (1988). Logo, elementos antepostos favorecem mais a aplicação da regra do que elementos pospostos. Por último, Koelling (2003) constatou que quanto mais anos de escolarização, maior a aplicação da concordância nominal.

A partir dos resultados obtidos, ela constatou que a concordância de número no SN é uma regra variável em Porto Alegre, principalmente nos elementos que sucedem a primeira posição. Além disso, a pesquisa revelou que o comportamento variável do fenômeno é condicionado por fatores de ordem linguística e social.

Leila Minatti Andrade (2003), em seu estudo analisou a concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do SN. As variáveis linguísticas de análise foram as seguintes: posição dos elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo no SN, marcas precedentes, processo morfofonológico de formação do plural, tonicidade dos itens, grau dos adjetivos e substantivos. Como variáveis extralinguísticas optou por idade (25 a 49, mais de 50), nível de escolaridade (Primário, Ginásio, Colegial), sexo (M e F) e cidade (Tubarão e São Borja), em um total de 24 informantes.

Andrade (2003) encontrou, como resultados, que a primeira posição do SN favorece a inserção da marca formal de plural; no entanto, quando a segunda posição é ocupada pela mesma classe gramatical, que aparece na primeira posição, ela não favorece a aplicação da regra; substantivo na primeira posição favorece mais a aplicação da regra que os próprios determinantes na primeira posição; os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição. Quanto à saliência fônica, comprovou-se a literatura, ou seja, formas mais salientes, conforme a autora, são mais perceptíveis, logo, mais marcadas. Na variável marcas precedentes, ela obteve o seguinte resultado: quando a primeira posição não é marcada, há grande chance de ocorrer marcação na posição seguinte; se a primeira posição é marcada, a segunda tem chance de ser não-marcada; se a primeira e a segunda posição são marcadas, a

terceira e a quarta tem grandes chances de serem marcadas também. Na relação com o núcleo, os resultados apontaram que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN são, sistematicamente, muito marcados; os elementos pospostos são pouco marcados. O aumentativo e o diminutivo, na variável grau dos substantivos, foram menos marcados que o grau normal. Quanto à classe gramatical, o resultado evidenciou que o substantivo na primeira posição do SN teve maior peso relativo que os determinantes na primeira posição; a única classe que pareceu desfavorecer significativamente a aplicação da regra foi a classe dos adjetivos.

Quanto às variáveis extralinguísticas, a escolaridade foi muito significativa para o estudo, pois a presença do *-s* é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Quanto ao sexo, as mulheres marcam mais que os homens na cidade de Tubarão, diferente de São Borja, onde o peso relativo foi igual. Não houve diferença significativa na variável cidade, nem na variável idade, apesar dos mais velhos terem apresentado um pouco mais de marcas de concordância que os adultos. Enfim, os condicionantes de aplicação da regra de concordância de número pouco diferem nas cidades estudadas. A autora discute seus dados do ponto de vista de continuidades e rupturas que essas informações possam demonstrar, com relação ao uso de concordância nominal de número no português do Brasil e, conforme sua interpretação, especialmente no que toca à semelhança dos resultados nas duas cidades da amostra, concluiu que há mais contínuos que rupturas na concordância nominal de número, indicando um sistema perceptível no português brasileiro.

Em 2007, Schneider realizou a análise da variação da aplicação da regra de concordância nominal de número no português falado em Panambi, Rio Grande do Sul, com base nos dados do Projeto VARSUL, abordando aspectos linguísticos e sociais. O objetivo principal do estudo foi fazer um levantamento da aplicação ou não da regra de concordância nominal de número, em Panambi, região de colonização alemã, no Rio Grande do Sul e verificar se essa variedade falada apresenta características similares a das comunidades já estudadas no Brasil, em especial, confrontando com os estudos de Scherre (1988).

Para esse trabalho, foram codificados os casos de sintagmas nominais plurais retirados de uma amostra de seis entrevistas realizadas em Panambi. As condições sociais foram controladas, uma vez que, entre as seis entrevistas, há informantes de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias e graus de instrução. Das entrevistas realizadas na casa do informante,

afloram falas espontâneas sobre histórias familiares, participação na comunidade e lembranças do passado.

Quanto às variáveis linguísticas, foram fatores de análise o contexto fonológico seguinte, o grau dos substantivos e adjetivos, os processos morfofonológicos de formação do plural, a classe gramatical, a posição linear dos elementos no SN e a tonicidade dos itens. Já quanto às variáveis sociais, foram fatores a escolarização, o gênero e a faixa etária.

Na análise realizada, a pesquisadora constatou que a concordância nominal de número no SN é uma regra variável em Panambi, no Rio Grande do Sul. Isso se dá, principalmente, nos elementos que sucedem a primeira posição e estão pospostos ao núcleo do sintagma. Além disso, encontramos, neste estudo preliminar com falantes adultos de uma comunidade gaúcha de colonização alemã, os seguintes resultados: as formas mais salientes são mais perceptíveis e, por essa razão, mais marcadas; as paroxítonas e os monossílabos átonos são os itens mais marcados; os artigos e os demonstrativos foram mais marcados que os substantivos; a primeira posição do SN é a que retêm mais marcas de concordância; a aplicação é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo deste sintagma; os itens seguidos de consoantes favorecem a aplicação da regra de concordância. No que tange às variáveis sociais, pessoas com mais de 70 anos tendem a reter mais a marca de plural no sintagma; as mulheres aplicam mais a regra, bem como falantes com ginásio completo.

A concordância nominal de número no SN na fala de estudantes da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus, na Bahia foi o estudo desenvolvido por Dayane Moreira Lemos (2010). O objetivo do trabalho foi discutir e analisar a ausência da marca de plural em todos os elementos flexionáveis do SN. O *corpus* constituiu-se de quatro inquéritos transcritos a partir de entrevistas gravadas com estudantes da quinta série, oriundos da zona urbana e da zona rural.

As variáveis sociais analisadas foram escolarização, origem geográfica dos informantes e sexo. As variáveis linguísticas foram configuração sintagmática do SN, a função sintática do SN, número de constituintes flexionáveis do SN e saliência fônica. Ressaltamos que, neste artigo, foram analisadas somente as variáveis sociais. Foram analisados 138 SNs com mais de dois elementos flexionáveis. Desses 83 SNs não receberam marca de plural em todos os elementos flexionáveis, já 55 dos SNs apresentaram regularidade na marca de plural. Percebemos a tendência a não marcação de plural em todos os elementos flexionáveis. Como resultados referentes aos fatores extralinguísticos, a pesquisadora

encontrou que falantes oriundos da zona rural e da zona urbana da cidade equiparam-se quando se trata da marcação de plural nos itens flexionáveis do SN. Quanto ao gênero, o feminino marca um pouco mais o plural que o gênero masculino.

Assim, dos trabalhos já realizados sobre concordância nominal de número, mostraram-se relevantes os seguintes fatores linguísticos: a posição linear do elemento no sintagma; a saliência fônica existente na oposição singular/plural; a saliência de elementos quanto à tonicidade; o contexto fonológico seguinte; a presença de duas ou mais marcas de plural precedentes ao elemento; o traço [+humano], [- humano] dos substantivos; a posição do elemento em relação ao núcleo do SN. Acrescentamos a esses os fatores sociais favorecedores: sexo (as mulheres); faixa etária (25 e 49 anos); escolaridade (pessoas com maior tempo de escolarização); etnicidade (eslavos e alemães); em situações mais formais; de classe social mais elevada.

Situados os trabalhos já realizados sobre concordância nominal de número no SN no Brasil, destacamos que nos serviremos das pesquisas desenvolvidas por Scherre (1988), por Fernandes (1996), por Koelling (2003) e por Schneider (2007). A opção por esses estudos tem sua justificativa tanto coletiva quanto individual. Coletiva, porque se fundamentam no modelo da Teoria da Variação, proposta por Labov (1972); consideram a concordância nominal um fenômeno variável; desenvolvem suas análises tanto com variáveis linguísticas quanto com sociais. Individual, porque cada um deles tem a sua importância específica para o desenvolvimento desta pesquisa, em virtude da influência do primeiro e da relação dos demais com as variedades faladas na região sul do Brasil.

Destacaremos as palavras de Scherre (1994, p. 2), para finalizar a exposição dos trabalhos:

Esses trabalhos evidenciam que o fenômeno da variação na concordância de número no português falado no Brasil longe de ser restrito a uma classe social ou a uma região específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira.

Segue um quadro sinóptico dos estudos desenvolvidos sobre a concordância nominal de número.

**Quadro 1** - Sinopse de estudos variacionistas sobre concordância nominal de número no português falado no Brasil

AUTOR	LOCAL	INFORMANTES	VAR. LING.	VAR. SOCIAIS	RESULTADOS
Braga e Scherre (1976)	Rio de Janeiro	Sete inform. adultos	-posição linear do elemento, -grau de saliência fônica na oposição singular/plural, - natureza fonológica do contexto seguinte, -categoria morfológica do primeiro elemento do SN -grau de formalismo.	- classe social.	- o primeiro elemento do SN é o mais marcado, - nas classes média-alta e média, os fatores alteração da sílaba final e plural duplo exerceram influência sobre a aplicação da concordância nominal de número; na classe baixa, nenhum fator exerceu influência; nas três classes, os itens lexicais no singular terminados em /s/ desfavoreceram o emprego da concordância nominal. - na classe média e baixa, a presença da vogal ou da consoante na palavra seguinte parece não exercer influência sobre a aplicação da regra, já na classe média alta, o contexto seguinte constituído de vogal tende a favorecer a concordância. - os falantes de classe média e baixa, em situações tensas, aplicam mais a concordância que em situação distensa.
Braga (1977)	Triângulo Mineiro	Sete inform. adultos entre 15 e 20 anos	-contexto fonológico seguinte, -distância dos elementos do SN, -grau de saliência fônica na oposição singular/plural, -grau de formalismo -categoria morfológica do primeiro elemento do SN.	- classe social	quanto à aplicação da regra de concordância: falantes da classe, média (0,91), classe baixa (0,43) - a concordância de número é um processo morfológico intimamente ligado a aspectos de estrutura superficial.

Ponte (1979)	Vila Rosa – Subúrbio de Porto Alegre	Vinte inform. adultos (30 a 45 anos) semiescolarizados, de classe baixa,	-posição superficial dos elementos no SN, -natureza flexional do segmento precedido, -processos morfofonológicos de formação do plural.	- sexo dos informantes, - diferenças de atuação entre eles	-o primeiro elemento do SN favorece enormemente a aplicação da regra; - segmentos precedentes não flexionados e sem marca semântica de plural na posição zero favorecem a aplicação da regra; -a variável processos morfofonológicos de formação do plural, com exceção de plural metafônico, os demais fatores inibem a regra de concordância; - as mulheres aplicaram a regra com um pouco mais de frequência que os homens.
Carvalho Nina (1980)	Dez municípios da área rural, microrregião bragantina – Noroeste do Pará	Vinte inform. Adultos, analfabetos, de classe baixa, entre 20 e 65 anos.	- grau de saliência fônica na oposição singular/plural, -distância dos elementos no SN; -natureza flexionável do elemento precedente no SN.	-sexo e idade, organizando-a em adultos novos, adultos médios e adultos velhos.	- a primeira e a segunda posição favorecem a aplicação da marca, -o plural duplo atua positivamente na inserção da marca, -segmentos precedentes não-flexionados e na posição zero provocam a flexão de plural de um outro elemento do sintagma, favorecendo a ideia de pluralidade contida na informação, -condicionamento dos fatores 6linguísticos6licos sexo e idade na concordância nominal foi relevante, mas relativamente fraco em comparação aos fatores 6linguísticos.
Guy (1981)	Rio de Janeiro	Vinte entrevistas de falantes entre 15 e 54 anos de alunos do MOBREAL, semianalfabetos, adultos, do <i>Corpus</i> Competências Básicas do Português	-contexto fonológico seguinte, -posição do elemento no SN, -morfologia de transformação do item singular/plural – formação do plural regular.	Estilo de fala; Idade; Sexo.	-os sons consonantais atuam em favor do apagamento, enquanto que com os sons vocálicos o processo é inverso; -as consoantes mais sonoras favorecem o apagamento, já a pausa favorece a presença da marca; - a primeira posição evidenciou maior porcentagem de aplicação da marca (95%); -o plural metafônico e o plural dos itens terminados por /-r, /-l, /-z/ favorecem a aplicação da regra; - o estilo casual favorece a elisão da marca de plural, enquanto que a fala formal atua no inverso; -adultos jovens apagam mais o /-s/ que os adultos velhos e os jovens de 15 a 18 anos de idade; - as mulheres preocupam-se com a concordância.

<p>Scherre (1988)</p>	<p>Rio de Janeiro</p>	<p>O <i>corpus</i> de sua amostra é formado por 64 entrevistas de falantes radicados na cidade do Rio de Janeiro, sendo que 48 deles são adultos e 16 são crianças. Os 48 falantes adultos eram de 15 a 71 anos; os 16 falantes crianças eram de 7 a 14 anos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-processos morfofonológicos de formação do plural,</li> <li>- tonicidade dos itens lexicais singulares,</li> <li>- número de sílabas dos itens lexicais singulares,</li> <li>- posição linear do elemento no SN,</li> <li>- classe gramatical do elemento nominal,</li> <li>-marcas precedentes do elemento nominal analisado,</li> <li>-contexto fonético/fonológico seguinte,</li> <li>- função sintática do SN,</li> <li>-animacidade dos substantivos</li> <li>- grau dos substantivos e adjetivos.</li> </ul>	<p>-anos de escolarização (1 a 4 – antigo Primário; 5 a 9 – antigo Ginásial; 9 a 11 – antigo Colegial),</p> <p>-sexo</p> <p>- faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; mais de 50 anos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- os processos de formação de plural e a tonicidade dos itens lexicais singulares influenciam a concordância de número entre os elementos do SN; -o plural duplo mais favorece a aplicação da regra, já o plural regular a inibe;</li> <li>-oxítonos e monossílabos tônicos influenciam a concordância nominal.</li> <li>- a primeira posição é a mais marcada,</li> <li>-qualquer classe gramatical em primeira posição tende a ser mais marcada que em outras posições;</li> <li>-ausência de marca fora do SN e zero na primeira posição favorece a concordância e a presença de pelo menos uma marca antes do elemento analisado a desfavorece relativamente,</li> <li>- a presença de uma consoante seguinte favorece sensivelmente a inserção da marca formal de plural, enquanto a presença de uma vogal a desfavorece;</li> <li>- o número de marcas formais de plural no SN é também condicionado por traços estilísticos, semânticos e mórficos dos substantivos e adjetivos.</li> <li>- a configuração sintagmática do SN, a pluralidade do contexto e a formalidade do SN atuam sobre o SN como um todo.</li> </ul>
<p>Fernandes (1996)</p>	<p>Três estados da região Sul</p>	<p>Quarenta e oito inform. Do VARSUL e 19 de diferentes procedências regionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relação com o núcleo,</li> <li>- posição linear do elemento no SN,</li> <li>-marcas precedentes,</li> <li>-saliência fônica,</li> <li>- processo morfofonológico de formação de plural,</li> <li>-classes gramaticais,</li> <li>-contexto seguinte</li> <li>- animacidade dos substantivos e dos adjetivos. Ela considerou como variável social: idade, nível de escolarização, sexo, etnia e formalidade da situação de fala.</li> </ul>	<p>-48 inf., divididos em: 12 de etnia açoriana (Florian– SC), 12 de etnia ital Chapecó- SC), 12 de etnia alemã (Panambi – RS) e 11 de etnia eslava (Irati – PR), -idade (25 a 49 anos e mais de 50), -sexo; -(primário,gin. e colegial), -situação de fala.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-a aplicação ou não de uma regra de concordância é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo desse sintagma;</li> <li>- a variável “marcas precedentes” é muito significativa nos estudos da concordância.</li> <li>-formas mais salientes são mais perceptíveis, logo mais marcadas,</li> <li>- escolaridade é o fator social que mais influenciou a aplicação da regra de concordância;</li> <li>- as mulheres de 25 a 49 anos aplicam mais a regra de concordância;</li> <li>- os eslavos e os alemães aplicam mais a regra do que os açorianos e os italianos;</li> <li>-quanto mais formal a situação, maior aplicação da regra.</li> </ul>

<p>Elza Sabino da Silva Bueno (2002)</p>	<p>-Seis locais distintos no Estado de São Paulo; - trabalhadores rurais, cortadores de cana de açúcar, ativos e inativos.</p>	<p>-144 informantes</p>	<p>-obs. No artigo lido, a autora somente analisou as variáveis sociais</p>	<p>- sexo; -escolaridade; -faixa etária; - localidade em que reside.</p>	<p>-os informantes de 15 a 29 anos empregaram forma-padrão; - as mulheres se demonstraram mais sensíveis às formas de prestígio; -escolaridade interage com sexo; -falantes alfabetizados usam mais a marca de concordância.</p>
<p>Leila Minatti Andrade (2003)</p>	<p>Tubarão (SC) São Borja (RS)</p>	<p>- 24 informantes</p>	<p>-posição dos elementos no SN; -classe gramatical dos elementos; -relação com o núcleo no SN; -marcas precedentes; -processos morfofonológicos; -tonicidade dos itens; -grau dos adjetivos e substantivos.</p>	<p>-faixa etária (25 a 49; +de 50); - nível de escolaridade; -sexo; -cidade.</p>	<p>- primeira posição favorece; Substantivo na primeira posição favorece; -formas mais salientes são mais perceptíveis, logo, mais marcadas; -todos os elementos antepostos ao núcleo são muito mais marcados; -a presença do –s é proporcional aos anos de escolarização; - mulheres marcam mais a concordância nominal de número. LOGO: há mais contínuos que rupturas na concordância nominal de números entre os habitantes das duas cidades.</p>
<p>Koelling (2003)</p>	<p>Porto Alegre – RS</p>	<p>Vinte e seis inform. Do VARSUL</p>	<p>-processos morfofonológicos de formação do plural, - tonicidade, -posição linear do elemento no SN, -posição do elemento em relação ao núcleo do SN, -contexto fonológico seguinte, -traço dos substantivos, -marcas precedentes ao elemento analisado.</p>	<p>-sexo; -idade:- 50 +50; -escolaridade: primário, ginásial, 2º grau</p>	<p>- 76% de concordância nominal; - a primeira posição marcada de forma categórica; -diferenciação de material fônico quanto à singular/plural; - a presença de duas ou mais marcas de plural anteriores ao elemento em estudo favorecem mais a regra do que elementos precedentes por ausência de marcas; -quanto mais anos de escolarização, maior a aplicação da concordância nominal.</p>



<p>Schneider (2007)</p>	<p>Panambi – RS</p>	<p>Seis inform. Do VARSUL</p>	<p>-contexto fonológico seguinte, -grau dos substantivos e adjetivos, -processos morfofonológicos de formação do plural, - classe gramatical, - posição linear dos elementos no SN; - tonicidade dos itens.</p>	<p>Escolaridade Gênero Faixa etária</p>	<p>-as formas mais salientes são mais perceptíveis e, por essa razão, mais marcadas; - as paroxítonas e os monossílabos átonos são os itens mais marcados; - os artigos e os demonstrativos foram mais marcados que os substantivos; -a primeira posição do SN é a que retêm mais marcas de concordância; - a aplicação é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo deste sintagma; -os itens seguidos de consoantes favorecem a aplicação da regra de concordância; -pessoas com mais de 70 anos tendem a reter mais a marca de plural no sintagma; - as mulheres aplicam mais a regra, bem como falantes com ginásio completo.</p>
<p>Dayane Moreira Lemos (2010)</p> <p>Obs. Discute a ausência da marca de plural em todos os elementos flexionáveis do SN</p>	<p>Santo Antônio de Jesus - Bahia</p>	<p>-quatro inquéritos transcritos a partir de entrevistas gravadas com estudantes de 5ª série – zona urbana e zona rural.</p>	<p>- configuração sintagmática do SN; - função sintática do SN; -número de constituintes flexionáveis do SN; - saliência fônica.</p>	<p>- escolarização; -procedimento geográfico; -sexo.</p>	<p>- falantes oriundos da zona urbana e da zona rural equiparam-se quando se trata de marcação de plural nos itens flexionáveis do SN; - feminino marca um pouco mais que masculino; LOGO, falantes da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus ainda se encontram em processo de variação em curso, por não apresentarem altos níveis de ausência da marca de plural em alguns dos itens flexionáveis.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Encerramos esta seção com um posicionamento que vem sendo construído quanto à regra de concordância nominal de número como regra variável: a aplicação ou não da concordância, nesses casos, é condicionada por fatores tanto linguísticos quanto sociais e, por vezes, tais fatores diferem de acordo com a região e a comunidade de fala pesquisada. É fundamental destacar que a pesquisa sobre concordância nominal de número, como demonstrado na exposição dos trabalhos, desde os primeiros aos mais recentes, está longe de se esgotar. Ainda há muito para se pesquisar sobre esse tema, em se tratando de variação, com destaque para a variação na fala infantil, que teve, no curso da construção de conhecimento descritivo sobre esse sistema, bem menos atenção do que os dados de adultos. No capítulo seguinte, discutiremos, exatamente, a questão das relações entre o tópico gramatical aqui focalizado e os estudos de aquisição da linguagem.

### 3 SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM NA INFÂNCIA

Neste segundo capítulo, procuramos explorar como se dá a construção da linguagem pela criança e qual a relação desse processo com o espaço social em que ela está inserida. Para tanto, buscamos discutir trabalhos que mostram a relevância das práticas sociais que cercam a criança para os usos que ela faz da língua. Assim, iniciamos aqui a abordagem da socialização da linguagem e das práticas sociais que evidenciam não apenas processos cognitivos, mas também questões ligadas às identidades de gênero, ao papel da criança no seu grupo social, à escolarização e ao letramento. Na sequência, de modo mais específico, discutimos a aprendizagem do plural e de sua marcação morfossintática, finalizando com a contribuição de estudos diversos sobre a aprendizagem de regras variáveis.

O objetivo aqui é explorar o desenvolvimento oral infantil como um processo de construção da linguagem e não como um processo de aquisição da linguagem. Esta questão se justifica, uma vez que, no primeiro, a pesquisa parte do pressuposto de que a criança tem de interpretar e usar a linguagem nos mais diversos contextos de produção, colocando-se como enunciativa e contribuindo para construir, com seus interlocutores, uma série de significados sociais a partir dos recursos de que já é capaz de lançar mão. Já o segundo, aqui referido como “aquisição da linguagem”, compreende estudos que interpretam o surgimento da linguagem na infância mais como um desenvolvimento biológico, comum a todos os falantes, evidenciando de forma isolada o conhecimento estrutural da língua que a criança demonstra ter. Neste caso, o contexto social não está relacionado ao desenvolvimento. Portanto, empregaremos o termo aprendizagem ou construção da linguagem e não aquisição da linguagem, uma vez que a criança, ao chegar aos três anos de idade, já adquiriu a linguagem quanto aos nomes, e ela passa, então a fazer uso dessa linguagem. Nesse momento, tanto os fatores linguísticos, em especial os sociais, estão agindo sobre a linguagem e aí se constrói o emprego da concordância, gerando a variação.

Pensando assim, o principal interesse da pesquisa neste campo concentra-se na arquitetura do desenvolvimento gramatical na fala de crianças pequenas. Isso porque se objetiva explicar quando, como e por que as crianças entendem formas gramaticais no decorrer do período inicial de suas vidas e que fatores estão relacionados com esse processo de aprendizagem. Na investigação que se apresenta aqui, ao contrário, acreditamos que a experiência social da criança seja um suporte para a aquisição da língua e que, na discussão da

aprendizagem de uma língua, questões cognitivas, discursivas e sociais são um todo inextricável.

Ochs e Schieffelin (1984, 1997) posicionaram-se evidenciando o papel da socialização no desenvolvimento gramatical infantil. Elas acreditam que a socialização da linguagem tem um papel fundamental na aquisição da competência gramatical. A socialização da linguagem, segundo as autoras, é entendida como o processo em que as crianças são socializadas através da linguagem e para usá-la em uma comunidade.

Conforme as autoras, o modelo de socialização explica o desenvolvimento gramatical das crianças em termos de significados indexicais das formas gramaticais. Assim, a frequência com que uma forma gramatical é usada no ambiente das crianças pode ou não estar relacionada ao tratamento que ela e seus interlocutores dispensam às formas gramaticais e que ligam essas formas a identidades sociais dos interlocutores, como a identidade de gênero, por exemplo, ou a efeitos discursivos, como sinalizar vozes, associações a gêneros de discurso específicos entre outros.

Nesse sentido, uma abordagem da socialização da linguagem dá a noção de que a relação entre formas gramaticais e ordem sócio-cultural possui abrangência universal. As autoras afirmam isso no trecho que segue:

[...] as crianças estão sendo socializadas em todo o mundo utilizando recursos gramaticais semelhantes para indexar pensamentos, sentimentos, conhecimentos, identidades, atos e atividades, não somente devido a padrões biológicos e cognitivos, mas também, devido a características universais da cultura como um artefato comum da humanidade (OCHS; SCHIEFFELIN, 1997, p. 70).

Logo, esse tipo de abordagem integra as propriedades locais e universais da linguagem na cultura. Isso se torna evidente, pois os indivíduos pertencentes às mesmas culturas baseiam-se em determinadas culturas semelhantes para atingir certos fins sociais semelhantes. Para tanto, é preciso ter clareza da situação, sabendo quem tenta atingir esse fim, que papéis comunicativos exerce, de que modo, quando em seu desenvolvimento, em que situações sociais, onde e com que frequência o fazem. Pensando assim, percebe-se que as comunidades são, ao mesmo tempo, parecidas e diferentes nas maneiras em que se baseiam em recursos gramaticais e, conseqüentemente, as compreensões das formas gramaticais pelas crianças também são parecidas e diferentes, quando cruzamos as fronteiras das comunidades linguísticas e as consideramos ao estudar a linguagem das crianças.

Acrescentamos a isso, a importância da maneira como as culturas organizam os intercâmbios comunicativos com as crianças no seu desenvolvimento gramatical. Em outras

palavras, o modo de organizar os intercâmbios comunicativos com as crianças está diretamente associado a sua competência na produção e na compreensão de construções gramaticais nos primeiros anos de suas vidas. De igual modo, as crianças produzem determinadas construções gramaticais e não outras, chegando à compreensão de construções, em parte, devido a seu significado cultural. Logo, desse modo, elas se tornam pessoas na sociedade, participantes de situações sociais, evidenciando a sua identidade social.

Para os fins da investigação que aqui realizamos, no que diz respeito ao modo de organizar os intercâmbios comunicativos com as crianças, é necessário tratar do letramento. A palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, definida como a “condição de ser letrado”<sup>2</sup>. *Literate* é, pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e *literacy* designa o estado ou a condição daquele que é *literate*, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. O termo “letramento” surgiu, assim, para definir, não pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais, mas o “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2001, p.72).

As concepções de letramento podem ser vistas sob dois modelos: o modelo autônomo e o modelo ideológico (STREET, 1984). De acordo com a proposta desta pesquisa, cabe tratar do modelo ideológico proposto por Street (1984), para quem o letramento é visto como um dos aspectos da cultura e das estruturas de poder em uma sociedade. Tais estruturas culturais, ligadas ao poder, afetam os modos como circulará e será interpretada a escrita no ambiente escolar e não escolar da criança, dando a ela acesso a certos sentidos para a escrita, desde que passe a interagir com aqueles que a cercam.

Vimos no capítulo anterior que o emprego da concordância nominal de número é bastante variável de um grupo social a outro no português falado no Brasil e que um dos fatores sociais que demonstra ser fortemente correlacionados a essa variação é a escolaridade. Ora, ainda que a escolaridade das crianças seja inicial e insipiente, sua relação com a cultura de escrita, de que a escola é representante e que tem efeitos nos usos da concordância em português, já é efetiva mesmo antes de sua entrada na escola e da aprendizagem da escrita, no ponto de vista do domínio do código alfabético.

Segundo Street (1984), as práticas de letramento seriam social e culturalmente determinadas, o que equivale a dizer que os significados específicos que a escrita assume para

---

<sup>2</sup> Em inglês: *literacy: the condition of being literate*. Em português: a condição de ser letrado. Aqui letrado tem sentido diferente do que vem tendo em português. O sentido de *literate* é educado, especificamente, que tem a habilidade de ler e escrever.

um grupo social dependem dos contextos e das instituições em que ela é adquirida e praticada. Assim, esse modelo propõe observar o processo de socialização das pessoas na construção de significado pelos participantes.

A interação entre adulto e criança, no processo de aprendizagem familiar ou escolar, é considerada fundamental por Heath (2001), em seus estudos sobre eventos de letramento na infância. Heath (2001) descreve três comunidades letradas com orientações diferentes de letramento e relaciona cada orientação com o desempenho escolar das crianças, mostrando que, em algumas comunidades, a maneira aprendida em casa pode ser similar à da escola, enquanto que, em outras, a maneira da escola tratar a escrita pode ser conflitante com aquela de sua comunidade.

Heath realizou um estudo longitudinal de etnografia da comunicação, utilizando como núcleo de análise os eventos de letramento, ocasiões em que língua escrita é constitutiva da interação entre os participantes, identificando os tipos de eventos próprios de cada comunidade e suas características específicas.

Sua pesquisa, realizada em três comunidades dos Estados Unidos (Trackton, Roadville e Maintown), investigou o fenômeno do letramento, procurando conhecer o caminho de aprendizagem dos modelos estruturais da leitura e da escrita percorrido pelas crianças das três comunidades, antes de seu ingresso na escola. Os resultados evidenciam a importância de estratégias orais letradas, a partir do relato de histórias das mães, antes de serem alfabetizadas. Disso resultaram padrões diferentes de adaptação da criança no início de sua vida escolar.

Jung (2007, p. 86), quanto ao estudo de Heath, destaca que a unidade de análise desse estudo foi o evento de letramento, definido como todas as situações em que a escrita constitui parte essencial para a construção de sentidos em uma situação específica. Assim, a interação entre os participantes e os processos e estratégias interpretativas constituem o evento. Isso mostra, pois, que tal interação passa a ser um aspecto relevante nas relações estabelecidas entre falantes envolvidos em um evento.

Jung (2007) acrescenta que um exemplo de evento de letramento seria o do adulto lendo uma história para as crianças à noite. Esse é um evento interessante, quando acontece regularmente, com repetidos padrões de interação. Outros eventos de letramento, segundo a autora, estão presentes em atividades como a discussão do conteúdo de um jornal com amigos, a organização de uma lista de compras, a anotação de mensagens de telefone, enfim, atividades da vida diária que envolvem a escrita.

Outro estudo significativo na área é o de Terzi (2001). Ela aponta a influência do letramento inicial no sucesso de leitura das crianças, tomando como base os padrões escolares. As bem-sucedidas são as que atendem às expectativas da escola e que, portanto, tiveram uma orientação de letramento compatível com a orientação escolar. As malsucedidas passam a formar os grupos de risco. O letramento que tiveram é ignorado e elas são colocadas em programas que visam a reencaminhá-las para o letramento acadêmico desejado pela escola.

Como resultados, seu trabalho evidenciou que a relação da comunidade com a escrita, o grau de letramento das crianças, assim como todo o saber anteriormente adquirido por elas é ignorado pela escola. Consequentemente, ela não proporciona às crianças condições para a continuidade do seu desenvolvimento, o que explicita a adoção pela escola de um modelo teórico de letramento incompatível com o experienciado pela criança. Além disso, os estudos evidenciaram a concepção de leitura dos professores, uma vez que apresentavam propostas de exercícios mecânicos sobre o texto, não envolvendo a busca de significado.

Assim, constam acima algumas questões que evidenciam o valor social do letramento e suas implicações para o ensino escolar, considerando que a escola é apenas um domínio escolar, no qual alunos e professores desempenham papéis sociais que exigem um determinado letramento, uma vez que qualquer evento de letramento envolve aprendizagem.

Para finalizar, trago as palavras de Jung (2007, p. 90):

O conceito de letramento surgiu para resgatar a ideia pluralista de aquisição e uso da leitura e da escrita na sociedade. Em outras palavras, as pessoas usam a leitura e a escrita em diferentes domínios sociais, com diferentes objetivos, interação de forma diferenciada com o texto escrito, enfim, somente um conceito em termos de eventos de letramento e práticas sociais é capaz de abarcar toda a dinamicidade que envolve um evento no qual um texto escrito constitui parte essencial para fazer sentido da situação.

Diante do exposto, é fundamental propor um estudo de construção da linguagem, considerando o espaço social da criança, em um ambiente socioculturalmente construído, que inclui diferentes experiências com discursos valorizados pela escola antes que se iniciem os processos formais de escolarização e ao longo deles. Tais discursos são relacionados de maneiras múltiplas à escrita e uma dessas maneiras diz respeito ao acesso, em ambientes de socialização primária, a modos letrados de falar. Acreditamos que as variedades do português, no que tange à concordância nominal de número, tenham como uma de suas facetas relevantes a associação entre o uso de concordância e uma oralidade letrada. Fica evidente que, nessa diferença, para compreender a aprendizagem do sistema gramatical de número, então, as

práticas sociais que cercam a criança, bem como os seus interlocutores, estão diretamente relacionados às escolhas que a criança faz no uso da língua portuguesa.

### 3.1 A APRENDIZAGEM DO PLURAL E DE SUA MARCAÇÃO MORFOSSINTÁTICA

Considerando o processo de socialização da linguagem, bem como as situações de letramento abordadas na seção anterior, torna-se necessário conhecer como se estabelece o processo de construção da linguagem. Para tanto, são estudados nesta seção os fatores internos, cognitivos, que evidentemente, se manifestam nos usos que a criança faz da língua.

Inicialmente, trazemos a contribuição da psicolinguista Menyuk (1988) que mostra o crescimento lexical nos primeiros meses de vida, como pode ser observado no registro do Quadro 02, a seguir:

**Quadro 2** - Crescimento lexical nos dois primeiros anos

IDADE EM MESES	COMPREENSÃO	PRODUÇÃO
9-12 meses	+/- 10 palavras	Primeira palavra
14-15 meses	+/- 50 palavras	+/- 10 palavras
17-19 meses	+/- 100 palavras	+/- 50 palavras

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Para o mesmo autor, nem todas as crianças mostram uma explosão no crescimento desse tipo, embora, em outras, o vocabulário cresça de forma tão contínua que é difícil identificar um ponto de aceleração. Menyuk (1988) acrescenta que durante um período de seis meses (entre os 12 e os 18 meses), além da produção de holofrases e a mistura com elas, a criança pode produzir em maior ou menor quantidade, o que os psicolinguistas chamam de jargão. Destacamos que a idade de 18 meses é apontada como o marco cronológico do surto lexical no processo de desenvolvimento da linguagem.

O período telegráfico, que vai além dos 24 meses, apresenta três fases de aquisição de ordem sintática. Nessa fase, a ordenação dos enunciados se mantém já sem alteração. Quanto à última fase da linguagem combinatória, a criança adquire a estrutura generalizada, quando



ela passa a generalizar e aumentar essa ordem sintática a outras palavras pertencentes à mesma categoria. Nesse período, a marcação sintática é ainda muito limitada, circunscrevendo-se basicamente a nomes e verbos e sendo notória a ausência de qualquer marca de flexão.

No terceiro ano de vida, há uma distinção curiosa de dois momentos cruciais no desenvolvimento linguístico da criança. No primeiro, que se estende dos 24 aos 30 meses, verifica-se a generalização dos enunciados de três palavras e o seu progressivo aumento; a criança forma, pois, enunciados corretamente ordenados. O segundo decorre dos 30 aos 36 meses e nele assiste-se à clara complexificação da sintaxe.

No primeiro período, mantêm-se ainda ausentes do discurso as principais palavras de função como artigos, preposições, flexões de gênero, número, pessoa e tempos verbais. Após um período de produção de enunciados de duas palavras, as crianças começam a produzir combinações de três ou mais elementos lexicais e a usar formas flexionadas das palavras. O aumento de palavras por frase e o uso de formas flexionadas marca, determinantemente, a expansão do conhecimento sintático. Tanto em termos de regras de combinação de palavras, como no nível do domínio morfológico, em outras palavras, da estrutura interna das palavras.

Dos 30 aos 36 meses, segundo período, a estrutura frásica torna-se mais complexa, chegando à combinação de quatro elementos e dando origem às primeiras frases coordenadas como “mamã não está e papá não está”. Verifica-se, igualmente, um aumento de frequência de uso das principais flexões, especialmente as de gênero e de número, junto às novas formas rudimentares dos verbos auxiliares “ser” e “estar”. Surgem também os pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas, os artigos definidos “o” e “a”, assim como os advérbios de lugar, presentes nas orações simples desse período. Segue um quadro síntese de Meyuk (1988).

**Quadro 03 - Desenvolvimento sintático nos três primeiros anos**

ETAPA	CARACTERÍSTICA
Entre 12 e 18 meses	Produção de holofrases e a mistura com elas.
Além dos 24 meses	A marcação sintática é ainda muito limitada, circunscrevendo-se basicamente a nomes e verbos, sendo notória a ausência de qualquer marca de flexão.
Dos 24 aos 30 meses	A generalização dos enunciados de três palavras e o seu progressivo aumento; a criança forma enunciados corretamente ordenados. O aumento de palavras por frases e o uso de formas flexionadas marca, determinantemente, a expansão do conhecimento sintático
Dos 30 aos 36 meses	A estrutura frásica torna-se mais complexa, chegando à combinação de quatro elementos e dando origem às primeiras frases

	<p>coordenadas.</p> <p>Aumento de frequência de uso das principais flexões, especialmente as de gênero e de número, junto às novas formas rudimentares dos verbos auxiliares “ser” e “estar”.</p> <p>Surgem os pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas, os artigos definidos “o” e “a”, assim como os advérbios de lugar presentes nas orações simples.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Embora essa visão geral do surgimento de padrões morfossintáticos, conforme a fase de desenvolvimento da criança, diga respeito ao inglês, a pesquisa sobre diversas línguas vem mostrando que essa sucessão é pertinente. Assim, já nas primeiras fases de aquisição, em línguas ricamente flexionadas, como o italiano e até mesmo o português, as marcas de flexão gramatical, bem como os itens de classe fechada passam por intensa variação em uma fase posterior àquela em que a criança passa a fazer combinações de palavras, revelando processos de aprendizagem e a construção de regularidades pelas crianças.

Sendo esse o interesse central deste trabalho, nesta seção, apresentamos alguns estudos sobre a aquisição das regras morfológicas do plural em diversas línguas. Os estudos aqui expostos foram desenvolvidos por Berko (1958), Brown (1973), Lamprecht (1997), Simioni (2006) Lopes (2009) e Castro (2007; 2010).

O trabalho pioneiro de Berko (1958, *apud* BROWN, 1973) traz uma investigação sobre a aquisição do plural e de outros morfemas flexionais em crianças falantes do inglês. Berko elaborou um teste, a fim de explorar a habilidade da criança para empregar regras morfológicas em palavras novas. O experimento denominado *wug-test* consiste em apresentar à criança uma figura semelhante a um pássaro, usada em uma experiência elaborada para encontrar a ordem de aquisição de morfemas gramaticais.

Em sua investigação, a autora parte da hipótese de que se a criança tivesse adquirido os afixos morfológicos corretos para nomes e verbos, poderia adicionar as terminações corretas em palavras imaginárias. Para isso, desenhou seres imaginários entre os quais o *wug*. Depois, apresentou a sua imagem às crianças, seguida de outra imagem semelhante. Na primeira vez, foi dito "isto é um wug". Aqui está outro. Temos, então, dois..." e as crianças respondiam, habitualmente, a forma correta: "wugs". Segundo a autora, todas as crianças demonstraram conhecimento desse mecanismo, apesar de que as crianças de quatro e cinco anos saíram-se melhor que as menores.

Brown (1973), por meio de seus resultados longitudinais, obtidos em um estudo da aprendizagem do inglês, determinou o índice mínimo de 90% de produção de ocorrências dos morfemas flexionais em contextos obrigatórios. Segundo o autor, o emprego da marca de número se dá na fala da criança por volta dos dois anos de idade, e tais resultados podem se

estender para todas as línguas. Importante ressaltar que os achados de Brown e seus colegas permanecem definitivos com relação às diferenças entre o surgimento do uso de marcas gramaticais por crianças e sua definitiva aquisição, uma vez que a produção das crianças demonstra que o uso precoce dessas marcas pode mudar ao longo da infância, revelando processos de aprendizagem ativos e sustentados ao longo do tempo.

Regina Lamprecht (1997) realizou um estudo sobre a aquisição da morfologia do português, referente à marcação do plural. Ela fez uma comparação entre crianças brasileiras bilíngues alemão-português e monolíngues alemãs, como também comparou crianças brasileiras bilíngues e crianças monolíngues.

Os dados coletados por Lamprecht (1997) foram obtidos com crianças que frequentavam Jardins de Infância. As crianças monolíngues do português constituíram um grupo de 48 sujeitos entre 2 anos e 3 meses e 5 anos e 6 meses. Quanto às crianças bilíngues, foram 11 crianças entre 3 anos e 5 anos e 7 meses. Os dados foram obtidos com ajuda de brinquedos e objetos infantis, estimulando a produção do plural na fala das crianças. Para a obtenção dos dados das monolíngues falantes de alemão, a autora se baseou em pesquisas de aquisição realizadas na Alemanha.

Como resultados, a autora constatou que as crianças bilíngues brasileiras apresentam um desempenho menor em relação às monolíngues alemãs, no que se refere ao emprego correto da morfologia do plural alemão. Demonstrou, também, que as bilíngues brasileiras apresentaram melhor desempenho maior quanto ao uso correto da morfologia do plural do português que as monolíngues falantes do português.

Simioni (2006), em seu estudo sobre a aquisição da concordância nominal de número, teve como objetivo investigar a aquisição da concordância de número nos segmentos nominais por uma criança adquirindo o Português Brasileiro a partir do quadro do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1998; 1999). Ela pretendeu, com seu estudo, explicar também como os padrões de concordância de número na fala da criança observada evoluíram até chegar ao sistema verificado na fala adulta.

Quanto aos dados, foram analisados 91 segmentos plurais correspondentes ao período entre 1 ano e 8 meses e 3 anos e 2 meses de idade da menina E., observada em coleta longitudinal naturalística entre os anos de 2000 e 2003. Para os dados analisados, as coletas foram realizadas semanalmente e contavam com uma hora de duração.

Os dados produzidos por E. apresentaram características interessantes. Entre elas, podemos destacar: marcação morfológica exclusivamente nos nomes; dados de produção

condizentes com os padrões adultos, pois a marcação ocorre apenas no elemento mais à esquerda do sintagma e a marcação do padrão adulto. Quanto à marcação de concordância do padrão nos dados de E., a atenção está no alto percentual de formas memorizadas, isto é, aquelas formas que a criança sabe de cor, como Os três porquinhos, O gato de botas, Os sete anões, entre outras expressões dos contos de fadas.

Os dados analisados por Simioni (2006) foram classificados considerando três tipos de marcação: marcação não-padrão não esperada, marcação não-padrão esperada, marcação padrão. Entende-se marcação não-padrão não-esperada como a manifestação da marca morfológica de plural apenas em N. Marcação não-padrão esperada, por sua vez, corresponde à marcação apenas no D ou no elemento mais à esquerda do sintagma bem como expressões quantificadas com nome no singular (monte de perna) e a marcação padrão diz respeito à manifestação de marcação morfológica de plural em todos os elementos dos segmentos plurais.

Segundo ela, a emergência dos padrões ocorre da seguinte forma: primeiro surge a forma não-padrão esperada, depois a ocorrência de formas memorizadas, seguidas de formas agramaticais e, por último, as formas padrão, sendo que o pico da concordância padrão está nas formas memorizadas.

Como resultados, Simioni (2006) encontrou: emergência das formas de plural não-padrão, esperado (sintagmas com numerais ou itens indicadores de quantidade), aos 21 meses (1;11 anos); emergência das formas de plural não-padrão não-esperado, aos 25 meses (2;01 anos); emergência simultânea das formas de plural padrão e das formas de concordância não-padrão esperada, aos 30 meses (2;06 anos); emergência das formas de concordância padrão, aos 35 meses (2;11 anos).

Ela acrescenta ao exposto que mesmo após a emergência da última tipologia de marcação de plural, há um período de alternância, com predomínio das formas não-padrão, não esperadas. Aos 37 meses, há uma elevação simultânea no emprego de todos os padrões, após a qual há indícios do desaparecimento das formas agramaticais e predomínio das formas não-padrão esperadas.

Ana Castro (2007) realizou um estudo com o objetivo de avaliar o processamento da concordância de número interna aos segmentos nominais por crianças de 2 anos ao adquirir o Português Europeu (PE). Esse estudo realizado com crianças portuguesas é considerado uma réplica do estudo experimental de Corrêa *et al* (2005), realizado com crianças ao adquirir o Português Brasileiro (PB).

No estudo original – uma tarefa de identificação de imagens realizada com crianças com idade média de 25 meses - verificou-se que as crianças brasileiras nessa faixa etária reconhecem já a informação morfofonológica relativa a número e são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua, pois atribuem referência plural a um segmento nominal marcado como plural na sua língua. Tendo em consideração que, em PB, a informação relativa ao número pode estar no determinante e no nome (na variante padrão) ou só no determinante (em variantes não-padrão). Observamos no referido estudo que as crianças brasileiras, expostas a ambas as variantes, se baseiam indiferenciadamente no determinante na identificação do referente de um segmento nominal.

Nos dados obtidos com crianças portuguesas, em tarefas semelhantes às propostas por Corrêa, verificou-se que as crianças portuguesas, na mesma faixa etária que as brasileiras, identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade; identificam a posição de núcleo do determinante como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação da pluralidade; são, portanto, sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua.

Logo, esse estudo permite concluir, a partir de uma amostra de 15 crianças falantes de PE, entre os 22 e os 30 meses, que também as crianças portuguesas são sensíveis à expressão morfofonológica de número da sua língua (PE) e reconhecem que a informação crucial de número é extraída do determinante. Importante comentar que a comparação dos dados obtidos nesse estudo com os já disponíveis para o PB é ainda essencial para a compreensão da micro-variação existente nas gramáticas das variedades do PE e PB, relativamente à morfologia nominal de número, considerando tanto a gramática do adulto como a gramática da criança.

Rodrigues *et al* (2009) desenvolveram estudos sobre a aquisição e o uso produtivo da morfologia de número no Português Brasileiro. O objetivo da pesquisa foi verificar a compreensão e a produção do singular e do plural em crianças em desenvolvimento normal da linguagem.

Os participantes da pesquisa foram sessenta e quatro crianças com desenvolvimento típico de linguagem, pertencentes à escola e creche municipais da cidade de São Paulo. A metodologia empregada foi constituída de duas provas para avaliar o processamento do morfema de número: a prova de compreensão do singular e do plural e a prova de produção do singular e do plural.

Na primeira prova, a criança deveria apontar, após ordem das pesquisadoras, para a figura referente ao substantivo flexionado no plural ou no singular (exemplo: mostre as

maçãs). Para todos os itens havia um distrator de número (exemplo: a maçã - singular), um lexical (exemplo: as vacas) e um de número/lexical (exemplo: a vaca). Na segunda prova, a criança deveria responder à pergunta da avaliadora a partir de uma figura de ação com o artigo e o substantivo flexionados corretamente (exemplo: quem está correndo? Os meninos - figura de dois meninos correndo; quem está pulando? A menina - figura de uma menina pulando).

Assim, a análise das categorias de resposta do plural permitiu verificar que, aos 3 anos, as crianças produzem predominantemente o singular, mas demonstram um início de sensibilidade para perceber e produzir o plural ou usar a enumeração como expressão do conceito linguístico de número. Aos 4 anos, ocorre uma mudança significativa na capacidade de produção do *-s* como morfema flexional de número no substantivo e/ou no artigo/pronome. Portanto, a facilidade para perceber e produzir o *-s* aliado ao desenvolvimento do conceito numérico permitem que a criança use esse morfema como indicativo do plural. Tal fato sugere o desenvolvimento paralelo do conhecimento de número conceitual e do sistema de número gramatical. Conforme Rodrigues (2009), a partir dos 5 anos, a regra numérica já está estabelecida o suficiente para a produção do plural em pelo menos 80% dos contextos obrigatórios.

A pesquisa realizada por Rodrigues *et al* (2009) constatou, então, que houve um aumento dos acertos nas duas provas com a idade. A produção do plural foi a variável com menor índice de acertos, mas apresentou aumento significativo dos 3 aos 5 anos. Logo, esta habilidade aprimorou-se com o desenvolvimento, estando produtiva a partir dos 5 anos.

Ana Castro (2010) realizou um estudo sobre a aquisição de morfologia do plural europeu. Segundo Castro (2010), na aquisição podem ocorrer alguns “erros” de supergeneralização de formas não regulares, o que supõe a aplicação da regra geral a formas que estariam marcadas no léxico como irregulares.

Para melhor ilustrar o processo de aquisição de regras morfológicas e a aprendizagem de formas não regulares, a autora traz um caso no sistema nominal. O caso explorado por ela foi o de ditongo nasal *-ão*, o qual tem três formas possíveis de plural, que são: *-ãos*, *-ães* e *-ões*. Ela ressalta que, em uma produção espontânea, embora crianças de dois anos produzam as alternativas corretas (*-ão/-ãos*; *-ões* ou *-ães*), ocorrem algumas generalizações.

Castro traz um exemplo de interação entre a mãe e a criança. A mãe pergunta “duas quê?”; a criança responde “dois cães”; a mãe retorna “dois cães, não. Dois cães”; a criança responde “cães”. Há duas estratégias sendo empregadas nessa conversa. São elas: está sendo

empregada a regra geral de pluralização (-ãos) e a regra tem como base a frequência da terminação de plural no *input* (-ães).

A amostra foi composta por 40 crianças, falantes monolíngues do português europeu, dos 2 aos 5 anos (10 em cada grupo), de ambos os sexos, que frequentavam creche ou jardim de infância. O grupo de controle foi formado por 15 adultos falantes monolíngues do português europeu, com nível de ensino superior.

A tarefa experimental foi semelhante ao teste *Wug* (Berko, 1958), usando pseudo-nomes terminados em -ão. Foram também usados nomes terminados em -ão com diferentes formas de plural, para avaliar uma eventual supergeneralização da regra de pluralização de formas nominais em -ão a palavras conhecidas.

Os estímulos foram apresentados às crianças em um monitor de computador portátil MacBook, em duas etapas. Foi dito às crianças que iriam ver objetos e criaturas que conheciam e outros desconhecidos, vindos do espaço. Primeiro, uma figura em número singular era apresentada: “Aqui está um litão”. Na sequência, apareciam duas figuras iguais à primeira e era pedido à criança que completasse a frase: “Aqui estão dois...”. A resposta possível era respectivamente litãos/-ães/-ões.

Como resultado, as crianças mais novas mostraram uma taxa mais elevada de formas de plural em -ãos em ambas as condições (nomes e pseudo-nomes). Essa tendência alterou-se no grupo dos 4 anos. Em pseudo-nomes, as respostas em -ões aumentaram nas crianças mais velhas, aproximando-se do padrão de respostas do grupo de controle, que foi perto de 100% de formas plurais em -ões. As respostas em -ães foram muito raras nos pseudo-nomes, e nos nomes ficaram ausentes das respostas das crianças mais novas, aumentando nas crianças mais velhas, só no nome com plural nessa forma (*cães*).

Em síntese, os resultados com pseudo-nomes mostraram uma preferência pela estratégia de supergeneralização da regra geral de pluralização nas crianças mais novas, nos grupos de 2 e 3 anos. À medida que a idade aumentava, alterou-se a estratégia: a sensibilidade à fala do ambiente tem efeitos na produção das formas plurais, e a preferência foi para o padrão de forma de plural mais frequente, em -ões. Estes resultados parecem indicar um ajustamento da regra de pluralização para uma classe particular de nomes (os nomes terminados em -ão), uma regra que é produtiva na gramática dos adultos, de acordo com os resultados do grupo de controle em pseudo-nomes. Assim, os nomes com plural em -ãos são mais precocemente adquiridos que os nomes com plural em -ões e -ães.

Conforme o exposto acima, os estudos sobre a aquisição do morfema flexional de número no PB demonstraram sensibilidade para esse morfema já a partir dos 27 meses de idade, mas indicam que o domínio do morfema se processa em idade mais tardia. Inclusive, alguns estudos evidenciaram que antes do domínio completo dessa habilidade, outras formas linguísticas são utilizadas para expressar a noção conceitual de número. Importante também ressaltar que a aquisição de morfemas flexionais é influenciada por diferentes aspectos. Entre eles, está a estrutura fonológica, a carga de informação semântica e a frequência de ocorrência na língua.

Na sequência, daremos continuidade ao estudo da marcação do plural, evidenciando-a como uma gramática infantil composta por regras variáveis, adquiridas no contexto. Tal exposição está composta por alguns trabalhos sobre a aprendizagem de regras variáveis em diversas línguas.

### 3.2 A APRENDIZAGEM DE REGRAS VARIÁVEIS

Em uma perspectiva sociolinguística, as investigações sobre a produção da fala infantil têm evidenciado aspectos relacionados à aquisição de regras variáveis. Nesse sentido, trabalhos como o de Andersen (1990), Roberts e Labov (1995), Roberts (1997) Ravid e Farah (1999) e Smith e Fortune (2007) revelaram quais os principais aspectos envolvidos no processo de aquisição de regras variáveis. No Brasil, há estudos como de Scherre (1988) que, em sua tese, reanalisa a concordância nominal de número, tanto na fala de adultos quanto na fala de crianças; Simões (2003), Soares (2003) e Capellari (2004) também pesquisaram a concordância na fala infantil, realizando uma análise variacionista. Os três estudos buscaram condicionamentos estruturais e sociais atuantes no uso dessa regra variável na produção oral infantil.

Andersen (1990), tratando da capacidade das crianças de usarem as estruturas de sua língua materna contextualmente, realizou um estudo com 18 crianças, entre 4 e 7 anos de idade. A autora examina a variação de registro em relação a diferentes contextos de produção. Entende-se por registro aqui, segundo a autora, a presença ou a ausência sistemática de certas estruturas linguísticas em situações de fala específicas, percorrendo os níveis fonológico, sintático, semântico e lexical.

O instrumento de coleta foi composto por três situações distintas em que as crianças deveriam manipular bonecos. Esse instrumento foi chamado de improvisação controlada. As



situações eram: i) uma situação familiar; ii) um consultório médico e iii) uma sala de aula. Na situação familiar, a criança brinca com uma boneca maior usando vestido, sugerindo a figura da mãe; um boneco de bigode e gravata, o pai; uma boneca pequena, vestindo pijama, com tranças e laços, a filha. Nessa situação, o experimentador estimulava a criança a encenar o papel de pai ou o de mãe, colocar o boneco na cama, como um bebê, e contar-lhe uma história. Após, o experimentador sugeria que a criança trocasse de papel, assumindo, por exemplo, o papel de bebê.

Na situação de consultório médico, o médico é um boneco com bigode, careca e de uniforme branco; a enfermeira é uma boneca com uniforme branco e chapéu com uma cruz vermelha; a paciente é um boneco com a cabeça enfaixada e uma tala no braço. Nessa situação, o experimentador convida a criança para brincar de médico, sugerindo levar o boneco doente a uma consulta.

Na situação de sala de aula, a professora é caracterizada com um cabelo grisalho e óculos; os alunos são dois bonecos/crianças. Nessa situação, os dois bonecos/alunos eram de nacionalidades diferentes: um de nacionalidade nativa e outro boneco de estrangeira. Eles foram estimulados a conversarem, realizando todos os papéis e falando e agindo conforme seus personagens.

Os resultados apontaram, de um modo geral, a percepção das crianças quanto às dimensões como sexo, idade e hierarquia social, manipulando recursos linguísticos como indicativos de identidades sociais. As crianças evidenciaram manipular aspectos fonológicos, morfológicos e de léxico, para marcar os diferentes registros, variando esse uso de uma faixa etária para outra. Logo, esse estudo demonstrou que as crianças são capazes de manipular recursos linguísticos a fim de caracterizar identidades sociais.

Outro estudo, desenvolvido por Roberts e Labov (1995), com 18 crianças de três e quatro anos, na Filadélfia, examinou a aquisição da vogal curta /a/ (como em *cat*). Assim como a aquisição da linguagem continua ao longo do período pré-escolar, a idade de três e quatro anos é um período que ativa a aprendizagem do /a/ curto. As crianças aprenderam o sistema em algumas situações tais como *mad*, *bad*, and *glad*, mas não em *sad* e quando o /a/ curto precede nasais e consoantes. A partir desses exemplos, entre outros, os autores foram demonstrando o crescimento na aquisição desse sistema, nas faixas etárias de três e quatro anos, com crescente adaptação às normas da comunidade.

Os resultados, em suma, revelaram que essas crianças de três e quatro anos adquiriram as normas da comunidade de fala, participando, assim, da mudança em progresso. Isso inclui

aquisição de regras gramaticais categóricas, regras variáveis e, como esse estudo mostrou, a distribuição do *a* curto na Filadélfia. Além disso, ficou evidenciado que a etapa da pré-escola é um período crítico de aquisição dessas categorias.

Roberts (1996) também estudou o apagamento das consoantes finais /t/ e /d/. Dezesesseis crianças de três e quatro anos, que frequentavam a pré-escola, foram os participantes da pesquisa. As crianças foram filmadas em seu dia a dia, na Escola Kids Land, localizada em uma área de classe trabalhadora média baixa, no Sul da Filadélfia. Era uma comunidade urbana, com poucos imigrantes, com mais homogeneidade e com menos evidência de alteração estilística na fala da comunidade.

O estudo de Roberts (1996) comprovou estrita relação entre padrões de apagamento do (-t,d) das crianças e a dos adultos, tal como os documentados por Guy (1980). O indicativo mais importante é o de que as crianças adquiriram as restrições gramaticais e fonológicas, governando o apagamento do (-t/d) exibido pelos adultos. Outro fator que se revelou significativo no estudo de Roberts (1996) foram as diferenças entre faixas etárias, pois oportunizou focar a natureza desenvolvimental do padrão de variação.

Acrescenta-se ao estudo anterior as diferenças entre os gêneros. Nesse estudo, o resultado não foi diferente dos outros. As meninas, significativamente, apresentaram menor índice de apagamento (-t/d) que os meninos. Roberts (1996) buscava a justificativa inclusive nas pesquisas psicolinguísticas, que comprovassem que as meninas desenvolviam algumas formas gramaticais bem antes dos meninos, como também, no caso, a regra variável de apagamento do (-t/d).

Como justificativa, expõe que as mulheres produzem mais formas pouco conservadoras que os homens, em situação envolvendo mudanças abaixo do nível de consciência. Por outro lado, elas produzem mais formas padrão em casos de variação linguística estável ou em situação acima do nível de consciência, o que pode estar ligado a poder ou a padrão social. Como última justificativa, Roberts argumenta que as crianças estavam em processo de aquisição da linguagem, situação essa que representava, para elas, uma mudança na linguagem.

Como conclusão, esse estudo de Roberts (1996) apontou que as crianças realmente aprendem variação em idade inicial. Além disso, que a variação é adquirida simultaneamente às regras gramaticais. O fato de as crianças produzirem o dialeto padrão da Filadélfia indica que elas estão aprendendo regras com base no dialeto transmitido socialmente.

Para finalizar esse estudo, o fato de as crianças terem padrões de apagamento diferentes dos de seus pais, no caso de verbos semifracos, demonstra claramente que estão aprendendo regras, não meramente copiando as formas superficiais individuais de seus modelos de linguagem. Isso evidencia que as crianças somente reproduzem o padrão linguístico de seus pais em caso de terem a mesma estrutura de base.

O trabalho desenvolvido por Ravid e Farah (1999) examinou a aquisição de nomes plurais no dialeto de falantes do árabe palestino, no norte de Israel. O árabe palestino tem sons plurais regulares formados pelo acréscimo de um sufixo masculino e um feminino na estrutura do singular, chamado de *broken*, formando um plural irregular que se constitui na mudança interna da estrutura singular. O estudo foi desenvolvido com 48 crianças na idade de 2 a 6 anos. Foi apresentado a elas um tipo de nome no singular e era pedido para serem dadas as formas no plural correspondentes. Os resultados indicaram diferentes padrões de aprendizado para três tipos de plural: enquanto som masculino e plural *broken* foram aprendidos gradualmente; sons femininos despertam por volta dos três anos.

Recente trabalho, desenvolvido por Smith e Fortune (2007), tratou da aquisição de formas variáveis no dialeto escocês. O estudo foi realizado com onze crianças, entre 2;10 e 3;6 e suas acompanhantes, que moravam em uma pequena cidade de pescadores, no nordeste da Escócia. O principal objetivo da pesquisa era entender os mecanismos envolvidos na aquisição da variação em um estágio muito inicial. Duas variáveis foram investigadas: uma é morfossintática e a outra é a alteração entre fonemas em um tipo lexical particular. O estudo demonstrou que nem todas as variáveis são adquiridas da mesma forma nem ao mesmo tempo.

Os resultados, por sua vez, evidenciaram que com a variável morfossintática, as crianças têm ambas as formas (-s e sem -s) como corretas no início do processo; mais tarde, a criança jovem inicia com uma forma somente. Quanto à segunda variável, destacamos que as acompanhantes reconheceram que *house* era a forma usada pela comunidade, no entanto *hoose* era de uso local e familiar. Com esse exemplo, evidencia-se que elas conheceram quando e onde era apropriado o uso de uma variante ou de outra e, com esse conhecimento, elas “ensinavam” suas crianças as regras sociolinguísticas de uso. Tal estudo evidenciou a interdependência da comunidade, dos adultos cuidadores e da criança na aquisição de uma gramática que tem a variação como recurso.

No Brasil, há alguns poucos estudos sobre aquisição da concordância nominal de número na produção oral infantil, sob a perspectiva variacionista, os quais serão expostos na

sequência. Scherre (1988), em sua tese de Doutorado, realizou uma análise minuciosa da concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal em Português. A amostra de Scherre (1988) foi constituída de 64 horas de fala gravada de 64 falantes radicados no município do Rio de Janeiro, sendo que 48 entrevistas foram realizadas com 48 informantes entre 15 e 71 anos e 16 entrevistas com 16 falantes de 7 aos 14 anos.

Esta parte da amostra é a que nos interessa neste momento. A amostra das crianças foi estratificada em função de anos de escolarização – um a quatro anos (primário) e cinco a oito anos (ginasial) – e sexo: feminino e masculino. Segundo a autora, foi possível evitar um certo enviesamento entre faixa etária e anos de escolarização. Todos os falantes de sete a dez anos estavam nos quatro primeiros anos do primeiro grau e todos os falantes de 11 a 14 anos estavam nos quatro últimos.

As crianças pesquisadas nasceram e foram criadas no Rio de Janeiro e todas elas estudavam em escolas públicas. O procedimento para a coleta dos dados dos adultos e das crianças foi de forma geral o mesmo, com as especificidades naturais relativas às diferenças existentes entre as faixas etárias. Os informantes ficaram distribuídos da seguinte forma: anos de escolarização (oito de um a quatro - primário) e (oito de cinco a oito - ginasial); sexo: oito meninos e oito meninas; faixa etária: 16 crianças de 7 a 14 anos.

Quanto aos resultados, a autora constatou que:

- na variável processos morfológicos de formação de plural, os itens que apresentam maior diferenciação fônica na relação singular/plural são mais marcados do que os que apresentam plural regular; o fator que evidenciou maior peso com relação à presença de marcas foi o plural duplo;

- com relação à tonicidade, Scherre (1988) evidenciou que a tonicidade do item singular influenciou a presença da marca no sentido de serem os oxítonos e os monossílabos tônicos os que mais a favoreceram; com isso, a autora destaca a influência da saliência fônica, já que os itens que mais favoreceram a marca de número são aqueles cuja tonicidade recaiu sobre a última sílaba, tornando-a mais saliente;

- no que se refere à posição linear que o elemento ocupa no SN, a autora propõe abordar a questão, considerando as influências das variáveis classe gramatical e marcas precedentes; ela concluiu que a primeira posição favorece a presença de marcas em qualquer classe gramatical que nela ocorra;

- para explorar a possível relação entre classe e posição, Scherre (1988) examinou o comportamento do determinante, do substantivo e do adjetivo em SNs de três ou mais elementos. Constatou que não há uma relação rígida entre a ocorrência de determinante e a primeira posição, substantivo e segunda posição, adjetivo e terceira posição.

- na variável marcas precedentes ao elemento nominal analisado, a primeira posição é altamente favorecedora da presença da marca formal de plural, assim como a segunda posição nas situações em que a primeira não se encontra marcada;

- a variável grau do item lexical evidenciou que itens flexionados em grau são desfavorecedores da presença da marca de número;

- quanto ao contexto fonológico/fonético seguinte, os resultados evidenciaram que a diferença de atuação da consoante e da vogal é praticamente inexistente nas crianças a favor da consoante;

- quanto à função sintática do SN, a quase identidade de comportamento pode ser vista nos SNs de função sujeito e função complemento;

- quanto à formalidade dos substantivos, os dados mostraram que os substantivos mais informais inibiram o número de marcas plurais no SN, enquanto os substantivos menos informais favoreceram-no;

- quanto à animacidade dos substantivos, ficou evidenciado que o traço humano é considerado mais saliente; é de se esperar, pois, que os substantivos marcados positivamente com relação a esse traço tenham mais marcas de plural do que os com traço [-humano].

Assim, em grande parte, a investigação realizada por Scherre (1988) serve de parâmetro para vários estudos com enfoque na concordância nominal de número, inclusive os estudos com descrições da fala infantil. O estudo de Scherre (1988) confere suporte para uma análise mais segura e precisa dos dados coletados em outras pesquisas, como de Simões (2003, 2005) e Capellari (2004), por exemplo.

Simões (2003, 2005), em sua pesquisa, examinou o desenvolvimento da concordância nominal de número e da concordância verbal de primeira pessoa (a qual não será discutida aqui) na produção oral de crianças monolíngues adquirindo o português falado no Brasil. Em relação aos dados utilizados em sua pesquisa, Simões aproveitou os do Banco de Dados do projeto DELICRI, formado por crianças de classe média, em um cenário de pré-escola da rede particular de ensino, consistindo de entrevistas conduzidas por um adulto pesquisador que incentivava a criança informante a falar, sem qualquer tipo de controle da situação de observação.

A pesquisadora encontrou que, na concordância nominal, em relação à idade, os resultados apontaram a atuação cruzada entre faixa etária e processos de alfabetização e letramento. Os percentuais obtidos mostraram um maior índice de aplicação de concordância padrão nas faixas etárias pós-alfabetização do que nas faixas pré-alfabetização. Para Simões (2005), possivelmente o ingresso da criança no ensino formal, por volta dos sete anos de idade, exerceu efeito, ampliando o índice de aplicação da marca padrão de plural.

Vale destacar que nos dados extraídos dos contextos de relato pessoal, ou seja, nos contextos informais de conversa, em que a criança contava coisas que haviam acontecido com ela, há menor índice de concordância padrão do que nos contextos mais formais, em que a criança deveria produzir histórias estruturadas. Esse fato indica que as crianças conhecem e fazem uso da ligação estilística entre norma padrão e letramento.

Acrescentamos a esses dados a relação entre escolaridade, diferentes condições de coleta e gênero. Em todos, as meninas produzem mais marcas de plural padrão que os meninos, de modo geral, após ingressarem na primeira série. Em outras palavras, os percentuais de marcação padrão são maiores nas coletas realizadas mais tardiamente, o que pode, evidentemente, estar relacionado à maior idade das crianças em tais entrevistas. Simões (2005) destaca, por fim, que os informantes da coleta são apenas dois meninos e que a amostra não é controlada em termos da homogeneidade de categorias sociais como a profissão e a escolaridade dos pais das crianças.

Capellari (2004), em seu trabalho de Mestrado, investigou aspectos relacionados à concordância nominal na fala de crianças monolíngues no português do Brasil. Essa investigação estruturou-se em aspectos linguísticos e sociais. Ela objetivou investigar se tal como na fala adulta, a concordância nominal de número caracterizou-se como regra variável na fala infantil. Teve como objetivo, também, verificar a relação entre alfabetização e o uso da regra variável, bem como a atuação de outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, tipo de escola, contexto discursivo e audiência. No entanto, não houve uma amostra estratificada quanto à classe social. Os sujeitos da amostra pertenciam à classe média de Porto Alegre. Importante destacar, ainda, que ela realizou, como Scherre (1998), tanto a análise atomística quanto a não-atomística.

Os dados de seu estudo provêm de quatro coletas transversais distintas, sendo três delas pertencentes à tese de Doutorado de Zilles (1992) e uma pertencente ao Banco de Dados do Projeto de Desenvolvimento da Linguagem da Criança – DELICRI. O total de sintagmas

nominais plurais considerados em sua amostra foi de 537, desdobrados em 984 itens flexionáveis.

As amostras realizadas foram denominadas “interação criança-criança”, “entrevista-pessoal” e “tarefas”, as quais pertencem a Zilles (1996). A designação “interação criança-criança” consistiu de um momento de brincadeira entre duas crianças, sempre um menino e uma menina da mesma faixa etária. Elas eram estimuladas a brincarem juntas em uma mesa com um conjunto de brinquedos. A instrução dada às crianças, no momento do registro dos dados, era de que brincassem e conversassem sobre o que estavam fazendo. Os dados que provêm da “entrevista pessoal” foram obtidos por um adulto que entrevistava as crianças. As perguntas foram relacionadas à alguma rotina infantil.

A amostra designada como “tarefas” teve como suporte um instrumento para elicitación dos dados. Tratou-se de um conjunto de tarefas, conduzidas por um adulto, de acordo com um roteiro pré-estabelecido, envolvendo discurso narrativo.

A quarta amostra pertencia ao Banco de Dados DELICRI<sup>3</sup>. A amostra analisada no estudo de Capellari foi realizada entre 1992 e 1994, contando com 160 informantes, agrupados em 8 faixas etárias, cobrindo o período dos cinco aos 9 anos de idade. Cada faixa etária possuía 20 informantes, agrupados em intervalos de seis meses. As entrevistas foram organizadas com base nas seguintes situações de coleta: interação entrevistador/ informante; relato pessoal oral e escrito; relato de história em sequência.

A coleta longitudinal do DELICRI foi realizada entre os anos de 1992 a 1996, sendo composta por seis crianças, alunas de instituições privadas. As crianças foram observadas dos 5 aos 9 anos de idade, com intervalos de 2 a 3 meses. Tal amostra teve como proposta a observação de estágios de desenvolvimento das crianças, no que se refere aos aspectos acima mencionados.

As variáveis linguísticas utilizadas por Capellari (2004), na análise atomística, foram selecionadas a partir das variáveis propostas por Scherre (1988), considerando apenas as que evidenciavam influência sobre o fenômeno estudado. Seguem as variáveis selecionadas pela pesquisadora: processos morfofonológicos de formação do plural; tonicidade dos itens lexicais singulares; posição linear do elemento no SN; classe gramatical do elemento nominal; marcas precedentes ao elemento nominal analisado; grau dos substantivos e dos adjetivos.

---

<sup>3</sup> O projeto DELICRI – Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento – é um projeto que tem como objetivo investigar a produção linguística de crianças entre os 5 e os 9 anos de idade, no que diz respeito ao desenvolvimento da fonologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso. O banco de dados conta com duas coletas: uma longitudinal e outra transversal.

Além dessas variáveis, na análise não-atomística, Capellari (2004) examinou o uso que as crianças faziam na fala da regra de concordância nominal de número, focalizando suas realizações padrão e não-padrão. As variáveis extralinguísticas examinadas foram: sexo (masculino e feminino); faixa etária (4 anos, 5 anos, 6 anos, 6 anos, 7 anos e 8 anos); contexto discursivo - entrevista pessoal (adulto-criança), relato baseado em gravuras, reconto de narrativa, interação criança-criança; audiência (criança como interlocutor e adulto como interlocutor); tipo de escola (pública e privada); escolarização - crianças em idade pré-escolar (4,5 e 6 anos) e em idade escolar (7 e 8 anos).

Quanto aos resultados, dos 984 itens flexionáveis do *corpus* composto por Capellari (2004), 498 (51%) apresentaram o morfema indicador de plural *-s*. Os outros 486 (49%) constituíram a não aplicação da regra, ou seja, ausência da marca de número. A partir dessa distribuição geral, a pesquisadora constatou uma prevalência de elementos nominais flexionáveis sobre os não flexionáveis.

Principais resultados encontrados por Capellari (2004) foram:

- os itens regulares são desfavorecedores da retenção da marca de número, enquanto que os itens que apresentam diferenciação fônica na pluralização são favoráveis;
- quanto à tonicidade, os monossílabos átonos foram responsáveis em 96% dos casos em que houve retenção da marca e os proparoxítonos em cancelá-la, em 15% dos casos;
- quanto à posição linear e à classe gramatical, a pesquisadora encontrou que a primeira posição exerce influência sobre a marcação do plural; salvo os substantivos, categorias substantivadas e adjetivos, que impossibilitaram qualquer inferência devido aos escassos casos, todas as classes, quando nessa posição, são altamente favorecedores da aplicação da regra;
- quanto às marcas precedentes ao elemento nominal analisado, a autora concluiu que os seus dados não eram adequados para testar o efeito das marcas precedentes, pois os SNs analisados, de modo geral tinham dois elementos;
- quanto ao grau do item lexical singular, os dados apontam que itens flexionados em grau são desfavorecedores da presença da marca de número.

Quanto à análise não-atomística, Capellari (2004) obteve, dos 537 SNs plurais, 16% são de SNs plurais padrão e 84% são de SNs plurais não-padrão. Isso significa que a fala de crianças aqui estudadas caracterizou-se, predominantemente, pelo uso de SNs plurais não-padrão.



Os principais resultados encontrados por Capellari (2004), quanto às variáveis da análise não-atômica foram:

- quanto ao sexo, os percentuais sugerem um comportamento diferenciado, indicando um maior uso de concordância padrão entre os meninos;
- quanto à faixa etária, os percentuais não apresentam uma diferença significativa entre os grupos etários. Além disso, não foi observada, nos percentuais, relação entre a concordância padrão e faixa etária, no sentido de estipular uma diferenciação quanto à produção da concordância padrão entre crianças mais velhas e mais novas;
- quanto à escolarização, os percentuais não apontam diferenças significativas entre as crianças em idade escolar e as em idade pré-escolar;
- quanto ao tipo de escola, a diferença percentual sinaliza para um maior índice de concordância padrão entre os alunos de instituições de ensino privadas, sugerindo um uso mais acentuado da forma padrão prestigiada entre as crianças de maior poder econômico;
- quanto ao contexto discursivo, da produção oral infantil, em que mais ocorre marcação de número padrão é o que tem por base o texto escrito;
- quanto à audiência analisada em duas situações de conversa disponíveis na amostra: em uma situação o interlocutor é outra criança; na outra situação o interlocutor é um adulto, os resultados evidenciaram que, quando a criança conversa com o adulto a marcação de plural corresponde a 16% em contraste com 13% na conversa com outra criança.

Diante desses resultados, Capellari (2004) percebeu que o fenômeno da concordância nominal de número também se caracterizava, na fala infantil, como uma regra variável. Os resultados obtidos nesses estudos servirão de parâmetro para esta pesquisadora realizar a análise dos dados obtidos. Outras variáveis, no entanto, serão acrescentadas às citadas, em especial, a classe social dos informantes, por acreditarmos que seja um fator relevante na aquisição da concordância nominal de número.

Assim, todas as descobertas e os resultados expostos nesses trabalhos evidenciaram a participação ativa de crianças muito jovens na sua comunidade de fala. Essas descobertas justificam o interesse dos variacionistas por essa idade, tanto porque as crianças estão ativamente adquirindo aspectos socialmente orientados quanto porque estão influenciando mudanças.

Gostaríamos de acrescentar aqui as palavras de Chambers (2003, p. 174), que diz “quando as crianças adquirem a língua materna, elas evidentemente adquirem as variantes e as normas de seu uso também”. Destaca, ainda, que não há estudos indicando um período de

tempo entre a aquisição da competência gramatical e o desenvolvimento da competência sociolinguística. As afirmações de Chambers (2003) são amplamente confirmadas pela pesquisa aqui relatada e, veremos, serão também confirmadas pelos resultados obtidos nesta investigação.

## 4 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo, por sua proposta interdisciplinar, está inspirada tanto na teoria da Aquisição da Linguagem quanto na da Sociolinguística Variacionista. No que segue, de modo geral, apresentamos a metodologia quantitativa em sociolinguística, em especial o método na investigação da linguagem da criança. Na sequência, consta um detalhamento de como se desenvolveu a construção do *corpus*, definindo o perfil geral dos informantes e os critérios de seleção. Apresentamos, também, como foram coletados os dados de fala, com os respectivos procedimentos, envolvendo as interações e o questionário social. Além disso, estão expostos os procedimentos de análise de dados variáveis, o conjunto de grupo de fatores com a descrição de cada um deles e como se deu a organização do Banco de Dados de Fala Infantil.

### 4.1 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PROPÓSITOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

Para a compreensão da metodologia empregada nesta pesquisa, retomemos alguns aspectos significativos, em se tratando de método de investigação variacionista. A metodologia variacionista vem sendo utilizada por linguistas em suas investigações científicas, com o objetivo de identificar os fenômenos de variação linguística que ocorrem e, assim, conhecer a diversidade linguística existente.

A sociolinguística de base laboviana forneceu uma nova metodologia de coleta e análise quantitativa de dados. Essa metodologia atribui ênfase ao contexto onde se desenvolvem as condutas linguísticas, relacionando a língua à vida social da comunidade. Acrescentamos a isso a teoria da variação laboviana que interpreta os fenômenos da língua, controlando determinadas variáveis linguísticas e sociais através da codificação dos dados coletados.

Essa ênfase da sociolinguística quantitativa laboviana nas influências dos fatores, tanto internos como externos, para o estabelecimento de uma regra variável, exige que se realizem pesquisas quantitativas, baseadas em dados amostrais controlados, que garantam a representatividade dos vários fatores em jogo nos dados obtidos pela pesquisa, e que se defina o envelope de variação, que será a base para a análise do fenômeno. Com relação à questão da obtenção dos dados, o objetivo da pesquisa variacionista é o estudo do vernáculo da comunidade de fala sob estudo, havendo forte ênfase na obtenção de dados, da forma menos monitorada possível.

Além disso, ao longo de seu trabalho, os sociolinguistas criaram mecanismos para a incorporação da variação estilística na coleta de dados, de tal forma que não apenas haja esforço por obtenção de gravações de fala natural, mas também que, dentro do espectro de dados disponíveis, seja possível comparar trechos de fala mais e menos monitorados, revelando que tendências de uso, na comunidade de fala, podem ser mais identificados como vernáculo e quais podem ser identificados com o planejamento de fala mais formal, como fruto de monitoramento linguístico. Tanto o esforço pela obtenção da fala distensa como a ideia de fazer variar, no próprio âmbito das sessões de gravação dos participantes, a variação estilística são a base para o planejamento e a execução da dita “entrevista sociolinguística” (LABOV, 1972).

O método quantitativo laboviano, portanto, recorta amostras de entrevistas cuidadosamente planejadas para a obtenção de sessões, a um só tempo, distensas e variadas de entrevistas com grupos de participantes cujo perfil social é selecionado na base das categorias sociais importantes para o envelope de variação. Assim, caso se considere que gênero e idade, por exemplo, sejam fatores sociais importantes, o fundamental é que se obtenha dados das entrevistas dos grupos de homens e mulheres de cada uma das idades fixadas, de tal forma que, em cada combinação entre idade e gênero, se colham informações de, no mínimo, cinco participantes.

#### 4.2 O MÉTODO NA INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA: PROPÓSITOS E CONSEQUÊNCIAS PARA A OBTENÇÃO DE DADOS

Nesta seção, exploraremos o método de investigação da linguagem da criança. Algumas pesquisas realizadas com crianças envolvem estudos longitudinais e naturalísticos; outras, estudos transversais experimentais (CASTRO, 1996). Abordaremos ambos os tipos de

estudos, os quais serão exemplificados, uma vez que a pesquisa realizada caracteriza-se como uma combinação dos dois métodos.

Um estudo longitudinal estuda tendências no desenvolvimento comportamental na vida de um indivíduo, pois acompanha o mesmo grupo, observando as diferenças de uma faixa etária para outra. Desse modo, buscamos encontrar correlação entre as variáveis e as possíveis variações, através de observações repetidas dos mesmos itens ao longo de um extenso período de tempo. Observamos, assim, a trajetória de vida dos indivíduos incluídos na amostra.

Para exemplificar tal tipo de estudo, citamos a coleta longitudinal do Delicri, disponível em Simões (2003, 2005). A coleta foi realizada entre os anos de 1992 e 1996, composta por cinco crianças, alunas de instituições privadas. Elas foram observadas dos cinco aos nove anos de idade, em um intervalo de dois a três meses. A proposta constou da observação dos estágios de desenvolvimento das crianças na concordância nominal de número.

De um modo geral, os estudos longitudinais optam por modelos de coleta ditos naturalísticos, pois procuram deixar as crianças o mais livres possível para brincar, de tal forma que realizem elocuições espontâneas. Enfim, há uma relação forte, nos estudos em aquisição, entre fala espontânea e geração de dados longitudinais.

Já o estudo transversal é caracterizado pela estratificação por idade de grandes grupos de crianças, na tentativa de constituir uma amostra com número de dados significativamente grande no que toca à compreensão e à produção de itens específicos da língua, em busca de delinear o desenvolvimento gramatical. Esse tipo de estudo observa e examina uma fatia do grupo alvo, um subconjunto da população, ao mesmo tempo em que permite a comparação dos grupos em idades diferentes, no que diz respeito às variáveis independentes. Os resultados encontrados caracterizam-se como típicos do grupo inteiro. Neste tipo de estudo, a coleta se dá em um único ponto da trajetória da vida do informante.

Zilles (1992), em sua tese de doutorado, realizou várias coletas transversais com crianças. Como exemplo, trazemos a “interação criança-criança”, composta por oito coletas, em um total de dezesseis sujeitos, oito meninos e oito meninas, de quatro, cinco e seis anos de idade. Todos os alunos faziam parte de uma escola pública de classe média de Porto Alegre. Nessa amostra, um menino e uma menina, da mesma faixa etária, eram estimulados a brincarem juntos em uma mesa, com um conjunto de brinquedos. Essas crianças deveriam brincar e conversar sobre o que estavam fazendo.

Nos estudos transversais, é muito frequente, no campo da pesquisa sobre a linguagem da criança, a utilização de estímulos específicos que provoquem a produção de certo tipo de estrutura ou que seja capaz de testar a compreensão ou manipulação, pela criança, de enunciados que contenham certo tipo de estruturação. Essa provocação é, por vezes, chamada de “elicitación” do dado e garante que, em poucas visitas a uma criança, seja possível registrar comportamentos pertinentes ao problema sob investigação. Evidentemente, quanto mais controlado for o protocolo utilizado para tal provocação, menos semelhante ao vernáculo usualmente empregado pela criança será seu discurso; essa questão, contudo, não tem preocupado a maior parte dos estudiosos na área, uma vez que o foco de suas interpretações são as diferenças estatísticas, ou mesmo qualitativas, apresentadas entre crianças de diferentes grupos, na produção ou compreensão da linguagem.

Uma vez descritos os dois tipos de estudos, optamos por um método alternativo que se efetiva através da combinação dos dois métodos. Este estudo caracteriza-se como transversal, pois a mudança da linguagem da criança ao longo do tempo não é observada por meio do registro de sua fala por longo período de tempo. Ao contrário disso, o grupo de crianças participantes foi dividido em três faixas etárias, de tal forma que possíveis diferenças linguísticas pudessem ser flagradas de uma faixa etária para a outra (3 a 4 anos; 4,1 a 5 anos; 5,1 a 6 anos).

Além disso, como o estudo se insere também no campo da sociolinguística, tivemos o cuidado de estabelecer controle da amostra, no que se refere à classe socioeconômica dos participantes, classificada com média-alta. Também a estratificação cuidadosa da amostra em dois gêneros – feminino e masculino – inspirou-se nos moldes de formação de bancos de dados sociolinguísticos. Mesmo em pesquisas estatísticas transversais, esses dois fatores de constituição da amostra não são usualmente controlados pelos pesquisadores da área de aquisição da linguagem.

Por fim, do ponto de vista do campo dos estudos em aquisição, um objetivo nesta pesquisa torna-a semelhante aos contextos de pesquisa longitudinal – a centralidade da obtenção de dados ditos naturalísticos; ou seja, a tentativa de deixar que a criança produza o mais livremente possível ao interagir com o pesquisador.

Quanto a isso, devemos observar que foi necessário construir estratégias específicas ao contexto da pesquisa com crianças, a fim de atingir dois objetivos importantes: obter dados de plural em bom número e que reproduzissem contrastes estilísticos, sem que fosse possível aqui reproduzir os métodos tão bem-sucedidos da entrevista laboviana. As razões para isso

parecem evidentes: na faixa etária em questão, as crianças não têm a mesma fluência dos adultos em responder a provocações na forma de perguntas, para que narrem sobre seu passado e sobre suas condições de vida e as crianças ainda não sabem ler. Ao longo deste capítulo, discutiremos as estratégias utilizadas para atingir a estes dois propósitos.

### 4.3 OS DADOS

A proposta principal, nesta tese, é a montagem de um banco de dados socialmente controlado. Este banco de dados foi projetado com o objetivo de estudar aspectos referentes a categorias sociais e suas implicações linguísticas. Para tanto, realizamos a leitura de textos significativos quanto aos aspectos a serem considerados para a construção de um banco de dados linguísticos variáveis, como os de Labov (1972), Chambers (1995), entre outros. A tese desenvolvida por Amaral (2003) foi outra leitura fundamental para a construção do banco de dados, na qual é possível verificar cada passo do processo de construção do VarX – Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social.

#### 4.3.1 Perfil dos participantes

Para delinear o perfil dos participantes da pesquisa e situar o leitor no espaço em que a coleta foi realizada, foi necessário partir do conhecimento da origem do povo hamburguense, pois todas as crianças que fizeram parte da pesquisa são naturais do município e, por isso, tem uma história ligada a esse município. Para tanto, buscamos alguns aspectos significativos que caracterizassem o ambiente mais amplo em que vivem essas crianças, como Novo Hamburgo e seus bairros, chegando à caracterização da escola maternal que frequentavam e, então, ao perfil socioeconômico dos pais e, conseqüentemente, das crianças.

O município de Novo Hamburgo está situado na região Sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião de Porto Alegre; mais precisamente, está localizado no Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo está a 45 km de distância de Porto Alegre. Com uma população de aproximadamente 238.940 habitantes, segundo dados do IBGE (Censo 2010), o município é formado por 27 bairros.

A colonização, pelos alemães, da zona onde hoje se encontra a cidade de Novo Hamburgo, foi iniciada em fins de 1824. Muitos alemães instalaram-se na cidade, construindo

os troncos de famílias ainda hoje existentes. Essa característica é uma marca da história da população de Novo Hamburgo, pois os de origem alemã eram os que tinham posses, moravam no centro e eram patrões (donos das empresas de calçados). Percebe-se isso no sobrenome das crianças pertencentes ao espaço da pesquisa, as quais, na sua maioria são de origem alemã. Podemos mencionar alguns deles: Koch, Schmitt, Diefenbach, Von Reisswitz, Eckart, Blauth, entre outros.

Segundo Selbach (1999), a separação étnica era evidente na cidade, desde a sua origem. De acordo com sua história, em Hamburgo Velho e no Centro, residiam os legítimos descendentes dos imigrantes, as tradicionais famílias de origem alemã. Do outro lado de um arroio que cortava a cidade, em uma área conhecida por “África”, estavam estabelecidos os de pele escura. Em outra, ainda, ficavam aqueles que tinham certa miscigenação, os “brazilianers”. Ainda naquela época, evidenciava-se o investimento na área central da cidade, e o abandono dos bairros era visível.

O cenário de modernização foi trazido pela elite, que dia a dia fez com que a cidade enriquecesse com modernas construções. Elegantes prédios residenciais ergueram-se majestosamente. Por outro lado, os loteamentos populares cresceram rapidamente nos arrabaldes do município.

Esse contraste continua presente na organização e na vida das pessoas da cidade. No centro e nos bairros localizados entre a periferia e o centro encontram-se, de modo geral, os descendentes de alemães que ali chegaram e os resultantes da miscigenação, pois fixaram residência e conquistaram seu patrimônio, dando continuidade ao que os primeiros imigrantes deram origem. É fundamental destacar que o local de residência das crianças participantes desta pesquisa é o centro ou os bairros residenciais próximos ao centro. Esse fator contribui para a caracterização socioeconômica de suas famílias. Nos arrabaldes, em contrapartida, encontram-se os que aqui vieram em busca de trabalho, não são descendentes de alemães e vivem em situação econômica muito baixa, de modo geral, e de vulnerabilidade social.

Conhecida um pouco da história do município quanto às questões histórica, social e econômica, em especial dos possíveis participantes da pesquisa, segue como foram selecionados esses informantes, na maternal escolhida para a realização da coleta de dados.

Para a seleção dos informantes – crianças de três a seis anos de idade, escolarizadas, de classe média-alta – procuramos diferentes espaços nos principais bairros da cidade, distribuídos em centro, periferia e arrabalde. Para a realização da coleta de dados,

selecionamos uma maternal, caracterizada como de rede privada, localizada em uma das áreas mais nobres do centro da cidade de Novo Hamburgo.

A maternal selecionada para a realização da coleta de dados foi fundada em dezembro de 1992. Ela tem como objetivo criar um ambiente que promova o desenvolvimento integral e harmônico da criança, em um clima afetivo de confiança, respeito, responsabilidade, autonomia, alegria, criatividade, descoberta e prazer, de tal forma que o contexto se torne agente de aprendizagem, respeitando habilidades e individualidades para que se efetivem as expectativas próprias de sua faixa etária.

A maternal conta com um excelente espaço físico: um prédio com 500 metros quadrados, com dois ambientes adaptados a diferentes faixas etárias. Um deles é reservado às crianças de 1 ano e 2 meses a 3 anos e 8 meses, e o outro é destinado às crianças maiores, de 3 anos e 9 meses a 6 anos.

O espaço para os alunos menores conta com três salas de aula, dois ambientes “soninhos”, dois banheiros, um refeitório, um *playground* e um pátio para recreação ao ar livre. As salas de aula são temáticas e se constituem em espaço a serem utilizados pelas crianças da manhã e da tarde, revezando-se entre elas no turno em que permanecem na escola maternal. A sala da frente, como é chamada por todos, é composta por muitos brinquedos; a biblioteca conta com prateleiras de livros, mesinhas, televisão e um espaço cercado, adaptado para os bebês. Na sala do meio (*play*) há uma piscina de bolinhas, escorregador, casinha e cavalinhos. A sala do fundo é destinada e adaptada aos bebês.

O espaço programado para as crianças maiores conta com cinco ambientes e tem um pátio. Durante o seu turno, as crianças circulam pelos vários ambientes, conforme o cronograma do dia. O espaço conta também com um *playground*, a sala do palquinho, a sala de jogos, o pátio aberto e a área coberta onde ocorrem as atividades artísticas e os lanches. O ambiente é um local aconchegante, com propostas de desafios constantes através da diversidade de materiais usados para mediar a relação entre adulto e criança.

A rotina é organizada pela equipe de educadoras. Essa equipe é formada por educadoras com habilitação em magistério; psicopedagoga; professoras de música, de inglês, de informática e professor de capoeira. Além disso, a escola conta com uma nutricionista e um guarda para segurança das crianças.

Cada turma inicia seu turno em uma sala determinada e, após algum tempo, inicia-se o rodízio pelas salas. As atividades vão ocorrendo de acordo com o espaço físico ocupado: brincadeiras na sala de jogos, teatros e fantasias na sala do palquinho, atividades motoras



dirigidas no pátio e brincadeiras livres no *play*. No final da tarde, cada turma volta a sua sala de origem para esperar os pais.

Quanto à convivência com as crianças, destacamos o costume que há entre as crianças, de chamarem as professoras de “tias” e que, segundo a pedagoga, é uma forma mais carinhosa de estabelecer o relacionamento entre crianças e educadoras. A relação das “tias” com as crianças tem como base o carinho e o diálogo. As atividades propostas são dirigidas durante todo o tempo e fundamentam-se em processos lúdicos, mantendo as crianças em movimento e em aprendizado constante.

Todas as turmas da escola trabalham por meio de projetos. Os projetos pedagógicos desenvolvidos em qualquer faixa etária têm sua origem na literatura infantil. Por esse motivo, o contato com os livros é constante desde o berçário, sendo que a hora da história é proposta diariamente.

Em relação à leitura e à escrita, também desde o berçário, há a “chamadinha”, onde há exposto o nome da criança e a sua foto. Nesse momento, cada aluno deve, dentro de suas capacidades, visualizar, pronunciar e reconhecer seu nome entre os demais. Em uma fase posterior, são acrescentados nomes relacionados ao projeto em estudo. Sempre há a figura relacionada ao nome. Nas demais turmas, são muito valorizados os jogos, como o bingo de letras, de sílabas, de palavras, de números e das imagens relacionadas ao tema do projeto. As crianças jogam também dominó e jogos da memória, de igual modo, evidenciando letras, sílabas, palavras e imagens. Além disso, no decorrer do projeto, os próprios alunos produzem livros de histórias e registram, em forma de relatório, situações vivenciadas pelo grupo no projeto.

Uma vez definido o local para o desenvolvimento da pesquisa, a maternal localizada no centro da cidade, doravante denominado de Espaço Azul (Az), foi enviada aos pais de todas das crianças de três a seis anos uma ficha informativa, com o objetivo de definir as crianças que participariam da amostra. A seguir, consta a ficha:

**Quadro 4** - Quadro inicial para seleção dos informantes

DATA DA INFORMAÇÃO: _____ NOME DA CRIANÇA: _____ DATA DE NASCIMENTO: _____ IDADE: _____ ENDEREÇO: (Rua, número, bairro...) _____ _____ NATURAL: _____ TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO (em caso de não ser natural da cidade) _____
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

LÍNGUA MATERNA: \_\_\_\_\_  
 NOME DO PAI: \_\_\_\_\_  
 PROFISSÃO: \_\_\_\_\_  
 ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_  
 NOME DA MÃE: \_\_\_\_\_  
 PROFISSÃO: \_\_\_\_\_  
 ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Essa ficha foi organizada em duas partes, que consta de dados sobre a criança e sobre os pais da criança. Quanto à primeira parte, as informações solicitadas foram referentes à data de nascimento da criança, ao endereço, à naturalidade, ao tempo de residência no município e à língua materna. O objetivo principal da sua realização era selecionar as crianças quanto à faixa etária proposta na pesquisa; o local de residência, em especial, o bairro da cidade em que moram; a naturalidade, para selecionar apenas as crianças naturais de Novo Hamburgo, observando que, se não fossem naturais da cidade, tornava-se importante saber o tempo de residência no município. A segunda parte constou de informações referentes aos pais das crianças, onde a pergunta se ateve ao nome, com a respectiva escolaridade e ocupação.

A partir do retorno das fichas pelas crianças, foi definida a amostra – trinta crianças – e caracterizada a classe social dos informantes – classe média-alta – considerando a escolaridade e a ocupação dos pais e o local de residência da família. Conforme o mapa da cidade, a seguir, as crianças que frequentavam a escola maternal e participaram da pesquisa residiam em diferentes bairros da cidade, cujo valor das residências é o que determina o nível do bairro. Uma criança, no entanto, foi excluída, porque os pais não autorizaram sua participação e, outra também foi excluída da seleção, cuja naturalidade era uruguaia, porque obviamente não era de naturalidade brasileira.

Como um dos objetivos era organizar uma amostra estratificada, estabelecemos igual número de meninos e de meninas, em cada faixa etária, o que pode ser comprovado na Tabela que segue:

**Tabela 1** – Informantes do Banco de dados a partir das dimensões sociais:  
gênero e faixa etária

<b>Dimensão</b>	<b>Fator 1</b>	<b>Fator 2</b>	<b>Fator 3</b>	<b>TOTAL</b>
Gênero	15	15		30
Faixa etária	10	10	10	30

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme pode ser constatado acima, a divisão entre esses grupos de fatores sociais foi equilibrada. Dos trinta informantes, quinze são do gênero masculino e quinze são do gênero feminino; dez são da faixa etária 1 (3 anos a 4 anos), dez são da faixa etária 2 (4,1 a 5 anos) e dez são da faixa etária 3 (5,1 a 6 anos). Para garantir a representatividade da amostra, para cada uma das células temos, no mínimo, cinco informantes.

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 113), quanto ao tamanho da amostra, há um postulado de ordem prática, segundo o qual é necessário que cada célula seja composta por 4 ou 5 indivíduos.

Por isso, diz-se que, com 4 ou 5 indivíduos em cada célula, aumentam substancialmente as chances de identificar tendência, através da constatação de regularidades no comportamento dessas pessoas, em contraste com o de outras pessoas da amostra.

A classe social das crianças foi definida considerando, também, a escolaridade dos pais, a ocupação dos pais e o local de residência de cada informante. Para isso, verificamos se residiam nos arrabaldes, na periferia ou no centro de Novo Hamburgo.

De acordo com as informações obtidas, as crianças, classificadas como de média-alta, estavam distribuídas entre os principais bairros, localizados na periferia de Novo Hamburgo e no centro da cidade. Uma criança apenas residia no Bairro Operário, considerado bairro localizado no arrabalde da cidade. Ele é um bairro residencial de fácil acesso, com toda a infraestrutura necessária para que seja considerado pela população “bom de se viver”. A localização da residência de cada informante – se nos arrabaldes, na periferia ou no centro da cidade – está expresso na Figura 1, a seguir.

**Figura 1** - Mapa da cidade de Novo Hamburgo, com a delimitação dos bairros próximos ao centro, onde residem as crianças da pesquisa



**Fonte:** Elaborado pela autora, com base nas imagens do Google Earth.

Considerando que o local da residência do informante faz parte da dimensão classe social, é necessário caracterizar a divisão acima. O Bairro Centro é o cartão de visitas da cidade, pois apresenta um grande número de edifícios com arquitetura arrojada, ao lado de prédios antigos que perfilam a arquitetura colonial do início de sua história. Encontra-se inteiramente urbanizado, iluminado, com infraestrutura que o destaca, não só na área urbana do município como em todo o Vale do Rio dos Sinos.

Na periferia do município, há bairros residenciais, localizados no espaço central à área urbana de Novo Hamburgo. De modo geral, predomina a classe média e média alta. São urbanizados e apresentam características socioeconômicas e culturais peculiares. De modo geral, o valor imobiliário das casas no Bairro Jardim Mauá e no Ideal é alto, pois as residências são requintadas, com estilos arquitetônicos e jardins muito bem cuidados. Os bairros Pátria Nova, Rio Branco, Ouro Branco, Boa Vista e Rondônia apresentam um perfil misto: residencial e comercial. São áreas ocupadas por residências, prédios residenciais e comerciais, ruas asfaltadas e iluminadas. Destacam-se pelo comércio diversificado. São José, Vila Nova, Guarani e Vila Rosa são bairros menores, localizados perto do centro. O estilo das construções e residências é variado. Inúmeros edifícios e boas residências de alvenaria, com conforto e boas condições de vida se encontram ali instalados. O bairro Hamburgo Velho constitui-se em bairro histórico de Novo Hamburgo, pois foi ele quem deu origem à cidade e, ainda, conserva razoável parte de seu patrimônio histórico relativo à imigração alemã.

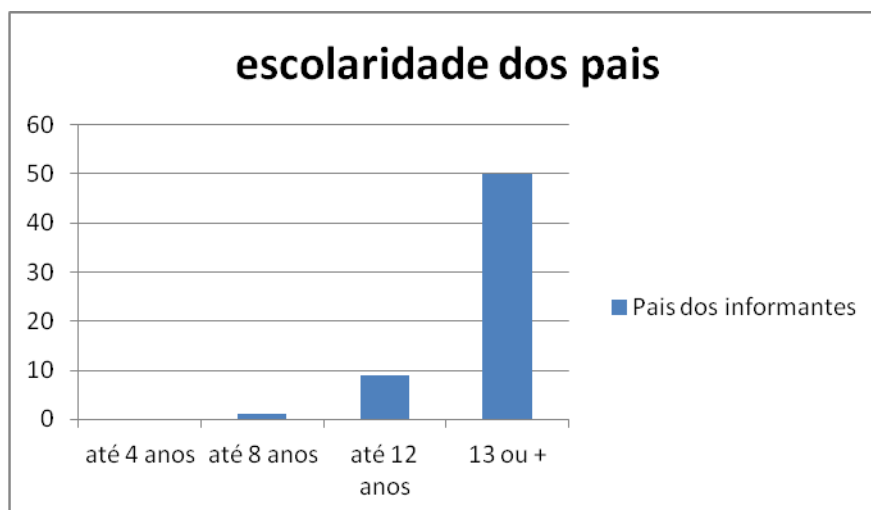
No arrabalde, encontram-se bairros localizados nas áreas limítrofes do município. Apresentam como característica principal a população numerosa. Eles podem ser divididos em dois grupos: os com problemas de saneamento, urbanização precária, com sub-habitações, ocupadas pela população de baixa renda; muitas vezes, compostos por inúmeras vilas criadas por ocupações clandestinas. Há um segundo grupo, composto por bairros com toda infraestrutura, que indicam conforto e bem estar. De modo geral, os moradores são de classe média-baixa e baixa. Alguns bairros apresentam expressiva industrialização e são compostos por população operária. O Bairro Canudos é o que apresenta maior área física e é o mais populoso. Segundo Censo 2010, abriga 62.292 habitantes. Tem estrutura de cidade em tamanho e número de casas. O seu maior problema e desafio das administrações municipais é

vencer os problemas sociais que o crescimento do bairro trouxe, agravado, ainda mais, pela invasão de áreas públicas e formação de loteamentos clandestinos.

Caracterizados os bairros, é possível relacionar o local de residência dos informantes, conforme o mapa acima, como um fator inerente a sua classe social. Assim, as crianças de classe média-alta ficaram distribuídas entre os principais bairros, localizados na periferia de Novo Hamburgo, no centro da cidade e em um bairro do arrabalde, no Bairro Operário.

Quanto à escolaridade dos pais das crianças pesquisadas, outro fator responsável pela definição da classe social do informante, ficou organizada em quatro níveis. O nível 1 corresponde àqueles que têm até quatro anos de escolaridade; o nível 2, para quem tem até oito anos de escolaridade; o nível 3 para quem tem até 12 anos de escolaridade e o nível 4 para quem tem 13 ou mais anos de escolaridade. Diante dos dados obtidos, a classe média-alta caracterizou-se, quanto à escolaridade, nos níveis 3 e 4, conforme consta no gráfico que segue. Há apenas um caso pertencente ao nível 2.

**Gráfico 1-** A escolaridade dos pais das crianças



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme o gráfico acima, é possível constatar que, quanto à escolaridade dos pais dos informantes do Espaço Azul, em sua maioria, eles possuem mais de treze anos de escolaridade, sendo que ou eles cursavam graduação ou já a tinham concluído. Muitos deles são pós-graduados, ou seja, têm especialização em sua área de estudo. Constatou-se que nove

dos pais têm o antigo Segundo Grau completo como seu nível máximo de estudo e somente um dos pais tem o antigo Primeiro Grau completo.

Quanto à ocupação dos pais, mais um fator responsável pela definição da classe social do informante, buscamos a melhor organização nos estudos de Chambers (1995). Nessa concepção, a divisão social básica da sociedade ocorre entre trabalhadores manuais, os chamados “colarinho azul”, como referência aos operários das indústrias que, tradicionalmente, usam macacões azuis, e os trabalhadores não-manuais, os chamados “colarinho-branco”, como referência aos que usam terno e gravata. Para ele, a ocupação revela, indiretamente, escolaridade e renda. Daí a primazia da ocupação como um fator determinante de classe social.

Para melhor ilustrar o estudo de Chambers (1995), segue um resumo da classificação proposta por ele:

**Quadro 5** - Resumo da proposta de Chambers (1995) – ocupação dos pais X classe social

CLASSE	DIVISÃO	OCUPAÇÕES
Classe Média	Alta	Proprietários, diretores, pessoas com riqueza herdada.
	Média	Profissionais liberais, gerentes executivos.
	Baixa	Semi-profissionais, chefes de setor.
Classe trabalhadora	Alta	Trabalhadores manuais treinados e experientes.
	Média	Trabalhadores manuais com pouco treinamento e experiência.
	Baixa	Trabalhadores sem treinamento e experiência, (safristas).

**Fonte:** Elaborado pela autora.

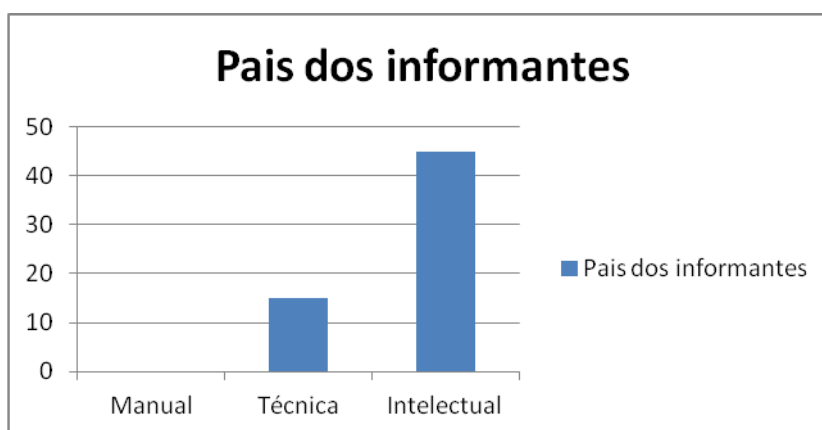
Considerando o exposto pelo autor, organizamos a ocupação dos pais das crianças pesquisadas da seguinte forma: manual, técnica ou intelectual. A manual corresponde a qualquer atividade de “execução” de um trabalho rotineiro. Entre as famílias, cujas crianças participaram da pesquisa, não há pais com ocupação do tipo manual.

Como segunda classificação, há a técnica, que corresponde a qualquer atividade de organização de um trabalho. Na situação hamburguense, consiste de bancário, auxiliar

administrativo, agente de viagem, assistente técnico, industriário, aeroviário, técnico químico, entre outros. Os pais das crianças pertencentes à maternal encontram-se nessa classificação, bem como na próxima, que consiste de toda de atividade de “planejamento complexo de um trabalho”, o chamado trabalho intelectual. Na situação hamburguense, os que têm ocupação classificada como intelectual correspondem a comerciantes, médicos, professores, advogados, tecnólogo em calçados, psicólogos, engenheiros, enfermeira, empresários, decoradora, entre outros.

Assim, os classificados como de ocupação técnica e intelectual – os pais das crianças da maternal – pertencem, segundo estudos de Chambers, à classe média-média e média-alta. Isso se justifica porque são ocupações que envolvem níveis mais complexos de pensamento e reflexão, o que corresponde à posição mais alta na escala. No gráfico que segue, constatamos o tipo de ocupação dos pais das crianças do Espaço Azul.

**Gráfico 2** - Tipo de ocupação dos pais das crianças



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Acrescido ao exposto, há a tabela abaixo, elaborada pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2008). Essa associação criou o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), que deixa de lado a classificação da população em classes sociais e, com base em dados coletados sobre a posse de determinados bens e grau de instrução do chefe de família, classifica a população em classes econômicas, de acordo com o poder aquisitivo.



**Tabela 2** - Renda familiar por classe, segundo CCEB

CLASSE CCEB, 2008		RENDA FAMILIAR MÉDIA
Classe	A1	9733,47
Classe	A2	6563,73
Classe	B1	3479,36
Classe	B2	2012,67
Classe	C1	1194,53
Classe	C2	726,26
Classe	D	484,97
Classe	E	276,7

**Fonte:** Elaborado pela autora.

De acordo com o questionário social realizado com as famílias das crianças selecionadas para a pesquisa, pela renda familiar média apurada foi possível classificá-las como pertencente à Classe A1. Essa informação torna-se relevante, tanto mais quando associada às anteriores, pois define, categoricamente, a classe social das crianças-informantes da pesquisa, como de classe média-alta. Em suma, as crianças que formaram a amostra selecionada e que foram consideradas de classe média-alta, residem, na grande maioria, no centro da cidade ou nos bairros da periferia da cidade; seus pais, de modo geral, têm mais de 13 anos de estudo; como ocupação, realizam trabalhos classificados como técnicos, com a predominância dos classificados como intelectuais, pertencendo à Classe A1 quanto à renda familiar.

Outro momento significativo que auxiliou na caracterização dos participantes foi a aplicação do questionário social à família do informante, envolvendo questões sociais e de letramento. O questionário aplicado aos pais das crianças selecionadas foi elaborado com 40 perguntas de caráter sociolinguístico. Essas perguntas estão organizadas em sete conjuntos: dados pessoais da criança, dados pessoais, profissionais e escolares dos pais da criança, orientação, atitudes, situação socioeconômica, orientações de letramento familiar. Com esse instrumento, foram colhidas informações mais completas sobre a classe social da família dos

informantes e suas práticas de letramento. A fim de facilitar a interação entre entrevistador e entrevistado, o questionário foi aplicado informalmente.

O questionário social elaborado e aplicado à família do informante foi organizado de acordo com a proposta de entrevista sociolinguística sugerida por Labov (2008). Apresentaremos cada parte do questionário com a devida descrição das respostas dadas pelos pais. Destacamos que das trinta crianças selecionadas para participar da pesquisa, o questionário foi aplicado a vinte e três famílias. Esclarecemos que não ocorreu a aplicação do questionário às famílias das outras sete crianças por diferentes motivos: em três casos, os pais não se dispuseram a responder, alegando não terem tempo; em outros três casos, as crianças já haviam saído da escola e não residiam mais no município, por transferência dos pais no trabalho; em um caso, a mãe se dispôs a responder no local de trabalho, uma clínica médica, só que ela ou não estava ou não tinha horário para tal; logo, por limites de tempo não foi realizada a entrevista.

Então, os questionários foram aplicados, na grande maioria, no local de trabalho de um dos pais (em geral, no local de trabalho da mãe). Eles foram realizados em imobiliária, metalúrgica, hospital, clínica médica, clínica dentária, banco, entre outros. Algumas mães foram até a maternal; outras foram até o local de trabalho da pesquisadora; algumas poucas abriram as portas de sua casa para que fosse conhecido o espaço em que a criança vive com sua família.

Antes de começar a descrever as respostas, esclarecemos que elas foram analisadas de acordo com o conjunto de perguntas, considerando o conjunto de questionários. Isso porque, devido a inúmeras respostas semelhantes, muitas vezes iguais, o que tornaria repetitivo analisar as informações obtidas criança por criança.

### **Parte 1 - Dados pessoais da criança pesquisada**

O primeiro conjunto de perguntas teve como objetivo identificar a criança, cuja família foi entrevistada. Essas informações foram obtidas no primeiro contato com as possíveis crianças da pesquisa, a fim de saber quais as que preenchem os requisitos mínimos exigidos para ser informante nesta pesquisa.

**Quadro 6** - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 01

Nome da criança: _____ Data de nascimento: _____ Idade: _____ Endereço: _____ Local da coleta: _____
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Elaborado pela autora.

As questões de um a doze visam a buscar informações sobre os pais da criança, tanto sobre escolaridade, profissão quanto sobre a sua ocupação. Buscamos, também, verificar o grau de satisfação (ou não) do informante em relação a sua profissão e/ou ocupação, questionando, quando não satisfeito, a causa principal. As questões sobre profissão, ocupação e escolaridade foram elaboradas com o objetivo de estabelecer relações entre essas avaliações e a classe social do informante.

**Quadro 7 -** Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 02

1. Nome do pai:_____	2. Escolaridade:_____
3. Profissão:_____	4. Ocupação:_____
5. Tu estás satisfeito com o teu trabalho? (se não: Por quê?)_____	
6. Tu gostarias de exercer outra profissão? Qual?_____	
7. Nome da mãe:_____	8. Escolaridade:_____
9. Profissão:_____	10. Ocupação:_____
11. Tu estás satisfeito com o teu trabalho? (se não: Por quê?)_____	
12. Tu gostarias de exercer outra profissão? Qual?_____	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Quanto às respostas em relação à escolaridade, profissão e ocupação, foi realizada uma análise anterior. Após a realização do questionário, identificamos ainda que praticamente todos os pais trabalhavam na sua área de formação. Destacamos que os pais “adoram o que fazem”, como eles mesmos afirmaram. Uma mãe ressaltou que tanto ela quanto o marido amam o que fazem, só queriam poder trabalhar menos e conviver mais em família. Uma mãe mencionou que o pai adoraria trabalhar com algo manual, pois como ela diz “está no sangue da família dele”. Outra mãe disse que ela, se pudesse, ainda faria Magistério, porque admira muito essa profissão. Os demais entrevistados, quanto à pergunta sobre se gostariam de exercer outra profissão, responderam que não. Ficou evidenciado, pois, que os pais estudaram, concluíram sua formação e atuam na área específica, o que gera satisfação pessoal.

Na sequência, o próximo conjunto de questões buscou informações sobre a naturalidade do grupo familiar da criança, a opção pela cidade em que residem, ou mesmo bairro, bem como procurou verificar o grau de satisfação dos pais da criança informante com

o lugar em que vive a família. Essas questões tiveram o objetivo de ajudar o pesquisador a compreender as variações de fala das crianças. Vale destacar a questão 18, pois a pesquisa foi realizada em uma região de colonização alemã, o que pode ser uma influência sobre o padrão de fala do informante.

**Quadro 8 - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 03**

- |                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------|
| 13. Vocês são naturais deste município? _____                     |
| 14. Por que vieram para cá? _____                                 |
| 15. Vocês gostam de morar aqui ( nesta cidade)? ____ SIM ____ NÃO |
| 16. Vocês gostam de morar neste bairro? ____ SIM ____ NÃO         |
| 17. Em que cidade vocês gostariam de morar? _____ Por quê? _____  |
| 18. Qual a sua relação com a língua alemã?                        |

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Quanto às respostas obtidas neste conjunto de questões, dos 46 pais respondentes do questionário, 14 afirmaram que nasceram em Novo Hamburgo (6 pais e 8 mães). Logo, 32 deles vieram para o município por algum motivo, como: residiam em Novo Hamburgo desde pequenos, os pais vieram para a cidade por transferência no trabalho ou devido ao mercado de trabalho da época e fixaram ali residência; outros passaram a trabalhar na cidade, o que tornava prático morar na mesma cidade em que trabalhavam; outros, ainda, fixaram residência no município porque casaram com alguém que residia ali; um pai passou a residir no município porque abriu um negócio para a família que, segundo ele, era o melhor lugar para dar certo; por fim, um casal, ela de Novo Hamburgo e ele português, que moravam em Lisboa, decidiram ter filhos e optaram em os ter na cidade dela; por isso, fixaram residência no município.

Quando os pais foram questionados sobre gostar ou não de morarem na cidade e no bairro em que residem, a resposta foi praticamente unânime: todos afirmaram gostar do lugar onde moram. Na sequência, foram interrogados em que cidade gostariam de morar e por que, caso não morassem em Novo Hamburgo. As respostas foram diversas: alguns gostariam de voltar à cidade de um dos dois, como Porto Alegre, Santa Maria e Santa Cruz, porque lá estão seus familiares; outros responderam que gostariam de morar em cidades como Ivoti, Dois Irmãos, porque são cidades tranquilas e bonitas, mais próximas da Serra; outros ainda buscariam lugares próximos à praia, como Florianópolis e na Lagoa em Osório; uma mãe citou a vontade de morar em Campo Bom, pelo investimento que há na cidade; por fim, três pais gostariam de morar fora do país, alguns porque conhecem e gostam muito, outros porque gostariam de ter essa oportunidade.

Quanto ao contato com a língua alemã, de modo geral, isso não ocorre. Quando ocorre, é eventual, estabelecendo-se nas ocasiões em que as crianças frequentam a casa dos avós. Duas crianças que estudam na rede Sinodal têm aula de alemão (o que não ocorria quando estavam na maternal). Segundo os pais, esse momento é único, pois fora da sala de aula não há contato com outras pessoas que falam a língua alemã.

Assim, percebemos pelas respostas, que as famílias entrevistadas admitiram gostar do lugar onde moram em Novo Hamburgo, em especial, da localização de seu bairro. Ficou evidente que as razões mencionadas abrangem desde “nasci aqui” até “é um bom lugar para morar e trabalhar” e “fica perto de tudo”, como diz uma mãe “é prático”. No entanto, se viessem a morar em outro lugar, optariam pela serra ou pela praia, por lugares mais seguros e tranquilos; ou mesmo, optariam por morar em outro país.

As questões 19 e 20, que seguem, foram elaboradas com o intuito de verificar como os hamburguenses veem seus conterrâneos, se positiva ou negativamente, destacando, preferencialmente, suas principais características. Em caso de apresentarem defeitos, a tendência é revelar uma atitude negativa em relação a sua comunidade.

**Quadro 9** - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 04

19. Na opinião de vocês, como são os hamburguenses?

\_\_\_ AVALIAÇÃO POSITIVA

\_\_\_ AVALIAÇÃO NEGATIVA

20. Principal característica dos hamburguenses? (qualidade ou defeito)

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Quanto às respostas, inicialmente, precisamos destacar que os pais responderam que “não faziam uma avaliação nem positiva, nem negativa dos hamburguenses”. Segundo eles, “é muito difícil classificar, definir...” Quando questionados do porquê dessa dificuldade, as respostas foram as mais diversas, como: se acham; representam muito e não têm; são arrogantes; é uma sociedade fechada em relação às pessoas de fora, o que gera uma dificuldade em fazer amizades; as pessoas são isoladas, vivem isoladas, diferente de São Leopoldo (ao concluir a maternal, a filha foi estudar em São Leopoldo, porque lá a sociedade é diferente); a sociedade é fechada; são materialistas, o que gera uma dificuldade em conquistar espaço; são ambiciosos, por isso é necessário ficar com o pé atrás; são fechados; são volúveis; a sociedade é fechada, por isso é difícil trazer algo novo, porque não vai dar certo.

Essas respostas evidenciam certa dificuldade, conforme os depoimentos desse grupo social em conviver com as pessoas que o cercam e estabelecer novos laços. Outra questão importante demonstrada foi que os pais que vieram de outra cidade sentiram mais essa dificuldade que os naturais de Novo Hamburgo. Eles mesmos mencionaram que “é difícil entrar na sociedade hamburguense”. Outra questão que nos chamou atenção é que, ao realizar o questionário com uma mãe natural de Novo Hamburgo, cujos pais, avós, bisavós contribuíram para o crescimento do município, sendo pessoas conhecidas na região, ela demonstrou certa tristeza em relação à sociedade hamburguense. Manifestou sentimento de preocupação em relação a seus filhos por terem que a enfrentar, pois vão sofrer, e muito.

No entanto, algumas respostas foram um tanto quanto positivas. Em primeiro lugar, há uma resposta muito interessante, que traz um pouco da história do município “enraizada”, bem como características do povo de origem alemã. Uma mãe considerou que “o povo é hospitaleiro, mas querem saber a origem, a cultura própria, perguntam *Quem tu és?*” Afirmção como essa demonstra a origem desse povo, que quer saber, muitas vezes, qual o sobrenome da pessoa para verificar se é de origem alemã, se é descendente de alemão, se não é brasileiro, como traz a história dos “brazilieners”.

Como respostas positivas em relação aos hamburguenses, alguns pais afirmaram que eles são batalhadores, receptivos, tranquilos, inteligentes, têm cultura, promovem muitos eventos na cidade e são muito trabalhadores. Segundo uma mãe, “eles querem *status* com isso”. Tais características da sociedade atual corroboram a publicação no Jornal 05 de abril, a qual caracterizou o município, em 1929: “milhares de inteligência se empenham no trabalho que felicita e redime o homem”. Interessante é, pois, reportar ao capítulo sobre Novo Hamburgo, onde consta uma história de contrastes evidentes, cujas situações positivas e negativas permanecem concorrendo juntas e fazem parte da experiência humana e da sociedade hamburguense.

No próximo conjunto de questões, identificaremos os hábitos de consumo, o poder aquisitivo e as formas preferidas de lazer da família da criança pesquisada. Semelhante a Amaral (2003), esse conjunto de questões foi formulado considerando as visões de Labov (1996), Guy (1987) e Baugh (1995). Eles valorizam o papel econômico para a definição da classe social.

**Quadro 10** - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 05

- |                                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| 21. Fazem compras aqui nesta cidade?<br>_____SIM___NÃO (se não: em que cidade compram?) |
| 22. Em que lojas compram roupas? _____                                                  |
| 23. As roupas são caras nessa loja? __ SIM __ NÃO                                       |
| 24. Onde fica essa loja, é aqui no bairro? __ SIM __ NÃO                                |
| 25. Tem automóvel na família? (ano) _____                                               |
| 26. Tem telefone na família? (fixo, celular) __ SIM __ NÃO                              |
| 27. Tem empregada mensalista (casa)? __ SIM __ NÃO                                      |
| 28. Atividade social ou de lazer preferida: _____                                       |
| 29. Locais que frequenta (clube, boate...) _____                                        |
| 30. Qual é a renda familiar? (aproximada) _____                                         |

**Fonte:** Elaborado pela autora.

As respostas obtidas para este bloco, merecem significativo destaque, pois evidenciaram a classe social dos participantes da pesquisa: classe média-alta. Em relação às quatro primeiras questões, ficou claro que os pais, de modo geral, compram roupas em lojas da cidade. Essas lojas localizam-se no centro, na Avenida Maurício Cardoso (uma avenida central, onde estão localizadas as grifes mais renomadas e caras na cidade) e algumas no Novo Shopping. Os pais destacaram que preferem comprar nas lojas que entregam as roupas a domicílio. Vale mencionar que as roupas dessas lojas são consideradas bastante caras. Alguns pais disseram que compram algumas roupas para seus filhos usarem no dia a dia e em casa em lojas como Renner e C&A.

Em relação às questões 25, 26 e 27, constatamos que a grande maioria das famílias possui dois automóveis e empregada mensalista. Todas as famílias afirmaram que possuem telefone fixo e celular.

Quanto à atividade social das famílias, as respostas foram diversas. O que se repetiu foi: ir ao cinema, fazer um churrasco em família, passear em Gramado, ir à praia, sair para jantar e passear no shopping. Outras atividades mencionadas foram: passar o final de semana em uma fazenda próxima, andar de bicicleta, viajar, jogar futebol, passear em praças e parques, se encontrar com amigos, ir à piscina, ir para a casa da lagoa, passear em Porto Alegre, sair para lugares que disponibilizem atividades para as crianças, ir ao teatro.

Ressaltamos como dado interessante o fato de que poucas famílias frequentam os clubes da cidade. As que admitiram frequentar, mencionaram o Ok Center e a Sociedade Ginástica, dois clubes tradicionais e famosos do município. O Ok Center é aberto ao público, porém é um clube frequentado pelas pessoas de posses, pois os restaurantes são caríssimos e as atividades de lazer são pagas. A Sociedade Ginástica é um clube formado por associados.

De modo geral, quem o frequenta é a classe média-alta, pois as atividades propostas, bem como os eventos, são direcionados para esse público.

A última questão deste bloco refere-se à renda familiar. Quanto às respostas, os dados colhidos revelaram renda de 5.000 Reais a 30.000 Reais por mês. Considerando que as atividades das famílias não conferem com a renda declarada no questionário, inferimos que a maioria dos pais deve ter mencionado uma renda fictícia. Desse modo, o valor apresentado confere com a classe A, segundo tabela do Critério de Classificação Econômica no Brasil (CCEB).

Logo, o exposto demonstrou a que classe social pertencem as famílias dos informantes da pesquisa. Todos eles foram classificados na classe média-alta, uma vez que compram suas roupas nas lojas mais caras da cidade, têm automóvel (em média dois), telefones (fixo e celular), empregada mensalista, participam de muitas atividades de lazer (em sua maioria, com custo) e possuem uma renda mensal própria da classe A.

O próximo conjunto de questões foi formulado a fim de identificar as orientações de letramento da família da criança informante da pesquisa. O objetivo, com essas questões, foi verificar as interações dos pais com o seu filho na compreensão do mundo.

**Quadro 11** - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 06

- |                                                                                                          |                           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| 31. Compram jornais?_____                                                                                | Com que frequência?_____  |
| 32. Compram revistas?_____                                                                               | Com que frequência?_____  |
| 33. Compram livros?_____                                                                                 | Com que frequência? _____ |
| 34. A criança mostra interesse por materiais escritos?_____                                              |                           |
| 35. As crianças da família manuseiam livros, revistas e/ou jornais?_____                                 |                           |
| 36. Os integrantes da família têm o hábito da leitura? _____                                             | Quem? _____               |
| 37. O que leem? _____                                                                                    |                           |
| 38. Há na família o hábito da leitura para crianças?_____                                                |                           |
| 39. Costumam se comunicar por escrito (por exemplo, bilhetes, cartas, internet)?__                       |                           |
| 40. Há na família o hábito de fazer listas (de supermercado, de tarefas....)?_____                       |                           |
| 41. Fora do núcleo familiar, as crianças têm acesso a material escrito (livros, jornais, revistas)?_____ |                           |

**Fonte:** Elaborado pela autora.

As respostas obtidas aqui revelaram que, de modo geral, as crianças participantes da pesquisa têm acesso ao mundo da leitura. Os pais demonstraram preocupação em oferecer material diversificado para que seu filho possa ler. Alguns revelaram uma preocupação maior, outros se preocupam menos. Quando questionados sobre a compra de jornais, revistas e livros, eles responderam que sim, que compram esses três tipos de material de leitura, sendo que com maior frequência jornais. Praticamente todos os pais possuem assinatura do Jornal



NH, produzido na cidade pelo Grupo Editorial Sinos. Alguns evidenciaram que os filhos adoram a Popinha, encarte destinado às crianças, que circula aos sábados. Quanto às revistas, a assinatura é destinada aos adultos da família. Três pais informaram que compram a Revista Recreio para seus filhos. Uma mãe destacou que compra a Recreio, deixando claro para o filho que não é pelo brinquedo que vem junto e que somente será comprada outra quando a anterior for toda lida e as atividades realizadas. Quanto aos livros, somente três pais informaram que não compram livros para a família. Os demais disseram que compram livros, alguns com mais frequência, outros com menos. Uma mãe comentou que faz questão de levar sua filha uma vez por mês para comprar livros infantis.

Os pais disseram que seus filhos demonstram interesse por materiais escritos. De modo geral, preferem os livros infantis, até porque a maternal envia toda sexta-feira um livro infantil para casa, que deve ser lido pelos pais a seus filhos. Eles afirmaram, ainda, que seus filhos manuseiam, preferencialmente, livros; em segundo lugar, jornais, e que algumas crianças apenas retiravam o encarte da Popinha para fazer as atividades e ler.

Os pais, na sua grande maioria, admitiram ter o hábito da leitura. Mencionaram que preferiam ler revistas relacionadas à sua área de trabalho, a fim de se manterem informados. Afirmaram ler o Jornal NH todos os dias para saberem das informações da região, e alguns poucos pais disseram preferir a leitura de livros. Essa preferência se dá pelos pais que ainda estão estudando, pois consideram uma exigência da formação e pelos pais que exercem certas profissões mais ligadas a atividades letradas de atualização, como médico, por exemplo. Dois pais disseram que cultivam o hábito da leitura virtual, tanto de jornal quanto de revistas.

Quanto à leitura para as crianças, praticamente todos os pais informaram que leem histórias infantis para seus filhos. Uns destacaram que aproveitam a vinda do livro da escola nas sextas-feiras. Outros pais disseram que leem todas as noites histórias para seus filhos. Duas mães afirmaram que não leem histórias para seus filhos. Fora do núcleo familiar, a leitura é realizada pelos avós ou dindos. Constatamos que quando as crianças permaneciam com uma babá, não tendo contato com os avós, não ocorria a leitura de histórias infantis.

Concluindo este conjunto de questões, as famílias afirmaram que desenvolveram o hábito de se comunicar por escrito, através de bilhetes, cartas, cartões, e duas mães disseram que por *e-mail*, durante o dia, enquanto estava no trabalho. Além disso, as famílias também mencionaram que possuem o hábito de fazer listas, devido à ocupação excessiva. Consideram-se muito ocupadas, e as listas podem facilitar o seu dia a dia.

Considerando o exposto, podemos afirmar que o mundo das crianças da pesquisa é um mundo letrado, pois elas têm acesso à leitura e à escrita. Inferimos que esse acesso é oportunizado pela família por meio de formas diversas e com materiais diversos, de acordo com as informações colhidas no questionário de pesquisa.

**Quadro 12** - Questionário social aplicado com a família do informante – Bloco 07

Entrevistador: _____
Informante de dialeto: _____ Pop. _____ Culto
Para os padrões do bairro, a moradia é: __ excelente __ boa __ igual __ ruim __ péssima
Para os padrões da cidade, a loja de roupas é: __ alto padrão __ normal __ baixo padrão
Observações: _____

**Fonte:** Elaborado pela autora.

No que corresponde às observações gerais, houve dificuldade em realizar as relacionadas ao ambiente da família, pois, como dissemos, os questionários foram aplicados, de modo geral, no local de trabalho. Os pais foram questionados sobre a caracterização da moradia e, todos responderam que era de excelente qualidade, o que não foi possível constatar.

Quanto às lojas de roupas em que os pais disseram preferir comprar, para os padrões da cidade, são as mais caras, principalmente, as localizadas na Avenida Maurício Cardoso. As mães destacaram que as roupas compradas lá são para ocasiões especiais, principalmente festas, o que caracteriza *status*. Todas as pessoas entrevistadas apresentaram um dialeto culto, falavam muito bem, com ótimo vocabulário, empregando a concordância padrão.

Os pais fizeram questão de destacar o quanto seus filhos falam bem, com bom vocabulário, não apresentando erros de fala. Uma mãe fez questão de contar que seu filho escreve, monta e ilustra livros. Outra mãe contou que assim que percebeu que seu filho não falava corretamente, levou-o ao fonoaudiólogo, o que obteve resultados satisfatórios.

Assim, é possível afirmar que as coincidências das respostas a essas perguntas indicam a classe social a qual pertencem os informantes desta pesquisa, residentes em Novo Hamburgo: classe média-alta.

Na sequência, detalhadamente, explicaremos como ocorreu a geração de dados. Ressaltamos que o processo foi cuidadosamente planejado, considerando que em um trabalho de análise quantitativa é necessário o máximo número de dados.

### 4.3.2 A geração de dados

Para a geração de dados, foram realizados dois conjuntos diferentes de interações, com três sessões em cada conjunto, totalizando seis sessões, cujas interações incluíram brincadeiras livres com uma variedade de brinquedos, como também atividades mais estruturadas.

No primeiro conjunto, foram realizadas atividades com manipulação de brinquedos. A “fazendinha”, como é chamada a primeira interação, constou da montagem e da organização de uma fazenda; a “loja”, a segunda interação, desenvolveu-se através de uma brincadeira entre vendedor e comprador, que interagiram com objetos diversos que estavam à venda; o “zoológico”, a terceira interação, correspondeu a um passeio entre amigos no zoológico.

Exemplificamos, de modo mais específico, que a atividade da “fazendinha” se constitui de uma de interação entre a criança e o entrevistador, que montam uma “fazendinha” (em maquete), com um tabuleiro, onde são colocados animais, verduras, flores, personagens entre outros elementos. A interação inicia-se com o entrevistador conversando com a criança sobre as experiências que ela já teve no campo, em um sítio, chácara ou fazenda, com perguntas como: Você já foi a uma fazenda? Onde? Como foi? Com quem? O que tinha lá? Como era essa fazenda?

A fazenda é montada pelos dois – entrevistador e criança – e tudo é negociado e decidido em conjunto: “isso pode ser o quê na nossa fazenda?”, mostrando a grama, o lago entre outros objetos. A criança passa, então, a organizar os bichinhos na fazenda, explicando o porquê de suas escolhas. Em seguida, a criança distribui, também, as frutas e as verduras pela fazenda.

Após montarem a fazenda, o entrevistador introduz os personagens (um manipulado por ele e outro pela criança) e faz o seu personagem convidar o da criança para passear, a fim de que façam coisas juntos. Entre as principais atividades realizadas pelos dois, estão: alimentar os bichos, nadar no rio, colher flores para enfeitar a casa, andar de trator, brincar de esconde-esconde entre tantas outras atividades que vão surgindo.

Chega a noite e ambos vão para a casinha da fazenda dormir. Ao amanhecer, são acordados por dois visitantes que chegam para conhecer a fazenda. Os novos visitantes acham-na linda e querem saber quem a montou. Nesse momento, os personagens iniciais deixam de ser manipulados pela criança. Querem saber o que aconteceu com os personagens no dia anterior. Entrevistador e criança começam a contar. Após a descrição do dia, os

visitantes passam a conhecer a fazenda e são levados pelo entrevistador e pela criança, explorando a lagoa, os peixinhos, os sapos.

A interação 2 chama-se “lojinha”. Constitui-se de uma brincadeira entre entrevistador e criança que interagem na montagem da loja e, posteriormente, na troca de papéis, como vendedor e comprador: “Tu já brincaste de loja?”, “Como funciona?”, “E quem vai ser o vendedor primeiro?”. A criança passa a exercer o papel de vendedor primeiro. Para isso, monta a loja, organizando os carrinhos, as flores, as bonecas, os sorvetes, os lápis entre outros objetos. O entrevistador, nesse momento, pergunta qual o critério de organização da loja: “Ficou linda esta loja!”, “Como que tu montaste ela?”. Passam, então, para a brincadeira, sendo a criança, em primeiro lugar, a vendedora, com uma proposta de interação.

Em seguida, o entrevistador passa a ser o vendedor, e a criança a compradora. Nesse momento, a vendedora faz uma promoção: “Na minha loja, tem uma promoção: vendo dois produtos pelo preço de um”. “Aqui, nada é vendido sozinho. No mínimo dois produtos iguais, mas podem comprar mais do que dois”. “Bom dia, o que o senhor (a) deseja”? As crianças demonstraram-se interessadas nos produtos à venda, interagindo muito.

A terceira interação foi a do zoológico. A brincadeira inicia com criança e entrevistador conversando sobre as experiências que ela já teve: “Você já foi a um zoológico?”, “Onde?”, “Como foi?”, “Com quem?”, “O que tinha lá?”, “Como era esse zoológico?”, entre outras questões. Entrevistador e criança iniciam a montagem de uma maquete de zoológico, negociando e decidindo em conjunto: “Isso pode ser o quê, no zoológico”?

Em seguida, os bichos são mostrados e solicita-se à criança que os distribua no zoológico. Por que os hipopótamos ficam na lagoa? Por que eles não ficam lá? Por que os elefantes estão aí? Por que os leões não podem ficar junto com as zebras?, entre outras perguntas.

Depois de montado o zoológico, o entrevistador introduz os personagens (um manipulado por ele, e outro pela criança) e faz o seu personagem convidar o outro para visitar o zoológico, a fim de realizarem atividades juntos, como, por exemplo, alimentar os animais. Com a chegada da noite, eles voltam para casa e vão dormir.

Quando amanhece, os personagens são acordados por dois visitantes que chegam para conhecer o zoológico. Eles são recebidos pelo entrevistador e pela criança e vão todos para o zoológico. Os visitantes acham o zoológico muito lindo e querem saber o que os amigos fizeram, já que passaram o dia anterior ali juntos, e perguntam: “o que aconteceu aqui,

ontem”? Entrevistador e criança passar a contar o dia no zoológico. Em seguida, os visitantes pedem para conhecer o zoológico e fazem muitas coisas juntos.

No segundo conjunto, as propostas de interação constaram de relato pessoal, do reconto da história “Amigos” e da contação de uma narrativa tradicional. A pergunta principal para desencadear a fala das crianças, tanto no primeiro quanto no segundo conjunto de interações, foi “o que aconteceu na história?”.

A narrativa pessoal, muitas vezes, surge em uma sequência na interação ou mesmo em uma brincadeira livre. Exemplificando, uma menina, em uma brincadeira livre, narrou o que aconteceu no dia em que a amiga X foi em sua casa brincar, do que brincaram, como ocorreu essa brincadeira, o que aconteceu de mais importante (ou legal) nessa tarde. Outros relatos surgiram, como a festa do Dia das Mães, a participação na festa de São João da escola, entre outros momentos vivenciados.

A narrativa tradicional parte, também, de outras situações como: na biblioteca da escola manuseando livros, a contação de uma história que conheciam, as histórias que as mães contavam na hora de dormir, ou mesmo a história que a criança contava para suas bonecas dormirem.

O reconto constitui-se em contar uma história já contada pelo adulto. Na situação da pesquisa a história “Amigos”<sup>4</sup> foi contada, em primeiro lugar, pelo entrevistador; em seguida, recontada pela criança. A história “Amigos” se refere ao relacionamento entre três amigos: o rato Frederico, o galo Juvenal e o porco Valdemar e tudo o que eles fazem juntos, desde o raiar do sol até o cintilar das estrelas.

Para isso, houve seis contatos, no mínimo, em pequenos espaços de tempo (em torno de trinta minutos, para cada encontro) nos quais foram feitas gravações em áudio e em vídeo das interações. O primeiro encontro foi realizado a fim de estabelecer um contato inicial com o informante, em que foram propostas brincadeiras livres.

A gravação das interações em áudio foi realizada em gravador digital, em um período aproximado de trinta minutos. Após, foi transferida para o computador e digitalizada em formato *wave*. Em seguida, fez-se a compactação em formato mp3. A gravação das interações em vídeo foi feita com filmadora com HD, o que possibilitou a transferência dos dados diretamente para o computador. Posteriormente, as falas que continham plural foram transcritas e salvas em *word*. Esses procedimentos asseguraram a disponibilização das interações para pesquisa linguística.

---

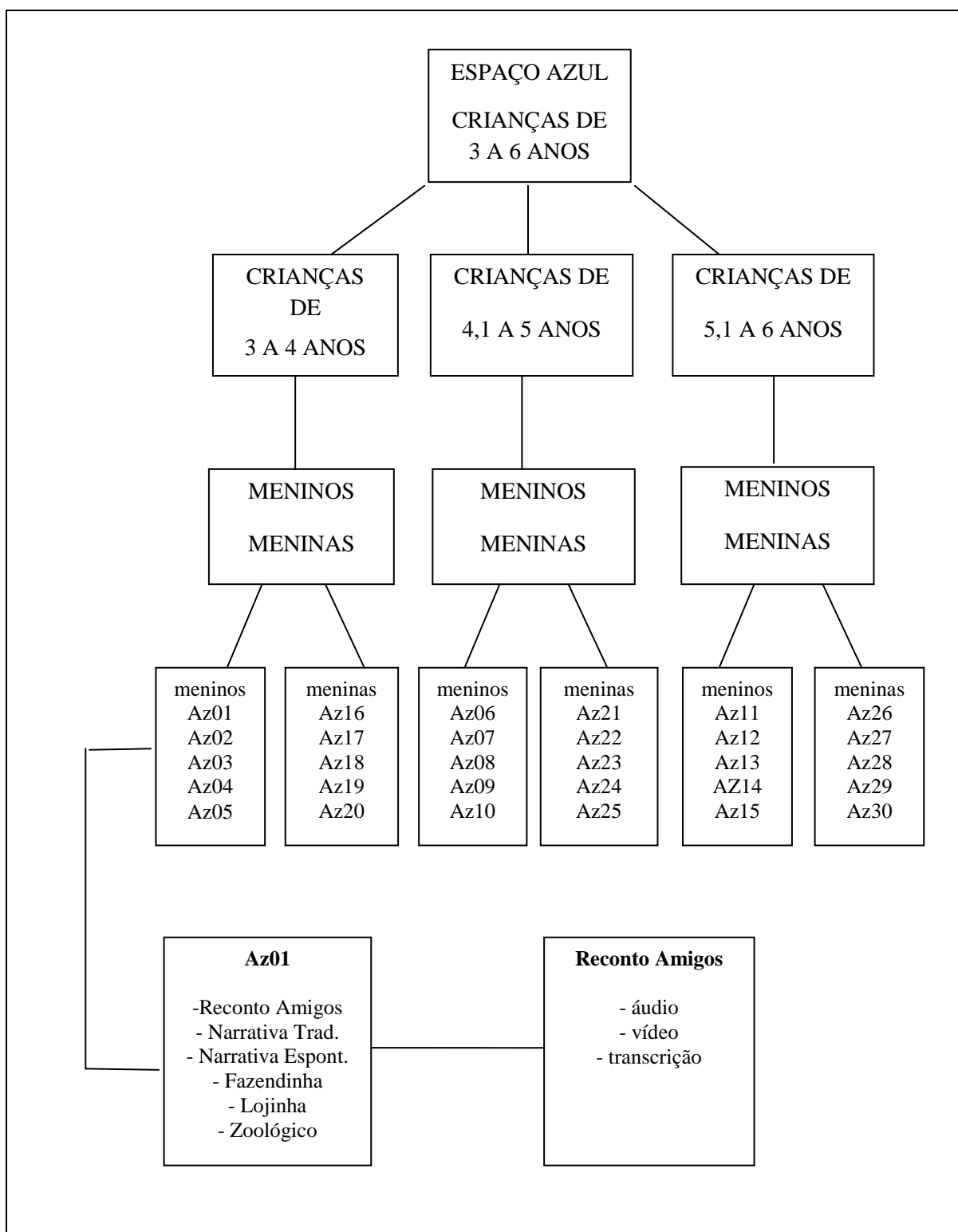
<sup>4</sup> HEINE, H. **Amigos**. (Trad) Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 2006.

Uma vez coletados os dados, iniciamos cuidadosamente sua organização, objetivando a montagem do banco de dados. Na sequência, consta uma explicação detalhada de como ele está organizado.

### **4.3.3 O banco de dados**

Nesta parte do estudo, cabe apresentar a proposta de organização do Banco de Dados de Fala Infantil.

**Figura 2** - *Layout* da Organização do Banco de Dados de Fala Infantil



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Iniciamos a coleta de dados no segundo semestre de 2008 e a concluímos em dezembro de 2010. Muitas das crianças selecionadas no início do trabalho tiveram que ser substituídas ou mesmo passaram para a faixa etária seguinte, devido ao tempo que se levou para a realização da coleta de dados. Algumas foram transferidas da escola, o que também motivou a seleção de outra criança. A opção foi de iniciar a coleta pelas crianças maiores, pois elas, no final do ano, iriam se formar na Educação Infantil e também trocariam de escola, uma vez que esta não oferecia Ensino Fundamental.

Em 2008 e em parte de 2009, as interações com as crianças foram realizadas por três adultos (duas doutorandas e uma mestranda). Devido à realização das pesquisas individuais e por ser em outro espaço e em outra cidade, a coleta passou a ser realizada apenas por esta pesquisadora<sup>5</sup>.

Cada interação foi gravada e filmada. No entanto, devido a várias dificuldades encontradas durante o processo, em alguns casos, há ou a gravação ou a filmagem da interação. Em seguida, o material foi organizado de forma que ele estivesse na pasta da criança com a qual foi realizada a atividade e na devida interação proposta.

Na sequência, o material foi ouvido e as falas foram transcritas, mas somente as que apresentavam sintagmas nominais plurais. Todo o material foi ouvido e transcrito pela mesma pessoa. No momento em que começamos a analisar os dados e surgiram dúvidas em relação à transcrição, uma segunda pessoa ouviu novamente as gravações.

O momento do contato com a criança para a realização da prática foi único, rico e, muitas vezes, surpreendeu. Para um primeiro contato, em que simplesmente brincamos com elas, brinquedos diversos foram levados, a fim de estabelecer uma relação mais próxima com as crianças, desinibindo-as. Muitas delas eram muito falantes e, nessas conversas, às vezes, já acontecia uma narrativa espontânea.

Elas falaram bastante, desde o primeiro momento. Quase que na totalidade das crianças, foi possível perceber um vocabulário rico e diversificado, com estruturas frasais complexas e coerentes. Percebemos essa ocorrência a partir das crianças de três anos de idade.

Uma criança da faixa etária dos três aos quatro anos foi substituída, pois falava muito pouco, em geral, dizia “sim” ou “não” ou se expressava com substantivos apenas, na maioria

---

<sup>5</sup> Este estudo integra o grupo de pesquisa da professora Luciene Juliano Simões, intitulado *Concordância variável na socialização da linguagem: efeitos da classe social e das orientações de letramento na fala de crianças brasileiras*. Há mais duas pesquisas sendo desenvolvidas por esse grupo, que são: *Concordância verbal na fala de crianças de duas classes sociais distintas: variação linguística na infância*, desenvolvida pela doutoranda Simone Mendonça Soares e *As orientações de letramento de uma comunidade de classe baixa em Porto Alegre: um estudo de tipo etnográfico*, desenvolvida pela mestranda Bibiana Cardoso da Silva.



das vezes, não ocorrendo a produção de enunciados fluentes nem a tomada espontânea de turnos de fala. Por outro lado, uma outra criança de 3,1, quando foi contar uma história, pegou fantoches na caixa e trouxe um cenário para encenar e contá-la com os fantoches. Nesse momento, criou, imaginou e produziu uma história muito rica.

Toda a organização das interações foi muito eficaz para aumentar o uso de plural em situação de brincadeira. Acreditamos, pois, que da forma como o banco foi organizado oportunizou a produção oral infantil de SNs plurais. Detalhadamente, caracterizaremos essa produção tanto sintática quanto discursiva.

Quanto à sintaxe, os SNs, na sua maioria, foram compostos por dois elementos. Para exemplificar, seguem alguns, como: *os amigos* (Az27), *cores coloridas* (Az26), *uns caras* (Az15), *todos juntinhos* (Az24), *alguns caras* (Az27) e *meus amigos* (Az16). Alguns poucos SNs foram formados por três elementos, como: *todos os animais* (Az18), *pintinhas roxa clarinha* (Az27) e *nas ondas altas* (Az25).

Como pode ser observado, os SNs formados por dois elementos foram constituídos por determinante e nome. Esse determinante foi um artigo - *AS flores* (Az26), ou pronome indefinido - *OUTRAS lojas* (Az26), pronomes possessivos - *NOSSOS filhos* (Az14), numeral - *DEZ Reais* (Az11), pronomes demonstrativos - *ESSES dois* (Az18) ou ainda quantificador - *MUITOS animais* (Az19). Há também SNs compostos por determinante e categoria substantivada, como em *Tu vai colocando as ROSAS e eu as VERMELHAS* (Az06)<sup>6</sup>.

Os SNs formados por três elementos foram constituídos por pré-determinante + determinante + nome, como em *todos os animais* (Az27) e *as minhas amigas* (Az12). Há também os formados por determinante + nome + adjetivo, como em *as coisas geladas* (Az30), *os lobos guarás* (Az12). E, ainda, os formados por determinante + numeral + nome como em *as duas pás* (Az13).

Destacamos algumas outras características importantes da estrutura sintática dos SNs. Os sintagmas produzidos nas diferentes faixas etárias foram muito semelhantes quanto à ordem, à diversidade de determinantes empregados e ao vocabulário usado. Comprovamos a produção de SNs com três elementos na faixa etária dos 5,1 aos 6 anos, em quantidade um pouco maior.

---

<sup>6</sup> Nesta pesquisa, seguiremos a proposta de Martha Scherre (1988), desenvolvida em sua tese ao considerar essas ocorrências como categoria substantivada.

As crianças empregaram os mais diversos determinantes nos sintagmas produzidos. Desde bem pequenos (3 a 4 anos), houve produção do tipo *eles mesmos* (Az04), *todos juntos* (Az03), *estes bichinhos* (Az17), *meus amigos* (Az17) e *muitos animais* (Az19). As crianças poderiam simplesmente ter dito *brincar com OS amigos*, *minha avó tem OS bichinhos*, mas preferiram dizer *brincar com os MEUS amigos* e *minha avó tem ESTES bichinhos*. Essa realidade parece indicar que as crianças, mesmo as bem pequenas, já adquiriram essas classes gramaticais, fazendo as mais variadas combinações, para cada situação proposta e produzindo frases complexas. Além disso, evidenciaram vocabulário diversificado nas suas combinações, conforme se pode observar nos exemplos já transcritos acima.

Acrescentamos a isso a característica sintática das crianças quanto ao emprego do sujeito. Desde bem pequenas, as crianças, estruturavam suas frases, definindo o sujeito, como em *O GALO acordava todos os animais* (Az27), *A GENTE nem sabia que os sapos falavam* (Az30), *O POLICIAL prendeu uns caras do mau...* (Az15), *EU acho que os sapos vão brigar com os peixes* (Az23) e *TU bota as florzinhas...* (Az22).

Na faixa etária de 3 a 4 anos, apareceram estruturas de tópico com alguma frequência. Como exemplo, temos: *ELES TODOS cuidaram do barco* (Az03), *PORQUE AS FLORES eu vou pegar para colocar ali* (Az19), *muitos animais EU GOSTO* (Az19). Nesta fase, identifiquei ainda, o emprego dos advérbios *os morangos AQUI... as bananas ALI* (Az17) e *eles querem só os pintinhos DENTRO* (Az19).

Quanto às características discursivas, algumas crianças reproduziram de forma coerente a história dos amigos. Como exemplo, apresentamos: *o galo acordava todos os animais* (Az27) e *nos sonhos eles brincavam juntos* (Az19). Importante mencionar que ao recontar a história dos amigos, as crianças procuraram seguir a sequência narrativa e usaram o mesmo vocabulário. Outras crianças, no entanto, reproduziram a história, olhando página por página e sintetizaram-na apenas por meio de palavras-chave e ações, ou seja, sintagmas verbais como, por exemplo, a produção de Az22: *Eles ficaram com fome, comeram cerejas, eles tentaram dormir no chiqueiro*. E a produção de Az08: *Eles tavam acordando os animais, acho que eles vão cair, eles tavam brincando de esconde esconde, eles tão cortando a grama, eles foram acordando os animais, acho que eles vão cair, eles foram passear, e agora eles tão descansando, eles foram brincar no sonho*.

Percebemos, na situação de Az08, que ele olhava página por página e dizia o que acontecia naquela página, sem se concentrar na sequência narrativa, apontando para quem praticava a ação, isto é, “eles”. Além disso, notamos que a criança limitava-se a produzir

sintagmas nominais quando questionada: “Quem fez isso?”, ou mesmo “Eles quem?”, quando respondia “os animais”, por exemplo.

Em geral, as narrativas espontâneas surgiram no decorrer de outras interações ou brincadeiras. Para exemplificar, mencionamos que antes da interação da loja, em uma conversa informal e introdutória, muitas crianças contavam situações de quando acompanharam seus pais a uma loja, como em *a gente olhava várias roupas ou sapatos... e vai em outras lojas ou para casa* (Az26).

A narrativa tradicional foi solicitada por nós, isto é, pedimos às crianças que contassem uma história conhecida ou que a mãe ou mesmo a avó houvesse contado. Várias crianças trouxeram para sua fala a história de “Os três porquinhos”, como em *eles, os porquinhos, foram tentar sair e daí não conseguiram* (Az29). Entre as outras histórias trazidas pelas crianças, estavam: “Rapunzel” (Az26), “Chapeuzinho Vermelho” (Az22), “Branca de Neve” (Az16), “Monstros” (Az10), “Pé de Feijão” (Az03), de fadas (az17), entre outras histórias.

Nas interações, as crianças tiveram que criar e imaginar situações a partir da fazendinha, da loja e do zoológico. As nossas intervenções eram curtas, apenas para dar continuidade à produção, questionando “o que aconteceu?”. Com isso, na fala da criança havia muitas explicações, como em *os animais ficam na jaula, os macacos que são mais sapecas ficam na jaula.... e os bichos mais brabos ficam dentro de uma tela de vidro* (Az16).

Na interação da loja, predominou o emprego de numerais, pois na conversa entre vendedor e comprador estávamos tratando de valores, ou melhor, do preço dos objetos comercializados, como em *duas notas de cem e lhe dou o troco, mais dez reais* (Az11). Tanto na fazendinha quanto no zoológico, quando as crianças se referiam aos animais ou mesmo a outros objetos da interação, tratavam-nos com carinho, indicando que eram amigos, como em *estes BICHINHOS* (Az16), *me alcança aquelas FLORZINHAS e enquanto eu boto essas COISINHA da árvore* (Az02), *eles vão brincar todos JUNTINHOS* (Az24), *os BONEQUINHOS* (Az22), *porque os FILHOTINHOS são muito pequeninos* (Az29), *tem uma árvore, umas OVELHINHAS e umas VAQUINHAS* (Az27).

Observamos, pois, em qualquer situação de interação, desde as crianças bem pequenas, o emprego de um vocabulário rico e diversificado. Além disso, percebemos o emprego adequado da sintaxe, com frases complexas, bem formadas, contendo sujeito e complemento, empregando diferentes pronomes para se referir às pessoas do discurso, situando-as no tempo e no espaço. A presença de alguns itens lexicais (como *lobos guarás,*

acima) e a capacidade que todas as crianças tiveram de reproduzir histórias conhecidas, narrando-as de modo estruturado e fazendo alusão a cenas de contação de histórias, conjuntamente com os dados obtidos nas entrevistas e nas observações e na tomada de notas realizadas no ambiente da maternal leva-nos a afirmar que se tratava de um grupo de crianças letradas, ainda que não alfabetizadas, que conhecem funções diversificadas da escrita e tornam relevantes, em sua fala, intertextos originários de material escrito para elas lido e por elas retomado.

Por fim, é importante ressaltar que essa tipologia geral dos dados obtidos determinou decisões referentes à análise de dados. Destacamos como essencial a exclusão de fatores já estudados na fala adulta, em virtude da ausência de dados pertinentes na fala infantil ou da dificuldade de sua codificação. A exemplo disso, como veremos, não será possível estudar nestes dados os efeitos das marcas precedentes e, por consequência, os efeitos do paralelismo formal – a imensa maioria dos dados foi de dois itens, tornando improdutivo a análise dessa variável. Também, a interpretação dos dados com relação aos traços [+humano] e [-humano] foi descartada, uma vez que a brincadeira de “faz de conta” estava muito presente nas interações e a manipulação de brinquedos torna essa categorização, por vezes, inconclusiva.

#### 4.4 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Com base nos estudos expostos na seção anterior, nesta seção do trabalho, constam as variáveis tanto linguísticas quanto sociais mais significativas para a realização tanto de uma análise atomística, quanto para a realização de uma análise não-atomística, o que se constitui objetivo desta investigação. Na análise atomística, cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais é considerado dado de análise.

Para investigar a variação linguística, é necessário diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo e as que têm efeito negativo sobre os usos linguísticos alternativos. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se fatores propriamente sociais e estilísticos. No conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza morfossintática.

A variável dependente, no caso da análise atomística, é a aplicação da regra de concordância de número no sintagma nominal pelo uso do morfema /S/. Exemplificando, temos *os sapos* (Az28) e *as coisas geladas* (Az30) como exemplo de aplicação e *todo os bichos* (Az07) e *os carrinho* (Az08) exemplificando a não-aplicação da regra.

As variáveis independentes constam das variáveis linguísticas, sociais e estilísticas capazes de influenciar a escolha de uma ou de outra variante. As variáveis linguísticas deste conjunto são: processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade do item lexical singular, posição linear dos elementos no SN, classe gramatical, contexto fonológico/fonético seguinte, grau dos substantivos e adjetivos, posição do elemento em relação ao núcleo do SN.

#### **4.4.1 Processos morfofonológicos de formação do plural**

Este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes e, por isso, mais perceptíveis, sejam prováveis de serem marcadas do que as menos salientes (formas salientes são mais marcadas). Os primeiros estudos visando à saliência fônica, no Brasil, foram feitos por Lemle e Naro (1974; 1976), em pesquisa sobre concordância verbal. Para eles, as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas que as formas menos salientes.

Naro (1981) afirma que a diferenciação material fônica e a tonicidade devem estar separadas em variáveis distintas. Segundo o mesmo autor, a tonicidade é o traço mais importante da saliência fônica. No caso deste trabalho, foi analisado desta forma, isto é, a diferenciação material fônica e a tonicidade foram tratadas como variáveis independentes.

Scherre (1988) considera o eixo da saliência fônica sob três dimensões: 1 - processos morfofonológicos de formação de plural; 2 - tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3 - número de sílabas dos itens lexicais singulares. Quanto ao item 1, a pesquisadora espera que itens que apresentam diferenciação fônica na relação singular/plural estejam mais marcados do que os que apresentam plural regular.

Aqui, a variável processos morfofonológicos de formação do plural ficou organizada conforme segue. Ressaltamos, no entanto, que, devido aos poucos casos de ocorrência de palavras terminadas em /l/, cujo plural se faz com a inserção do -s e alteração silábica (*real – reais*), dos itens terminados em /ão/, cujo plural se faz com a inserção do -s e alteração silábica (*leão/leões*), dos itens terminados em /r/, cujo plural se faz através da inserção do =es (*flor/flores*) e alteração silábica, optamos em amalgamar em um único fator: modificação da sílaba final. A codificação adotada contemplou os seguintes fatores:

- a) Plural metafônico - Ex: o PORCO/ os PORCOS (Az17);
- b) Modificação da sílaba final - Ex: urso POLAR/ ursos POLARES (Az18);
- c) Item regular, cujo plural se faz com o acréscimo do -s - Ex: da PRINCESA/ das PRINCESAS (Az16).

#### 4.4.2 Tonicidade dos itens lexicais

Juntamente com os processos morfofonológicos, a tonicidade dos itens lexicais tem importância significativa no estudo da concordância nominal de número.

Scherre (1988), além de analisar as duas variáveis citadas, inclui uma nova variável a este estudo: o número de sílabas do item lexical, a qual não se mostrou relevante. A não relevância da variável, Scherre atribui a 90% dos casos de monossílabos ocorrerem antepostos ao núcleo, sendo 81% artigos e 09% possessivos, os quais são marcados por esta razão e não por serem monossílabos; os 10% restantes são todos tônicos e são marcados por causa da tonicidade e não pelo número de sílabas. Assim, espera-se que monossílabos tônicos e oxítonos regulares, por terem acento na última sílaba, sejam mais marcados do que os paroxítonos e os proparoxítonos.

Os itens lexicais em análise foram relacionados a um dos seguintes fatores:

- a) Oxítono e monossílabo tônico - Ex: um ANEL/ dois ANÉIS (Az25);
- b) Paroxítona e monossílabo átono - Ex: o TIGRE/os TIGRES (Az22);
- c) Proparoxítona - Ex: o HIPOPÓTAMO/ os HIPOPÓTAMOS (Az23).

#### 4.4.3 Posição linear dos elementos no SN

A variável posição linear tem sido caracterizada em função do local que o elemento analisado ocupa no sintagma nominal, no sentido estritamente linear.

Braga e Scherre (1976), em um trabalho pioneiro, obtiveram resultados muito importantes, os quais apresentam a oposição geral entre a primeira e as demais posições no sintagma nominal, favorecendo e desfavorecendo a aplicação da regra, respectivamente.

Todos os pesquisadores envolvidos em pesquisa de concordância nominal concluem que a variável posição é a mais importante de todas, no sentido de exercerem uma influência

polarizada e uniforme sobre a regra de número entre os elementos do sintagma nominal em Português.

Como já dissemos, é importante para a presente pesquisa destacar que as pesquisas sobre concordância nominal realizadas com adultos têm apresentado SNs formados por até cinco elementos como, por exemplo, *os últimos vinte e um anos*. Essa é uma realidade diferente da encontrada em pesquisas realizadas com crianças, em que se obtém SNs formados, no máximo, por três elementos.

Considerando o exposto, esperamos observar se existe uma posição de preferência na ocorrência da marca de plural. Para isso, optamos por somente três fatores nesta variável, conforme segue:

- a) 1<sup>a</sup>.p. (posição zero) - Ex: AS cerejas (Az15);
- b) 2<sup>a</sup>.p. (posição 1) - Ex: Os BICHINHOS (Az14);
- c) 3<sup>a</sup>.p. (posição 2) - Ex: As duas BANANAS (Az13).

#### **4.4.4 Classe gramatical**

A influência da classe gramatical sobre a variação de marcas de plural no sintagma nominal foi profundamente estudada por Cedergen (1973), Poplack (1980) e Lefebvre (1981). Segundo esses estudos, os determinantes inibem a forma zero e os substantivos e adjetivos favorecem-na; os determinantes desfavorecem o cancelamento do -s plural enquanto os adjetivos e os substantivos favorecem-na.

Scherre (1988) encontrou em seus estudos o seguinte resultado: os substantivos podem ocorrer nas três posições, inclusive com mais marcas de plural na terceira do que na segunda posição; os adjetivos ocorrem tanto na primeira quanto na segunda e na terceira posição, sendo mais marcadas na segunda que na terceira posição; os possessivos podem ocorrer tanto na primeira quanto na segunda posição; os indefinidos e os quantificadores ocorrem nas três posições.

De modo geral, nas pesquisas com adultos, em especial em Scherre (1988), encontramos diferentes classes gramaticais, devido à composição do sintagma. Entre essas classes, temos: substantivo, categoria substantivada, adjetivo, quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo, pronome pessoal de terceira pessoa e numeral.

Novamente, considerando que os dados obtidos nesta pesquisa são formados por três elementos, no máximo, optamos em unir as classes que podem exercer função de determinante em um fator.

Logo, a presente variável é formada, em nosso estudo, por quatro fatores, conforme segue:

- a) substantivo - Ex: Esses PEIXES (Az05);
- b) adjetivo - Ex: as coisas GELADAS (Az30);
- c) determinante - Ex: ESSAS casas são DAS vacas (Az06);
- d) categoria substantivada - Ex: Esses são os TEUS (Az23).

#### **4.4.5 Contexto fonológico/fonético seguinte**

Esta variável consiste da análise do segmento imediatamente seguinte ao de aplicação da regra de plural, o que parece interferir na aplicação do morfema /S/. Segundo Scherre, “há uma influência ligeiramente positiva da pausa nos itens regulares e, especialmente forte, nos itens terminados em -s” (SCHERRE, 1988, p. 255).

Assim, os fatores aqui analisados foram categorizados em:

- n) Item seguido de consoante - Ex: Os OUTROS dois ficavam olhando (Az04);
- o) Item seguido de vogal - Ex: DESSES anos aqui vai ter aniversário (Az03);
- p) Item seguido por pausa - Ex: Pra os GALOS# (Az02).

#### **4.4.6 Grau dos substantivos e adjetivos**

Para Scherre, o grau dos substantivos foi considerado como uma variável lexical, já que possui carga semântica de “tamanho”, “afetividade”, “pejorativo”, combinando com informalidade (SCHERRE, 1988, p. 267). Nesta variável, esperamos que itens flexionados sejam menos marcados do que os que se apresentam sem flexão.

Os substantivos foram caracterizados em função de grau: normal X diminutivo/aumentativo.

- n) Normal - Ex: Nos CARNEIROS (Az05);
- o) Diminutivo/aumentativo - Ex: Os GATINHOS/ Os PORQUINHOS (Az19).



#### 4.4.7 Posição do elemento em relação ao núcleo do SN

A presente variável parece, também, influenciar no fenômeno. Segundo Scherre (1988), todos os elementos antepostos ao núcleo do sintagma nominal, independentemente da posição que ocupam, são sistematicamente muito marcados. Todos os elementos pospostos ao núcleo do sintagma nominal são sistematicamente menos marcados.

Assim, foram analisadas as seguintes posições:

- n) Elemento anteposto ao núcleo do SN - Ex: PELAS pedras (Az21);
- o) Elemento posposto ao núcleo do SN - Ex: As florzinhas ROXAS (Az19);
- p) Elemento é o próprio núcleo do SN - Ex: Todos os ANIMAIS (Az18).

A partir do próximo item, abordaremos as variáveis sociais.

#### 4.4.8 Gênero

Segundo Eckert (1977b), sexo é uma categoria biológica que serve como base fundamental para a diferenciação de regras, normas e expectativas em todas as sociedades. São essas regras, normas e expectativas que constituem o gênero como um construto social de sexo.

Sexo é outra variável muito discutida nos fenômenos de mudança linguística ou variação estável, pois se acredita que o sexo do informante atue diferentemente sobre uma regra variável, em função do papel que o homem e a mulher exercem na sociedade.

Objetivamos nesta variável observar se as participantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais do padrão do que os do sexo masculino. Consideramos, então:

- w) Masculino
- x) Feminino

#### 4.4.10 Faixa etária

Conforme Eckert (1997b), a idade está correlacionada à variação de seu *status* social, não biológico. O estudo da idade como uma variante social exige que focalizemos no *status* natural e social da idade. Acrescenta que a perspectiva de curso de vida levanta algumas novas considerações no estudo da variação e aponta lacunas no nosso conhecimento.

Ainda em relação à faixa etária, Eckert (1997b, p. 159-160) salienta que a pesquisa quantitativa em variação nos primeiros anos da infância é relativamente recente. Para tanto, sugere o trabalho desenvolvido por Roberts (1993), que tem mostrado que a linguagem das crianças nesse estágio de desenvolvimento é inerentemente variável. Andersen (1990) fornece ampla evidência de que crianças de idades muito iniciais se envolvem em complexa variação de registro e são perspicazmente cientes da relação entre papéis sociais e variação linguística.

Considerando o exposto, pretendemos verificar a diferença entre o índice de concordância nominal de número padrão em grupos de crianças de cada faixa etária. Sendo assim, o fator idade, no presente estudo, está organizada conforme segue:

- w) 3 a 4 anos
- x) 4,1 a 5 anos
- ç) 5,1 a 6 anos

#### 4.4.11 Informantes

Com relação à variável informantes, queremos observar a taxa de aplicação da concordância nominal de número por informante. Com isso, prevemos estabelecer uma média de aplicação, a fim de organizar faixas de aplicação da marca pelos informantes. Além disso, será possível discutir dados de informantes, cuja produção se revele discrepante em relação aos demais, favorecendo uma compreensão mais aprofundada dos resultados. Para isso, cada informante está organizado conforme segue:

- |        |         |         |         |         |         |
|--------|---------|---------|---------|---------|---------|
| a) Az1 | f) Az6  | k) Az11 | p) Az16 | u) Az21 | y) Az26 |
| b) Az2 | g) Az7  | l) Az12 | q) Az17 | v) Az22 | ç) Az27 |
| c) Az3 | h) Az8  | m) Az13 | r) Az18 | x) Az23 | #) Az28 |
| d) Az4 | i) Az9  | n) Az14 | s) Az19 | z) Az24 | *) Az29 |
| i) Az5 | j) Az10 | o) Az15 | t) Az20 | w) Az25 | &) Az30 |

A partir do próximo item abordaremos as variáveis estilísticas.

#### 4.4.12 Interação

Outra questão muito importante nesta pesquisa, em relação à produção oral infantil de concordância nominal de número, diz respeito ao tipo de interação que favorece a aplicação da marca. A expectativa é de que a interação designada por *narrativa tradicional* seja favorecedora da concordância, o que é compatível com análises anteriores, como em Simões (2005) e Capellari e Zilles (2002), que encontraram, em suas pesquisas, um uso mais acentuado da marca de número no contexto da narrativa letrada, muitas vezes reproduzida a partir da leitura de livros ou de cenas de contação de histórias, que estabelecem múltiplos sentidos ao letramento, da contação escolar ao teatro ou cinema. Pretendemos, com isso, verificar se há diferenças estilísticas no comportamento verbal nas diferentes situações propostas.

Assim, a variável em questão está organizada de acordo com as situações propostas para a coleta de dados utilizada por nós. Segue:

- £) Fazendinha
- ©) Zoológico
- €) Lojinha
- Ω) Reconto
- ®) Narrativa Tradicional
- ∞) Narrativa Espontânea

#### 4.4.13 Entrevistador

A presente pesquisa com crianças foi realizada por três pessoas diferentes, todas adultas. Nesse sentido, o objetivo foi o de verificar se o entrevistador exerceu influência sobre a produção de SNs plurais padrão nas diferentes situações de interação propostas.

Para isso, definimos os seguintes fatores:

- ε) Entrevistador 1
- λ) Entrevistador 2
- κ) Entrevistador 3

Após a realização da análise atomística, passaremos à análise não-atomística, a qual considera o sintagma nominal inteiro como unidade de análise. Este momento foi realizado considerando três fatores: aplicação padrão, em que há plural em todos os elementos do SN; aplicação de flexão não-padrão, em que há plural em alguns elementos do SN apenas, ou plural marcado por alteração não-padrão da palavra; não-aplicação, em que não há marca formal de plural.

Para essa codificação, empregaremos os seguintes fatores:

- a) Aplicação padrão - Ex: EsteS carrinhoS (Az18);
- b) Aplicação de flexão não-padrão - Ex: Acordas oS pÔrcoS (Az17);
- c) Não-aplicação - Ex: Os gatinhos atrás daS galinhaØ (Az19).

Destacamos que na análise não-atomística analisaremos as correlações entre o uso da concordância e as variáveis sociais e o tipo de interação. Importante mencionar que Scherre (1988) analisou as variáveis sociais somente na análise atomística e Capellari (2004), tanto na atomística quanto na não-atomística.

Quanto aos procedimentos de análise, esta pesquisa se orientou pela abordagem da Teoria da Variação, nos moldes propostos por William Labov (2008). Conforme Mollica (2004), essa linha é considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso em uma perspectiva sociolinguística. Para tanto, utilizaremos o programa computacional de análise estatística VARBRUL, na versão GOLDFARB 2003.

O GOLDVARB 2003 se constitui em um pacote de programas, na versão *windows*, para a análise da regra variável. É considerada uma nova versão da ferramenta metodológica fundamental de sociolinguistas variacionistas. Conforme Sankoff (*apud* TAGLIAMONTE 2006), o GOLDVARB 2003 é um dos mais apropriados métodos para conduzir a análise estatística em conversa natural.

Conforme Tagliamonte (2006), a série de aplicações GOLDVARB 2003 oferece dois caminhos de conduzir a análise de dados variáveis: binômio e binômio *step up/step down*. O binômio de um nível analisa todos os grupos e as células ao mesmo tempo. Isso permite que se examine cada célula e perceba o quanto cada combinação se diferencia do esperado. Esse tipo de informação pode ajudar a se entender como vai indo a análise, particularmente por permitir que se determine quais células se encaixam no modelo menos adequado.

O binômio *step-up/step-down* desenvolve uma análise nivelada, na qual computações são realizadas um passo a cada vez. A maioria dos estudos envolvendo análise de variação explora mais o último. Esse método fornece “três linhas de evidência”: significância estatística, força relativa e hierarquia restritiva de fatores; todas elas são instrumentos para interpretar o modelo dos dados.

Detalhadamente, para a utilização do programa, criou-se um arquivo de dados no *Word*, com todas as falas das crianças que continham SNs plurais. Após, a variável dependente e as variáveis independentes que serviram para a codificação dos dados foram definidas. Uma vez codificados, os dados foram copiados e colados no GOLDVARB 2003 para iniciar a análise estatística.

Conforme Rand e Sankoff (1990), o aplicativo lê todas as ocorrências digitadas e transfere as informações para uma nova janela, onde é possível visualizar e ditar todos os grupos e seus respectivos fatores. Caso haja algum erro de digitação no processo de codificação, o programa indica a linha e a coluna onde se encontra o erro.

Na etapa seguinte, o programa cria o arquivo de condições. Nessa etapa, é possível realizar a operação de amalgamação e exclusão de fatores, no caso de ocorrer *Knouckout* (a aplicação da regra em 100% ou a não-aplicação em 0%).

Na sequência, é realizada a análise unidimensional. Essa análise gera o arquivo de células que fornece as porcentagens de aplicação da regra para cada fator das variáveis consideradas.

Na etapa posterior, a de análise multidimensional, contempla-se apenas uma das variantes como valor de aplicação da regra. No caso desta pesquisa, a aplicação da marca de concordância nominal de número. O programa seleciona, então, as variáveis e determina os fatores estatisticamente relevantes para o fenômeno em análise, bem como as variáveis que não são consideradas estatisticamente relevantes.

Esse tipo de análise é realizado em níveis, organizados de 0 a X, sendo que X é igual ao número de variáveis independentes, selecionadas pelo programa, como estatisticamente relevantes, mais um. Desse modo, obtém-se, o nível 0, o cálculo do *input*, a probabilidade de aplicação da regra variável quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro.

No nível 1, o programa realiza a escolha do primeiro grupo de fatores significativos, através de um teste entre todos os grupos propostos na análise. A variável escolhida é relacionada com as demais e o programa seleciona outra variável. De igual modo ocorre nos outros níveis.

Evidencia-se, ainda, que para cada fator de cada variável independente, selecionada como estatisticamente relevante, são calculados os pesos relativos que indicam a probabilidade de aplicação da regra. Os valores dos pesos relativos vão de 0,00 a 1,00, sendo 0,50 considerado o ponto neutro. Acima desse valor, o fator é considerado favorável e abaixo, pouco favorável.

No próximo capítulo, estão analisados os dados e discutidos os resultados obtidos por meio da metodologia exposta, na análise atomística e na não-atomística.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, descreveremos os resultados obtidos por meio da análise estatística dos dados frente ao envelope de variação. Estão destacados os resultados considerados relevantes estatisticamente e serão discutidas as rodadas de análise realizadas para fins de refinamento da compreensão dos usos que fazem as 30 crianças pesquisadas da concordância nominal de número nos dados obtidos. Ao longo da apresentação dos números e dos cruzamentos realizados, alguns estudos anteriores, relevantes para a compreensão dos resultados, serão evocados.

### 5.1 ANÁLISE ATOMÍSTICA

Nesta primeira parte da análise, focalizamos a atenção em cada elemento flexionável do sintagma nominal, o que, segundo Scherre (1988), caracteriza uma análise atomística. O objetivo da análise está em averiguar a frequência da marca de plural no interior do SN, considerando as variáveis internas do sistema linguístico, além das variáveis externas.

Consideramos como aplicação da regra a presença formal de plural no item analisado e como não-aplicação a ausência da marca de número. Os dados foram analisados, comparando-os, em especial, aos dados coletados e analisados por Scherre (1988) e Capellari (2004). Ressaltamos que os demais trabalhos realizados sobre o tema e anteriormente expostos foram também explorados durante a análise, mas não serviram para a descrição em termos comparativos, uma vez que nossas rodadas foram especialmente inspiradas naquelas realizadas por essas duas autoras.

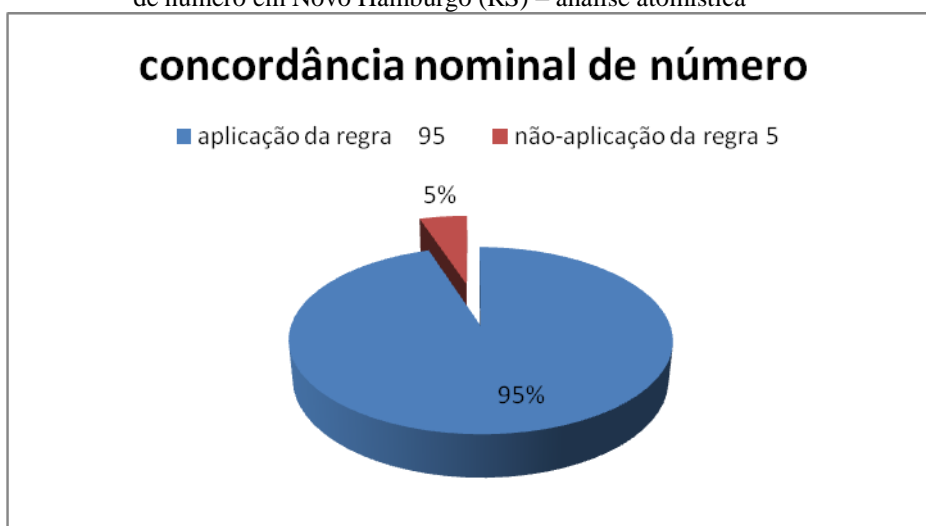
Inicialmente, apresentamos a frequência global de aplicação da marca de flexão nominal de número nesta rodada atomística, para que se tenha visibilidade geral dos dados e dos resultados. A partir disso, seguem as tabelas que apresentam a análise estatística realizada a partir dos fatores estabelecidos no envelope de variação.

O total de SNs plurais considerados na amostra é de 1626, desdobrados em 3028 itens flexionáveis. Dos 1626 SNs plurais, 1463 são sintagmas compostos por dois elementos e 163 SNs plurais compostos por três elementos. Acreditamos ser necessário comentar que, desses 163 SNs compostos por três elementos, 33 encontram-se na faixa etária dos 3 aos 4 anos, 53 estão na faixa dos 4,1 aos 5 anos e 77 estão na faixa dos 5,1 aos 6 anos, o que se constitui em um resultado positivo, uma vez que se poderia ter obtido uma distribuição bem mais desigual

de sintagmas mais extensos na amostra, em virtude de serem crianças em fase de desenvolvimento. Embora não se tenha 35 dados de três ou mais itens na faixa dos 3 a 4 anos de idade, obtivemos um número aproximado a este. Além disso, o aumento da extensão dos sintagmas é coerente com toda a pesquisa em aquisição, que demonstra serem os enunciados de crianças menores menos extensos, seja em número de morfemas por enunciado, seja em número de palavras por enunciado (cf. BROWN, 1973; SIMÕES, 1997).

Quanto à frequência global, a aplicação da marca de plural é predominante, com 95% de itens marcados pela flexão nominal de número. Assim, dos 3028 dados coletados, observou-se o morfema /s/ em 2881 dos casos. Os outros 147 (5%) itens constituem a não-aplicação da regra, ou seja, a ausência da marcação de plural, conforme mostra o Gráfico 3 a seguir.

**Gráfico 3** - Frequência geral de aplicação da regra de concordância nominal de número em Novo Hamburgo (RS) – análise atomística



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Antes da análise dos dados e da interpretação dos resultados, é necessário destacar certos aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, como já foi exposto, os dados desta pesquisa são, basicamente, oriundos de sintagmas nominais plurais formados por dois elementos (determinante + nome), no máximo, três elementos (determinante + nome + adjetivo). Esse fato, certamente, contribuiu para o alto índice de aplicação da regra, porque, segundo a literatura, exatamente nessas posições que as marcas de plural estão mais presentes. Como exemplo, trazemos “desses pintinhos”, “os pintinhos e as galinhas”, “os olhos vermelhos”.



Em segundo lugar, julgamos importante chamar atenção, desde já, para o fato de o espectro de dados em variação na amostra obtida é bem menor do que aquele em que a marca de plural é marcada, redundantemente, em todos os elementos do sintagma. Voltaremos a esse ponto em diversos momentos da discussão de nossos resultados, mas uma primeira constatação geral fica, desde já, evidenciada: as crianças aqui pesquisadas caracterizaram-se por estarem aprendendo uma variedade do português falado no Brasil que tende a marcar a flexão de plural na maior parte de suas produções.

Nessa primeira rodada geral, quanto aos fatores considerados no envelope de variação, o programa computacional GOLDVARB destacou, como estatisticamente significativas, as seguintes variáveis: *classe gramatical, grau dos substantivos e adjetivos, informantes e interação*. Logo, o programa eliminou as variáveis: *processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade, posição linear dos elementos no SN, contexto fonético/fonológico seguinte, posição do elemento em relação ao núcleo, faixa etária, gênero e entrevistador*. Em uma primeira rodada, mantendo todos os informantes da amostra, obtivemos um *knockout* (32/32), ou seja, 100% de aplicação da marca de plural padrão. Além disso, considerando os percentuais de marcação no espectro de informantes, a aplicação variável de flexão entre estas crianças ficou um máximo de 99,2% e um mínimo de 88,5%. Logo, a aplicação máxima foi de 100% e a mínima de 88,5%, em uma média de 95% de aplicação da marca.

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos em cada variável nessa rodada geral inicial, agregando aos resultados de algumas variáveis específicas os números obtidos em rodadas posteriores, realizadas para fins de refinamento da análise. Iremos compará-los com os poucos trabalhos existentes sobre variação linguística na infância e com o que se considera regra variável de concordância caracterizada na fala do adulto.

### **5.1.1 Análise das variáveis linguísticas**

#### **a) Processos morfofonológicos de formação de plural**

Este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes e, por isso, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes (formas salientes são mais marcadas). Os primeiros estudos visando à saliência fônica, no Brasil, foram feitos por Lemle e Naro (1974, 1976), em pesquisa sobre concordância verbal. Para

eles, as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas que as formas menos salientes.

Naro, em 1981, propôs que se estabelecessem duas dimensões no eixo da saliência fônica ou processos e tonicidade. Scherre (1988) trata o eixo da saliência fônica sob três dimensões: 1- processos morfofonológicos de formação de plural; 2- tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3- número de sílabas dos itens lexicais singulares. No caso deste trabalho, o item 1 e 2 são tratados como variáveis independentes e o 3 não foi analisado por nós.

Vários trabalhos já realizados com adultos sobre concordância nominal (BRAGA; SCHERRE, 1976; PONTE, 1979; NINA, 1980; GUY, 1981; SCHERRE, 1988; CARVALHO, 1997; KOELLING, 2003; ANDRADE, 2003; SCHNEIDER, 2007; e MARTINS, 2010) evidenciam que as palavras com maior diferenciação fônica na relação singular/plural tendem a ser mais marcadas. De modo geral, o fator que evidenciou maior peso com relação à presença de marcas foi o plural duplo (0,86); em segundo lugar, os fatores com alteração da sílaba final. Corroborar-se, assim, nesse conjunto de trabalhos, o Princípio da Saliência Fônica, que afirma o seguinte: quanto mais salientes as formas, mais perceptíveis e, conseqüentemente, mais marcadas. Logo, itens irregulares são mais favoráveis à concordância nominal de número que os regulares.

De igual modo, na pesquisa com crianças, esses resultados foram confirmados. Capellari (2004) encontrou que os itens com maior diferenciação fônica na pluralização são favoráveis à marca de número; no entanto, o resultado diferencia-se do encontrado com adultos, pois ela obteve 0,93 de peso relativo para itens terminados em *-r* e, de modo geral, o peso relativo obtido foi maior para os itens terminados em *-s* (0,72), em *-l* (0,76) e em *-ão* com alteração silábica (0,76). Os itens regulares são desfavorecedores (0,47), confirmando os resultados encontrados em Scherre (0,24), em 1988.

Com relação aos dados analisados nesta pesquisa, para investigar o efeito da variável processos morfofonológicos de formação do plural, organizamos a variável em três fatores: itens com plural metafônico, itens com modificação da sílaba final e item regular, cujo plural se faz com o acréscimo do *-s*. Os resultados encontram-se na Tabela 3, abaixo.

**Tabela 3** – Processos morfofonológicos de formação do plural

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Modificação da sílaba final	391/406	96%	0.56
Item regular, cujo plural se faz com o acréscimo do S	2416/2535	95%	0.50
Plural metafônico	74/87	85%	0.22
<b>Total</b>	<b>2881/3028</b>	<b>95%</b>	

Input:0.953

Significância:0.001

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como é possível ver na Tabela 3, nos dados por nós obtidos, os itens que apresentam modificação na sílaba final são os que mais retêm a marca formal de plural, com peso relativo de 0.56. Em seguida, os itens formados pelo simples acréscimo do morfema /s/, cujo peso relativo se encontra no ponto neutro, 0.50, o que indica que são menos favorecedores da concordância nominal em relação ao item anterior. Os itens com plural metafônico denotam serem pouco favorecedores da regra de concordância, com peso relativo 0.22. Esse resultado contradiz os obtidos por Scherre (1988) e Capellari (2004).

Destacamos que, como havia poucos casos que contemplavam os fatores itens terminados em L (ais), terminados em ÃO (aos), terminados em R (es), terminados em S (es), optamos em juntá-los em um único fator *itens com alteração silábica final*. Como exemplo, citamos: desses dois papelões (Az28), dois anéis (Az25), muitas flores (Az27).

Conforme a tabela, encontramos poucas ocorrências de itens com plural metafônico, ou seja, de 87 ocorrências, em 74 houve a aplicação da marca de concordância. Como exemplo, citamos o que teve maior número de ocorrências: os pórcos (Az27), os três porquinhos (Az05), ólhos grandes (Az22) e os óvos (Az23). Esse resultado contraria o obtido por Scherre, que evidenciou o plural duplo como o fator que apresenta maior peso com relação à presença de marcas, ou seja, favorece a aplicação de marcas de plural.

Neste estudo, encontramos que o fator com maior percentual é o item em que a sílaba final apresenta alteração na marcação do plural (0.56), o que não pode ser comparado aos demais estudos, pois este fator é analisado em diferentes fatores (terminação l/ais; terminação

ao/ões; terminação r/es; terminação s/es). De igual modo, constatamos que esses são itens com diferença fônica, o que justifica o resultado encontrado.

Em busca de uma explicação para o resultado obtido no fator plural metafônico, realizamos o cruzamento desta variável com a variável faixa etária. Há indícios de que esse resultado difere dos obtidos com falantes adultos, pois a criança pequena pode estar em processo de aprendizagem fonológica.

Segue a tabela com o resultado encontrado.

**Tabela 4** - Cruzamento das variáveis *Processos morfofonológicos de formação de plural e Faixa etária*

Faixa etária Processos	3 a 4 anos		4,1 a 5 anos		5,1 a 6 anos	
	Aplic/total	%	Aplic/total	%	Aplic/total	%
Plural metafônico	13/17	76.5	25/32	78	36/38	95
Modif. da sil. Final	101/104	97	115/123	93.5	175/179	98
Plural regular	521/550	95	861/907	95	1034/1078	96

Input: 0.954

Significância: 0.099

**Fonte:** Elaborado pela autora.

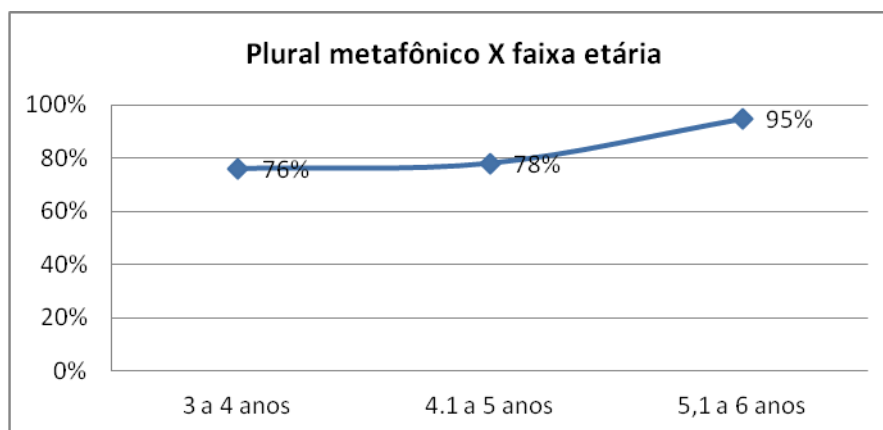
A análise a que se refere a tabela acima foi realizada, de modo especial, com relação o plural metafônico. Constatamos que a criança, até os cinco anos, evidenciou, com clareza, que está em um processo de aprendizagem fonológica, uma vez que foi o fator em que se obteve os menores percentuais - 76,5% dos 3 aos 4 anos e 78% dos 4,1 aos 5 anos - inclusive em relação à faixa etária dos 5,1 aos 6 anos, onde se obteve percentual de 95%, destoando dos demais fatores de análise da variável processos morfofonológicos de formação do plural. Logo, é um fator que desfavorece a aplicação da regra neste *corpus*.

Entretanto, vale ressaltar que, mesmo não obtendo resultado semelhante ao dos adultos na faixa etária de 5 a 6 anos, pode-se verificar uma tendência de aumento dessa marcação ao longo da idade, o que nos leva à interpretação de que se estejamos diante de uma questão de aprendizagem aqui implicada. Essa tendência torna-se mais visível no gráfico abaixo, que demonstra curva ascendente de aplicação da flexão em casos de plural metafônico. Na Tabela 4 acima, então, é possível confirmar o resultado já obtido. Ficou evidente que o item com modificação da sílaba final, de modo geral, é o que mais favorece a aplicação da marca de plural padrão. Isso confirma que os itens com diferença fônica favorecem a aplicação da

concordância nominal de número, embora no caso dos itens de maior modificação – os de plural metafônico – não tenham confirmado resultados anteriores, provavelmente em vista da maior complexidade das regras morfofonológicas implicadas.

Como já foi exposto, esse resultado é contrário ao que se conhece da literatura, uma vez que há saliência fônica e o peso relativo é menor do que o do plural regular. Nesse sentido, considerando que a pesquisa é com crianças torna-se relevante saber se há correlação com a idade dos participantes, ou seja, se essa é uma questão de aprendizagem. Para tanto, cruzamos os plurais metafônicos e idade, cujos resultados podem ser observados no Gráfico 4.

**Gráfico 4** - Resultado do cruzamento do fator *Plural metafônico* e da variável *Faixa etária*



**Fonte:** Elaborado pela autora.

O gráfico acima apresenta os percentuais que demonstraram a tendência de aprendizagem do plural metafônico. Constatamos, pois, que as crianças da faixa etária dos 3 aos 4 anos são as que menos aplicam a marca de plural nos itens que apresentam diferenciação fônica na pluralização com 76%, seguido das crianças entre 4,1 e 5 anos, com 78% e das crianças de 5,1 a 6 anos de idade com 95%. Percebeu-se, portanto, um crescimento em relação à presença de marcas no plural metafônico com o aumento da idade, principalmente considerando a menor faixa (3 a 4 anos) em relação à maior faixa (5,1 a 6 anos). Acreditamos que esse resultado esteja relacionado ao processo de aprendizagem fonológica. Segundo Meyuk (1988), na faixa dos três anos, há um aumento da frequência de uso das principais flexões, especialmente as de gênero e de número, que é o caso desta pesquisa. Logo, nesta faixa as crianças empregam as principais flexões de número, sendo que a metaforia demonstra estar em processo de aprendizagem até a faixa dos cinco anos.

Consideramos significativo comentar sobre as crianças que não marcam o plural, ou mesmo marcam com flexão não-padrão, nos contextos mencionados. Na análise das produções infantis, encontramos quatro crianças – três meninos e uma menina – que demonstraram não ter domínio da regra de plural metafônico. O caso mais interessante e rico é o do participante Az05, da faixa dos três aos quatro anos, pois ele produziu seis SNs desse tipo, empregando *os pôrcos* e *dos três porquinho*. Logo, ele teve dois SNs com não-aplicação e quatro SNs de aplicação de flexão não-padrão. Não houve produção de aplicação padrão. É interessante notar com relação a esse participante que, conforme a conversa com a mãe, a família compra pouco material como revistas e livros, e não compra jornais. A mãe comentou que o hábito da leitura é dos filhos e não dos pais e que as crianças leem principalmente os livros vindos da escola, semanalmente. Não há também a comunicação por escrito entre pais e filhos. A mãe destacou que o filho demonstrou e, segundo ela, ainda demonstra, certa dificuldade em relação à fala, o que não foi evidenciado no decorrer da coleta.

Já um outro menino, o Az07, da faixa dos 4 aos 5 anos, produziu três SNs com aplicação de flexão não-padrão. Este menino tem um mundo de material escrito em casa, os pais compram muitos livros infantis, leem histórias diariamente, incentivam a leitura, levando-o a Feiras do Livro em diferentes municípios. De presente, ele sempre recebe livros e adora recebê-los. Há, pois, o hábito da leitura, de todos os membros da família. A mãe, no entanto, destacou que o menino frequentou uma fonoaudióloga por muito tempo, quando pequeno, pois demonstrava dificuldade na produção oral, demonstrando, segundo ela, “erros” na fala.

O terceiro menino, o Az02, da faixa dos três aos quatro anos, produziu cinco SNs. Em dois SNs empregou corretamente a metafonia, o que pode se justificar por ser uma expressão aprendida sem análise – *Três porquinhos*; essa hipótese já foi discutida quando da discussão dos dados de crianças no Capítulo 2 desta tese: é possível que, em virtude de sua presença como fraseologias fixas ou até mesmo títulos de histórias, alguns sintagmas com concordância padrão sejam memorizados pelas crianças sem que sua produção passe por análise. Além desse caso, há dois casos de aplicação de concordância não-padrão e um caso de aplicação de flexão não-padrão. Este terceiro menino tem acesso a material escrito, no entanto, a mãe comentou que os adultos só leem para ele quando ele pede e quando é obrigado, pois deve ser lido o livro que vem da escola nas sextas-feiras.

Infelizmente, não foi realizada a entrevista com a família da menina Az22, da faixa etária dos 4 aos 5 anos. A única informação que obtivemos em uma ficha inicial é que o pai é empresário e tem nível superior incompleto, e a mãe é agente de viagem e também possui nível superior completo. Além disso, residem no Bairro Vila Nova, localizado perto do centro, onde o estilo das construções e residências é variado e há bom número de edifícios e boas residências de alvenaria, com conforto e boas condições de vida.

Outra possível explicação para o resultado obtido no fator plural metafônico pode estar relacionada ao tipo de interação. Antes de estabelecer essa relação com o tipo de interação, gostaríamos de comentar que dos 87 casos de metafonia, 28 são da palavra *porcos*, 49 são da palavra *porquinhos*, 3 casos da palavra *olhos*, 3 casos da palavra *caroços*, 3 casos da palavra *ovos* e 1 caso da palavra *tijolos*. A fim de obter um resultado mais preciso, calculamos o percentual de emprego das palavras. Encontramos um percentual de 32% de emprego da palavra *porcos* e 56% de emprego da palavra *porquinhos*, em um total de 88% de emprego da metafonia nessas duas palavras e 12% nas demais palavras.

Acreditamos que realmente este resultado esteja relacionado ao tipo de interação, pois as interações em que houve maior produção dessas palavras foram: o reconto, a fazendinha e a narrativa tradicional. No reconto, um dos três amigos, personagens principais da história, é um porco e ele vive as suas aventuras com seus amigos e outros animais, entre eles outros porcos. A fazendinha, organizada pelo adulto e pela criança que interagem já durante a sua montagem, é um lugar onde há muitos animais, entre eles porcos, e os personagens da história interagem nesse espaço, fazendo muitas coisas juntos, entre elas tratando os animais. Na narrativa tradicional, houve um grande número de emprego da palavra *porquinhos*, pois as crianças traziam para a contação a história *Os três porquinhos*.

É importante notar, nesse sentido, que a provocação da criança a falar, tão importante para a obtenção de dados de plural pelas crianças, conforme discutimos no capítulo anterior, levou ao aparecimento de certos itens lexicais, em detrimento de uma produção mais ligada à escolha livre pelas crianças participantes. No caso do plural envolvendo itens de metafonia, como vimos, esse procedimento metodológico provocou uma concentração grande de ocorrências de um mesmo tipo, o que deve levar a interpretações desses dados a ser cautelosa: os fenômenos aqui evidenciados são altamente presos a itens e talvez não revelem um conhecimento gramatical mais generalizado.

## b) Tonicidade dos itens

Juntamente com processos morfofonológicos, a tonicidade dos itens lexicais tem sua importância no estudo da concordância de número. Inclusive Scherre (1988) conclui que, devido à estreita dependência entre essas duas variáveis, a melhor alternativa de análise é aquela que as considera em um só grupo de fatores. Ela encontrou que os monossílabos e as palavras oxítonas influenciam a concordância nominal mais que a paroxítona e a proparoxítona.

Guy (1981), em seus estudos, obteve resultados que se assemelham aos de Scherre (1988). Segundo ele, as sílabas átonas tendem a cancelar mais o –s final que as tônicas; o maior índice de apagamento ocorreu entre as palavras cuja sílaba final não é a tônica; os monossílabos tônicos são os que menos cancelam o –s final. Logo, os itens que mais favorecem a marca de número são aqueles cuja tonicidade recai sobre a última sílaba, tornando-a mais saliente, evidenciando o Princípio da Saliência Fônica.

Capellari (2004), por sua vez, encontrou resultados com dados de crianças que se diferenciam dos resultados encontrados com adultos, porque os dados dela não apontam para o efeito da tonicidade sobre a presença da marca de número. Em sua análise, essa variável não foi selecionada pelo VARBRUL. Capellari (2004) primeiro analisou os itens separadamente, não agrupando os fatores, encontrando em 96% dos casos os monossílabos átonos como o fator que mais retém a marca. Posteriormente, analisou os dados desconsiderando monossílabos átonos e proparoxítonos. Encontrou, então, que os monossílabos tônicos mais favoreceram a marca morfológica de plural (58%), contrariando Scherre ao encontrar que os oxítonos são pouco marcados (28%).

Nesta etapa do estudo, analisamos a tonicidade dos itens lexicais de forma separada, conforme a Tabela 5.



**Tabela 5** - Tonicidade dos itens

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Proparoxítona	35/36	97%	0.63
Oxítono e monossílabo tônico	369/383	96%	0.57
Paroxítona e monossílabo átono	2477/2609	94%	0.48
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.952 Significância: 0.394

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme a Tabela 5, a categoria das proparoxítonas é a que mais favorece a marca morfológica do plural, com 97%, com peso relativo 0.63 contrastando o resultado de Scherre, que obteve 52%, com peso relativo 0.44 e Capellari que obteve apenas 15%. No entanto, ressaltamos que o conjunto de palavras proparoxítonas é muito pequeno, pois somente sete palavras fazem parte do universo dos dados, que são: *árvores*, *abóboras*, *hipopótamos*, *máscaras*, *zoológicos*, *plásticos* e *dólares*, sendo que as três primeiras foram repetidas e as quatro últimas foram empregadas apenas uma vez. Acreditamos que este resultado se deve ao fato das proparoxítonas serem dados de uma variedade culta do português, considerando que estas crianças estão adquirindo uma variedade muito aproximada da padrão, na qual a ocorrência de proparoxítonas, de modo geral evitadas na língua, é grande.

Em segundo lugar, com 96% e peso relativo 0.57, evidenciamos que as palavras oxítonas e os monossílabos tônicos são mais marcados que as paroxítonas e os monossílabos átonos (94%, PR 0.48). Este resultado assemelha-se ao encontrado por Scherre para essa categoria (86%, PR 0.66), contrastando, no entanto, com os resultados obtidos por Capellari, que obteve apenas 28%, o que demonstra que os oxítonos foram pouco marcados. Dessa forma, resultados desta pesquisa apontam para o efeito da tonicidade sobre a presença da marca de número, resultado este semelhante aos obtidos na fala adulta. Vale destacar que nossos resultados destoaram dos obtidos por Capellari, uma vez que ela encontrou que os monossílabos átonos retêm a marca em 96% dos casos e os proparoxítonos desfavorem-na em 15% dos casos.

Por fim, para Scherre, a tonicidade mostrou-se relevante, destacando a influência da saliência fônica na concordância nominal de número. Já para Capellari, na análise dos dados infantis, essa variável não foi selecionada pelo VARBRUL. De igual modo, em nossa análise, o GOLDVARB não selecionou essa variável como estatisticamente significativa.

Scherre propõe o efeito conjunto das variáveis processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade, pois julga haver uma sobreposição forte entre essas duas variáveis atuando na concordância nominal de número. Segundo Scherre (1998), todos os itens mais salientes favorecem mais a presença de marcas explícitas nos elementos nominais dos SNs. Os menos salientes, os regulares, favorecem menos a presença de marcas explícitas. Neste caso, há uma oposição nítida, de acordo com sua pesquisa, entre o efeito dos regulares oxítonos – favorecedores – e os regulares paroxítonos – desfavorecedores. Nesse sentido, buscando a sobreposição entre processos e tonicidade, realizamos o cruzamento entre as duas variáveis. Os resultados se encontram na tabela abaixo.

**Tabela 6** - Cruzamento das variáveis *Processos morfofonológicos de formação do plural e Tonicidade*

Processos Tonicidade	Oxítonos monossílabos ton. e	Paroxítonos monossílabos át. e	Proparoxítona
Plural metafônico		74/87 85%	
Modificação da sílaba final	262/273 96%	128/132 97%	1/1 100%
Item regular	107/110 97.3%	2275/2390 95%	34/35 97%

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como todos os casos de plural metafônico recaem sobre paroxítonas, não é possível tirar conclusões do cruzamento quanto a esse tipo de item. Quanto aos itens com modificação da sílaba final, as paroxítonas e os monossílabos átonos com modificação na sílaba final favorecem a aplicação da regra (97%) em relação aos oxítonos e monossílabos tônicos (96%) e à proparoxítona. É importante destacar que houve somente um caso de proparoxítona. Logo, as paroxítonas e os monossílabos átonos, tanto com plural metafônico quanto com modificação da sílaba final, ou seja, os itens lexicais com maior diferenciação fônica na relação singular/plural parecem apresentar mais índices de aplicação da marca, sendo a comparação de certo modo prejudicada pelo desequilíbrio, algumas vezes muito grande, entre o número de dados obtidos nos diferentes cruzamentos.

Quanto aos itens de flexão regular, constatamos um resultado semelhante ao encontrado por Scherre, em pesquisa com adultos: os oxítonos favorecem a aplicação da marca (97%) e os paroxítonos a desfavorecem (95%), comparativamente (apesar das diferenças percentuais tão pequenas). Ressaltamos que, de igual modo, os monossílabos tônicos favorecem e os átonos desfavorecem a aplicação da marca. Logo, os itens regulares que apresentam a sílaba final mais forte favorecem a aplicação da marca de plural. As proparoxítonas regulares também evidenciaram favorecer a aplicação, em relação às paroxítonas e aos monossílabos átonos, no entanto, como foram poucos os casos, não é possível afirmar esta tendência.

### c) Posição linear dos elementos no sintagma nominal

Os estudos realizados sobre concordância nominal, aqui expostos, são unânimes em seus resultados: o primeiro elemento do sintagma nominal favorece enormemente a aplicação da regra, e as demais posições a inibem. Segundo Guy (1981), esta variável revelou-se a de maior atuação sobre a presença da marca no SN (95%). Em Scherre (1988) e Scherre e Naro (2003a), encontramos que as posições à esquerda do núcleo tendem a reter a marca mais do que as posteriores a esse, sendo que a primeira posição é a mais marcada, seguida pelas terceira e segunda.

Scherre (1988), por sua vez, propõe abordar a posição linear considerando as influências das variáveis classe gramatical e marcas precedentes. Ela, portanto, cruza posição linear e classe gramatical, obtendo os seguintes resultados: a primeira posição favorece a presença de marcas em qualquer classe gramatical; os determinantes na segunda posição são mais marcados que na primeira; os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição do que na segunda; os adjetivos, inversamente aos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda do que na terceira posição.

Neste estudo, realizamos a análise das variáveis posição e classe gramatical separadamente. Ressaltamos que, nesta análise, optamos pelas três primeiras posições, uma vez que os sintagmas são, de modo geral, formados por dois elementos, em alguns casos, por três elementos, como foi anteriormente mencionado.

Os resultados obtidos constam na Tabela 7, a seguir.

**Tabela 7** – Posição linear dos elementos no sintagma nominal

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Primeira posição	1322/1341	98%	0.72
Terceira posição	156/167	93%	0.35
Segunda posição	1403/1520	92%	0.31
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.963

Significância: 0.000

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na Tabela 7, com os dados referentes à posição linear dos elementos no SN, constatamos que, semelhante a outros estudos, até mesmo realizado com adultos, a primeira posição (a posição zero) foi a que mais se destacou em relação às outras, quanto ao favorecimento à aplicação da marca de concordância nominal de número.

Essa variável não foi selecionada pelo GOLDVARB (certamente em virtude do maior efeito obtido pela variável classe gramatical, que se sobrepõe a essa na análise realizada com nossos dados). Nos dados analisados neste estudo, a primeira posição (posição zero) no SN é a que retém mais marcas de concordância (0.72), seguido da terceira posição (posição dois), com 0.35 e, por último, a segunda posição, com 0.31. Assim, estes resultados se assemelham aos de Scherre (1988), uma vez que a primeira posição foi a mais marcada, seguida da terceira e da segunda posição.

Vale ressaltar que a primeira posição é favorecedora da retenção da marca também na fala infantil. Nesse sentido, o resultado obtido por Capellari e o encontrado nesta pesquisa é semelhante. No entanto, ela evidenciou em seus resultados que as posições subsequentes – a segunda, a terceira e a quarta - são desfavorecedoras. Os dados analisados nesta pesquisa revelaram que a terceira posição favorece mais que a segunda posição a marca de plural. Assim, destaca-se que os resultados obtidos na fala infantil vão ao encontro do que se observa no sistema adulto.

A fim de refinar a pesquisa, realizamos uma rodada geral, excluindo posição linear, classe gramatical, informantes e posição do elemento em relação ao núcleo. Ressaltamos que quando se inclui classe gramatical ou posição linear ou posição com relação ao núcleo, uma dessas será selecionada pelo programa como mais relevante, como de fato foi. Isso ocorre

porque a marca deve aparecer no SN para informar que se trata de um plural e aparecerá “no início”. Não se pode dizer que a regra é que seja na primeira posição, porque tem sido descrita a ocorrência de casos de possessivos em segunda posição, que têm a marca, sem que ela apareça antes, mas nos nossos dados parece que o determinante, em primeira posição é o lugar preferencial, do ponto de vista morfossintático, para esta marcação.

Assim, fizemos esta rodada, sem os fatores ligados à marcação no início, de forma a poder examinar melhor o efeito das demais condicionantes, linguísticas e sociais. Nessa análise, a melhor rodada mostrou que foram significativos o contexto fonológico/fonético seguinte, o grau dos nomes, a faixa etária e o tipo de interação. Este resultado confirma o que já tínhamos obtido nas rodadas gerais, feitas com todos os fatores.

Em relação à posição linear do elemento analisado, consideramos fundamental expor algumas observações quanto aos dados produzidos. Inicialmente, torna-se relevante reportar a Scherre (1988), segundo a qual a única situação em que há mais marcas na segunda posição do que na primeira são os SNs com possessivos na segunda posição, antecidos por determinantes como, por exemplo, *do meus pais*. Ela justifica esse caso afirmando que a não flexão do artigo contraído com preposição diante de possessivo, como *da minhas prima*, se dá pelo fato de o falante interpretar essa contração como uma categoria invariável, como a preposição.

Segundo Capellari, nos resultados obtidos com crianças, os possessivos são os mais favoráveis à retenção da marca. Segundo a pesquisadora, a estrutura artigo + possessivo + nome, como *a minhas boneca*, favorece a marcação do plural no possessivo. Ela afirma que há, nesses casos, um apagamento do –s final do artigo, aglutinando-se este com o possessivo que o segue, constituindo na fala um único vocábulo. Logo, o possessivo passa a ser identificado, na fala, como a primeira posição do SN.

Nesta pesquisa realizada com crianças, obtivemos dezoito casos de emprego da estrutura artigo + possessivo + nome. Desses 18 casos, em 13 foi empregada a forma padrão de concordância nominal. Em 5 deles, a aplicação se deu, ao menos, em um dos elementos do SN, como *nos meus carrinho*, *a minha brincadeiras*, *a suas casas (repetiu-se)*, *pro meus filhos*. Como são poucos os casos, sendo os dois últimos casos semelhantes aos analisados por Scherre e Capellari, cremos que aqui também possa haver uma aglutinação do artigo com o possessivo, sendo que no último caso percebe-se a aglutinação de *para + o + meus + filhos*, ocorrendo o apagamento do –s final do artigo, tornando-se um único vocábulo.

Outro aspecto importante analisado nos SNs de três elementos é que há 25 casos de adjetivos em terceira posição, sendo 22 deles marcados, em um percentual de 88%, e há 142 casos de substantivos em terceira posição, sendo 134 deles marcados, em um percentual de 94%. Constatamos, portanto, que o substantivo em terceira posição favorece mais a aplicação da marca do que o adjetivo em terceira posição. Essa constatação também ocorre a partir da análise da variável classe gramatical, pois o substantivo favorece o emprego da marca de plural com um peso de 0.30 em relação ao adjetivo com o peso 0.19 e esse em relação ao determinante com peso relativo de 0.71 e a categoria substantivada, com peso de 0.62. A hipótese novamente está na estrutura dos SNs, pois somente 167 SNs são formados por três elementos em um total de 1558 SNs. Portanto, há 1391 SNs com dois elementos. Assim, há muito mais dados de dois elementos do que de três elementos, o que sugere pouquíssima presença de adjetivo.

#### d) Classe gramatical dos elementos

Os estudos já expostos realizados com adultos evidenciaram diferentes resultados. Para Fernandes (1996), a classe gramatical dos elementos não é muito significativa nos estudos de concordância em si. Carvalho (1997) afirma que classes gramaticais que funcionam como determinantes (quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo) apresentam maior probabilidade de serem marcadas, mais que substantivos e adjetivos. Segundo a mesma autora, as classes gramaticais não-nucleares à esquerda do núcleo apresentam um alto índice de aplicação da variável *-s*. Semelhante resultado foi encontrado por Martins (2010), cujo estudo evidenciou que elementos determinantes, como artigo, numeral e pronome recebem a marca explícita de plural mais do que os nucleares. Andrade (2003) encontrou que substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra que os próprios determinantes na primeira posição e que os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição.

Scherre, por sua vez, realizou a análise de classe gramatical e posição, fazendo o cruzamento entre essas duas variáveis e, a partir dos dados de adultos, atesta que qualquer classe, em primeira posição, é mais marcada do que em outras posições. Capellari, como Scherre, efetuou o cruzamento entre posição e classe para observar as possíveis relações entre essas variáveis. Capellari encontrou que a primeira posição exerce influência sobre a marca de plural, “salvo os substantivos, as categorias substantivadas e os adjetivos, que impossibilitam

qualquer influência devido aos escassos casos”. Assim, todas as classes, quando nessa posição, são altamente favorecedoras da aplicação da regra.

A seguir, apresentamos a Tabela 8, com os resultados obtidos, quanto à classe gramatical dos elementos. Optamos, pois, por uma classe para os determinantes, e analisamos substantivo, categoria substantivada e adjetivo. Além disso, o GOLDVARB classificou esta variável como estatisticamente significativa, diferentemente de Fernandes (1996), que considera a classe gramatical não muito significativa nos estudos de concordância nominal.

**Tabela 8** – Classe gramatical dos elementos

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Determinante	1398/1418	98.6%	0.71
Categoria substantivada	63/64	98%	0.62
Substantivo	1370/1489	92%	0.30
Adjetivo	50/57	87.7%	0.19
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.972

Significância: 0.004

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A Tabela 8 mostra que os determinantes são os que retêm a marca de plural, com 0.71, seguidos pela categoria substantivada (0.62), as categorias substantivos (0.30) e adjetivos (0.19). Isso evidencia, com clareza, a estrutura predominante do SN (determinante+substantivo), em alguns poucos casos de (determinante+substantivo+adjetivo).

Considerando essa realidade, o que prevemos inicialmente como fatores *quantificador*, *possessivo*, *indefinido*, *artigo* e *demonstrativo*, nos fez optar por um único fator *determinante*. Como exemplo, posso citar *os porquinhos* (Az29), *umas amarelas* (Az10), *os anéis* (Az24), entre outros tantos exemplos.

De modo geral, os resultados expostos na tabela se assemelham aos obtidos por Capellari, uma vez que os desta pesquisa evidenciaram que os determinantes (artigo, possessivo, demonstrativo, quantificador), com peso relativo (0.71) são os que exercem mais influência sobre a marcação de plural. Capellari analisou os fatores separadamente e constatou

que os possessivos (0.87), os artigos e os demonstrativos (0.85) exerceram mais influência sobre a marcação de plural.

Esse resultado corrobora os resultados obtidos em outros estudos, mesmo com adultos: que a primeira posição e os determinantes são mais marcados que outras classes gramaticais, como o substantivo e o adjetivo e que o adjetivo, conforme Andrade (2003), desfavorece a aplicação da marca de concordância. Assim, confirma-se, mesmo em dados obtidos com crianças, semelhante aos de adultos, que a classe gramatical tem influência sobre a concordância nominal.

Acrescentamos ao exposto nas variáveis posição linear e classe gramatical a proposta de Scherre. Ela propõe abordar a variável posição linear do SN considerando as influências das variáveis classe gramatical e marcas precedentes. Essa variável não foi analisada nesta pesquisa, considerando que os SNs são de, no máximo, três elementos e em uma quantidade insuficiente para uma análise mais apurada. Portanto, é de interesse a investigação que focaliza o cruzamento entre posição linear e classe.

Ressaltamos que Scherre, com dados de falantes adultos, analisou as classes gramaticais separadamente. Os fatores utilizados por ela foram: substantivo, categoria substantivada e os determinantes: quantificador, possessivo, indefinido, artigo e demonstrativo.

Como resultados gerais, concluiu que a primeira posição favorece a presença de marcas em qualquer classe gramatical que nela ocorra. Ela destaca que apenas os SNs com possessivo na segunda posição, antecidos por determinantes apresentam mais marcas na segunda posição do que na primeira. Apresentamos também o resultado quanto à categoria substantivada encontrado por ela, pois também analisamos essa categoria separadamente. A categoria substantivada apresentou resultado semelhante ao substantivo, pois foi mais marcada na terceira posição que na segunda posição.

A autora analisa o comportamento do determinante, do substantivo e do adjetivo em SNs de três ou mais elementos, a fim de identificar diferenciações quanto à presença da marca nessas categorias nas diferentes posições. Como resultados encontrou que os determinantes na segunda posição são mais marcados que na primeira; os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição que na segunda; os adjetivos, ao contrário dos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda posição que na terceira posição. Logo, concluímos que não existe uma relação rígida entre a ocorrência de determinante e primeira posição, substantivo e segunda posição e adjetivo e terceira posição.



Para testar uma possível sobreposição entre classe gramatical e posição linear, Capellari, cuja pesquisa foi desenvolvida com crianças, também realizou o cruzamento entre essas variáveis. Para isso, ela agrupou o artigo e o demonstrativo, os indefinidos e os quantificadores, a categoria substantivada e os substantivos. Analisou isoladamente os possessivos e os adjetivos.

Os resultados reforçaram os já obtidos por Scherre: todas as classes quando na primeira posição, são altamente favorecedoras da aplicação da regra. Tanto Scherre quanto Capellari encontraram que os possessivos, quando em primeira posição, são sempre marcados.

De igual modo, efetuamos o cruzamento entre posição linear e classe para observar as possíveis inter-relações entre essas variáveis. Optamos em agrupar os possessivos, os artigos, os pronomes interrogativos e os quantificadores em um único fator, denominado determinante. Além disso, analisamos o substantivo separadamente da categoria substantivada. Os resultados estão na Tabela 9.

**Tabela 9** - Cruzamento das variáveis *Classe gramatical* e *Posição linear* dos elementos no sintagma nominal

Classe gram. Posição linear	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	N/total	%	N/total	%	N/total	%
Substantivo	27/27	100%	1209/1320	91.6%	134/142	94.4%
Adjetivo	1/1	100%	27/31	87.1%	22/25	88%
Determinante	1283/1302	98.5%	115/116	99%		
Categoria subst.	11/11	100%	52/53	98%		

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A tabela acima reforça o que já foi encontrado por Scherre e Capellari: a primeira posição exerce influência sobre a marca de plural. Em uma análise detalhada da tabela, observa-se que há apenas um caso de adjetivo em primeira posição, o que impossibilita afirmar que também o adjetivo em primeira posição exerce influência sobre a marca de plural. Ressaltamos que o adjetivo em terceira posição evidenciou ser mais marcado que em segunda, bem como o substantivo, o que reforça o encontrado por Scherre. É importante acrescentar, ainda, que em uma análise posterior, mais refinada, feita por nós com o programa GOLDVARB, a retirada da variável *classe gramatical* fez com que o programa selecionasse a posição linear como estatisticamente significativa, demonstrando, mais uma vez, a interação entre esses dois fatores.

Destacamos que, mesmo não separando as classes gramaticais que compõem o fator determinante, os resultados desta pesquisa são semelhantes aos encontrados por Scherre: determinantes na segunda posição são até mais marcados que na primeira posição, mesmo que o percentual que os diferencie seja mínimo.

Quanto à categoria substantivada, os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que, em primeira posição, foram mais marcados que em segunda posição. Esse resultado diferencia-se do que foi encontrado por Scherre, para quem a terceira posição foi mais marcada que a segunda. Já Capellari agrupou categoria substantivada e substantivo e encontrou o mesmo que neste estudo: essa classe é mais marcada em primeira posição que nas outras (2ª e 3ª posição). Logo, qualquer classe em primeira posição é mais marcada que em outras posições.

Cabe ainda, aqui, descrever a estrutura dos SNs constituídos de três elementos. Dos 167 SNs constituídos de três elementos, 56 deles são formados por “todos” + determinante (artigo/ demonstrativo) + nome, como por exemplo: *todos os animais, todos os lápis, todos os doces, todas as flores, todas as maçãs, todas as frutas, todos os dias, todos os bichos, todos esses animais, todas essas maçãs*. Outros 54 SNs são formados por determinante+ numeral +nome, como por exemplo: *dos três porquinhos, os dois lados, esses três carrinhos, os dois tios, esses dois caminhões, os três morangos, essas três flores, o quatro braços, uma duas casas, aquelas duas meninas, esses três sorvetes, os dois amigos, os dois lápis, dos três amigo e as duas pás*. A estrutura gramatical dos outros 57 SNs restantes foi diversificada, apresentando poucos casos de cada estrutura, conforme segue. Houve 18 casos de determinante + possessivo + nome, como em *nos meu carrinho, as nossas coisas, os meus leões, dos seus cachorros, a minha brincadeiras, nos meus ouvidos, a suas casas, os meus filhos, pro meus filhos e as minhas amigas*. Houve 14 casos de determinante (artigo) + nome + adjetivo, como em: *os ursos polares, os amigos deles, as florzinhas roxas, as meninas superpoderosas, os tios feio, os coisinhas preto, das cores coloridas, as coisas geladas e os lobos guarás*. Houve 11 casos de determinante + indefinido + nome como em: *os outros dois, os outros animais, das outras vaca, a outras lama, pros outros peixes e os outros anéis*. Se obtive poucos casos com a estrutura indefinido + nome+ adjetivo, como em: *umas coisinhas grudadas, umas frutas pequenas, umas roupas pratas, umas lindas flores e muitos animais presos*. Também se encontrou a estrutura numeral + nome+ adjetivo, como em: *duas maçãs verde, dois rosas forte, dois animais juntos e dois batom daqueles*. Por fim, encontrei quatro

casos específicos e individuais, como *das mesma cor, da cor mesmas, as mais casas e pintinhas roxa clarinha*.

e) Contexto fonológico seguinte

Alguns estudos sobre concordância nominal olharam para o contexto seguinte, a fim de verificar a importância do contexto seguinte na inserção ou não da marca formal de plural no elemento analisado. Braga e Scherre (1976) obtiveram como resultado em seu estudo que, nas classes média e baixa, a presença da vogal ou da consoante na palavra seguinte parece não exercer influência sobre a aplicação da regra. Já na classe média-alta, o contexto seguinte constituído de vogal tende a favorecer a concordância.

Guy (1981) afirma que os sons consonantais atuam em favor do apagamento, enquanto que com os sons vocálicos o processo é inverso e considera a pausa o fator que mais favorece a presença da marca de número. Os resultados obtidos por Scherre (1988) opõem-se aos de Guy (1981), uma vez que para ela a presença de uma consoante seguinte favorece sensivelmente a inserção da marca formal de plural, enquanto que uma vogal a desfavorece. Já Martins (2010) encontrou em seu estudo que a vogal favorece mais a presença de marcas de plural que a consoante ou a pausa.

Neste estudo, trabalhamos com a variável contexto fonológico seguinte, levando em consideração a pausa, a consoante e a vogal, sem avaliar os traços da consoante (surda e sonora), como sugere Scherre. Os resultados obtidos podem ser constatados na Tabela 10, a seguir.

**Tabela 10** – Contexto fonológico seguinte

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Item seguido de vogal	499/508	98%	0.71
Item seguido de consoante	1322/1369	96%	0.55
Item seguido por pausa	1060/1151	92%	0.34
<b>Total</b>	2881/3028	95%	
Input: 0.958		Significância: 0.000	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Constatamos, a partir dos resultados da Tabela 10, que corresponde à variável *contexto fonológico seguinte* ao elemento em questão, que o fator que mais influencia a concordância é o item seguido de vogal (0.71), após o item seguido de consoante (0.55). O fator com menor condicionamento em favor da marca foi o item seguido de pausa (0.34). Em outras palavras, esse fator desfavorece a aplicação da marca de plural.

Os resultados da tabela acima evidenciaram uma semelhança com o estudo realizado por Braga e Scherre, em 1976, com classe média-alta, onde encontrou como resultado que o contexto seguinte constituído de vogal tende a favorecer a concordância. A semelhança está que o presente estudo foi realizado com crianças de classe média-alta, em que se obteve também o contexto seguinte constituído de vogal como favorecedor da concordância. De igual modo, o estudo de Martins (2010) também obteve tal resultado, obtendo a vogal como favorecedora da marca de plural.

Capellari não analisou em seus estudos a variável contexto seguinte, o que impossibilita o estabelecimento de uma comparação com dados de produção infantil. Pode-se afirmar que os resultados encontrados na produção oral infantil deste estudo, em relação a essa variável, permitem a comparação com os resultados obtidos na fala adulta.

#### f) Grau dos itens lexicais

Segundo Scherre, itens flexionados em grau são desfavorecedores da presença da marca de número. Ela argumenta que esse contraste reflete aspectos relacionados à informalidade, pois, na língua falada, a flexão em grau é um recurso utilizado para expressar desprezo, ironia e carinho. A análise de Andrade (2003) evidenciou que aumentativo e diminutivo foram menos marcados que o grau normal. Para Capellari, o resultado foi semelhante: a flexão de grau desfavorece a marcação de concordância nominal. Assim, os dados obtidos por Capellari apontam para um comportamento semelhante ao encontrado na fala adulta.

Nesta pesquisa, os substantivos e os adjetivos foram categorizados em função do grau: normal e diminutivo/aumentativo. Destacamos que o GOLDVARB estabeleceu esta variável com significância estatística. Os resultados estão na Tabela 11, que segue.

**Tabela 11** – Grau dos itens lexicais

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Normal	2704/2822	95,8%	0.51
Diminutivo/Aumentativo	177/206	85,9%	0.32
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.972 Significância: 0.004

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como resultado, obtivemos: o grau diminutivo/aumentativo (0.32) desfavorece a aplicação da regra em oposição ao grau normal (0.51), que a favorece. Este resultado se deve ao fato do número de ocorrências obtido no grau aumentativo/diminutivo. Em um total de 206 ocorrências, em 177 houve a aplicação da marca de concordância, o que é considerado um número muito pequeno de ocorrências em relação ao grau normal, que de um total de 2822 ocorrências, em 2704 houve a aplicação da marca de concordância nominal. Como exemplos de diminutivos, citamos: *porque os filhotinhos são muito pequeninos (Az29)*, *nas casinhas dos três porquinhos (Az06)* e *I (Az19)*.

Desse modo, está demonstrado que estes resultados somam-se aos já encontrados tanto na fala infantil por Capellari quanto na fala adulta pelos estudiosos acima citados, confirmando mais uma vez o efeito do grau dos elementos nominais. Com relação aos resultados desta pesquisa, é interessante notar que esta variável foi selecionada dentre as significantes estatisticamente. É possível que isso esteja relacionado a uma associação reconhecida pela criança entre a informalidade do item diminutivo e a aplicação da regra, uma vez que os itens diminutivos são fortemente conotados, em português, como marcas de fala infantil. Essa associação entre os diminutivos e a fala da criança pode tornar evidente à criança, desde cedo, que tais formas estão associadas a uma fala mais distensa, mais ligada a contextos familiares, simétricos e íntimos, nos quais a criança pode participar ativamente e nos quais pode aprender desde logo que carregam significado social e estilístico.

A variável grau dos itens lexicais revelou um aspecto bem interessante: o grau normal apresenta o peso relativo 0.51, considerado ponto neutro; nos casos do grau diminutivo/aumentativo, temos desfavorecimento, com peso de 0.32, em um total de 206 casos de emprego desse grau. É interessante notar que este fator foi selecionado pelo

programa tanto na análise geral como em análises realizadas para fins de uma compreensão mais refinada dos resultados. Considerando que esta pesquisa foi realizada com crianças, fomos investigar quais as palavras empregadas por elas e verificar se estavam no aumentativo ou no diminutivo. Todos os 206 casos foram flexionados no grau diminutivo, sendo que 29 deles sem a marca de número.

Importante comentar que predominou a palavra *porquinhos* pelas situações de interação propostas, conforme visto anteriormente, ao se tratar da metafonia. Acreditamos, pois, que esse comportamento, na sua maioria, foi evidenciado pela informalidade, pelo fato de a fala dirigida a crianças ser frequentemente marcada, em diversos situações de interação, por um emprego intensificado de diminutivos, além de estar relacionado à expressão de carinho ou até mesmo do tamanho dos objetos com os quais as interações foram propostas. Como exemplo, trazemos a produção de Az22: *eu fui ver os pôrquinhos, tinha uns pintinhos comendo, os macacos, só que todos os pintinhos sumiram, a minha mãe me deu uns bichinhos assim, umas arainhas.*

Desse modo, além de o grau dos nomes ter-se demonstrado fator relevante para o funcionamento da concordância nominal de número em Scherre (1988), é possível que, na fala da e para a criança, o emprego de diminutivos tenha valores especiais, que se expressam em seu desfavorecimento robusto nos dados por nós obtidos.

#### g) Posição do elemento em relação ao núcleo do sintagma nominal

A variável *posição do elemento em relação ao núcleo do SN* não foi utilizada por Scherre (1988) em seu estudo como uma variável separada. Ela analisou a relação entre os elementos nucleares e os não-nucleares no sintagma nominal, quando explorou a posição dos elementos no SN em relação à classe gramatical. Segundo a autora, os elementos não-nucleares quando localizados à esquerda do núcleo, tendem a apresentar mais marcas de plural do que quando pospostos a ele; elementos nucleares são mais marcados quando em primeira posição, sendo a terceira mais favorecedora que a segunda; a relação entre os elementos nucleares e não-nucleares e a posição dos elementos nucleares no SN favorecem a marca; a relação nuclear e não-nuclear, Scherre atribui às classes.

Fernandes (1996) afirma que a aplicação ou não de uma regra de concordância é influenciada pela posição que o elemento ocupa dentro do SN em relação ao núcleo desse sintagma. Os resultados encontrados por Koelling (2003) e Andrade (2003) para essa variável se aproximam, pois, segundo elas, elementos antepostos favorecem mais a aplicação da regra do que os elementos pospostos.

A relação estabelecida pela posição do elemento com o núcleo do SN é outro fator condicionante da regra de concordância nominal, cujos resultados obtidos nesta pesquisa constam na Tabela 12, a seguir.

**Tabela 12** – Posição do elemento em relação ao núcleo do SN

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Elemento anteposto ao núcleo do SN	1417/1440	98%	0.70
Elemento é o próprio núcleo	1419/1537	92%	0.31
Elemento posposto ao núcleo do SN	45/51	88%	0.22
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.963 Significância: 0.000

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na Tabela 12, que apresenta os dados referentes à posição do elemento em relação ao núcleo do SN, evidenciamos que os elementos antepostos ao núcleo do SN são mais marcados (0.70), seguidos dos elementos que constituem o próprio núcleo do SN (0.31) e, por último, dos elementos pospostos ao núcleo do SN (0.22).

Está demonstrado com esse resultado que os elementos antepostos ao núcleo são altamente favorecedores da concordância nominal, enquanto que os pospostos são pouco favorecedores da regra. Destacamos que há somente 51 ocorrências de elementos pospostos ao núcleo do SN e, pela característica do SN – no máximo de três elementos – pertencem à classe gramatical *adjetivos*. Assim, os resultados obtidos na produção oral infantil aproximam-se da fala adulta.

### 5.1.2 Análise das variáveis sociais

#### a) Faixa etária

Quanto à faixa etária, os estudos realizados com adultos evidenciaram que o apagamento do –s entre adultos jovens é maior que adultos mais velhos e adolescentes (GUY, 1981); a idade na concordância nominal foi relevante (NINA, 1980); faixa etária foi a variável que menos influência revelou ter (SCHERRE, 1988); informantes entre 15 e 29 anos que mais empregam a forma padrão (BUENO, 2002); os informantes dos 18 aos 35 anos e os maiores de 56 anos utilizam as variantes de forma homogênea (MARTINS, 2010); jovens e idosos concentram mais a possibilidade de aplicação da regra de concordância. Logo, acredita-se que o uso de formas mais prestigiadas pelos jovens ocorre devido às pressões do mercado de trabalho.

Capellari não encontrou gradação alguma que pudesse sugerir diferenciação linguística entre as faixas etárias das crianças consideradas em sua análise. Os resultados obtidos por ela indicam que o comportamento verbal das crianças, pelo menos dos quatro aos oito anos, é igual. Ela encontrou produção de SNs plurais padrão somente a partir dos 5 anos e 9 meses.

Os trabalhos de Capellari (2004) e Santos (2005) examinaram idade como fator extralinguístico em dados longitudinais e transversais, discutindo sua atuação na produção de concordância nominal de número variável. Os resultados de ambos os trabalhos apontam para os processos de alfabetização e letramento, atuando de forma cruzada com a idade dos informantes.

Os resultados de Simões (2005) e Santos (2005) mostram um maior índice de aplicação da concordância padrão (manutenção da marca de plural em todos os elementos no sintagma nominal) nas faixas etárias pós-alfabetização do que nas faixas etárias pré-alfabetização.

Nesta pesquisa, a análise foi realizada considerando três faixas etárias. Na Tabela 13, que segue, constam os resultados obtidos.



**Tabela 13** – Faixa etária

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
5,1 a 6 anos	1245/1295	96%	0.55
3 a 4 anos	635/671	94,6%	0.47
4,1 a 5 anos	1001/1062	94,3%	0.45
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.952 Significância: 0.084

**Fonte:** Elaborado pela autora.

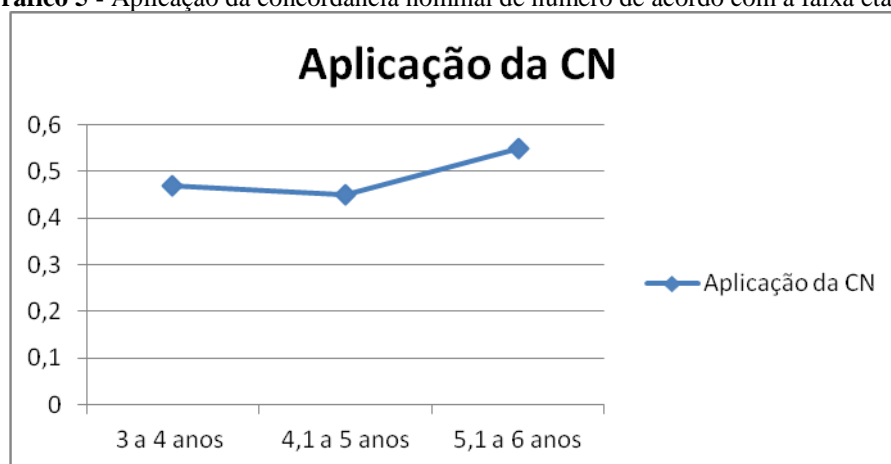
Conforme a tabela acima, a manutenção da concordância é mais acentuada em crianças na faixa etária dos 5,1 a 6 anos (0.55). Em segundo lugar, na faixa etária dos 3 aos 4 anos (0.47) e, em terceiro lugar, está a faixa etária dos 4 aos 5 anos de idade (0.45). Assim, existe uma diferença significativa entre a faixa etária dos 5,1 aos 6 anos, em relação às outras duas faixas, as quais, por sua vez se aproximam muito. Esse fato parece configurar que o fator idade está relacionado à aplicação da concordância nominal de número, uma vez que a faixa etária dos 5,1 aos 6 anos foi a com maior peso relativo (0.55) em relação às outras duas que ficaram abaixo do ponto neutro (0.50). Talvez possa encontrar explicação no processo de aprendizagem das crianças dos 3 aos 5 anos, em relação à concordância nominal de número.

O resultado obtido aqui se aproxima do que se tem observado entre falantes adultos. O percentual obtido neste estudo (96%) também está próximo do encontrado por Soares (2003) na fala espontânea de um menino da mesma faixa etária (89,7%).

Com tais resultados, podemos afirmar que a produção de SNs padrão ocorre, pelo menos, a partir dos 3 anos de idade. Acreditamos que isso se deve, também, pelo acesso das crianças ao mundo letrado desde muito pequenas. Além disso, são resultados bastante diferentes daqueles obtidos anteriormente, no sentido de o uso da marca ser bastante alto desde a primeira faixa, o que revela que este grupo social de crianças se distingue dos demais já estudados. Retomaremos esta discussão quando tivermos arrolado aqui, também, os resultados da análise não-atomística.

Conforme a análise da variável faixa etária, a manutenção da concordância é mais acentuada em crianças na faixa etária dos 5,1 a 6 anos (0.55). Em segundo lugar, na faixa etária dos 3 aos 4 anos (0.47) e, em terceiro lugar, está a faixa etária dos 3 aos 4 anos de idade (0.45), o que sugere uma curva ascendente, como pode ser constatado no gráfico abaixo.

**Gráfico 5 -** Aplicação da concordância nominal de número de acordo com a faixa etária



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme o gráfico acima apresenta, há uma curva ascendente dos 3 aos 6 anos, firmando a aplicação da regra a partir dos cinco anos de idade, considerando que o peso relativo é superior a 0.50. Constatamos, assim, que há uma leve inclinação para baixo na faixa etária dos 4 aos 5 anos, formando uma tendência levíssima, mas existente, de curva em U. Segundo Bowermann (1982), a explicação para um resultado como este está em possíveis processos de reorganização na aprendizagem de línguas. Em outras palavras, temos dados que mais uma vez sugerem serem pertinentes às observações de Bowerman (1982) sobre curva em U no comportamento da aprendizagem da criança, em que ela primeiro aprende o comportamento-alvo correto, depois o abandona e, finalmente, retorna ao comportamento-alvo correto, novamente, reafirmando-o. Segundo a autora, um caso desse fenômeno, bem estudado e familiar para a maioria dos psicolinguistas cognitivos é a aprendizagem de regras de flexão de nomes, o que é compatível com os resultados obtidos nesta pesquisa, que também estuda a flexão no SN.

## b) Gênero

Gênero é uma variável muito discutida nos fenômenos de variação linguística. De modo geral, nos estudos aqui expostos, a conclusão é a mesma: na fala adulta, as mulheres mostram mais tendência à aplicação da marca de concordância nominal do que os homens.

É possível comprovar essa informação também nesta pesquisa, conforme Tabela 14.

**Tabela 14** – Gênero

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Meninas	1547/1616	95,7%	0.53
Meninos	1334/1412	94,5%	0.46
<b>Total</b>	2881/3028		
Input: 0.952		Significância: 0.114	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A tabela acima mostra uma pequena diferença entre meninos e meninas. Mesmo assim, confirma que as meninas (0.53) tendem a reter mais marcas de concordância nominal que os meninos (0.46).

Capellari (2004) encontrou em sua análise uma diferença em relação ao padrão adulto. Segundo ela, há maior uso da concordância padrão entre meninos. Logo, na amostra coletada por ela, os meninos são os que mais se aproximam do padrão.

Simões (2005) mostra que em todas as situações propostas em seu estudo, relacionando escolaridade, diferentes condições de coleta e gênero, as meninas produziram mais marcas de plural padrão que os meninos. Os resultados mostraram que as meninas evidenciaram uma porcentagem de 60,3% em relação aos meninos, com 43,4% de aplicação da marca de número.

Esse resultado pode significar que essa característica feminina é observada também na infância, embora as diferenças encontradas não tenham sido significativas.

Com relação à variável gênero, observa-se que a diferença entre os meninos (0.46) e as meninas (0.53) é pequena. Os resultados sugerem um comportamento diferenciado, indicando um maior uso de concordância padrão entre as meninas. Indagamos se isso ocorre nas três faixas etárias, ou seja, nas três faixas etárias pesquisadas as meninas favorecem e os meninos desfavorecem a aplicação da marca de número.

Para buscar resposta a essa questão, realizamos o cruzamento de gênero e faixa etária, cujos resultados estão na tabela que segue.

**Tabela 15** - Cruzamento das variáveis *Gênero* e *Faixa etária*

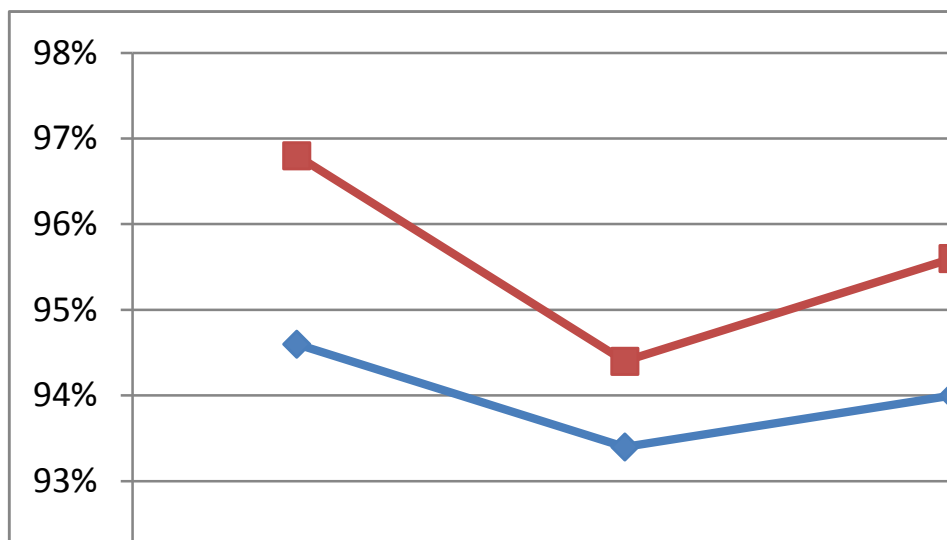
Faixa etária Gênero	Meninos			Meninas		
	Aplic/total	%	PR	Aplic/total	%	PR
5,1 a 6 anos	530/556	95	0.50	715/739	97	0.59
4,1 a 5 anos	449/478	93	0.43	552/584	94	0.46
3 a 4 anos	355/378	94	0.43	280/293	96	0.48

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Verificamos na tabela acima que nas três faixas etárias, as meninas favoreceram e os meninos desfavoreceram o uso da concordância padrão. Tal resultado aponta que esse comportamento das meninas ocorre desde os três anos e que somente a partir dos cinco anos é que tanto meninas quanto meninos demonstraram ter domínio da concordância padrão, uma vez que até os cinco anos, o peso relativo, mesmo que maior para as meninas, está abaixo do ponto neutro, ou seja, 0.50. Somente na faixa dos cinco anos é que ambos os gêneros atingem o peso relativo de 0.50, para os meninos, o que é maior para as meninas, que obtêm o peso de 0.59. Logo, é possível identificar um uso mais acentuado de formas prestigiadas na produção oral das meninas.

Esse resultado está representado de igual forma no gráfico que segue.

**Gráfico 6** - Resultado da aplicação de concordância nominal de número de acordo com gênero e faixa etária



**Fonte:** Elaborado pela autora.

É notório, no gráfico acima, que as mulheres resistem mais ao apagamento da marca de concordância que os homens, nas três faixas etárias analisadas. De igual modo, percebemos a curva ascendente que existe dos três aos seis anos. Em outras palavras, as crianças, tanto as meninas quanto os meninos marcam mais a concordância na faixa dos 3 aos 4 anos que na dos 4,1 aos 5 anos, retomando o percentual dos cinco aos seis anos, com um percentual maior que dos 3 aos 4 anos.

### c) Informantes

A variável informantes, nesta pesquisa, foi analisada, inicialmente, de forma individual, ou seja, foi realizada a primeira rodada, incluindo-a. O resultado foi surpreendente, porque o maior índice de aplicação da marca foi de 100% e o menor de 88%. Este resultado gera uma média de 95% de concordância nominal de número. Considerando este resultado, foi realizado um amalgamento dos fatores, obtendo três deles, que são: grupo 1 (até 90% de aplicação), grupo 2 (de 91% a 95% de aplicação) e grupo 3 (acima de 95% de aplicação).

Na tabela que segue, constam os resultados encontrados.

**Tabela 16** - Resultados de informantes por faixas de aplicação da marca de número

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Faixa 3 (+ de 95% de aplicação)	1116/1140	97.9%	0.66
Faixa 2 (de 91% a 95% de aplicação)	1457/1542	94.5%	0.42
Faixa 1 (até 90% de aplicação)	308/346	89%	0.28
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.972

Significância: 0.004

**Fonte:** Elaborado pela autora.

É relevante a informação de que, na faixa 3, 10 informantes obtiveram acima de 95% de aplicação da marca; na faixa 2, 16 informantes obtiveram de 91% a 95% de aplicação da marca formal de plural e, na faixa 1, apenas 04 informantes empregaram até 90% a marca de plural.

Essa variável foi considerada estatisticamente significativa pelo programa. Conforme a tabela, é possível observar que os informantes na faixa etária 3 empregaram consideravelmente mais a marca de plural, que nas outras duas faixas, pois houve um peso relativo de 0.66. Em outras palavras, dez informantes demonstraram empregar bem mais a marca de plural que os outros vinte. Logo, os outros vinte informantes, que constituem as faixas 2 e 1, encontram-se abaixo do ponto neutro, quanto ao peso relativo, isto é, faixa 2 com 0.42 e faixa 1 com 0.28. Concluímos, desse modo, que os informantes pertencentes a estas faixas, em uma primeira instância, apresentaram variação linguística na sua produção oral, com mais intensidade na faixa 1, onde há quatro informantes apenas. Talvez se possa encontrar explicação no processo de aprendizagem da marca de concordância nominal de número, em especial para os informantes das faixas 1 e 2.

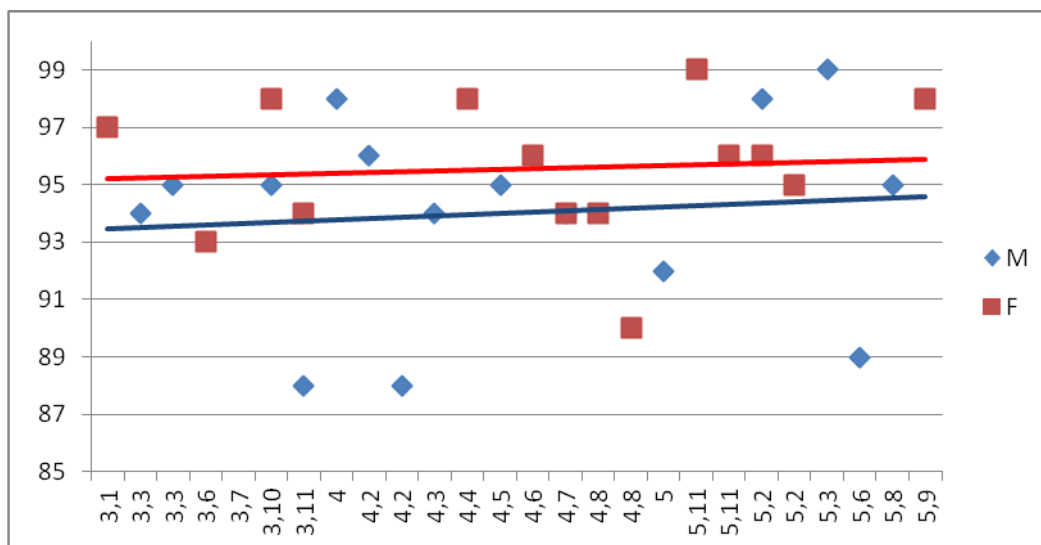
Gostaríamos, antes de seguir à análise das variáveis estilísticas, apontar, alguns resultados obtidos, quanto às variáveis sociais, em vários estudos. Esses resultados merecem ser mencionados, mesmo que não sejam variáveis diretas deste estudo, mas encontram-se implicitamente presentes. De modo geral, vários estudiosos têm apontado que a escolaridade é o fator social que mais influencia a aplicação da regra de concordância. Logo, a presença do –s é proporcional aos anos de escolarização dos falantes, como afirma Carvalho (1997), a

escolarização tem forte influência sobre a regra de concordância nominal, em especial nas mulheres, no 2º Grau. No presente estudo desenvolvido com crianças, não foi possível analisar esta variável, pois um critério de seleção na pesquisa era que o falante fosse escolarizado.

Entretanto, as crianças aqui pesquisadas têm todas, uniformemente, pouquíssima idade e, portanto, pouquíssimos anos de escolarização. Além disso, nenhuma delas estava ainda em fase de alfabetização quando os dados foram gerados, sendo seu contato com a escrita mediado pela fala adulta e ligado a contextos de negociação verbal de textos ligados ao mundo da escrita. Ora, o alto índice de concordância encontrado entre essas crianças parece, então, demonstrar que as diferenças até então atribuídas à escolarização dos indivíduos têm mais relação com a escolarização do grupo social a que pertencem. Notamos que, individualmente, as crianças aqui pesquisadas têm poucos anos de escolarização. Contudo, pertencem a um grupo social escolarizado, o que parece ter fortes efeitos de aproximação de seus usos aos ditos empregos cultos ou escolarizados da língua. Voltaremos a essa questão na discussão de nossos resultados, mas é relevante observar que, nesta tese, são oferecidos resultados que nos levam a reinterpretar os sentidos que fatores como escolarização e classe social têm na compreensão dos usos de regras variáveis ligadas à morfologia no português falado no Brasil.

Constatamos, na análise dos dados, que as meninas aplicam mais concordância que os meninos nas três faixas etárias analisadas. O que interessa saber nesta pesquisa é como se espalham essas crianças. É importante verificar se as que não marcam são meninos ou meninas, grandes ou pequenas, bem como saber quem são as crianças que marcam muito. Para tanto, elaboramos o gráfico abaixo, que apresenta os percentuais atribuídos a cada uma das idades, com as crianças participantes da pesquisa, divididas por gênero. Vale lembrar que uma menina obteve 100% de aplicação da marca, o que gerou *Knockout* e não consta no gráfico abaixo.

**Gráfico 7** - Percentuais atribuídos a cada uma das idades, com as crianças participantes da pesquisa, divididas por gênero



**Fonte:** Elaborado pela autora.

A visualização do gráfico ajuda a perceber melhor o processo de aprendizagem da concordância nominal de número por cada participante da pesquisa, tornando possível visualizar como se comportou o fator codificado “informante”. As linhas de tendência apontam para um crescimento na utilização de marcas de número dos 3,1 aos 5,9, tanto entre os meninos quanto entre as meninas. Além disso, a linha vermelha, correspondente às meninas, localiza-se em faixa percentual sempre um pouco superior à dos meninos.

A respeito dos que marcam muito a concordância, constatamos que a maioria são meninas nas diferentes faixas etárias, evidenciando maior marcação dos 5 aos 6 anos. Em relação aos que não marcam, houve predominância dos meninos, sendo que dois deles, os que menos marcaram, encontram-se na faixa dos 3,11 aos 4,2. Houve um único caso de um menino de 5,6 que marcou a concordância em um percentual de 89%. Interessante notar, então, que, embora o fator gênero não tenha sido selecionado pelo programa, há tendências neste Gráfico 7 que devem merecer atenção em pesquisas futuras.

Cameron (2010), por exemplo, em pesquisa realizada com crianças americanas, demonstra haver evidências compatíveis com uma maior diferenciação entre o uso do inglês por meninas e meninos, no que toca a regras variáveis já estudadas no inglês de adultos; essa diferenciação torna-se maior à medida que as crianças passam a conviver em grupos mais segregados por gênero, a partir dos seis anos de idade até a puberdade. Como as crianças aqui estudadas são menores do que as participantes da investigação desse autor, é possível que, de



fato, o que se revela aqui como uma pequena tendência de diferenciação entre os gêneros se torne mais significativo em fases posteriores da socialização destas crianças. A discussão de Cameron (2010) e essa possibilidade de seleção do fator gênero como significativo é compatível com os resultados de Simões (2005), estudo no qual a diferença entre os gêneros se mostrou mais significativa e em que as crianças foram gravadas, em alguns casos, até passarem dos oito anos de idade.

A partir das análises realizadas, apresentaremos uma rodada especial que refina esta análise com apenas o grupo de fatores “informantes”. Essa rodada contemplou cruzamentos entre “informantes” e “processos morfofonológicos de formação do plural”, “informantes” e “tonicidade do item lexical singular”, “informantes” e “posição linear dos elementos no SN”, “informantes” e “classe gramatical”, “informantes” e contexto fonológico/fonético seguinte”, “informantes” e “grau dos substantivos e adjetivos”, “informantes” e “posição do elemento em relação ao núcleo do SN”, “informantes” e “gênero”, “informantes” e “faixa etária” e “informantes” e “interação”.

Como foi visto na análise da variável “informantes”, optamos por três categorias de informantes: os muito marcadores, que aplicaram em mais de 95% a marca; os medianos, que aplicaram entre 91% e 95% a marca; os não-marcadores, que aplicaram até 90% a marca de plural. Considerando essas três categorias, foram realizados os cruzamentos. Quisemos, com isso, identificar quais os fatores de cada variável que agem claramente sobre a aplicação da regra, e em que categoria e quais os fatores que agem sobre a não-aplicação e em que categoria, gerando a variação.

A fim de obter uma visão mais abrangente e ao mesmo tempo mais precisa dos resultados, elaboramos uma tabela resumitiva dos cruzamentos realizados. Ela nos permitiu visualizar quais os fatores, de cada faixa de informantes, em cada cruzamento realizado, que favorecem a aplicação da marca e quais os que a desfavorecem, evidenciando os fatores mais responsáveis pela variação linguística.

Segue a tabela.

**Tabela 17** - Tabela resumitiva das variáveis analisadas de acordo com a faixa de informantes

	VARIÁVEIS	FAIXAS DE INFORMANTES					
		Faixa 1		Faixa 2		Faixa 3	
		Aplic/total	PR	Aplic/total	PR	Aplic/total	PR
Proc.	Plural metafônico	16/18	0.25	35/36	0.11	23/23	----
Morf. de plural	Modif. da sílaba final	34/38	0.26	188/197	0.47	169/171	0.78
	Item regular	258/290	0.25	1234/1299	0.44	924/946	0.64
Tonicidade	Oxítono e monos. Tônico	40/44	0.30	181/188	0.52	148/151	0.68
	Paroxítona e monos. Átono	266/300	0.25	1259/1337	0.41	952/972	0.67
	Proparoxítono	2/2	--	17/17	----	16/17	0.41
Pos. linear	Primeira posição	143/147	0.39	689/699	0.53	490/495	0.59
	Segunda posição	149/177	0.25	699/771	0.36	555/572	0.64
	Terceira posição	16/22	0.17	69/72	0.61	71/73	0.69
Classe Gramatical	Substantivo	149/180	0.14	679/748	0.25	542/561	0.49
	Adjetivo	7/9	0.03	24/29	0.04	19/19	-----
	Determinante	146/151	0.50	721/731	0.70	531/536	0.75
	Categoria substantivada	6/6	---	33/34	0.48	24/24	-----
Contexto seguinte	Seguido de vogal	40/42	0.47	241/248	0.60	218/218	-----
	Pausa	124/146	0.20	527/580	0.30	409/425	0.53
	Seguido de consoante	144/158	0.31	689/714	0.55	489/497	0.73
Grau	Normal	282/310	0.29	1384/1455	0.44	1038/1057	0.69
	Aument/diminutivo	26/36	0.09	73/87	0.17	78/83	0.39
Posição/núcleo SN	Anteposto ao núcleo	146/151	0.27	726/738	0.44	545/551	0.54
	Posposto ao núcleo	7/9	0.19	23/27	0.24	15/15	-----
	Próprio núcleo	155/186	0.31	708/777	0.45	556/574	0.71
Faixa etária	5,1 a 6 anos	84/94	0.26	579/610	0.44	582/591	0.73
	4,1 a 5 anos	124/139	0.26	584/620	0.40	293/303	0.55
	3 a 4 anos	100/113	0.24	294/312	0.41	241/246	0.67
Gênero	Meninas	47/52	0.28	968/1023	0.43	532/541	0.71
	Meninos	261/294	0.25	489/519	0.41	584/599	0.69
Tipo de interação	Fazendinha	121/142	0.18	403/437	0.31	265/269	0.72
	Zoológico	25/27	0.32	305/319	0.46	289/292	0.79
	Lojinha	86/93	0.32	356/372	0.46	359/367	0.63
	Reconto	11/12	0.30	136/148	0.30	73/75	0.58
	Narrativa tradicional	36/37	0.58	119/122	0.60	62/63	0.70
	Narrativa espontânea	29/35	0.15	138/144	0.47	68/74	0.30

Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, a faixa 3 evidenciou ser realmente a dos marcadores, na grande maioria dos fatores, pois eles apresentam de modo geral peso relativo superior a 0.50. A faixa 2 confirmou a classificação de medianos, ou pouco marcadores, pois, o peso relativo foi inferior a 0.50. Na faixa 1, o peso relativo atribuído aos fatores foi muito baixo, com exceção do fator narrativa tradicional, na variável tipo de interação, que obteve peso relativo de 0.58. Logo, percebeu-se a variação bastante presente já na faixa 2. Isso pode indicar o momento em que as crianças demonstraram resistência à aplicação da marca.

Os principais fatores que desfavoreceram a aplicação da marca padrão de plural são: o plural metafônico mais que o item regular, as palavras paroxítonas e os monossílabos átonos, ao adjetivo. Em terceira posição, o elemento posposto ao núcleo, o grau diminutivo, sendo o contexto seguinte ao elemento analisado a pausa, em meninos, dos 3 aos 4 anos, ao realizarem a narrativa espontânea. Logo, há indícios de que sejam esses os fatores que favorecem a variação linguística. Tais resultados, de modo geral, também estão em conformidade com os obtidos com adultos. Além disso, o fato de que na faixa 1 – dos participantes que menos marcaram o plural nesta análise atomística – ser a narrativa tradicional a única que de certo modo favorece a aplicação da marca é relevante, em termos das ligações já sustentadas aqui, entre o emprego dessas marcas e as experiências de letramento das crianças. Este resultado é compatível com aqueles obtidos por Simões (2005).

Interessa-nos, ainda, verificar o que provocou os poucos casos de não concordância na faixa dos marcadores, onde se obteve um percentual médio de 98% de aplicação da marca. Encontramos, em um total de 1140 casos de produção de dados na faixa dos marcadores, 24 casos em que não houve concordância.

Constatamos que desses 24, 14 seguem a mesma regra, ou seja, houve a marcação no primeiro elemento do SN e não no segundo, como no caso *as BOLINHA* e *dos BICHINHO* (Az04); *as MÁSCARA* e *os OLHINHO* (Az22); *muitas BRINCADEIRA* e *os URSINHO* (Az30). Em quatro casos, constatamos que não ocorreu a marcação no primeiro elemento, somente no segundo, como: *no SONHOS* (Az20), *da LOJAS* (Az04), *meu DINDOS* e *um LIVROS* (Az06). Em outros quatro casos, constatamos o emprego do numeral e do nome, sendo que o numeral indicou a pluralidade, mas o nome não foi flexionado, como nos casos: *dois DINHEIRO* (Az06), *três MENININHO* (Az27), *três SORVETE* (Az30), *três CARRINHO* (Az12). Por fim, houve um caso em que o SN foi formado por artigo + nome e este nome, quando flexionado, modificava a sílaba final, o que gerou a marcação apenas no artigo, como *as FLOR* (Az18) e outro caso em que o SN foi formado por três elementos *pro meus FILHOS*

(Az12), onde observamos a marcação no segundo e no terceiro elemento. Segundo a literatura, há uma aglutinação da preposição +artigo + pronome, tornando-se um só elemento e, conseqüentemente, a marcação do plural está no final desse elemento.

### 5.1.3 Variáveis estilísticas

#### a) Interação

Labov (1966) afirma que estilo corresponde ao grau de atenção ou monitoramento que um falante atribui a sua fala – fala casual e fala cuidadosa. Considerando esta definição, buscamos estudos desenvolvidos que exploram a variável estilo. Guy (1981) concluiu que, em situação de fala casual a incidência de apagamento é maior; logo, a fala monitorada favorece a marca de plural. Scherre (1988) concluiu que o número de marcas formais de plural no SN é condicionado por traços estilísticos de formalidade. Esse resultado encontra-se também em Fernandes (1996) que afirma que quanto mais formal a situação, maior a aplicação da regra.

Na análise desta variável, procuramos olhar para a produção oral infantil da concordância nominal de número em diferentes interações. Assim, as situações de coleta foram os fatores selecionados: fazendinha, zoológico, lojinha, reconto, narrativa tradicional e narrativa espontânea. Ressaltamos que o GOLDVARB selecionou esta variável como estatisticamente significativa. Segue a tabela com os resultados obtidos.

**Tabela 18** – Interação

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Narrativa Tradicional	217/222	97,7%	0.71
Zoológico	619/638	97%	0.57
Lojinha	801/832	96%	0.56
Fazendinha	789/848	93%	0.40
Reconto	220/235	93,6%	0.39
Narrativa Espontânea	235/253	92,9%	0.38
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.972

Significância: 0.004

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A tabela acima evidencia que a narrativa tradicional (0.71) é a interação de maior uso de marcas plurais. Em segundo lugar, com uma diferença significativa do primeiro, o zoológico (0.57) e, em terceiro, a lojinha (0.56). Assim, as demais interações não favoreceram a aplicação de concordância nominal de número. A justificativa, talvez, esteja na história contada por grande parte das crianças: *Os três porquinhos*; outra justificativa pode estar no fato da narrativa tradicional ser considerada uma fala mais cuidadosa, talvez monitorada, ou mesmo mais formal.

Os resultados obtidos nesta pesquisa se assemelham aos encontrados por Capellari e Zilles (2002) cujo estudo apresenta resultados que indicam que o contexto de maior uso de SNs plurais padrão é o que a criança conta historinhas baseadas em livros infantis (50%), contrastando com o percentual obtido no contexto em que ela conta uma história pessoal (34%). Semelhantes resultados, porém com uma diferença mínima, Capellari (2004) encontrou em seu estudo, destacando que há um uso mais acentuado da marca de número no contexto da narrativa. Simões (2005) obteve em uma amostra longitudinal uma diferença significativa entre o relato pessoal (44%) e a contação de uma história pela criança (64%).

Assim, reforçamos o exposto por Capellari (2004, p. 129), que a concordância nominal de número na fala infantil constitui um dos recursos utilizados para distinguir um estilo menos formal, utilizado nas situações de relato pessoal de um mais formal, usado nos contextos narrativos. Podemos inferir, portanto, que as diferenças apresentadas refletem uma situação de variação estilística na produção oral infantil. Estes resultados obtidos na fala infantil evidenciaram semelhança com o sistema adulto.

Interessa-nos, diante deste resultado, saber por que o zoológico e a lojinha são favorecedores enquanto a fazendinha não é, apesar de serem interações modeladas de maneira muito semelhante. Acreditamos que o tema da interação esteja fazendo esse efeito. Tanto no zoológico como na loja, estamos falando de um mundo urbano e organizado para atividades que são mais públicas e institucionais, nas quais a criança relaciona-se com o adulto, mas, de modo geral está assistindo ao que acontece, pois, no máximo, a criança visita o zoológico bem como vivencia a mãe interagindo com as donas de lojas ou no espaço da loja ou mesmo em sua casa, uma vez que pede para que as roupas sejam levadas até sua casa; logo, não são lugares de brincar. São lugares de olhar, de interagir com estranhos, de lidar com instituições e regras e, no caso do zoológico, até de aprender. Já na fazendinha, há mais possibilidade de fantasia de uma participação, de uma vivência ao brincar, é possível que a criança se sinta mais como uma pessoa que vive lá. Pode até ser que a criança tenha estereótipos formados

sobre a vida no campo. Assim, nas brincadeiras da loja e do zoológico há referências culturais ligadas a eventos mais formais e, no caso da fazenda, há eventos menos formais.

Outra questão intrigante é o relato da história *Amigos* ser desfavorecedor da aplicação da marca de plural. Para tentar descobrir o que ocorreu, assistimos a várias interações do relato. Em alguns poucos momentos tivemos crianças realmente contando a história a partir do que ouviram, muitas vezes criando ainda mais com base nas ilustrações; em outras interações, na maioria, tivemos crianças contando o que os personagens fizeram, produzindo então, com mais intensidade, sintagmas verbais; em outras, também poucas interações, as crianças apontavam para cada figura e falavam o que viam ali, ou seja, o livro, nesta terceira situação funcionou como um brinquedo, um artefato, um estímulo para falar, não como uma história. Tanto isso ocorreu que, inúmeras vezes, o adulto que interagiu com a criança, teve que propor intervenções para que a história acontecesse. Assim, pode-se afirmar que, na sua maioria, houve uma sequência narrativa, mas limitada a mencionar o que acontecia com cada personagem em cada cena. Além disso, a temática da história não tem registro quanto à formalidade, o que pode não ter favorecido o uso da forma padrão.

Para ilustrar as interações, trazemos uma narrativa espontânea completa, produzida por uma criança da faixa etária dos 5 aos 6 anos, onde podemos acompanhar todo o processo da interação.

S- Vitória, vamos conversar um pouquinho? Tu pode até pegar aqui e brincar, mas vamos conversar um pouquinho?

C- é.

S- semana passada foi a festa de São João na escola, né?

C- foi.

S- tu veio?

C- veio.

S- e como foi a festa de São João?

C- foi bem legal.

S- o que é o bem legal? Eu não tava, quero saber como é que foi aí tu só me disse que foi bem legal.

C- eu ganhei um ioiô na pescaria, ganhei uma pulseira do Brasil no jogo das latas.

S- que mais?

C- ganhei um, um... não me lembro.

S- foi bem legal! O que é esse bem legal?

C- esse bem legal é que eu fiz dança da cadeira, dança das almofada.

S- o que que tinha assim, na festa de São João? O que aconteceu na festa?

C- tinha bandeirinhas assim.

S- foi aqui na escola?

C- foi. Que nem essas aqui que têm. E também tinha... não lembro.

S- é, tinha muita gente na festa?

C- é.

S- e o que aconteceu na festa assim, de bem legal?

C- aconteceu que.. umas coisa... ah, eu ganhei um fantoche de bonequinho.  
S-é? Que legal! E o que aconteceu durante a festa? Foi à tarde? Foi à noite?  
C- foi mais legal a apresentação  
S- ah é? Por que?  
C- porque eu fiz um giro. Três giro. Pra mim fazer a pose.  
S-como foi isso?  
C- é que eu girei uma assim, uma outra e uma assim. Aí eu fiz assim com o vestido.  
S- é? e vocês se apresentaram?  
C- sim, todas as turmas  
S- e o que vocês apresentaram?  
C- a gente apresentou  
S- eu nao entendi, tu ta falando tão baixinho hoje.  
C- ta faltando o resto.  
S- e ai? Como foi a apresentação de vocês?  
C-foi bem legal  
S-por que?  
C-foi bem legal porque a minha mãe tiro foto de mim e vai mandar pro namorado dela.  
S-é? E as outras apresentações como foram?  
C- foi bem legal. Olha, da pra por a mão assim juntinho.  
S-querida, e o que aconteceu de mais legal na festa de Sao João?  
C- foi... a pescaria  
S-a pescaria. Porque foi a pescaria a festa mais legal na festa?  
C- é que pra mim eu gostei mais porque eu ganhei o fantoche de menininha.  
S- é? E qual foi o momento mais importante da festa?  
C-a apresentação.  
S-e qual foi a apresentação mais bonita e porque?  
C- é a nossa  
S- claro né. E porque ?  
C- porque a gente fez duas.  
S- todas quantas? Como foi essa apresentação?  
C-foi bem legal. tem uma cumprida e uma menos.  
S- é? Tinha muita gente na festa?  
C- tinha muita gente  
S- e como foi assim depois da festa? Na segunda feira na aula, quais foram os comentários mais importantes?  
C-é que a gente foi embora depois da apresentação.  
S- teu pai, tua mãe e tu foram embora?  
C-não, só mãe e minha mana.  
S-e daí foram embora?  
C- é, foram embora.  
S- e dai na segunda feira quando tu voltou pra aula o que falaram sobre a festa?  
C- falamos que foi bem legal.  
S- O que foi bem legal?  
C-a apresentação.  
S- esse foi o comentário?  
C- é  
S- e o que os amigos acharam da festa? Também gostaram?  
C-também adoraram.  
S- adoraram, porque eles adoraram?  
C- porque tinha muitas brincadeiras

- S- o que mais tinha na festa além de pescaria?  
 C-tinha mais algumas pessoas.  
 S- tinha cadeia?  
 C- dança da cadeira, é.  
 S- tinha, que mais? Boca do palhaço?  
 C-tinha  
 S- e tu não brincou de boca do palhaço?  
 C- brinquei.  
 S- e como foi? O que tu ganhou?  
 C-eu nao acertei nada, nao ganhei nada.  
 S- nao deu sorte?  
 C-nao, de azar.  
 S- é, nao deu sorte. Tinha cadeia?  
 C- ãh?  
 S- tinha cadeia? Tu conhece cadeia pra prender as pessoas. Tinha?  
 C-não  
 S- não?  
 C-não conheço.  
 S- e pra comer, o que vocês tinham na festa pra comer? De São João assim...  
 C-Tinha pipoca, pinhão, quentão.  
 S- e outra coisa, como é que tavam teus amigos na festa, tuas amigas, teus coleguinhas de aula?  
 C-bem ega. Eu acho que assim, faz de conta que esse tava correndo e esse sou eu. Então eu tenho que pegar o bambole e passar por cima do corredor e ele não podem mais sair?  
 S- não podem? Porque?  
 C-não, não é sair pra casa. Essa sou eu e esses são meus pais. Então eu tava com um bambolê na mão, eles tavam correndo. Ai eu peguei o bamboe aqui em cima deles, coloquei em cima deles e agora ue acho que eles nao podem mais sair. Aqui.  
 S- Perfeito. E aí, o que tu espera agora da festa de São João do ano que vem? Vai ser igual a essa?  
 C- eu acho que vai, é que eu acho que eu não vo tá nessa festa.

#### b) Entrevistador

Em relação à variação estilística na produção da criança, inserimos a variável entrevistador, a fim de verificar a influência do interlocutor na fala infantil. Definimos a necessidade desta variável, considerando que a coleta de dados foi realizada por três pessoas diferentes, as quais interagiram com a criança durante a coleta.

Como referência para esta análise, cito Bell (2001) e Capellari (2004). Segundo Bell, os resultados sobre a variação do /t/ intervocálico na fala de dois repórteres na Nova Zelândia indicaram que o estilo varia de acordo com o interlocutor para o qual a fala está endereçada.

Capellari selecionou os percentuais da produção de SNs padrão nas duas situações de conversa disponíveis na amostra. Ela tinha uma situação em que o interlocutor era outra



criança, e outra situação em que era um adulto. Não foi uma variável que teve significância estatística em seu estudo. Os resultados obtidos por ela não foram significativos, uma vez que há praticamente um empate percentual, pois na interação entre crianças foi encontrado 51% e na entrevista entre adulto e criança foi de 50%.

Os resultados obtidos nesta pesquisa constam na tabela abaixo. O programa também não considerou esta variável como estatisticamente significativa.

**Tabela 19** – Entrevistador

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Entrevistador 1	1648/1728	95%	0.51
Entrevistador 3	638/672	94,9%	0.48
Entrevistador 2	595/628	94,7%	0.47
<b>Total</b>	2881/3028	95%	

Input: 0.952 Significância: 0.793

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A tabela acima revela um empate da produção das crianças com um ou com outro entrevistador. O entrevistador 1 obteve peso relativo 0.51 de produção padrão, seguido do 3 com 0.48 e do entrevistador 2 com 0.47. Em outras palavras, o interlocutor não influenciou na produção da criança, semelhante aos achados de Capellari, apesar dos dados desta pesquisa terem sido produzidos exclusivamente na interação adulto-criança. Este resultado está demonstrando que há uma diferença da fala adulta, pois essa varia de acordo com o interlocutor para o qual a fala está endereçada.

Em suma, as variáveis mais significativas estatisticamente na marcação do plural no sintagma nominal são: a classe gramatical, grau dos substantivos e adjetivos, informantes e tipo de interação. Em outras palavras, a concordância nominal de número no sintagma nominal foi uma regra variável nas crianças hamburguenses, principalmente, nos elementos que sucedem a primeira posição e posposto ao núcleo. Isso evidencia que as meninas hamburguenses, desde os três anos de idade, expressam o plural na primeira posição do SN, determinantes, nos elementos antepostos ao núcleo. Assim, percebemos que o fenômeno da concordância nominal de número também se caracteriza na fala infantil como uma regra variável.

Para ilustrar melhor esse resultado, elaboramos uma tabela resumitiva das variáveis mais significativas selecionadas pelo GOLDVARB, apresentadas na ordem de seleção.

**Tabela 20** - Tabela resumitiva da análise atomística

VARIÁVEIS	FATORES	APLIC./OCOR.	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Classe gramatical	Determinante	1398/1418	98.6%	0.71
	Cat. Substant.	63/64	98.4%	0.63
	Substantivo	1370/1489	92%	0.30
	Adjetivo	50/57	87%	0.19
Grau dos subst. e adjetivos	Normal	2704/2822	95.8%	0.51
	Dimin./aument.	177/206	85%	0.32
Informantes	Faixa 3	1116/1140	97.9%	0.66
	Faixa 2	1457/1542	94.5%	0.42
	Faixa 1	308/346	89%	0.28
Interação	Narrat. Trad.	217/222	97.7%	0.71
	Zoológico	619/638	97%	0.56
	Loja	801/832	96%	0.55
	Fazendinha	789/848	93%	0.40
	Reconto	220/235	93.6	0.39
	Narrat. Espont.	235/253	92.9%	0.38

**Fonte:** Elaborado pela autora.

De acordo com a tabela acima, a primeira variável selecionada foi classe gramatical. O fator que recebeu o maior peso relativo (0,71) foi o determinante. Depois dele, a categoria substantivada foi importante, com 0,63 de peso relativo. A segunda variável selecionada foi grau dos substantivos e adjetivos. O fator que recebeu valor acima do ponto neutro foi o normal, cujo peso relativo foi 0,51. Do grupo de fatores informantes, destacou-se o fator que representa os informantes que empregaram em mais de 95% dos dados por eles produzidos a marca de concordância, a faixa 3. O peso relativo atribuído à faixa 3 foi 0,66. A quarta e última variável selecionada foi tipo de interação. O fator narrativa tradicional destacou-se em relação aos outros fatores por ter obtido peso relativo de 0,71. Depois dele, o zoológico foi importante com 0,56, seguido da loja, com 0,55 de peso relativo.

Assim, informantes da faixa 3 aplicam mais as marcas de plural, isto é, em 95% dos SNs produzidos; em especial, os SNs com mais marcas de plural produzidos se deram na narrativa tradicional. Essas marcas foram empregadas de forma mais correta nos determinantes.

Passamos, na próxima seção, a realizar a análise não-atomística dos dados.

## 5.2 ANÁLISE NÃO-ATOMÍSTICA

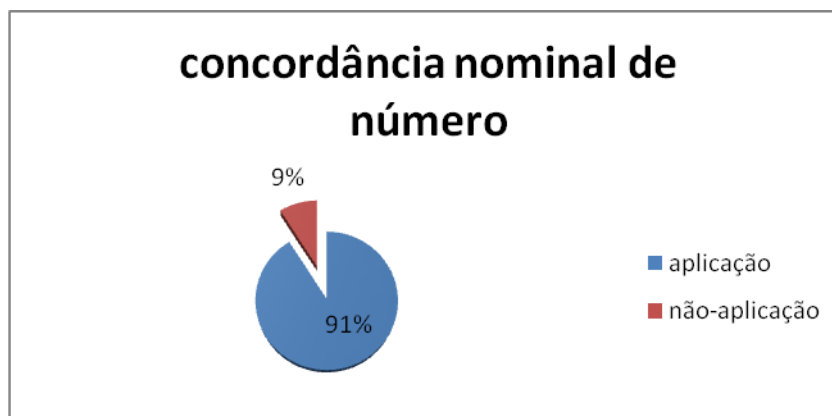
Nesta seção, analisamos o sintagma nominal inteiro como unidade de análise, análise não-atomística. Realizamos este momento considerando três fatores: aplicação padrão, em que há plural em todos os elementos do SN; aplicação de flexão não-padrão, em que há plural em alguns elementos do SN apenas, ou plural marcado por alteração não-padrão da palavra; não aplicação, em que não há marca formal de plural em algum dos itens do SN.

Além das variáveis dependentes, foram utilizadas na análise não-atomística as variáveis sociais – gênero, faixa etária e informantes – e a variável estilística interação. Consideramos fundamental comentar que realizamos três rodadas distintas: a primeira com todas as variáveis dependentes e as independentes; na segunda rodada amalgamamos as variáveis dependentes 1 e 2 (aplicação de flexão não-padrão e não-aplicação); na terceira rodada, excluímos a variável informantes. Relevante também mencionar que o programa não considerou a variável gênero significativa, mesmo na terceira rodada em que foi excluída a variável informantes e que a rodada aqui exposta é a segunda, com as variáveis dependentes 1 e 2 amalgamadas e todas as variáveis independentes.

Nesta parte do trabalho, analisamos a configuração sintagmática de 1626 sintagmas nominais, constituídos de, na sua maioria, dois elementos. Desses 1626 SNs, em 1483 houve a aplicação da regra em todos os elementos que o constituem, com um percentual de 91% de sintagma padrão e, em 143 não houve, com um percentual de 9% de sintagma não-padrão. Isso significa que a fala das crianças do Espaço Azul caracterizou-se, predominantemente, pelo uso de sintagmas nominais padrão.

No gráfico que segue, podemos constatar o resultado.

**Gráfico 8** - Representação gráfica do resultado da análise não-atomística



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como foi anteriormente exposto, os sintagmas, quase em sua totalidade, eram formados por determinante+ substantivo. Em alguns poucos casos, os sintagmas eram formados por três elementos. Não houve casos de sintagmas formados por mais de três elementos. Acredita-se que esse tenha sido um fator relevante para a obtenção de tal resultado, pois os SNs mais curtos, composto de dois elementos, por exemplo, segundo a literatura com dados de adultos, favorecem a aplicação da marca de plural, o que difere de sintagmas mais longos, compostos, por exemplo, de cinco elementos, em que o índice de marcação de plural na quarta e quinta posição é muito baixo.

Trazemos alguns exemplos de sintagmas nominais, a fim de exemplificar a análise realizada. Seguem: *um desses dois papelões* ou *estas pazinha* (Az28), *Vamos olhar os bichos* (Az25), *Tem que colocar os bicho no mesmo lugar que é* (Az13), *Eu vou colocar uns aqui, para os outros também comerem* (Az27), *o galo acordava todos os animais* (Az27), *Eu só quero deixar a gente ali, amanhã a gente pega os outros personagem* (Az26), *todas essas maçãs aqui* (Az12).

Como as variáveis sociais foram analisadas detalhadamente na análise atomística, neste momento nos limitaremos a descrever e analisar os resultados obtidos na análise não-atomística. Tomaremos como base para análise e discussão os resultados obtidos por nós e o estudo desenvolvido por Simões (2005). Nesse estudo, os dados foram obtidos em uma coleta longitudinal com cinco crianças do banco de dado DELICRI, realizada entre 1992 e 1996, em escola privada de Educação Infantil e Ensino Fundamental, buscando saber como se dá a aquisição da regra variável concordância nominal de número. Vale destacar que a coleta das narrativas se deu em três condições: relato pessoal, história ficcional e história em sequência. Além disso, Simões (2005) realizou apenas uma análise não-atomística.

## a) Gênero

Na análise atomística, encontramos uma pequena diferença entre meninos e meninas. Mesmo assim, ficou confirmado que as meninas (0.53) tendem a reter mais marcas de concordância nominal que os meninos (0.46). Esse resultado é compatível com os resultados obtidos com adultos, uma vez que na fala adulta, as mulheres mostram mais tendência à aplicação da marca de concordância nominal do que os homens.

Na tabela abaixo, constam os resultados obtidos na análise não-atomística.

**Tabela 21** - Gênero na análise não-atomística

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Meninas	801/806	92.5%	0.59
Meninos	682/760	90%	0.46
<b>Total</b>	1483/1626	91%	

Input: 0.913

Significância: 0.051

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme a tabela acima, obtivemos aqui resultado semelhante à análise atomística, no entanto com uma diferença maior entre meninos e meninas. Em ambas as análises as meninas retêm mais as marcas de concordância que os meninos. Na tabela, encontramos que as meninas apresentaram 92,5% de marcas de plural, com peso relativo de 0.59, e os meninos apresentaram 90% de aplicação das marcas de plural, com um peso de 0.46, o que indica que desde muito pequenos as meninas aplicam mais concordância nominal de número que os meninos. Importante destacar que, na análise atomística, as meninas obtiveram um peso relativo de 0.53 e na não-atomística, o peso relativo foi de 0.59, o que parece indicar que no sintagma nominal inteiro as meninas apresentam concordância nominal de número mais que os meninos, que apresentaram o mesmo resultado nos dois tipos de análises (0.46).

A fim de estabelecer uma relação direta com a pesquisa desenvolvida por Simões (2005), consideramos relevante acrescentar uma tabela de sua pesquisa, a qual servirá de base para a discussão promovida na análise das variáveis aqui expostas.

**Tabela 22** - Nominais com concordância padrão nos dados de meninos e meninas em

fase de letramento da pesquisa desenvolvida por Simões (2005)

	Meninas		Meninos	
	Padrão/T	%	Padrão/T	%
Relato pessoal	99/204	48,5	33/104	23,5
Contando história	123/164	75	72/140	51,4
Antes da primeira série	51/113	45,1	23/54	42,5
Primeira série e depois	171/255	67	83/190	43,6
<b>Total</b>	222/368	60,3	106/244	43,4

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Importante comentar que Simões (2005), mesmo não sendo o foco da sua pesquisa a questão de gênero, encontrou na coleta que a diferença é maior nas meninas do que nos meninos, posterior ao ingresso na primeira série. Torna-se significativo comentar também que seus resultados evidenciaram que as meninas apresentaram um percentual de 60.3% e os meninos de 43.4%, comprovando que as meninas desde bem pequenas marcam mais a concordância de número que os meninos, o que é compatível com nossos resultados, bem como com os resultados encontrados em pesquisas realizadas com adultos.

#### b) Faixa etária

Na análise atomística, a manutenção da concordância é mais acentuada em crianças na faixa etária dos 5,1 a 6 anos (0.55). Em segundo lugar, na faixa etária dos 3 aos 4 anos (0.47) e, em terceiro lugar, está a faixa etária dos 4 aos 5 anos de idade (0.45). Assim, existe uma diferença significativa entre a faixa etária dos 5,1 aos 6 anos, em relação às outras duas faixas, as quais, por sua vez, se aproximam muito.

Na análise não-atomística, encontramos resultados semelhantes por um lado, e diferentes por outro, de acordo com a tabela abaixo.

**Tabela 23** - Faixa etária na análise não-atomística

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
5,1 a 6 anos	651/694	94%	0.59
4,1 a 5 anos	515/572	90%	0.46
3 a 4 anos	317/360	88%	0.38

<b>Total</b>	1483/1626	91%
Input: 0.923		Significância: 0.002

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Encontramos resultados semelhantes ao olharmos para a faixa etária em que há mais marcação de plural padrão, dos 5 aos 6 anos de idade (0.59), uma vez que em ambas análises está acima do ponto neutro (0.50), evidenciando que as crianças desta faixa aplicam mais a concordância padrão que as das outras faixas, em especial, em relação às crianças de 3 a 4 anos, que apresentaram um peso relativo de 0.38. Logo, constatamos um percentual bastante alto de sintagmas marcados, em especial, na faixa dos 5 aos 6 anos de idade.

Encontramos resultados diferentes ao olharmos para as outras duas faixas etárias. Na análise atomística as crianças dos 3 aos 4 anos apresentaram mais marcas de plural que as de 4 a 5 anos, indicando uma curva de aprendizagem nesta faixa. Já na análise não-atomística, observamos uma linha ascendente dos 3 aos 6 anos, indicando que o processo de aprendizagem das marcas de número está diretamente relacionado à faixa etária. Note-se, quanto a isso, que em uma análise atomística, em que cada item é analisado separadamente, as questões de flexão tornam-se mais proeminentes na análise. Se uma forma não é flexionada ou se é flexionada por meio de marcas submorfêmicas, essa marcação irá afetar os resultados descritivos. Já no caso de uma análise não-atomística, especialmente nesta rodada que amalgama em uma única variável dependente todos os casos de concordância não-padrão, o que está em jogo é a concordância: o confronto entre formas padrão e formas em que pelo menos um item não está marcado. Como vimos, essa diferença de análise torna os resultados, referentes às crianças da faixa etária intermediária, distintos.

Segundo Menyuk (1988), dos 30 aos 36 meses, segundo período da complexidade sintática, a estrutura frásica torna-se mais complexa. Verifica-se, igualmente, um aumento de frequência de uso das principais flexões, especialmente as de gênero e de número.

Percebemos, também, uma diferença bastante grande quanto ao peso relativo na faixa dos 3 aos 4 anos da análise atomística (0.47) para a não-atomística (0.38). Esse resultado parece indicar que, em se tratando do sintagma nominal inteiro, as crianças desta faixa apresentam menos SNs com aplicação da concordância padrão em todos os elementos. Essa constatação pode indicar o processo de aprendizagem da marcação padrão de número, pois as crianças fazem a marcação em algum dos elementos do SN, indicando plural, o que foi

constatado na análise atomística, mas não da forma redundante correspondente às formas padrão do português do Brasil.

Novamente nos reportamos a Simões (2005), em especial à Tabela 22, onde consta que os percentuais de marcação padrão são maiores nas coletas realizadas mais tardiamente, o que pode, evidentemente, ser simplesmente algo relacionado à maior idade das crianças em tais entrevistas. Para detalhar mais sua pesquisa, realizou a divisão dos dados em dois períodos: antes e depois do ingresso da criança na primeira série do Ensino Fundamental, fase em que tais crianças passam a ser formalmente alfabetizadas (a idade de ingresso varia pouco de uma criança para a outra, ficando por volta dos seis e meio, sete anos de idade). A pesquisadora encontrou que todas as crianças utilizam mais a forma padrão no conjunto de dados posterior ao ingresso na primeira série. Consideramos importante ressaltar esse resultado mesmo que a escolarização não tenha sido uma variável do nosso estudo, pois todas as crianças frequentam a maternal privada, local da pesquisa, desde bem pequenas. É evidente que as crianças participantes desta pesquisa, em se tratando de crianças cujo ambiente de letramento na escola de educação infantil é povoado de livros e alusões ao mundo da escrita, têm farta oportunidade de se alfabetizarem antes da entrada nos processos mais formais de alfabetização escolar. Entretanto, como esse não foi um fator controlado ou mesmo observado qualitativamente, nada podemos dizer quanto a essa questão.

### c) Interação

Na análise atomística, encontramos como resultado que a narrativa tradicional (0.71) é a interação de maior uso de SNs plurais. Em segundo lugar, com uma diferença significativa do primeiro, o zoológico (0.57) e, em terceiro, a lojinha (0.56). Assim, as demais interações não favoreceram a aplicação de concordância nominal de número. A justificativa para tal resultado, talvez, esteja na história contada por grande parte das crianças: *Os três porquinhos*. Outra justificativa pode estar no fato da narrativa tradicional ser considerada uma fala mais cuidadosa, talvez monitorada, ou mesmo mais formal.

No entanto, na análise não-atomística os resultados foram diferentes em alguns pontos, apesar de haver semelhança em alguns momentos. Segue a tabela com o resultado:

**Tabela 24** - Interação na análise não-atomística

Fatores	Aplicação/ Total	Percentagem	Peso Relativo
---------	------------------	-------------	---------------



Zoológico	307/322	95%	0.63
Lojinha	484/512	94.5%	0.60
Narrativa Tradicional	105/116	90%	0.47
Narrativa espontânea	112/125	89.6%	0.41
Reconto	107/121	88%	0.36
Fazendinha	366/428	85.5%	0.34
<b>Total</b>	1483/1626	91%	
Input: 0.923		Significância: 0.002	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme tabela acima, as únicas interações favorecedoras da marcação de plural são: zoológico e lojinha, com peso relativo superior a 0.50. As outras quatro interações – narrativa tradicional, narrativa espontânea, reconto e fazendinha – são desfavorecedoras da marcação de plural, embora no caso da narrativa tradicional o peso esteja próximo ao ponto neutro. Constatamos, então, uma diferença em relação à análise atomística, onde a narrativa tradicional foi a interação que mais favoreceu a marcação padrão.

Procuramos algumas respostas para essa diferença entre a análise atomística e a não-atomística. Uma possível justificativa é o número de dados, que fica muito pequeno aqui na análise não-atomística no caso da narrativa tradicional, tornando a proporção de itens não-padrão grande o suficiente para baixar o peso. Percebemos também que há uma nítida diferença em número de dados da fazenda, loja e zoológico para as outras condições. Em outras palavras, brincar para a criança oportuniza mais fala do que ser solicitado a narrar.

Outra questão significativa nestes resultados é que, tanto na atomística quanto na não-atomística, o zoológico e a lojinha são favorecedores, enquanto a fazendinha se mostrou desfavorecedora nas duas análises, mesmo que as duas interações sejam de brincar. Como já foi dito, acreditamos que o tema da interação esteja fazendo efeito. Cremos que na loja e no zoológico há referências culturais ligadas a eventos mais formais e, no caso da fazenda, há eventos menos formais. Logo, um zoológico se visita, às vezes, com a escola; na loja se fala com estranhos para uma transação comercial. Já na fazenda, se cria, fantasia e vive, podendo haver um papel até de estereótipos ligados a como se vive, e, portanto, a como se fala, lá.

Reportamos novamente ao estudo de Simões (2005), conforme Tabela 22. Constatamos que nosso estudo se aproxima do de Simões (2005), pois as crianças também demonstraram conhecer as ligações entre uma aproximação estilística à norma padrão e o letramento. Além disso, nessa pesquisa, todas as crianças marcam mais a concordância de

número nas condições 2 e 3 (história ficcional e história em sequência). Conforme Simões (2005), nelas, as narrativas estão de certo modo ligadas a eventos de letramento de que tais crianças participaram; no caso das histórias ficcionais, por elas participarem da transmissão geracional de uma tradição narrativa letrada e, no caso das histórias em sequência, por estar uma espécie de livro diretamente presente na situação, um livro a partir do qual a história se tecia. Na condição 1, de narrativas espontâneas, as crianças falavam livremente de suas vidas cotidianas; contavam como tinha sido seu aniversário, um passeio ao parque, um acidente no qual se machucaram, entre outras situações.

Constatamos, pois, semelhança desses resultados com os nossos, quando da interação história tradicional e relato pessoal. Em nosso estudo, a narrativa tradicional teve um percentual superior ao do relato pessoal, como o encontrado por Simões, apesar de o encontrado por ela ter apresentado uma diferença maior. Na história ficcional, considerada por nós a tradicional, as crianças demonstraram, em ambas as análises, ser favorecedoras da marcação de plural, demonstrando um emprego distinto e mais padronizado dos recursos da língua. Na história em sequência, denominada por nós de reconto, ao contrário da pesquisa citada, foi desfavorecedora da marcação de número. As possíveis justificativas já foram mencionadas.

#### d) Informantes

Cabe, por fim, comentar sobre os resultados obtidos na variável informantes, na análise não-atômica. Para tanto, apresentaremos o quadro abaixo, olhando para os resultados de concordância padrão, relacionando-os ao perfil dos pais.

Segue o quadro, estabelecendo essa relação.

**Quadro 13** - Concordância padrão e o perfil dos pais

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem	Pai		Mãe	
			Anos na escola	Ocupação	Anos na escola	Ocupação
Az16	17/17	100%	13 ou +	Representante comercial	13 ou +	Representante comercial

Az27	70/71	98.6%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Comerciante
Az11	51/52	98%	Até 12 anos	Comerciante	13 ou +	Auxiliar Administrativo
Az12	93/95	97.9%	13 ou +	Médico	13 ou +	Médico
Az04	65/67	97%	13 ou +	Engenheiro	13 ou +	Pediatra
Az18	29/30	96.7%	Até 12 anos	Representante comercial	13 ou +	Dentista
Az21	52/54	96.3%	Até 8 anos	Empresário	13 ou +	Empresário
Az30	93/97	95.9%	Até 12 anos	Autônomo	13 ou +	Autônomo

...final.

Az10	23/24	95.8%	13 ou +	Bancário	Até 12 anos	Professora
Az26	80/84	95%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Comerciante
Az28	73/77	94%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Estudante
Az06	96/104	92%	13 ou +	Engenheiro	13 ou +	Enfermeira
Az29	56/61	91.8%	13 ou +	Industriário	13 ou +	Decoradora
Az24	44/48	91.7%	Até 12 anos	Aeroviário	13 ou +	Técnica Química
Az13	54/59	91%	13 ou +	Gerente	13 ou +	Empresário
Az08	29/32	90.6%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Nutricionista
Az23	89/99	89.9%	13 ou +	Tecnólogo em calçado	13 ou +	Psicóloga
Az09	43/48	89.6%	13 ou +	Gerente	13 ou +	Analista de suprimentos
Az01	17/19	89.5%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Financeiro contábil
Az17	32/36	88.9%	13 ou +	Médico	13 ou +	Não trabalha
Az22	75/86	87%	13 ou +	Empresário	13 ou +	Agente de viagem
Az03	32/37	86.5%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Comerciante
Az19	45/52	86.5%	13 ou +	Assessora de empresa	13 ou +	Fotógrafa
Az25	31/36	86%	Até 12 anos	Assistente técnico	13 ou +	Professora

Az15	38/45	84%	13 ou +	Gerente comercial	13 ou +	Gerente administrativo
Az20	14/17	82%	13 ou +	Empresário	13 ou +	Empresário
Az14	42/52	80.8%	Até 12 anos	Empresário	Até 12 anos	Empresário
Az07	33/41	80.5%	13 ou +	Analista de sistema	13 ou +	Advogada
Az02	49/62	79%	13 ou +	Comerciante	13 ou +	Corretora de imóveis
Az05	16/22	72.7%	13 ou +	Engenheiro	13 ou +	Enfermeira
<b>TOTAL</b>	1483/1626	91%				

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na análise atomística o resultado foi surpreendente, porque o maior índice de aplicação da marca foi de 100% e o menor de 88%. Este resultado gera uma média de 95% de concordância nominal de número. O mesmo ocorre na análise não-atomística, pois o maior índice de aplicação da marca foi de 100% e o menor de 72.7%. Este resultado gera uma média de 86% de concordância nominal de número. Estes resultados comprovaram que crianças desde os três anos de idade produzem sintagmas nominais com aplicação da marca de número em todos os elementos do sintagma nominal e o fazem em índices bastante altos, considerando os resultados descritivos até aqui encontrados no grande número de pesquisas de *corpus* realizados no Brasil, com relação a essa questão morfosintática.

Buscamos respostas para estes resultados também nos pais destas crianças, tanto na ocupação quanto na escolaridade, o que pode ser observado no quadro acima. Neste mesmo quadro, identificamos que os pais destas crianças, na sua grande maioria, têm mais de 13 anos de escolaridade e apresentam ocupações intelectuais, conforme classifica Chambers (1995). Estas informações sobre os pais das crianças são significativas para compreender o uso de concordância padrão de seus filhos, pois os pais evidenciaram leitura, conhecimento, cultura e obviamente produção linguística coerente com a sua escolaridade, ocupação e, conseqüentemente, classe social. Logo, acreditamos que temos crianças que vivem em um mundo letrado, pertencem a uma comunidade de fala escolarizada, em que adultos ocupam posições públicas e que envolvem usos da língua padrão.

Além disso, percebemos também que não há uma correlação direta entre essas informações de perfil dos pais e a variação encontrada nos percentuais por informante. Tanto a criança que mais marca a concordância (categoricamente) como a criança que menos marca

têm pais com escolaridade de nível superior, sendo que as ocupações dos pais da criança que menos marca estão ligadas à classe social média-alta e a postos de trabalho que envolvem letramento social. Assim, as hipóteses que lançamos acima, quando do comentário dos resultados da análise atomística, são provavelmente mais relevantes para tentar explicar as diferenças entre os participantes. Isto favorece as discussões contemporâneas sobre estilo que se travam na sociolinguística variacionista contemporânea, no sentido de que as negociações de identidade social que se dão em um plano microssocial, e não apenas no plano macrossocial, estejam no centro dos usos que fazemos dos recursos linguísticos. Mas, afirmações mais seguras quanto a isto só poderiam ser feitas a partir de pesquisa cujo marco metodológico inclua, e até mesmo privilegie, a análise mais detida de interações singulares.

## 6 CONCLUSÃO

Com a análise, constatamos que a concordância nominal de número no sintagma nominal é uma regra variável na produção oral registrada por meio da coleta de dados realizada nesta pesquisa: coleta que envolveu crianças da cidade de Novo Hamburgo, escolarizadas (ou seja, que frequentam a educação infantil), na faixa etária dos três aos seis anos de idade, oriundas de famílias de escolaridade média e superior, de classe social média-alta. Além disso, constatamos que, ainda que se demonstre como regra variável no uso do português do Brasil por esse grupo de crianças, os índices de marcação padrão são consideravelmente altos. Logo, podemos afirmar que existe variação linguística em idade inicial, já aos três anos de idade, influenciada pelos fatores já descritos como operantes na fala adulta e que essa variação, ligada a fatores sociais, no uso da língua pelas crianças, convive com processos variáveis ligados à aprendizagem.

Retomando os resultados, na análise atomística, onde obtivemos 95% de aplicação média da marca de plural, constatamos que a concordância nominal de número no sintagma nominal é uma regra variável nas crianças hamburguesas, principalmente, nos elementos que sucedem a primeira posição e posposto ao núcleo. Assim, percebeu-se que o fenômeno da concordância nominal de número também se caracteriza na fala infantil como uma regra variável. Na análise não-atomística, os resultados indicaram que a fala das crianças do Espaço Azul caracterizou-se, predominantemente, pelo uso de SNs padrão, mas novamente se revela como regra variável.

No que tange às variáveis linguísticas deste estudo, destacamos que:

- a) em relação a *processos morfofonológicos de formação* do plural, concluímos que os itens que apresentam modificação na sílaba final são os que mais retêm a marca formal de plural; já o plural metafônico, contrário aos resultados obtidos em outros estudos, como Scherre (1988) e Capellari (2004), denota ser pouco favorecedor da regra de concordância. Tais resultados indicam que a criança, até os 5 anos, está em processo de aprendizagem fonológica, pois constatamos curva ascendente bem visível na aplicação da flexão em casos de plural metafônico. cremos, também, que o tipo de interação pode ter sido outro fator relacionado à produção de plural metafônico;
- b) quanto à variável *tonicidade*, constatamos que as oxítonas e os monossílabos tônicos retêm mais a marca de plural que as paroxítonas e os monossílabos átonos;
- c) a variável *posição dos elementos no SN* mostrou-se, como nos estudos adultos, relevante no que tange à aplicação ou não da regra de concordância nominal. Logo, a primeira posição foi a que se destacou em relação às outras, quanto ao favorecimento da aplicação da marca de concordância nominal de número;
- d) na variável *classe gramatical dos elementos*, a aplicação da regra ocorre mais nos determinantes. Esses dados confirmam, pois, a hipótese de que os substantivos e os adjetivos retêm menos marcas que os determinantes. Em um cruzamento das variáveis *posição linear* e *classe gramatical* comprovamos o que a literatura têm apresentado, ou seja, a primeira posição e determinantes são mais marcados que outras classes gramaticais. Logo, tanto a classe gramatical quanto a primeira posição exercem influência sobre a marca de plural;
- e) quanto à variável *contexto fonológico seguinte*, os nossos resultados diferem dos obtidos em outros estudos. O índice maior encontrado por nós corresponde ao item seguido de vogal;
- f) quanto à variável *grau dos substantivos e adjetivos*, encontramos que o grau diminutivo (não houve produção de aumentativo) desfavorece a aplicação da regra em oposição ao grau normal;
- g) ressaltamos que na variável *posição do elemento em relação ao núcleo* os elementos antepostos ao núcleo do SN são mais marcados e altamente favorecedores da concordância nominal.

No que tange às variáveis sociais deste estudo, da análise atomística, podemos concluir que:

- a) quanto à variável *faixa etária*, a manutenção da concordância mostrou-se mais acentuada em crianças na faixa etária dos 5,1 aos 6 anos; em segundo lugar, as dos 3 aos 4 anos; em terceiro lugar, as crianças dos 4,1 aos 5 anos de idade. Constatamos que há produção de sintagmas nominais padrão a partir dos 3 anos de idade, evidenciando uma curva ascendente dos 3 ao 6 anos, firmando a aplicação da regra a partir dos 5 anos. Acreditamos que dos 4 aos cinco anos, onde houve uma inclinação para baixo, tenha ocorrido um processo de reorganização na aprendizagem da língua. Logo, o fator idade está relacionado à aplicação da concordância nominal de número.
  
- b) em relação à variável *gênero*, as meninas, desde os três anos, mesmo com diferença mínima em relação aos meninos, retêm mais a marca de concordância nominal. Constatamos que a partir dos 5 anos tanto as meninas quanto os meninos demonstraram ter domínio da concordância padrão, embora entre as crianças que menos marcam o plural na análise atomística estejam predominantemente meninos.

No que tange à variável estilística *Interação*, a Narrativa Tradicional foi a interação que favoreceu o maior uso de SNs plural na análise atomística, resultado este semelhante a outros estudos realizados com crianças. Tanto a lojinha quanto o zoológico também favoreceram o emprego da marca padrão, no entanto a fazendinha desfavoreceu. Acreditamos, novamente, que o tema da interação esteja relacionado ao resultado obtido. A narrativa espontânea, por sua vez, foi a interação que menos favoreceu o uso de SNs plural.

Na análise não-atomística, encontramos 91% de aplicação da marca de plural. Nas variáveis sociais analisadas os resultados se aproximaram dos encontrados na análise atomística. Assim, quanto ao *Gênero*, as meninas marcam mais que os meninos. Na análise da variável *Faixa etária*, constatamos que a ordem mudou, respeitando a ordem cronológica, ou seja, há uma linha ascendente dos 3 aos 6 anos de idade, evidenciando que o processo de aprendizagem de marcas de número está relacionado à faixa etária, com maior índice de marcação padrão a partir dos 5 anos.

Na análise da variável *Interação*, houve uma mudança de ordem em relação à análise atomística. Mesmo assim, o zoológico e a lojinha favoreceram o uso de SNs plural e a

fazendinha desfavoreceu. A narrativa tradicional, que na análise atomística favoreceu a marca de plural, aqui fica próxima do ponto neutro. Acreditamos que o número de dados tenha influência sobre o resultado da narrativa tradicional.

Já na análise da variável *Informantes*, encontramos uma média de aplicação da marca de plural de 86%. Assim, as crianças de 3 anos produziram sintagmas nominais com aplicação da marca de número em todos os elementos do SN, o que parece estar relacionado às informações obtidas sobre os pais quanto à escolaridade (+ de 13 anos) e à ocupação (intelectual).

Acreditamos que é possível correlacionar tanto as categorias linguísticas, as sociais e as estilísticas ao uso de formas prestigiadas de concordância nominal de número na produção oral infantil. Ousamos, ainda, comentar que o meio social e familiar em que essas crianças, cujos dados foram analisados, vivem sejam fatores condicionantes da marcação de plural.

Gostaríamos de finalizar, destacando as variáveis que desfavorecem a marcação da marca de plural. Encontramos que nas narrativas espontâneas, dos meninos de três aos quatro anos, no plural metafônico, nas palavras paroxítonas e nos monossílabos átonos, nos adjetivos, nas palavras de terceira posição, nos elementos pospostos ao núcleo, no grau diminutivo e no contexto seguinte ao elemento analisado a pausa está presente a variação, com desfavorecimento da marcação implicada nesta análise.

De modo geral, essas são as conclusões a que chegamos em nosso estudo. Gostaríamos de salientar que essas conclusões se aproximam em alguns pontos e se diferenciam em outros das conclusões de outros estudos, como os de Scherre (1988), Capellari (2004) e Simões (2005).

Importante ainda ressaltar que alguns aspectos merecem atenção para estudos futuros. Realizamos este estudo com crianças de classe social média-alta. Cabe realizar o mesmo tipo de estudo com outra classe social, como a classe baixa, por exemplo, a fim de confrontar os resultados obtidos e compreender de modo mais sensível a questões sociolinguísticas, como se dá a aprendizagem da língua portuguesa no Brasil por diferentes grupos de crianças, cujo contexto de aprendizagem pode ser socialmente bem distinto. Pensamos que, talvez, também fosse interessante realizar a interação do reconto com outra história, a fim de verificar se a interação geraria resultados diferentes, pois a criança limitou-se, a dizer o que os animais faziam. Finalizando, talvez, diversificar o tema das interações, uma vez que predominava o emprego de nomes de animais.



Por fim, considerando que houve variação entre as crianças participantes, um estudo de maior fôlego, que não apenas ofereça uma amostra controlada em termos de categorias macrossociais, mas possa ter acesso aos usos que crianças fazem da língua em ambientes nos quais estejam tomando seu lugar de enunciadores que exploram os recursos da língua para obter efeitos de sentido e para construir identidades sociais situadas, possa lançar luz sobre essas diferenças individuais. Desse modo, o trabalho poderá também contribuir para a área do texto e do discurso.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luis Isaías Centeno. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Porto Alegre. PPG-Letras, UFRGS, 2003. (Tese de Doutorado)
- ANDERSEN, Elaine Slosberg. **Speaking With Style: The Sociolinguistic Skills of Children**. Routledge. New York, 1990.
- ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e Contínuos da Concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. Santa Catarina: UNISUL, 2003. (Dissertação de Mestrado).
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 8.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BAUGH, J. Dimensions of a theory of econolinguistic. In: Guy, G. et al. (eds.) **Towards a social science of language**. V.1 Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 101-14.
- BERKO, J. **The child's learning of english morphology**. 1958. Word 14. pp.150-177.
- BEFI-LOPES DM, Rodrigues A, Puglisi ML. Aquisição do Morfema de número em crianças em desenvolvimento normal de linguagem. Pró-Fono **Revista de Atualização Científica**. 2009, abr-jun. 21(2):171-4.
- BOWERMANN, Melissa. **Starting to talk worse: clues to language acquisition from childrens late speech errors**. In S. Strauss, U-shaped behavioral growth. NY. Academic Press. 1982.
- BRAGA, Maria Luiza. **A concordância nominal no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1977. Dissertação de Mestrado em Linguística. Departamento de Letras e Artes. PUCRJ, RJ
- BROWN, R. **A First Language: the early stages**. London: George Allen & Unwin, 1973.

BUENO, Elza S. da Silva. Influências de variáveis relacionadas no concordância de número no português. In: **50º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, 2002.

CAMACHO, R. Gomes. **Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística**. DELTA. 2010. Vol.26, nº1, p. 141-162.

CAPELLARI, Elaine T.C., ZILLES, Ana M.S. A marcação de plural na linguagem infantil – estudo longitudinal. **Revista da ABRALIN**, vol.1, nº 1. P. 185-218, julho 2002.

CAPELLARI, Elaine Teresinha Costa. A concordância nominal de número na linguagem infantil. **Anais do 5º Encontro do CELSUL**, Curitiba – PR, 2003. p.465-469.

\_\_\_\_\_. **Concordância nominal de número na fala infantil: análise variacionista**. Porto Alegre. PPG-Letras, UFRGS, 2004. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, Hebe Macedo. **Concordância nominal: uma análise variacionista**. 1997. 158p. (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, 1997.

CASTRO, Ana. Aquisição de morfologia de plural em português europeu: sobre a produtividade das regras. **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto. APL,2010, 277-289.

\_\_\_\_\_. O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes do português europeu. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Eds.) **XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa: Colibri, 2007,211-221.

CASTRO, M. F. (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

CAMERON, Richard. Growing up and apart: gender divergences in a Chicagoland elementary school. **Language Variation and Change**, v. 22, p. 279-319, 2010.

CEDERGEN, H. **The interplay of social and linguistic factors in Panama**. PhD Dissertation, Cornell University, 1973.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic theory: variation and its social significance**. Malden and Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

CINTRA, Geraldo. **A flexão nominal em Mattoso Câmara e outras análises**. DELTA. V.20, São Paulo,2004

CORBETT G.G. **Gender**. Cambridge: University Press, 2000.

CORRÊA, Leticia Sicuro. Marina Augusto e José Ferrari-Neto. **The early processing of number agreement in the DP evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese**. 30 th BUCLD.

ECKERT, Penélope. **Age as a sociolinguistic variable**. In F. Coulmas (ed.). *The Handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 151-67.

ECKERT, Penélope. **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000. p. 7-68.

\_\_\_\_\_. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: Coupland, N&Jaworski, A. **Sociolinguistics: a reader and coursebook**. London: Macmillan Press, 1997b. p. 212-228.

\_\_\_\_\_. Variation and the indexical field. **Journal of linguistics**. 2008. 12. 453-76.

\_\_\_\_\_. **Language development: knowledge and use**. Glenview, LL: Scott Foresman and CO.

ELY, Richard e GLEASON, Jean Berko. A socialização em diferentes contextos. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian; DOMINGUES, Marcos Antônio G. **Compêndio da linguagem da criança**. São Paulo, SP: Artes Médicas, 1997.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na região sul**. 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FISCHER, John. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. 1958, word 14, 47-56.

GUY.G. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the fonology, syntax, and language history**. Philadelphia, 1981, 391p. Tese (Doutorado em Linguística) University of Pennsylvania, 1981.

HEATH,S.B. **What no bedtime story means: narrative skills at home and school**. In: DURANTI, A. (org.). **Linguistic Anthropology:a reader**. Oxford: Blackwell. P.,2001, 318-342.

JUNG. Neiva Maria et al. **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPF, 2007.

KOELLING, Sandra Beatriz.2003. 113 p. **A Concordância Nominal em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. *Language Variation and Change*, 1990, 2, 205 – 254.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **The child as linguistic historian.** *Language Variation and Change* 1: 1989, 85-97.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguística:** uma entrevista com William Labov. *Revel*, vol. 5, n]9, 2007.

LABOV, W.; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas of North American English: phonetics, phonology and sound change.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LAMPRECHT, Regina Ritter. Aquisição da morfologia do plural por crianças bilíngues português – alemão. In: **Encontro do CELSUL.** 1997, Florianópolis, Anais, UFSC. V.1

LEMOS, Dayane Moreira. A concordância de número no sintagma nominal na fala dos estudantes da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus – Bahia. **Cadernos do CNLF**, 2010. vol. XIV, nº 2, t.1.

LIBERATO, Y. G. et al. **Aspectos da gramática do português:** uma abordagem funcionalista. Campinas. SP: Mercado de Letras., 2001.

LOBATO, L. **Sintaxe gerativa do português:** da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MATTOSO Câmara Jr. Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa.** Petrópolis. Vozes, 1978.

MILROY, Lesley. **Language e social networks.** Baltimore, MD: University Park Press (1980)

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics:** method and interpretation. Series: *Language in society.* Oxford, England, 2003. p.40 – 48;88-115.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, A. J. **The social and the structural dimensions of a syntactic change.** *Language*, v.57, n. 1 , 1981.

NINA, Terezinha de Jesus. **Concordância nominal/verbal do alfabeto na micro-região de Bragantina.** 1980. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi. O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian; DOMINGUES, Marcos Antônio G. **Compêndio da linguagem da criança.** São Paulo, SP: Artes Médicas, 1997.

PERINI, Mário. **Gramática Descritiva do Português.** 2.ed. São Paulo. Ática, 2000.

PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo: florescente município do Vale do Rio dos Sinos - monografia.** 4 ed. São Leopoldo, RS: Rotermund, 1963.

PONTE, Vanessa Maria Lobo. **A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre.** 1979. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- POPLACK, Shana. **The notion of plural in Puerto Rican Spanish: competing constraints on /s/ deletion.** In Labov, W.ed., 1980, p. 55-68.
- RAVID, D. ;FARAH, R. **Learning about noun plural in early Palestinian Arabic.** First Language, 1999.
- ROMAINE. S. POST-VOCALIC /R/ IN Scottish English: Sound change in progress. In: **P Trudgill, Sociolinguistic Ppterns in British English.** London: Arnold, 1978.
- ROBERTS, J. **Acquisition of variable rules: a study of (-t,d) deletion in preschool children.** Journal of Child Language, vol 24, 1997 a, 351 – 372.
- ROBERTS, J.; LABOV, W. **Learning to talk Philadelphian: acquisition of short a by preschool children.** Language Variation and Change, Cambridge, vol. 7, 1995, 101 – 112.
- ROSA, M.C. **Introdução à morfologia.** São Paulo: Contexto, 2000.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; SILVA, Giselle Machline de Oliveira. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.
- SCHERRE, Maria M. P. **Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português.** 1976. 158 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da Concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional da Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português.** Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49.dez. de 1994.
- \_\_\_\_\_. **Reanálise da concordância de número em português.** 1988. 558 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SCHNEIDER, S.D. **Estudo da concordância nominal em Panambi.** Teorias linguísticas e o ensino: possibilidades e limites, Pelotas, RS, 2007.
- SEALEY, A. **Childly language: children, language and the social world.** Longman/Pearson Education (2000).
- SELBACH, J. **Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco de flâneur.** Cachoeira do Sul, RS. Edição do Autor, 2006.
- SILVA, M. Cecília Perez de Souza; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Aplicada ao português: sintaxe,** SP: Cortez, 1989.
- SIMIONI, Leonor. Aquisição da concordância nominal de número: um estudo de caso. **Revista de Estudos Linguísticos,** Belo Horizonte, v.14, nº2, p.539-570.

SIMÕES, L. J. Concordância nominal de número e a aquisição de regras variáveis. **Cadernos de Pesquisas em Linguística (PUCRS)**<sup>JCR</sup>, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 39-42, 2005.

SIMÕES, L. J.; SOARES, S. Marcação de concordância nominal e verbal nos dados de uma criança observada longitudinalmente em sessões de fala espontânea. **Anais do 5º Encontro do CELSUL**, Curitiba – PR, 2003. p. 1355-1358.

SMITH, J.; DURGAN, M.; FORTUNE, S. “**Mam, my trousers is fa’in doon**”: community caregiver, and child in the acquisition of variation in a Scottish dialect. *Language Variation and Change*. V.19, 2007. P. 63-69.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Anais da 26ª reunião anual da ANped**. Poços de Caldas, 2003.

SOMMER, Luis Henrique. **Computadores na escola**: a produção de cérebros de obra. Tese de doutorado, 2003. UFRGS – Faculdade de Educação.

STREET, B. V. **Literacy in the theory and practice**. Cambridge: Cambridge university Press. 1984.

TAGLIAMONTE, Sali. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge University Press. 2006.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas, SP: Pontes.2001.

ZILLES, Ana. **A ordenação do sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos**. 1992. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ZILLES, Ana. **Competência discursiva na fase de alfabetização**: inter-relação entre pragmática e sintaxe. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.28, n.2 p. 121-138, 1993.

\_\_\_\_\_. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, 17: 19-53, 2005

ZILLES, Ana et al. Reanálise do uso de NÓS e AGENTE n fala de Porto Alegre. In: VIII Salão de Iniciação científica – UFRGS, 1996, Porto Alegre – **Livro de resumos**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996. V.único. p. 341.

ZILLES, Ana M. S.; GUY, Gregory R. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

## **A P Ê N D I C E S**

**APÊNDICE A**

**Quadro Informativo sobre a criança e sua família**



INF.	NOME/PSEUDÔNIMO	DATA DE NASC.	ENDEREÇO	PAI		MÃE	
				ESCOLARIZAÇÃO	PROFISSÃO	ESCOLARIZAÇÃO	PROFISSÃO
Az 01	Eduardo Silveira	08/06/2004	R.Visconde do Herval,51 –Jardim Mauá	Superior Incompleto	Comerciante	3º grau incompleto	Financeira contábil
Az 02	Bernardo Santos	15/12/2004	Bairro Vila Rosa	Superior Completo	Comerciante	Superior completo	Corretora de Imóveis
Az 03	Antônio Silva	15/12/2005	Jardim Mauá	Superior completo	Comerciante	Superior completo	Comerciante
Az 04	Raul Santos	20/04/2004	R.Marcílio Dias,1940/602 - Centro	Superior Completo	Engenheiro	Superior Completo	Pediatra Nutróloga
Az 05	João Vitor	20/03/2006	Centro	Superior Completo	Engenheiro Civil	Superior completo	Financeira
Az 06	Leonardo Pinho	04/02/2004	Barão de Santo Ângelo,808 – H.Velho	Pós-graduação	Engenheiro Civil	Pós-graduação	Enfermeira
Az 07	Lucas Schmitt	25/09/2004	Bairro Guarani	Superior Incompleto	Analista de Sistemas	Pós- graduação	Advogada
Az 08	Gustavo Aquino		Centro	Superior Completo	Comerciante	Superior Completo	Nutricionista
Az 09	Gabriel Diefenbach	05/12/2003	R.Pedro Adams Filho,4562/601 – Centro	Superior completo	Gerente Adjunto	Pós-Graduação	Analista de Suprimentos
Az 10	Samuel Torres	10/11/2003	R.Gustavo Leopoldo Feltes,665 – H.Velho	Superior completo	Bancário	2º Grau	Professora

Az 11	Lucas Von Reisswitz	29/05/2003	R. Luiz de Camões, 150/13 – Vila Nova	2º Grau Completo	Comerciário	3º Grau completo	Auxiliar Administrativa
Az 12	Matheus Nunes	25/01/2003	R.Sargento Abreu,41-Pátria Nova	Superior	Médico	Superior	Médica
Az 13	Rodrigo Duarte	21/08/2003	Pátria Nova	Superior Completo	Gerente	Superior Completo	Empresária
Az 14	Bruno Siqueira	07/06/2002	A.1º de Março, 1383/21 – Ouro Branco	2º Grau completo	Empresário	2º Grau completo	Empresária
Az 15	Arthur Pontin	07/01/2003	R.Bento Gonçalves,89/72 – Centro	Pós-graduação	Gerente comercial	Pós-graduação	Gerente Administrativa
Az 16	Maria Clara	20/03/2006	Rua Guia Lopes, 1737 apto 403, Bairro Rondônia	Bacharel em Administração de Empresas	Representante Comercial	Pós-Graduação em Marketing	Representante Comercial
Az 17	Isabela Bastiani	13/12/2004	Rio Branco	Medicina	Médico	Graduação Incompleto	Não trabalha
Az 18	Giovana Jost	15/02/2005	Bairro Jardim Mauá	2º Grau Completo	Representante Comercial	Superior Completo	Dentista
Az 19	Isabel Wagner	18/03/2005	R.Marcílio Dias,1880,82- Centro	Superior Completo	Assessora de empresa	Superior	Fotógrafa
Az 20	Isabela Luft	20/11/2006	Bairro Boa Vista	Superior Incompleto	Empresário	Superior Completo	Empresária
Az 21	Evelin Scherer	09/05/2003	Rua pedro petry,939- Rondônia	1º Grau completo	Empresário	2º Grau Completo	Empresária
Az 22	Eduarda Barth	29/11/2003	R.Luis de Camões,150/64- Vila Nova	Superior Incompleto	Empresário	Superior Completo	Agente de viagem

Az 23	Carolina Berger	08/08/2003	Rua Heller,106/801 – Centro	Pós-graduação	Tecnólogo em calçado	Pós-graduação	Psicóloga
Az 24	Mariana Dhein	01/10/2003	R.Gustavo Leopoldo Feltes,923 – H, Velho	2º Grau	Aeroviário	Superior Incompleto	Técnica Química
Az 25	Sara Heinen	06/04/2002	R.Idalino João Martin,777 – Centro	2º Grau	Assistente técnico	Pós-graduação	Professora
Az 26	Isadora Silva	20/06/2003	Vila Nova	Superior Completo	Comerciante	Superior Completo	Comerciante
Az 27	Isadora Kolling	24/05/2003	R.Oscar Emilio Muller,118/404-Vila Nova	Superior Incompleto	Comerciante	Superior Completo	Comerciante
Az 28	Pámela Martins	10/02/2003	R.Confraternizaçã o,999/62-Pátria Nova	Superior Incompleto	Comerciante	Superior Incompleto	Estudante
Az 29	Sophia Blauth	05/02/2003	R.Salgado Filho,415-Pátria Nova	Pós-graduação	Industriário	3º Grau completo	Decoradora
Az 30	Vitória Alves	22/11/2002	R.Raimundo Correa,609,112 – Operário	2º grau completo	Autônomo	Graduação Incompleto	Autônoma

**Fonte:** Elaborado pela autora, com informações da Escola Azul – Bairro Centro – Novo Hamburgo.

**APÊNDICE B**  
**QUESTIONÁRIO SOCIAL**

]	Nome da criança: _____
	Data de nascimento: _____ Idade: _____
	Endereço: _____
	Local da coleta: _____

**QUESTIONÁRIO SOCIAL**

1. Nome do pai: \_\_\_\_\_ 2. Escolaridade: \_\_\_\_\_
  3. Profissão: \_\_\_\_\_ 4. Ocupação: \_\_\_\_\_
  5. Tu estás satisfeito com o teu trabalho? (se não: Por quê?) \_\_\_\_\_
  6. Tu gostarias de exercer outra profissão? Qual? \_\_\_\_\_
  7. Nome da mãe: \_\_\_\_\_ 8. Escolaridade: \_\_\_\_\_
  9. Profissão: \_\_\_\_\_ 10. Ocupação: \_\_\_\_\_
  11. Tu estás satisfeito com o teu trabalho? ( se não: Por quê?) \_\_\_\_\_
  12. Tu gostarias de exercer outra profissão? Qual? \_\_\_\_\_
  13. Vocês são naturais deste município? \_\_\_\_\_
  14. Por que vieram para cá? \_\_\_\_\_
  15. Vocês gostam de morar aqui ( nesta cidade)? \_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO
  16. Vocês gostam de morar neste bairro? \_\_\_\_\_ SIM \_\_\_\_\_ NÃO
  17. Em que cidade vocês gostariam de morar? \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_
- 
18. Na opinião de vocês, como são os hamburguenses? \_\_\_ AVALIAÇÃO POSITIVA  
\_\_\_\_\_ AVALIAÇÃO NEGATIVA
  19. Principal característica dos hamburguenses? (qualidade ou defeito)
  20. Qual a relação da criança com a língua alemã? \_\_\_\_\_

21. Fazem compras aqui nesta cidade? \_\_SIM\_\_ NÃO (se não: em que cidade compram?)
22. Em que loja compram roupas? \_\_\_\_\_
23. As roupas são caras nessa loja? \_\_ SIM\_\_ NÃO
24. Onde fica essa loja, é aqui no bairro? \_\_ SIM \_\_ NÃO
25. Tem automóvel na família? (ano) \_\_\_\_\_
26. Tem telefone na família? (fixo, celular) \_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO
27. Tem empregada mensalista (casa)? \_\_ SIM \_\_ NÃO
28. Atividade social ou de lazer preferida: \_\_\_\_\_
29. Locais que frequenta (clube, boate...) \_\_\_\_\_
30. Qual é a renda familiar? (aproximada) \_\_\_\_\_
31. Compram jornais? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
32. Compram revistas? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
33. Compram livros? \_\_\_\_\_ Com que frequência? \_\_\_\_\_
34. A criança mostra interesse por materiais escritos? \_\_\_\_\_
35. As crianças da família manuseiam livros, revistas e/ou jornais? \_\_\_\_\_
36. Os integrantes da família têm o hábito da leitura? \_\_\_\_\_ Quem? \_\_\_\_\_
37. O que lêem? \_\_\_\_\_
38. Há na família o hábito da leitura para crianças? \_\_\_\_\_
39. Costumam se comunicar por escrito ( por exemplo, bilhetes, cartas, internet)? \_\_\_\_\_
40. Há na família o hábito de fazer listas ( de supermercado, de tarefas....)? \_\_\_\_\_
41. Fora do núcleo familiar, as crianças têm acesso a material escrito ( livros, jornais, revistas)? \_\_\_\_\_

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Informante de dialeto: \_\_ Pop. \_\_\_ Culto

Para os padrões do bairro, a moradia é: \_\_ excelente \_\_ boa \_\_ igual \_\_ ruim \_\_ péssima

Para os padrões da cidade, a loja de roupas é: \_\_ alto padrão \_\_ normal \_\_ baixo padrão

**Fonte:** Elaborado pela autora.